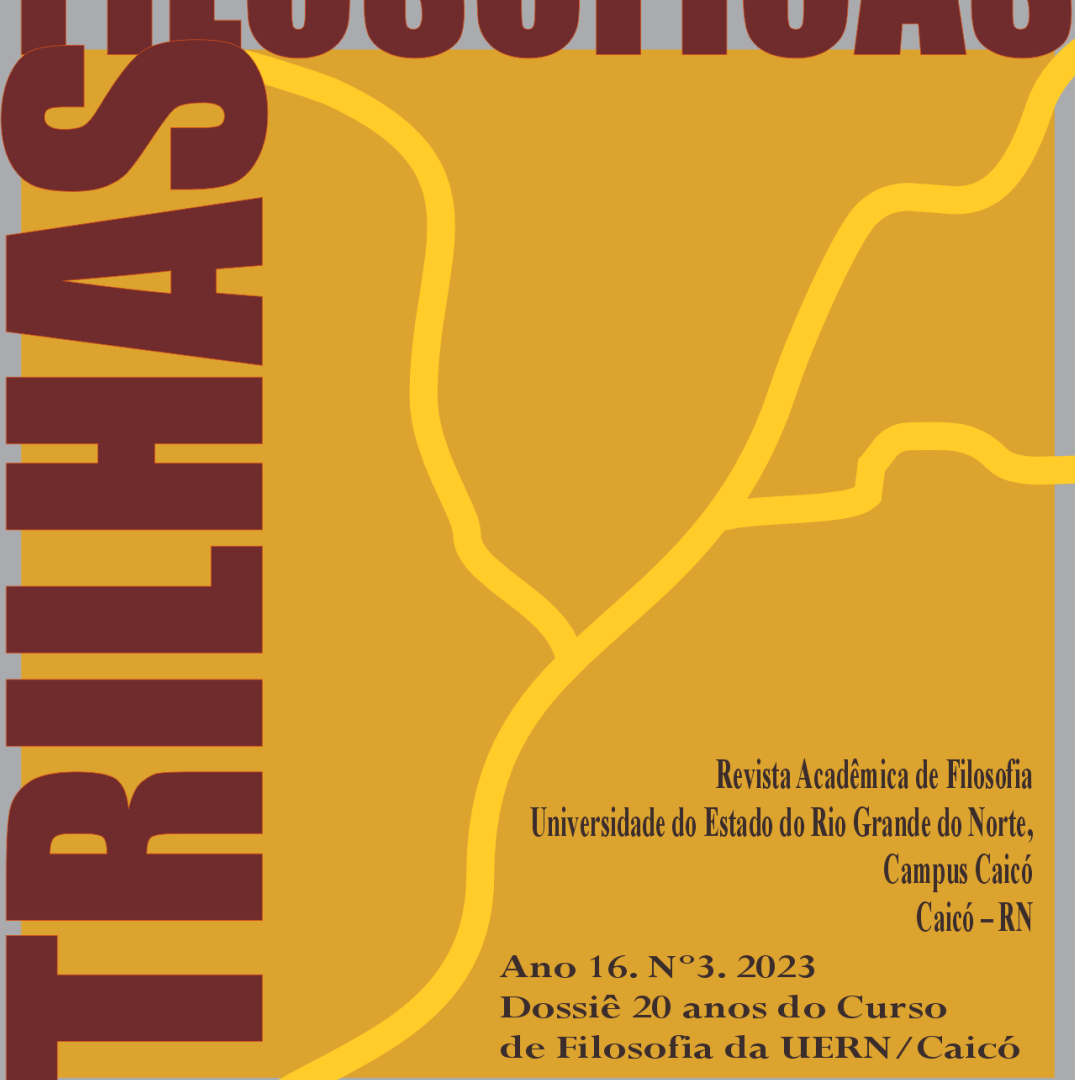


ISSN 1984 - 5561

TRILHAS FILOSÓFICAS



Revista Acadêmica de Filosofia
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Campus Caicó
Caicó - RN

Ano 16. N°3. 2023
Dossiê 20 anos do Curso
de Filosofia da UERN/Caicó

**incentivo à pesquisa - produção acadêmica - desenvolvimento da cultura
diálogo - democratização do saber filosófico**

TRILHAS FILOSÓFICAS

ISSN 1984 – 5561

*Dossiê 20 anos do Curso de
Filosofia UERN/Caicó*

ANO 16 NÚMERO 3, Edição Especial, 2023

Prof. Me Klédson Tiago Alves de Souza (FLUC-UC/FCT)
Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva (UERN)
Editor-Assistente e Editor-Chefe da *Trilhas Filosóficas*

DOI: [10.25244/1984-5561.16.3.2023](https://doi.org/10.25244/1984-5561.16.3.2023)

Revista Acadêmica de Filosofia
Departamento de Filosofia
Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Campus Caicó
Caicó – RN



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora em exercício

Profa. Dra. Cecília Raquel Maia Leite

Diretor do Campus Caicó

Profa. Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros

Chefe do Departamento do Curso de Filosofia

Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva

Coordenador do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF- FILO/UERN

Prof. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino

Capa

Luli Esteves

Revisão

Prof. Dr. Francisco de Assis Costa da Silva

Contatos

trilhasfilosoficas@uern.br

Curso de Filosofia do Campus Caicó - UERN

Av. Rio Branco, 725. Centro. CEP: 59300-000

Telefax: (0xx84) 3421-6513

<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTF>

<http://caico.uern.br/dfi/default.asp?item=curso-filosofia-caico-apresentacao>

<http://propeg.uern.br/proffilo/default.asp?item=proffilo>

Como citar este número

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *In*: **Trilhas Filosóficas**: Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó, v. 16, n. 3, Edição especial, 2023, p. XX-XX. Disponível em: url completa. Acesso em: dia mês ano.

Publicação do Departamento de Filosofia da UERN/Caicó e do
Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFPR, Núcleo UERN

Editor-Chefe

Marcos Érico de Araújo Silva (UERN)

Editor Assistente

Klédson Tiago Alves de Souza (UC/FCT)

Conselho Editorial

Alberto Leopoldo Batista Neto (UERN)
Galileu Galilei Medeiros de Souza (UERN)
José Teixeira Neto (UERN)
Klédson Tiago Alves de Souza (UC/FCT)
Marcos de Camargo von Zuben (UERN)
Marcos Érico de Araújo Silva (UERN)

Conselho Científico Nacional

Affonso Henrique Vieira da Costa (UFRRJ)
Aldo Dinucci (UFS)
Alvaro L. M. Valls (UNISINOS)
Antonio Lisboa (UFCEG)
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)
Dax Moraes (UFRN)
Eduardo da Silveira Campos (UFRJ/IPUB)
Elisete Medianeira Tomazetti (UFSM)
Enio Paulo Giachini (UNIFAE)
Filipe Ceppas (UFRJ)
Flávio Carvalho (UFCEG)
Fransmar Costa Lima (UMESP)
Gilvan Fogel (UFRJ)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Humberto Araújo Quaglio de Souza (UFJF)
Iraqitan de Oliveira Caminha (UFPB)
Jorge Miranda de Almeida (UESB)
José Gabriel Trindade Santos (UFPB)

Luciano Silva (UFCCG)
Marcio Gimenes de Paula (UnB)
Marcos Aurélio Fernandes (UnB)
Maria Simone Marinho Nogueira (UEPB)
Mauricio de Albuquerque Rocha (PUC-RIO)
Miguel Antonio do Nascimento (UFPB)
Narbal de Marsillac (UFPB)
Nythamar de Oliveira (PUC-RS)
Paulo César Duque Estrada (PUC-Rio)
Ramon Bolívar Cavalcanti Germano (UEPB)
Robson Costa Cordeiro (UFPB)
Rossano Pecoraro (UNIRIO)
Sílvio Gallo (UNICAMP)
Thalles Azevedo de Araujo (UEPB)
Ulysses Pinheiro (UFRJ)
Walter Omar Kohan (UERJ)

Conselho Científico Internacional

Claudia D'Amico (UBA, CONICET - Buenos Aires, Argentina)
Hélène Politis (Université de Paris, Panthéon-Sorbonne – França)
João Maria André (UC, Coimbra – Portugal)
María José Binetti (CONICET, Buenos Aires – Argentina)
Rita Maria Radl-Philipp (Universidad de Santiago de Compostela – Espanha)
Yésica Rodríguez (UNGS-CONICET, Buenos Aires – Argentina)

INDEXADORES



*Todos os trabalhos são publicados gratuitamente e com acesso livre sob a licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.*

TRILHAS FILOSÓFICAS - ISSN 1984-5561 - DOI 10.25244/tf
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - Campus de Caicó
Departamento de Filosofia e Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO)
trilhasfilosoficas@uern.br

SUMÁRIO

Editorial	9
<i>Klédson Tiago Alves de Souza</i>	
 DOSSIÊ 20 ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA UERN/CAICÓ	
O curso de filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN	13
<i>Francisco de Assis Costa da Silva, João Medeiros Filho</i>	
Uma crônica seridoense sobre duas décadas de filosofia	21
<i>Galilen Galilei Medeiros de Souza</i>	
Trajetória da pesquisa em ensino de filosofia na UERN Caicó	37
<i>Marcos von Zuben, Maria Reilta Dantas Cirino</i>	
A formação do curso de filosofia em Caicó-RN: uma análise do início até os dias atuais (1998-2024)	45
<i>Marcio de Lima Pacheco, Francisco de Assis Costa da Silva</i>	
De gratidão e congratulações à filosofia em Caicó	73
<i>William Coelho de Oliveira</i>	
“Ensino de filosofia”: uma questão para a formação de professores de filosofia	79
<i>José Teixeira Neto</i>	
A trajetória de uma mulher-estudante-pesquisadora-professora atravessada nos 20 anos da presença da Filosofia no Seridó	89
<i>Rosana Lopes dos Santos</i>	
Filosofia: um projeto de vida no ser-tão do Seridó	99
<i>Asenate Saraiva Dantas</i>	

Educação e transformação: Um relato uerniano	107
<i>Rodolfo Rodrigues Medeiros</i>	
Poema – 20 anos da filosofia no Seridó: Lira dos 20 anos em sertanias filosóficas. (Seguido de: <i>Memórias em fagulhas: o que vi-vivi desses 20 anos idos</i>)	113
<i>José Francisco das Chagas Souza</i>	
Filosofia, praxis e libertação: pensar em terras áridas	119
<i>Kledson Tiago Alves de Souza</i>	
20 anos do curso de filosofia da UERN em Caicó e o perfil dos próximos 20 anos: Do ensino de filosofia para uma nova atmosfera (Stimmung) acadêmica-filosófica	129
<i>Marcos Érico de Araújo Silva</i>	
O ensino de filosofia como exercício psicagógico para uma vida soberamente cínica em tempos difíceis	147
<i>Benjamim Julião de Góis Filho</i>	

EDITORIAL

O que representa a celebração de 20 anos do Curso de Filosofia, enquanto oferta formativa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Caicó? Para responder a esta questão, torna-se necessário mobilizar um amplo conjunto de memórias, narrativas e, até mesmo, projeções. Trata-se de uma interrogação que convoca múltiplos sentidos, histórias entrelaçadas ao longo do tempo e dos espaços, nos quais o curso se constituiu e se consolidou. Importa destacar que este curso representa a primeira inserção da UERN nas terras da “linda cabocla” Caicó. E, nela, muitos filhos e filhas da classe trabalhadora do Seridó puderam pôr o pé pela primeira vez no ensino superior. Este é o núcleo e a razão maior desta celebração do pensar: a transformação de vidas por meio do acesso à educação superior pública e da experiência formativa proporcionada pela reflexão filosófica.

Sem dúvidas, o ano de 2021 assume um valor simbólico para estudantes e docentes cujas trajetórias foram profundamente marcadas pela presença da UERN no interior potiguar. Foi nesse ano que, por meio da Resolução n. 35 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE/UERN), de 02 de agosto, se instituiu o Curso de Licenciatura Plena em Filosofia de Caicó¹, cujo início letivo se deu no primeiro semestre de 2002. Portanto, se o ano de 2001 marcou o início institucional do nosso Curso, 2002 assinalou o seu início letivo e efetivo; por isso, é em 2022 que se celebraram, propriamente, os seus 20 anos de atuação.

A presença de uma Instituição de Ensino Superior (IES) no interior representa a abertura de possibilidades concretas de transformação de vida e de mobilidade social para amplos segmentos da população. Tal horizonte de esperança reconfigura, potencialmente, o estado e o país, na medida em que se traduz em acesso à dignidade, expressão maior de uma política pública comprometida com a justiça social. Eis, pois, o mote deste número especial da *Trilhas Filosóficas*, o terceiro no seu décimo sexto ano de publicação: olhar para o passado à luz do presente, examinando-o criticamente, ao mesmo tempo em que se projeta o futuro, não apenas do Departamento de Filosofia ou da Universidade, mas, sobretudo, daqueles que virão a habitar este espaço de formação, segurança e esperança.

É, portanto, com elevada honra que apresentamos aos/às leitores/as a composição deste número especial e comemorativo da *Trilhas Filosóficas* (v. 16, n.º 3, 2023), que traduz o reconhecimento da comunidade seridoense à presença significativa de uma instituição pública, gratuita e de qualidade no interior do Rio Grande do Norte.

Para abrir nossos trabalhos, é-nos mister apresentar o título trazido pelos Doutores **Francisco de Assis Costa da Silva** e **João Medeiros Filho**: “O cursos de filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN”, que cumpre um papel importantíssimo de guardar as memórias das primícias acadêmicas no Seridó, de modo que no rememorar encontram suas mais profundas raízes na relação que a Diocese de Caicó nutria com o ambiente acadêmico e com os seus sonhos de ver um povo bem formado. Na sequência, o Doutor **Galileu Galilei Medeiros de Souza** traz “Uma crônica seridoense

¹ Transcrevo *ipsis verbis* o que afirmava a ementa da Resolução 035/2001 - CONSEPE: “Cria o Curso de Graduação em Filosofia, nas modalidades de Licenciatura e Bacharelado, incorpora o Curso de Filosofia Eclesiástica ministrado pelo Instituto de Filosofia e Teologia Pastoral Cardeal Eugênio Sales e dá outras providências”. Fazemos notar que nessa mesma Resolução foi criado ainda o Curso de Filosofia, nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura, em Mossoró. Disponível em: https://portal.uern.br/conselhos/resolucoes-consepe/?cp_1=48.

EDITORIAL

sobre duas décadas de Filosofia”, que entre dados, datas, nomes, documentos e circunstâncias indica os caminhos percorridos que marcam os 20 anos do Curso de Filosofia de Caicó. É um retrato que nos faz ver das origens como licenciatura até à sua consolidação, além de marcos históricos fundamentais, entre esses a criação da Trilhas Filosóficas.

Como terceiro elemento a compor esse banquete celebrativo e reflexivo, temos o texto do Doutor **Marcos von Zuben** e da Doutora **Maria Reilta Dantas Cirino** que anuncia a “Trajetória da pesquisa em ensino de filosofia na UERN Caicó”. Aqui, o foco está na constituição e desenvolvimento da pesquisa sobre o ensino de filosofia, sem perder o seu horizonte histórico. Nesse sentido, os autores apresentam-nos a nós a partir das ações, publicações, eventos, grupos de pesquisa e formação. De modo marcante, salientamos a criação do auspicioso mestrado profissional em Filosofia. Nessa toada da formação, sob o título “A formação do curso de filosofia em Caicó-RN: uma análise do início até os dias atuais (1998-2024), os Doutores **Marcio de Lima Pacheco** e **Francisco de Assis Costa da Silva** destacam a relevância do Curso, e de modo especial realçam a relação de fomento que a Diocese de Caicó nutriu com a IES que decidiu ofertá-lo. Além disso, os autores revelam ainda os meandros da integração do Curso na estrutura da UERN e todo o seu acolhimento. Como toda árvore dá seus frutos, também nesse artigo, pode ver-se um exame dos frutos dados desde a primeira turma, de modo a refletir sobre os impactos acadêmicos e sociais gerados, bem como os desafios presente.

Por sua vez, o Doutor **William Coelho de Oliveira** celebra com o seu discurso “De gratidão e congratulações à filosofia em Caicó” a honraria em memória viva, de modo a enobrecer a profissão exercida com a Filosofia, para tal empreende uma articulação com três conceitos-chave: gratidão, honra e memória. Na sequência, o Doutor **José Teixeira Neto** faz uma reflexão acerca do “‘Ensino de filosofia’: uma questão para a formação de professores de filosofia”. Esse é um texto que ganha novos contornos e alcances, pois aqui o autor reflete a partir dos Projetos Pedagógicos do Curso de Filosofia da UERN/Campus Caicó e dos títulos dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos últimos 20 anos com o objetivo de mostrar como o tema “ensino de filosofia” está praticamente ausente enquanto tema de pesquisa do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Após essa sequência de textos em sede histórica e pedagógica, apresentamos um conjunto onde pode se escutar os ecos da formação filosófica na experiência estudantil. O primeiro texto a revelar tal eco é o da Especialista **Rosana Lopes Santos** que assina o título “A trajetória de uma mulher-estudante-pesquisadora-professora atravessada nos 20 anos da presença da Filosofia no Seridó”. Aqui, imiscui-se experiência pessoal com experiência formativa, revelando as nuances sociais nos caminhos trilhados pela autora até chegar à Universidade, da experiência formativa com vários referenciais até os aspectos da atuação profissional. O segundo texto desse conjunto é “Filosofia: um projeto de vida no ser-tão do Seridó”, assinado pela Mestre **Asenate Saraiva Dantas**. A autora retrata todo o seu itinerário formativo e profissional até à chegada ao mestrado profissional em Filosofia, no qual compôs com outros colegas a segunda turma no biênio 2018-2020; o que demonstra a força transformadora empreendida pela presença de uma instituição pública, gratuita e de qualidade no interior do Brasil. Na sequência, o Mestre **Rodolfo Rodrigues Medeiros** une à sua experiência o princípio transformador da UERN sob o título “Educação e transformação: um relato uerniano”. Ali, o autor faz um relato do seu percurso acadêmico desde a licenciatura até à sua presença no mestrado profissional em Filosofia, sempre com a tônica da transformação da vida, e para evidenciar apresenta a sua realidade antes e depois da experiência formativa.

EDITORIAL

Uma secção especial é pensada pelo Doutor **José Francisco das Chagas Souza**, conhecido por todos com a alcunha de Déda, que nos brinda com poesia e memória: “Poema – 20 anos da filosofia no Seridó: Lira dos 20 anos em sertanias filosóficas. (Seguido de: Memórias em fagulhas: o que vi-vivi desses 20 anos idos”. O Autor-poeta faz nascer da sua poesia retalhos de memórias que fazem brilhar a importância não só da UERN no Seridó, mas dos elementos que a compuseram no passado e a compõem no presente. Além disso, traz à cena uma pergunta crucial para se pensar uma instituição pública: quem dela precisa? Para quem é pensada a UERN?

Por fim, um último conjunto de textos traz muito mais uma prospecção e reflexão sobre o ensinar filosofia e o futuro do ensino. O primeiro, “Filosofia, praxis e libertação: pensar em terras áridas” do Mestre **Klédson Tiago Alves de Souza** (quem vos escreve esse editorial), caracteriza-se como um ensaio, cujo objetivo é refletir sobre a atmosfera filosófica ali no Curso de Filosofia da UERN/Caicó e propõe duas lentes de análise da realidade, que podem contribuir com a pluralidade no ensino de filosofia. Depois, assinando o título “20 anos do curso de filosofia da UERN em Caicó e o perfil dos próximos 20 anos: Do ensino de filosofia para uma nova atmosfera (Stimmung) acadêmica-filosófica”, o Doutor **Marcos Érico de Araújo Silva** partilha do alimento que faz a festa acontecer; busca no alemão *Denken-Danken* a mesma providência para louvar o pensar do filósofo, que traduz-se num modo muito próprio como um cacoete ou mandinga. Com essa reflexão, o autor prospecta outro perfil para o departamento, de modo a coexistir com o ensino de filosofia. *Last but not least*, o Doutor **Benjamim Julião de Góis Filho** fecha o dossiê com o título “O ensino de filosofia como exercício psicagógico para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis”, cujo objetivo é apontar para a necessidade de pensar a filosofia e seu ensino a partir da ideia de experiência de si, quer dizer, pensar um problema que afete verdadeiramente e não que se enuncie a partir de questões continuamente retomadas pelas pesquisas acadêmicas, como uma forma ritualizada que aprisiona o ato de pensar.

Desejamos a todos/as uma imersão profunda e fecunda na história deste curso ainda jovem, mas já portador de um futuro prenhe de esperança transformadora na vida dos/as estudantes que por ele venham a passar. Em cada linha deste dossiê revela-se uma trajetória marcada pela força emancipadora da oferta formativa. A realidade brasileira e mundial permanece particularmente adversa para aqueles que nascem em contextos de vulnerabilidade social (empobrecidos): as oportunidades tendem a ser escassas, e as portas, frequentemente, mantêm-se cerradas aos desfavorecidos.

Nesse cenário, a UERN afirma-se como uma instituição pública comprometida com a inclusão e a justiça social, mantendo-se aberta àqueles cujos sonhos foram, por longo tempo, sistematicamente negados. Cumpre, assim, um papel decisivo na democratização do acesso ao ensino superior e na promoção de horizontes mais equitativos. Diria ainda, cumpre um papel de libertação.

Sem mais delongas, desejamos uma excelente leitura.

Viva a Filosofia!

Viva o Curso de Filosofia de Caicó!

Viva a UERN!

Viva a educação pública, gratuita e de qualidade!

Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 9-12 - ISSN 1984-5561

DOI: [10.25244/1984-5561.16.3.2023](https://doi.org/10.25244/1984-5561.16.3.2023)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó

EDITORIAL

Viva a luta da classe trabalhadora pelo bem comum.

Me. Klédson Tiago Alves de Souza
Editor-Convitado Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó
Doutorando em Filosofia pela Universidade de Coimbra

O CURSO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

[THE PHILOSOPHY COURSE AT THE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)]

João Medeiros Filho
pe.medeiros@hotmail.com

Natural de Jucurutu. Sacerdote católico. É pós-graduado stricto sensu (nível mestrado e doutorado) em teologia e comunicação social pela Universidade de Louvain (Bélgica). Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras – ANRL, da Academia Mossoroense de Letras – AMOL e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN.

Francisco de Assis Costa da Silva
diretor@cdscaico.com.br

Natural de Caicó. Sacerdote católico. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1993), em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), graduação em Letras Clássicas: Português-Latim-Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998), mestrado em Teologia Fundamental pela Pontifícia Università Gregoriana di Roma (2004) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana di Roma (2007). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia e na área de Letras Clássicas com ênfase em Latim e em Filosofia. Diretor do Colégio Diocesano Seridoense (CDS).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5044](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5044)

Recebido em: 11 de maio de 2023. Aprovado em: 20 de maio de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 13-20
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5044](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5044)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



1 PROLEGÔMENOS

É incontestável a presença da Igreja Católica no itinerário educacional do Seridó. Ela participou de todos os níveis de ensino, desde os primórdios do século XIX com a implantação da Escola de Latim e Humanidades, criação do Senador e Padre Francisco de Brito Guerra. Seus sobrinhos Padres Manoel Fernandes, José Modesto Pereira de Brito, Francisco Justino Pereira de Brito foram exímios educadores juntamente com seu irmão, o professor Joaquim Apolinar Pereira de Brito, um dos grandes mestres-escola de Caicó, ex-seminarista com formação eclesiástica.

Na segunda década do século XX, destaca-se o Cônego Celso Cicco, pároco de Sant'Ana de Caicó, idealizador do Educandário Santa Teresinha, hoje pertencente à Congregação das Irmãs do Amor Divino. Esta, quase um século depois, tornou-se mantenedora de uma instituição de ensino superior particular (Faculdade Católica Santa Teresinha), na referida cidade de Caicó.

Na década de 1940, Dom José de Medeiros Delgado expande o ensino fundamental, criando em 1942 o Ginásio Diocesano Seridoense. Nos anos subsequentes fundou a Escola Doméstica Popular Darci Vargas, em 1943 (posteriormente federalizada), a Escola Pré-vocacional de Caicó (1944), o Seminário Santo Cura d'Arce (1946) na sede diocesana, e cinco escolas paroquiais: Jucurutu, Florânia, Jardim do Seridó, Parelhas e Lagoa Nova. Pouco a pouco, tais instituições de ensino vão sendo estadualizadas. Em 1944, Monsenhor Paulo Herôncio de Melo cria na cidade de Currais Novos o Educandário Jesus Menino, entregue às Irmãs do Amor Divino, em 1947. Na década de 1950, o Cônego José Celestino Galvão funda a Escola Normal Regional de Caicó para formar futuros docentes da primeira etapa do ensino fundamental. Em meados da década de 1950, Cônego Galvão foi o responsável pela organização do antigo Centro Educacional José Augusto. Ligado a este estava o curso pedagógico (ensino médio), cujo organizador e primeiro diretor foi o Padre Antônio Balbino de Araújo. O ensino de nível médio no Seridó deve também à Igreja a sua existência. A Escola Técnica de Contabilidade, mantida pelas Irmãs do Amor Divino foi a primeira entidade desse porte. Na década de 1960, o atual Colégio Diocesano Seridoense passou a oferecer o curso médio, iniciativa do Padre Itan Pereira da Silva com aquiescência da diocese local sob o episcopado de Dom Manuel Tavares de Araújo.

2 ENSINO SUPERIOR

2.1 A Fundação Educacional

Um dos sonhos do primeiro bispo caicoense, Dom José de Medeiros Delgado, era dotar Caicó de uma instituição de ensino superior. Certa feita, chegou-nos a declarar: “Um dos meus desejos e sonhos seria fundar em Caicó de uma faculdade. O que não pude fazer ali, fiz em São Luís do Maranhão.” *Per transennam*, é de bom alvitre lembrar que o projeto educacional de Dom Delgado foi, no seu tempo, elogiado pelo Ministro Gustavo Capanema, professor Anysio Teixeira, Tristão de Athayde, Dom Lourenço de Almeida Prado e uma plêiade de intelectuais do eixo Rio-São Paulo.

Houve algumas iniciativas para a implantação do ensino superior em Caicó. Em 1968, a municipalidade, por meio de lei aprovada pela Câmara de Vereadores, criou a Fundação Educacional Dom José de Medeiros Delgado. Esta tinha por objetivo instalar, após credenciamento pelo órgão do sistema de ensino, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. No seu projeto inicial, do qual fizemos parte da comissão de redação, constava os seguintes cursos: filosofia, letras, história, geografia, matemática e pedagogia.

Participamos da diretoria da aludida Fundação e da equipe elaboradora do ante-projeto da futura faculdade. Foi encarregada de acompanhar o processo uma firma de Brasília, o qual dormitou algum tempo nas dependências do Ministério da Educação. Enviado ao então Conselho Federal de Educação, o colegiado pronunciou-se, devolvendo o processo. A mantenedora era um ente vinculado ao poder público municipal. De acordo com a legislação de regência, caberia ao Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte analisar o processo e emitir parecer. Não obstante todo o interesse do conselheiro Luciano Nóbrega (seridoense de Caicó), membro do Conselho Estadual de Educação do RN, o processo foi devolvido à interessada para complementar dados. A diretoria da fundação foi mudada com a saída da presidente, professora Maria das Neves de Medeiros e do Padre João Medeiros Filho, que retornou à Bélgica para novos estudos. Era final de governo municipal. O Cônego José Celestino Galvão ficou responsável pelo projeto. Veio o fim do mandato do prefeito Francisco de Assis Medeiros. Seu sucessor, examinando as finanças do município, não encontrou viabilidade de continuação do projeto.

2.2 O Núcleo Avançado da UFRN de Caicó

Passados cinco anos da tentativa de criação de uma instituição de educação superior, retomou-se a ideia. A diocese de Caicó participou ativamente da luta. Liberou sem ônus financeiro o prédio do antigo seminário para sediar o futuro Núcleo Avançado de Caicó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O bispo diocesano Dom Manuel Tavares de Araújo, dispensou o Padre João Medeiros Filho de algumas funções administrativas no bispado para coordenar os trabalhos de implantação dos futuros cursos de nível superior. O prelado incentivou seus padres a integrarem o corpo docente. Além de Padre João Medeiros que pertencia aos quadros da UFRN, ingressaram, mediante concurso público, os padres Ausônio Tércio de Araújo e João Agripino Dantas. Acrescentou-se a estes o nome de Irmã Paulina Paulen, religiosa americana, residente em Jardim de Piranhas. Realizado o processo seletivo em janeiro de 1974, as atividades acadêmicas do então Núcleo Avançado de Caicó, hoje CERES, iniciaram em março de 1974. Dois anos depois, vieram os cursos superiores de Currais Novos, vinculados à UFRN. Dentre seus docentes, estavam os padres Ausônio de Araújo Filho e José Dantas Cortês. Uniu-se a estes Dom José Adelino Dantas, bispo emérito de Ruy Barbosa (BA), residente na cidade de Carnaúba dos Dantas.

Concretizou-se assim parte do sonho dos seridoenses em dispor de cursos de educação superior.

2.3 O Instituto Cardeal Sales e a Faculdade de Teologia

Sempre houve o desejo de um curso de filosofia, condizente com a realidade do Seridó. Esta região potiguar, desde os primórdios de sua história, prima por sua capacidade de refletir a vida e o mundo. O quinto bispo diocesano de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha, seguindo a aspiração de alguns dos seus colaboradores, procurou a direção da UFRN para que fossem autorizados, no CERES, cursos de filosofia e teologia. Sendo o estado laico, não poderia ofertar cursos de caráter religioso confessional, no caso, uma graduação em teologia. Quanto à filosofia, os órgãos da UFRN tinham outras prioridades. Não obtendo êxito da parte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o bispo diocesano resolveu criar o Instituto Cardeal Sales com o intuito de oferecer cursos de filosofia e teologia. A diocese pensava também na formação dos seus presbíteros. Os seminaristas estudavam no Rio de Janeiro, quando era arcebispo daquela cidade Dom Eugênio de Araújo Sales, irmão de Dom Heitor Sales, que fora bispo de Caicó, de 1978 a 1993. A direção da entidade foi confiada ao Padre Nixon de Brito. As atividades acadêmicas aconteciam nas dependências do Colégio Diocesano Seridoense.

Tratava-se de cursos livres, à luz da legislação de regência. Alguns anos se passaram, quando houve uma interpelação do Ministério Público estadual, determinando a suspensão na oferta dos cursos e credenciamento do Instituto pelos órgãos do sistema de ensino e autorização das graduações de nível superior, regulando desta forma os cursos oferecidos.

A diocese caicoense, sabedora da existência de um dos seus presbíteros como assessor do Ministério da Educação, lotado na antiga Delegacia do MEC, no Rio de Janeiro, recorreu ao Padre João Medeiros Filho.

O citado sacerdote aconselhou a diocese a pedir credenciamento de uma Faculdade de Teologia, nos termos da Resolução 241/99, do Conselho Nacional de Educação. Quanto ao curso de filosofia, sugeriu conveniar com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A sugestão foi acolhida pelo bispo diocesano e seus assessores. Foi introduzido o processo no MEC para credenciamento da entidade de ensino superior e autorização da graduação em teologia. Quanto à filosofia, houve as tratativas, como descreveremos a seguir. De posse do protocolo de entrada do projeto de credenciamento de uma faculdade de teologia e de uma declaração da Reitoria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a Diocese de Caicó respondeu ao Ministério Público Estadual, comprovando a sua intenção de solucionar de maneira rápida o problema da contestação do *Custos Legis*.

3 O CURSO DE FILOSOFIA DA UERN

3.1 Os entendimentos com os dirigentes do Estado do RN e da UERN

No final do ano de 2000, iniciam-se os contatos das autoridades diocesanas de Caicó com os dirigentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. À época, governava o estado Garibaldi Alves Filho, grão-chanceler da referida instituição universitária. Dirigia a UERN, na

qualidade de reitor, o professor José Walter da Fonseca, sendo seus vice-reitores o professor Lúcio Ney de Sousa (até setembro de 2001), sucedido pela professora Olga de Oliveira Freire (de setembro de 2001 a setembro de 2005).

O bispo diocesano de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha e sua equipe procuraram o governador do estado no sentido de solicitar o seu apoio administrativo e político para implantação do curso de graduação em filosofia, na cidade de Caicó, aproveitando por meio de convênio, os estudos realizados no Instituto Cardeal Sales. O governador aceitou às proposições da diocese de Caicó. Telefonou para o reitor da Universidade, solicitando que estudasse com atenção o pleito diocesano. A comissão enviada pelo bispado foi recebida na reitoria da UERN. Nessa ocasião, foi apresentada por escrito a proposta diocesana no sentido de criar um curso de licenciatura na cidade de Caicó, reconhecendo o processo seletivo para ingresso no curso livre e validação dos estudos.

A proposta inicial da diocese era pela assinatura de um convênio, no qual fosse possível a diplomação pela UERN, deixando a diocese como gestora administrativa e financeira do curso. Havendo uma natural discordância nesse sentido, a diocese propõe à UERN que assumira in totum o curso, do ponto de vista acadêmico, administrativo e financeiro. O governo do estado garantiu suplementar a dotação financeira para cobrir os gastos oriundos com mais um curso.

Os municípios potiguares reclamavam que sendo a universidade do estado, ela contemplava apenas alguns municípios. Deve-se sublinhar o interesse do Magnífico Reitor, pois sendo porta-voz dos anseios de muitos docentes e dos prefeitos, respondia positivamente aos reclamos das comunidades, começando por uma região importante, qual seja, o Seridó. Na esteira dessa iniciativa, alguns meses depois, inicia-se a implantação de Núcleos Avançados de Ensino Superior ou Núcleos descentralizados. Foram criados onze núcleos com estrutura menor do que os campi avançados até então existentes, nas cidades de Assú, Pau dos Ferros e Patu.

Os núcleos ofereciam entre um e três cursos, tendo a participação efetiva das prefeituras, responsável pela logística e auxiliar na administração técnico-financeira. A intenção era ministrar graduações por um período determinado, mas a preocupação política da maioria dos prefeitos era pela sua continuidade. Problemas técnicos de regulação, não cumprimento das cláusulas contratuais por parte das prefeituras, dificuldades financeiras levaram ao fechamento posterior desses núcleos.

3.2 Implantação da graduação em filosofia

A instalação do curso demandou um esforço conjunto de parte da diocese e do lado da UERN. O Padre Francisco de Assis da Costa e Silva, com o auxílio do agora professor Marcio Pacheco, na época seminarista, cuidou de adaptar um curso com perfil eclesial para uma graduação leiga e universitária, obedecendo a legislação de regência. A vice-reitora, professora Olga de Oliveira Freire, desde o início mostrou muito interesse pelo curso, tendo em vista que ela é graduada e mestre em filosofia, desejando implantar também no Campus Central, em Mossoró, uma licenciatura em filosofia. A UERN designou uma comissão, coordenada pelo professor João Batista Xavier. Tendo sido seminarista e colega do bispo de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha, no Seminário do Ipiranga em São Paulo, colaborou na adaptação acadêmica, reformulação do

currículo e da grade, escolha de docentes locais provisórios. O site da UERN registra o papel dessa comissão, *in verbis*:

A presença da UERN em Caicó inicia-se em 2001 com o processo de incorporação do então Curso de Filosofia Eclesiástica da Diocese de Caicó. Este processo se deu por meio da comissão formada pelos professores indicados – Antônio Jorge Soares, João Batista Xavier e William Coêlbo de Oliveira –, que, imbuídos daquele anseio coletivo, investiram na análise da proposta de incorporação, junto a Francisco de Assis Costa da Silva, o Pe. Costa, representante da instituição caicoense, como Reitor do Seminário Diocesano Santo Cura d’Ars e Coordenador Administrativo do Curso em apreço. O pleito contou também com a participação do então Bispo, Dom Jaime Vieira Rocha, em articulação com militantes da Filosofia de Mossoró. Dessa forma, o Curso de Licenciatura em Filosofia de Caicó, funcionou nas dependências do Colégio Diocesano Seridoense durante o período de 2002.1 a 2005.2, sendo coordenado pelo Departamento de Filosofia de Mossoró, representado pelo Prof. João Batista Xavier, e administrado pela Diocese de Caicó, representada pelo Pe. Costa, e, posteriormente, pelo Pe. José Tadeu de Araújo.

Sem dúvida alguma, não se pode negar a forte presença da Igreja para implantação do curso de filosofia, ministrado pela UERN, em Caicó. Além dos aspectos aqui enfocados, cabe lembrar que quatro docentes atuais do curso receberam formação eclesial.

4 PROBLEMAS DE REGULAÇÃO

Nem sempre é possível cuidar de todos os aspectos. Várias coisas aconteceram sem a participação e o conhecimento da comunidade acadêmica do curso de filosofia de Caicó.

Ele foi criado, após o advento da Lei 9394/96. Por este diploma legal, a oferta de curso fora de sede deve passar pelo crivo do sistema estadual de ensino, ao qual pertence a UERN. Esta pode criar escolas, faculdades, institutos dentro de sua jurisdição, no caso o estado do Rio Grande do Norte. Entretanto, as unidades de ensino deverão, quando fora da sede da universidade, ser credenciadas pelos órgãos do sistema de ensino, ouvindo-se obrigatoriamente o Conselho Estadual de Educação. A autonomia das universidades não atinge esse aspecto de regulação. Além de credenciamento, os cursos ministrados em unidades, fora da sede da instituição, deverão obter autorização do referido sistema de ensino. As duas regulações (credenciamento de unidade de ensino e autorização formal de curso) não aconteceram.

Isso significa que durante anos, o curso de filosofia de Caicó e outros ministrados naquele “campus” funcionaram sem a devida regulação. Houve reconhecimentos de curso, embora carecendo de autorização e credenciamento do “campus”. Os estudos realizados e os diplomas emitidos estavam irregulares.

Constatada tal situação, buscou-se junto à autoridade máxima do sistema de ensino a sua *sanatio in radice*. O fato foi levado ao conhecimento do então reitor Pedro Fernandes Ribeiro

Neto. O Conselho Estadual de Educação emitiu o Parecer nº 042/2014, homologado pela Secretária de Estado da Educação e Cultura, professora Betânia Leite Ramalho, solicitando o credenciamento dos “campi” de Caicó e Natal, o reconhecimento de vários cursos superiores, convalidação retroativa de estudos realizados, diplomas emitidos e outras providências, o que deu azo ao Decreto Governamental nº 24.948, de 30 de dezembro de 2014, publicado no dia subsequente.

O então reitor Pedro Fernandes contribuiu para a solução do problema junto com o presidente do Conselho Estadual de Educação, professor Adilson de Castro Gurgel.

Pelo instrumento administrativo e jurídico, acima identificado, a UERN obteve a regulação de suas unidades de ensino e seus cursos de graduação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de filosofia ministrado pela UERN, no “campus” de Caicó, é um marco no Seridó. Veio aprofundar a capacidade de refletir de nossa gente. Não nasceu como mera graduação de nível superior, mas como um espaço crítico e inovador da nossa sociedade. Nesse ponto, é fiel à tradição cristã, como “locus” do pensar e da transformação.

Nestes vinte anos de caminhada, muito tem a sociedade seridoense, de modo especial a caicoense, a agradecer à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, a seus dirigentes e aos docentes da citada graduação.

O curso hoje nada deixa a desejar a graduações congêneres de grandes centros universitários. Corpo docente qualificado e dedicado, não obstante a simplicidade de sua infraestrutura, o curso presta um serviço relevante à região, não apenas pela titulação de tantos jovens, ao longo de vinte anos, mas também pela sua criatividade e capacidade de compreender o “homo seridoensis” e sua trajetória histórica.

Sinto-me à vontade para falar do curso. Acompanhei o seu percurso e o fiz tecnicamente, quando membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Fui relator do processo em que solicitava reconhecimento. É significativa e marcante a sua caminhada. É digno de registro o que afirma o professor doutor José Eduardo de Almeida, integrante da comissão verificadora em função do último reconhecimento do curso, ao entregar o relatório da verificação. Assim se expressou:

O curso de filosofia de Caicó tem imensa potencialidade. Seu crescimento qualitativo salta aos olhos. Libertou-se do ranço seminarístico de muitas graduações, ressalta a rica tradição do ensino filosófico eclesial, abre portas para o diálogo com o mundo moderno, respeitando a cultura e o modo de pensar da região.

Por último – não menos importante – cabe-me parabenizar o empenho de seu corpo docente, discente e técnico pela forma de compreender e conduzir um curso de filosofia. A precariedade das instalações de ontem e talvez de hoje não obnubilou o brilho acadêmico. O desafio do pouco levou a criar o muito. Obrigado a todos. Sinto-me realizado por ter podido contribuir para a existência dessa graduação de nível superior.

Na pessoa do professor doutor padre Francisco de Assis Costa da Silva, a quem agradeço a amizade e o diálogo, há mais de duas décadas, quero saudar e parabenizar todos os que fazem a instituição.

Ad multos anos". Foeci quod potui, potentes faciunt meliora.

UMA CRÔNICA SERIDOENSE SOBRE DUAS DÉCADAS DE FILOSOFIA

[A SERIDOENSE CHRONICLE ABOUT TWO DECADES OF PHILOSOPHY]

Galileu Galilei Medeiros de Souzagalileumed@yahoo.com.br<https://orcid.org/0000-0001-6192-0618>

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2014 - Doutorado Interinstitucional UFRN, UFPB, UFPE), com uma defesa de tese sobre a filosofia da ação de Maurice Blondel. Mestre em Filosofia, com especialização em História da Filosofia Moderna pela Pontifícia Università Gregoriana (2003). Master of Bioethics pela Pontifícia Università Regina Apostolorum (Itália, 2002). Bacharel em filosofia (Faculdade João Paulo II, RJ, 1997), teologia (Pontifícia Università Regina Apostolorum, Itália, 2001) e Licenciado em filosofia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras, 2017). Foi coordenador do Curso de Filosofia de Caicó (2016-2020), e é professor Adjunto IV, vinculado ao departamento de filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e membro do corpo editorial da Revista de Filosofia Trilhas Filosóficas.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4665](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4665)

Recebido em: 20 de janeiro de 2023. Aprovado em: 10 de fevereiro de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 21-35**ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4665](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4665)****Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó**

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4665](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4665)

Uma crônica seridoense sobre duas décadas de filosofia

SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de

Resumo: O presente artigo é uma crônica com dados, datas, nomes, documentos e circunstâncias, que vieram a marcar a história dos 20 anos do Curso de Filosofia de Caicó, na perspectiva de um de seus professores. Parte-se do relato das suas origens como licenciatura, acompanha-se a sua consolidação no interior do Campus Caicó da Universidade do Rio Grande do Norte, e chega-se a uma descrição de alguns marcos históricos e pedagógicos que caracterizam o curso e o fazem ser o que ele é.

Palavras-chave: Filosofia. Licenciatura. Projeto Pedagógico. Curso de Filosofia de Caicó.

Abstract: This article is a chronicle with some data, dates, names, documents and circumstances, which came to mark the history of the 20 years of the Philosophy Course of Caicó, from the perspective of one of its teachers. It is based on the account of its origins as a degree, it accompanies its consolidation inside the Caicó Campus of the University of Rio Grande do Norte, and one comes up with a description of some historical and pedagogical landmarks that characterize the course and make it be what it is.

Keywords: Philosophy. Degree. Pedagogical Project. Caicó Philosophy Course.

Parafrazeando um conhecido adágio, direi sem medo de errar: “as memórias voam, os escritos permanecem”. Os antigos gregos e romanos – de quem sou leitor incorrigível, para surpresa de Émile Faguet, que em seu clássico de 1912, *A arte de ler*, já se queixava do processo de extinção dessa espécie – disso já se davam conta, deixando para a posteridade o registro de tantos ditos e feitos memoráveis em seus *épicos* e *memorabilia*. De sua parte, uma das mais fantásticas obras do espírito medieval foi a de enfrentar o problema não só da passagem das memórias, mas dos próprios textos, que precisavam ser simplesmente copiados, quanto mais fielmente melhor. Trabalho simples, paciente e grandioso, honra da ordem de São Bento, que acabou por salvar toda a memória ocidental, hebraica e europeia, além de possibilitar seu enriquecimento com a cultura dos comentários.

Tenho certeza de que muitos leitores se beneficiarão deste esforço de preservação da memória. Ainda assim, reconheço que alguns, espero que em pequeno número, possam se sentir incomodados. Por isso, justifico o que será escrito e a forma escolhida para apresentá-lo. Para fazer um trabalho semelhante de fixação da evocação, pretendo registrar dados, datas, nomes, documentos e circunstâncias, fazendo perceber alguns rastros e seguindo algumas trilhas que apontam para a história de duas décadas do Curso de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em Caicó (UERN), cidade potiguar encravada no semiárido sertão seridoense.

Aos que se sentirão, porventura, ofendidos – em tempos em que essa percepção subjetiva veio a se tornar virtude –, não posso escusar-me por apenas ser fiel à minha memória e a vários documentos, procurando agir contra o esquecimento e a falsificação, o que, como nos ensina Platão (2014) com a metáfora do bloco de cera do *Teeteto* (191c-e), atinge tudo o que não é impresso e cuja imagem não perdura.¹ Contra a impermanência e a vontade de interpretar livremente os sinais que evanescem é que escrevo agora.

AS ORIGENS

O Curso de Filosofia da UERN em Caicó está profundamente conectado ao Instituto Pastoral Cardeal Sales. Foi a partir desse instituto que, em 2002, chegaram os primeiros alunos, que já estavam vinculados ao projeto desde 1999. Como ocorrera na década de 70 do século XX com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), também a UERN viria a instalar-se no Seridó por iniciativa da Diocese de Caicó.² Mas vamos devagar, ainda que sem divagar, porque nem a pressa, nem a falta de ordem faz filosofia.

¹ “[...] seja o que for que é impresso, nós o lembramos e o conhecemos enquanto durar sua imagem, ao passo que tudo o que for apagado ou que não for possível imprimir esquecemos e não conhecemos” (*Teeteto*, 191d-e)

² O primeiro diretor do Campus Caicó da UFRN, o Prof. Pe. João Medeiros Filho, em artigo escrito no livro que comemora a fundação dos 80 anos do CDS, assim se expressa a esse respeito: “Enalteçemos a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sentinela dos sonhos das gerações seridoenses. Essa instituição universitária foi enriquecida por muitos mestres, oriundos desta Casa, dentre eles: Monsenhores Agripino e Tércio, Cônego Galvão, Padres José Mário, Ausônio de Araújo Filho e José Dantas Cortês, Irmã Paulina e Dom José Adelino Dantas, bispo emérito de Ruy Barbosa, declarado pelos colegiados da UFRN doutor por notório saber, para que transmitisse aos jovens seus conhecimentos e, sobretudo, a doçura de seu coração e a riqueza de sua alma de sábio e santo. Em 1974, um jovem sacerdote desta diocese implantou esse marco da educação superior do Rio Grande do Norte. Ao lado do colégio, funcionou o antigo NAC (Núcleo Avançado de Caicó), que deu origem ao atual CERES, em instalações cedidas,

O início mais remoto do Curso de filosofia de Caicó foi coincidentemente também marcado pela presença de um beneditino, e não qualquer um deles. Dom Estevão Tavares Bittencourt, membro fundador de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Filosofia (ABF), que, menos por isso, e muito mais por seu trabalho educacional junto à Escola *Mater Ecclesiae* e a revista *Pergunte e Responderemos*, era filósofo e teólogo *sui generis* – “porque”, como me disse certa vez meu caro professor Frederico Gurgel, “foi um homem que, abrindo mão da alta filosofia e teologia, sacrificou-se pela educação popular” –, em 1º de fevereiro de 1999, no auditório do Centro Pastoral Dom Wagner, proferiu a primeira aula de outras tantas que continuariam anos a fio, até os dias atuais.

Com o início dessa empreitada, a filosofia, como um riacho oculto sob a terra seca do Seridó, começou a brotar e desbravar o sertão. Assim como as veredas levam o viajante ao coração do sertão, as trilhas filosóficas abriram caminhos invisíveis, mas essenciais, para transformar Caicó em um lugar onde o pensamento ganha raiz e floresce. Dom Jaime Vieira Rocha (2008) descreveu esse momento como o encontro da luz de Atenas com a resiliência da terra sertaneja. Um problema, porém, começaria a se impor, em razão de que os cursos de filosofia e teologia, patrocinados pela Diocese de Caicó, ainda não eram reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). O embrolho era que as primeiras turmas logo concluiriam o curso livre, sem nenhuma perspectiva de um diploma superior reconhecido, o que muito desagradava não só aos alunos como ao próprio bispo, cuja palavra fora empenhada em resolver a questão.

Avisado pelo Pe. João Medeiros Filho, consultor do MEC e membro do Conselho de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, a respeito de suas opções, Dom Jaime iniciou conversações com a administração da UERN, confiando na mediação de seu antigo colega no Seminário Ipiranga de São Paulo, João Batista Xavier, então professor do departamento de filosofia do Campus Central dessa universidade. O referido departamento funcionava sem manter um curso próprio superior de filosofia, apenas auxiliando na formação humanística básica dos demais cursos da UERN, responsabilizando-se por componentes curriculares pedagógicos e de iniciação à cultura.³ Homem prático e experiente nos meandros da política universitária, além de insonioso trabalhador, o professor sempre acordado sonhava que a oportunidade de fundar um curso de filosofia em Caicó abriria também espaço para outro em Mossoró.

João Batista Xavier liderou a iniciativa com o apoio de dois colegas de departamento: Antônio Jorge Soares e William Coêlho de Oliveira. Ele propôs a formação de uma comissão para organizar as tarefas, mesmo enfrentando desvantagens devido à sua oposição à administração universitária. Como me asseverou várias vezes, com a convicção de que todo bem deveria ser acolhido e estimulado, não importando de que origem ideológica viesse, a pedido do então reitor, o Prof. Walter da Fonseca – reconhecidamente seu adversário político –, João Batista, em 19 de abril de 2001, apresentou a proposta ao departamento de filosofia do Campus Central, que aprovou a comissão e seus trabalhos, que consistiriam em levar a cabo um estudo sobre a possibilidade de incorporação do curso livre a um novo curso de filosofia da UERN, que funcionaria em Caicó.

Aproveitando a oportunidade de criação do curso em Caicó, como previsto, outro seu irmão, com projeto pedagógico muito semelhante, foi também erigido em Mossoró. E, a partir de

gratuitamente, por Dom Manuel Tavares de Araújo, para que fosse possível concretizar o sonho do ensino superior no Seridó” (MEDEIROS FILHO, 2022, p. 44).

³ Como é de praxe acontecer até hoje em muitas Instituições de Ensino Superior (IES), resquício da antiga universidade medieval em que, além da profissionalização, se aprendia cultura – sobretudo, por meio de estudos filosóficos –, com a grande diferença de que atualmente esse tipo de ensino, como nos diz José Ortega y Gasset (1999) em *Missão da Universidade*, é algo sobre o que se presente alguma importância, sem a mínima convicção do que de fato seja sua contribuição; não restando, enfim, senão esses resquícios de transmissão de cultura que são as disciplinas filosófico-humanísticas.

então, na contramão de certas expectativas,⁴ o interior do Estado do Rio Grande do Norte contaria não apenas com um, mas com dois cursos superiores de filosofia. Ademais, esses não seriam bacharelados, mas licenciaturas, dando espaço para a formação intencionada de professores, prevendo já os movimentos que confluiriam, a partir da primeira década do século XXI, para a abertura de concursos públicos que promoveram a contratação de professores de filosofia em todo o Brasil, antes mesmo da aprovação, em 2008, da lei que instituía a filosofia como disciplina obrigatória para os currículos das escolas de ensino médio.⁵

Os primeiros anos do Curso de Filosofia de Caicó,⁶ os da incorporação, que veio a ocorrer a partir do primeiro semestre letivo do ano de 2002 e durou até o segundo semestre letivo do ano de 2005, foram vivenciados nas dependências do Colégio Diocesano Seridoense (CDS) e em regime de convênio, no qual a universidade se ocuparia de fornecer os professores e a Diocese de Caicó a infraestrutura física, sob a coordenação de uma equipe pedagógica mista, formada pelo Prof. João Batista Xavier e, inicialmente, pelo Prof. Pe. Francisco de Assis Costa da Silva, posteriormente substituído pelo Prof. Pe. José Tadeu de Araújo. Findo esse período inicial, alguns imprevistos acabaram por lançar o Curso de Filosofia em grandes dificuldades, transformando-o, como a seu primeiro administrador, em um sobrevivente.

OS SOBREVIVENTES

Em 11 de agosto de 2005, sob a direção do Prof. João Batista Xavier, foi instituído o Campus do Seridó Governadora Wilma Maria de Faria, somando-se ao curso de licenciatura em filosofia, os cursos de bacharelado em odontologia e bacharelado e licenciatura em enfermagem. Uma coincidência marcou esses acontecimentos, de modo muito semelhante ao que sucedera com seu primeiro diretor. Ouvi dele que quando nasceu, por complicações no parto, teve sua clavícula quebrada. Escapando isso da avaliação de todos os médicos, práticos e benzedeiros consultados, só veio a saber do que se tratava anos depois, quando por exames mais sofisticados e dores ainda sentidas de vez em quando, chegou à conclusão dos ossos quebrados. Sem que ninguém soubesse por que, foi um bebê muito chorão. Não dormia e não deixava ninguém dormir, característica, aliás, que carregaria consigo nos anos que viriam. Na beira do desespero, os pais fizeram todo tipo de promessa, tendo mesmo o menino que nunca cortar os cabelos até uma peregrinação ao Canindé, feita quando já era um molecote de 7 anos, para pagar o voto que, de acordo com a fé da mãe, ajudara-lhe a sobreviver à infância. E lá foi ele, subindo o monte e maldizendo quem faz promessas para os outros pagarem, mas muito mais os que, pelo caminho, confundiam-no com uma menina, vestida de hábito de penitente e de cabelo batendo na bunda.

⁴ Como as de Aristóteles, expressas no *Livro I da Metafísica*, em que afirma dever primeiro se insistir no cultivo de ciências úteis, que libertem os homens dos cuidados com as ocupações práticas, antes de se promover o interesse por aquelas que, como a filosofia, não se voltam nem ao prazer, nem às necessidades da vida, mas apenas ao bem-estar: “[...] quando já se tinham constituído todas as artes desse tipo [úteis às necessidades da vida], passou-se à descoberta das ciências que visam nem ao prazer nem às necessidades da vida, e isso ocorreu primeiramente nos lugares em que primeiro os homens se libertaram de ocupações práticas” (*Metafísica A 1*, 981b20-23).

⁵ Lei nº 11.684/2008 que alterou o art. 36 da LDB 9.394/1996, para incluir as disciplinas de Filosofia e Sociologia como obrigatórias nos currículos do Ensino Médio.

⁶ Criado por meio da Resolução n. 35 – CONSEPE/UERN, de 02 de agosto de 2001.

Nessa época, seu nome, de batismo e conhecido por toda a família, era Inácio. Seus pais que pensavam que o menino, registrado como João Batista, iria morrer nos primeiros meses de vida, também colocaram o mesmo nome, que muito presavam, em outro seu irmão, mais jovem. Por via das dúvidas, alguém da família se chamaria assim e, de quebra, alguns dizem que colocar nome de filho morto em outro vivo preservaria esse último da morte prematura, já que seria muita coincidência perder dois filhos infantes com o mesmo nome. Passados os anos e escapado o menino, ficou mesmo sendo chamado de Inácio, para evitar confusão. Sem ser disso avisado, e na ausência de qualquer providência cartorial, só aos 12 anos, quando recebeu o diploma de conclusão do ensino fundamental, realizado no colégio interno de Lages (Instituto Pio X), descobriu que também se chamava João Batista Xavier.

Uma confusão também ligada a nomes viria a se repetir, anos mais tarde, com o seu primeiro filho – de Inácio ou João Batista –, que mesmo já em idade de 6 meses ainda não tinha nome. À época, a esposa preocupada, porque o menino era chamado de todo jeito, pediu ao pai que lhe pusesse um nome. João Batista, que estava no momento a ler o volume sobre os *Pré-Socráticos* da coleção *Os Pensadores*, resolveu a questão rapidamente: “pois será Anaximandro” e foi assim.

Aliás, por falar nesse primeiro volume da coleção *Os Pensadores*, coincidentemente, por intermédio do Prof. Djalma Medeiros, seridoense e por muitos anos coordenador do Curso de Filosofia do Mosteiro São Bento de São Paulo – o primeiro a ser criado no Brasil –, as filhas do tradutor do livro, o Prof. José Cavalcante de Souza, falecido em 2020, doou-nos a biblioteca do pai, composta por muitas preciosidades de filosofia antiga. O Prof. Djalma, ainda, conseguiu-nos também a doação de vários livros da *Coleção Fausto Castilho*, o que o coloca, junto com Sofia e Eliana Cavalcante, filhas do referido tradutor, entre os maiores benfeitores da biblioteca de nosso curso de filosofia. Feito esse só equiparado ao também realizado por João Batista Xavier, que, após aposentar-se, também nos doou sua biblioteca de uns mil volumes.

Voltando nossa atenção – minha e do leitor – a João Batista Xavier, a sina familiar dos nomes veio a atingir também o rebento acadêmico. O Campus da UERN em Caicó nasceu em 2005 como *Campus do Seridó Governadora Wilma Maria de Faria*. Contudo, mudado o governo, logo se verificou um impedimento legal, segundo o qual não se poderia dar nome de uma pessoa ainda viva – a ex-governadora – a uma instituição pública. Então, de duas uma, ou a mulher morria, ou o nome mudava. Assim, em 2010, ele veio a chamar-se simplesmente de *Campus Caicó*, apesar de seu ato de credenciamento – espécie de registro cartorial, que permite a emissão de diplomas pelos que lá estudam – vir a ocorrer apenas em 2014, junto com uma disposição que tornava regular todos os diplomas anteriormente expedidos.⁷

O campus que por razões legais mudou de nome, administrado por seu primeiro diretor, que também por questões análogas mudou de nome, iniciou suas atividades oficialmente no dia 19 de outubro de 2006,⁸ quando se abria o segundo semestre letivo, agora não mais nas instalações do CDS, mas junto às dependências do Centro de Atendimento Integrado à Criança (CAIC) Senador Dinarte Mariz, localizado na rua André Sales, n. 667, Bairro Paulo VI, em Caicó.

⁷ O Campus Caicó tem sua criação pela Resolução n. 007/2005 – CONSUNI, sendo denominado *Campus do Seridó Governadora Wilma Maria de Faria* pela Portaria n. 4.190/2005 – GR/UERN. Posteriormente, por iniciativa da Portaria n. 07244/2010-GR/UERN, de 20 de dezembro de 2010. Passa a denominar-se Campus Caicó. Ele terá seu Ato de Credenciamento registrado apenas no Decreto n. 24.948/2014, publicado no Diário Oficial do Estado n. 13.348, em 31 de dezembro de 2014, páginas 5 e 6.

⁸ É nessa data em que se comemora, desde então, o aniversário do *Campus*. Todavia, desde o começo do primeiro período letivo de 2006, já funcionavam nesse mesmo espaço as aulas do Curso de Filosofia.

A mudança das instalações causou grande impacto à comunidade acadêmica, especialmente àqueles que haviam convivido no ambiente confortável oferecido pela Diocese de Caicó. Para nós da filosofia foi uma separação dolorosa, similar a um desmame forçado. O CDS possuía uma infraestrutura mais do que adequada para as necessidades de funcionamento do nosso curso; já no CAIC a estrutura era precária. Lá, as salas de aula, especialmente à tarde, atingem temperaturas escaldantes de mais ou menos 40°C – mais para “mais” do que para “menos”. Não há rampas, só escadas, com significativa dificuldade para se executar a menor adaptação das estruturas, em razão da arquitetura do local, que dizem ter sido concebida, por algum governo de Leonel Brizola, como um projeto de engenharia econômico e eficiente para funcionar no Rio Grande do Sul ou, talvez com alguma adaptação, no Rio de Janeiro, em tempo de inverno, é claro. Mas para esse outro Rio, o do Norte, mesmo quando chovia, grande mesmo continuava a ser só o desconforto. Nesse período, quando o calor aliviava, em compensação desastrosa, o teto atingido pela água era uma peneira.

Quando algum imperativo exigia adaptações, por exemplo, para atender a algum aluno sem condição de subir escadas, as turmas deviam sempre migrar para espaços no térreo, divididos com a escola e nem sempre disponíveis, devendo ser preenchidos pedidos e verificadas as possibilidades. Não obstante tudo isso, nenhum aluno, professor ou funcionário desse Campus Caicó jamais deixou de reconhecer e ser grato por toda a boa vontade que a comunidade escolar do CAIC nos demonstrou – especialmente representada na pessoa de sua então diretora, a Profa. Lúcia Gregório –, compartilhando conosco mesmo do pouco que lhes faltava.

O plano original não era esse, mas as acomodações tiveram que ser feitas, de modo “temporário” – e lá se foram 10 anos –, até se achar outra solução, sobretudo depois de uma campanha realizada pela comunidade escolar do Centro Educacional José Augusto (CEJA), para não receber a UERN em suas instalações, como se previa.

Como nós víamos isso? Para nós da UERN, o projeto era o de que, com o funcionamento dos cursos superiores de enfermagem e odontologia, se pudesse promover junto ao CEJA uma parceria que permitisse também o funcionamento conjunto da escola, que seria reinventada parcialmente, com o apoio da 10ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (10ª DIREC) e a Secretaria Estadual de Educação, para oferecer formação de técnicos de enfermagem e de assistente de consultório odontológico, ao mesmo tempo que o ensino básico, nos moldes de uma escola técnica.⁹ Como eles viam? Para eles, a UERN estaria a invadir seus espaços escolares e inviabilizar o funcionamento de sua escola.

A partir dessa resistência inicial, para o Campus Caicó da UERN começou uma década difícil de gambiarras e investimentos temporários em instalações que depois deveriam ser abandonadas, até que uma solução definitiva fosse construída. Mas, como se diz no Seridó, “em mesa onde come um, comem mais”. Assim, não só os três cursos já citados, se uniram em uma comunidade acadêmica, como também esse campus suportou administrativa e academicamente o núcleo de Educação Superior de Enfermagem da cidade de Santa Cruz (2006 - 2011), além de ofertar o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, em convênio com a Escola de Governo do RN no período de 2013 a 2015.

O Campus foi, inicialmente, administrado de forma provisória pelo Prof. João Batista Xavier (2002-2009). Conhecido como trabalhador incansável, quando em Caicó, acordava na sala dos funcionários – onde costumava armar sua rede –, por volta das 3h da manhã, insone com todos os problemas que enfrentava e disposto a não deixar mais nenhum vigilante noturno cochilar,

⁹ Mudanças como estas no ensino básico da região só viriam a ser vistas com a inauguração do Campus em Caicó do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, que começou suas atividades em 20 de agosto de 2009.

estando já na hora de começar o trabalho. Semana após semana, exerceu seu ofício, entre coordenação do Campus Caicó e aulas, também junto ao Campus Central e ao Campus de Natal, onde auxiliou na produção do primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Ciência da Religião, que na capital do Estado, a exemplo do que ocorrera em Caicó com a filosofia, representou um socorro ao curso livre de teologia, ministrado pela Arquidiocese e seus alunos.

Nosso primeiro diretor, figura sem igual, perdeu muito sono e saúde em viagens intermináveis entre as três cidades durante esses anos. Praticamente, morava nas estradas, onde fez amizade com quase todos os motoristas da linha de ônibus da Jardinense. Esperava sempre o transporte lendo um livro, concentrado tão intensamente que, em certa ocasião, um condutor precisou dar a volta na máquina para retornar novamente à parada onde sentado estava ainda o professor, distraído como Tales de Mileto, ao cair no poço admirando as estrelas. “- Vai a Caicó?”, perguntava sempre alguém. “- Vou”. E, como em outras incontáveis vezes, ia ele com sua bolsa de mão, onde só havia um livro e duas ou três peças de roupa, incluindo uma calça comprida que vestia quando passava na reitoria ou no horário de expediente.

Ao professor João Batista Xavier, sucedeu em 2009, saindo da coordenação do curso de filosofia, a Profa. Maria Reilta Dantas Cirino (2009 a 2012). Mulher e educadora elegante, tipo de professora muito solene e amável, que mata na unha com um sorriso no rosto e sem alterar a voz. Em 2012 ela foi sucedida pelo Prof. Pe. Francisco de Assis Costa da Silva (2012-2013), que além de ter sido meu colega no seminário – o que, aliás, é honra maior para mim do que para ele –, na definição do Prof. Pe. João Medeiros Filho (2022), foi sempre um homem de poucas palavras e grandes gestos. Em razão da assunção da direção do Colégio Diocesano Seridoense (CDS), para o quê foi preciso muita coragem – como acontece toda vez que um patriarca da educação, como o Mons. Ausônio Tércio de Araújo, precisa ser substituído aos 80 anos, 50 dos quais vividos como diretor dessa instituição –, Pe. Costa passou o “bastão” do Campus, depois de apenas dois anos, para o Prof. Álvaro Marcos Pereira de Lima (2014-2019), seu vice-diretor, reeleito para novo mandato. Esse último também não chegaria a ser concluído, transferido que foi o diretor para a Faculdade de Ciências da Saúde em Mossoró – onde ficaria mais próximo de sua família, que nessa época foi residir em Fortaleza, sua terra natal, em virtude de aprovação de sua esposa em concurso público para o cargo de enfermeira. Sujeito tranquilo, o Prof. Álvaro de Lima foi para nós, sobretudo, um conciliador, por ter liderado a iniciativa pública que nos permitiu ter uma sede própria, como veremos. Enfim, a Profa. Shirlene Santos Mafra Medeiros (2019-atual), também vice-diretora no período da segunda administração do Prof. Álvaro, terminou o seu primeiro mandato e foi reeleita para um segundo. Mulher de coração enorme, e de projetos pedagógicos maiores ainda, nunca mediu esforços quando se tratou do Campus Caicó, o que incluía, para desassossego do marido, empresário do ramo da construção, pedir-lhe sempre uma doação de algum material ou mesmo o financiamento de mão de obra para alguma nova reforma. Contou-me o referido cônjuge que, certa vez, aberta uma loja em nome da esposa, logo o empreendimento foi abandonado, prejudicado que estava seja porque a professora não recusava vender fiado a ninguém, seja porque costumava fazer doações às pessoas que visitavam o estabelecimento buscando comprar algo, mas, sem recursos, não o faziam.

Isso posto, devo recuar um pouco no tempo, para falar sobre como conseguimos uma nova sede. No período da gestão do Prof. Álvaro Lima, mais precisamente em 2015, a tão esperada solução definitiva quanto à infraestrutura do Campus Caicó viria a concretizar-se, por iniciativa da Câmara dos Vereadores de Caicó, sob a presidência do Sr. Raimundo Inácio (Lobão) Filho; da Prefeitura Municipal de Caicó, governada pelo prefeito Roberto de Medeiros Germano; e do governo do Estado do RN, sob a administração do Sr. Robinson Faria. É bem verdade que, anteriormente, outra solução foi ensaiada, mas sem sucesso. Ocorreu que se tentou a construção da sede desse campus junto ao Hospital Regional do Seridó, vizinho ao qual também se edificaram

os prédios das Clínicas Odontológicas e Laboratórios da UERN. A obra foi iniciada, mas não concluída, porque os últimos recursos destinados a ela, de origem federal, não puderam ser investidos, tendo-se descoberto que o terreno não era público, apesar de lá existir um hospital público há várias décadas. Descoberto que o terreno era do Atlético Clube Corinthians de Caicó – que, em contrapartida, havia sido construído em terreno público, por uma permuta feita de boca e sem nenhuma instrução cartorial –, a situação só seria regularizada anos depois, com a confirmação da troca dos imóveis, agora com registro público e tudo.

Voltando à solução aludida anteriormente, proporcionada pela Cidade de Caicó e pelo Estado do Rio Grande do Norte, a alternativa surgiu e foi aproveitada, mas viria com um problema muito semelhante aos do terreno junto ao hospital, antes referido, já que, também agora – e não é confusão minha, caro leitor –, o prédio era de um dono e o terreno, de outro. A UERN recebeu a doação do terreno da prefeitura – com aval da Câmara – e, posteriormente, do prédio aí construído, de propriedade do Estado do Rio Grande do Norte, onde antes funcionara, até o ano de 2014, a Escola Estadual Joaquim Apolinário.¹⁰ Somando-se aos já referidos – e concluídos – prédios das Clínicas Odontológicas e Laboratórios, constituem esses lugares a infraestrutura física do Campus da UERN em Caicó. Essas instalações têm passado por sucessivas reformas e projeta-se vários investimentos nos próximos anos – sobretudo, para a alegria da atual diretora, Shirlene Santos Mafra Medeiros, mas muito mais de seu marido, Erivan Medeiros, e da Rede Fácil Construir, que irão poder diminuir os gastos que têm tido com as doações para o financiamento das últimas reformas –, ainda dentro da década de 2020, que permitirão uma completa renovação e reestruturação dos espaços.

MARCOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS

Além das muitas transformações de infraestrutura, desde sua fundação o Curso de Filosofia tem passado por muitas mudanças político-pedagógicas, procurando adequar-se às reformas nacionais – por ser um curso de licenciatura, especialmente aquelas que se voltam para a formação de professores –, regionais, internas – no âmbito da UERN –, bem como procurando recolher indicações preciosas do que a experiência ensina sobre os rumos a seguir.

Que me perdoe o leitor, pelo que vai acontecer agora, mas é necessário alguma referência a respeito. É provável que os historiadores, vacinados como são contra o tédio que pode ser provocado pelo acúmulo de informações, poderão apreciar este último esforço. Estou certo de que os pedagogos o farão. Munido desse incentivo, remediando da melhor forma que posso o risco do desinteresse e com grande esperança na perseverança dos leitores, vamos a mais algumas descrições.

Quanto à administração do curso de filosofia, em 2005 foi instituída pela primeira vez uma coordenação local autônoma e independente do Departamento de Filosofia de Mossoró, sendo nomeado para dirigi-la o Prof. José Teixeira Neto (2005-2008), a Profa. Maria Reilta Dantas Cirino (2008-2009) e o Prof. José Francisco das Chagas Souza (2009-2011). No fim desse último mandato,

¹⁰ A doação registrada e averbada em n. 4 e 5, na matrícula 11.704, Livro 2 – Registro Geral, no Cartório do Primeiro Registro de Notas e Serviço de Registro de Imóveis de Caicó, em janeiro de 2015, refere-se a um terreno medindo 10.502,78 m², localizado na Av. Rio Branco, n. 725, bairro Centro.

deu-se o primeiro processo de eleição da coordenação do curso, para cujo cargo foi reconduzido o Prof. José Francisco das Chagas Souza, para mais dois anos de mandato (2012-2014). A partir daí, foram eleitos como coordenadores, respectivamente, os professores José Teixeira Neto (2014-2016) e Galileu Galilei Medeiros de Souza (2016-2018 e 2018-2019). Em 2019, em razão das mudanças advindas com o novo Estatuto da UERN, o cargo de Coordenador do Curso foi comutado em Chefe de Departamento, tendo sido ocupado pelo Prof. Galileu Galilei Medeiros de Souza até o ano de 2020. Enfim, o Prof. Marcos Érico de Araújo Silva foi eleito para um o cargo em um primeiro mandato (2020-2022) e reconduzido para um segundo (2022-2024).

Ainda em relação às iniciativas políticas, sou obrigado, contra o bom senso – que, depois de 10 páginas, aconselha-me a parar de escrever – e certamente por influência de algum TOC de que sofro, a fazer menção à participação do nosso Campus e mais especificamente de nosso Curso de Filosofia em torno da proposição da Autonomia Financeira da UERN.

Podemos começar em 2007, quando em resposta a ofícios enviados da Associação dos Docentes da UERN (ADUERN), do Sindicato dos Técnicos-Administrativos da UERN (SINTAUERN) e do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a administração da UERN constituiu um Grupo de Trabalho (GT) para discutir e produzir sugestões sobre a autonomia financeira da UERN.¹¹

Recordando essa iniciativa, recém-saído de Caicó para assumir a Pró-reitoria de Ensino, o Prof. João Batista Xavier – que todos já devem ter reconhecido como protagonista principal dessa crônica – promoveu entre 09 e 10 de setembro de 2010 a II Jornada de Gestão do Ensino de Graduação da UERN, com tema: “Autonomia Universitária”. Posteriormente, como resultado desse evento e com base nas discussões anteriores, em 2012 foi composta a Comissão de Autonomia Financeira (CAF), da qual fez parte um dos professores de nosso Campus, Marcos de Camargo Von Zuben.¹² Essa comissão elaborou um novo documento propositivo, que ficou pronto e foi entregue ao então Reitor, o Prof. Milton Marques, em setembro de 2013.

A referida proposta de 2013, produzida com base na anterior de 2007, foi atualizada e reelaborada em 2017, por iniciativa de alguns professores e técnicos do Campus Caicó, que vieram a compor nova comissão: Prof. José Teixeira Neto, Prof. Galileu Galilei Medeiros de Souza, Prof. João Batista Xavier (agora já aposentado) e Hebert Torquato Silva (que além de técnico-administrativo da UERN, era bacharel em Direito, com pós-graduação em Direito Tributário), aos quais se reuniu o Prof. Adonias Vidal de Medeiros Júnior, indicado pelo reitor Pedro Fernandes Ribeiro Neto, para nos auxiliar com os dados e os cálculos econômicos.

A primeira dificuldade que essa última comissão precisou enfrentar foi o escândalo que causou a alguns – poucos, felizmente – o fato de um grupo de funcionários de Caicó se propor a ressuscitar um trabalho estagnado já há três anos e sem expectativa de continuidade. Felizmente, não para o reitor. A pedido de João Batista Xavier, o Prof. Pedro Fernandes consentiu em darmos andamento aos trabalhos. A verdade é que sem seu apoio não teríamos conseguido nem começar.

¹¹ Em 2007 pela Portaria Nº 3514/2006-GR/UERN foi constituído o Grupo de Trabalho – GT, composto pelos Professores José Cristóvão de Lima e Telma Gurgel da Silva, representando a Administração, pelas Professoras Maria Ivonete Soares Coelho e Tatiana Brettas Wachneidt, representando a ADUERN; pelos Técnicos-Administrativos Maria José de Sousa e Magnólia Pinto Gondim, representando o SINTAUERN; e pelo Discente Erisson Natécio Costa Torres, representando o DCE.

¹² A Portaria nº 1482/2012-GR/UERN designou os seguintes membros para comporem a referida comissão: os professores Francisco Valdomiro de Moraes – Presidente, Marcos de Camargo von Zuben e Telma Gurgel da Silva; os servidores Telma Ferreira Maia Rocha, Sérgio Luiz Lobato e Erisson Natécio da Costa Torres; os acadêmicos William Borges de Oliveira Neto, Petrônio Oliveira de Andrade e Sauro Spinelli Florêncio da Cunha; e os representantes da Reitoria, TNS Francisco Severino Neto, Prof. Fábio Lúcio Rodrigues e o Prof. Lauro Gurgel de Brito

Posteriormente, outras dificuldades apareceram, como as muitas resistências à autonomia, não de técnicos e alunos, que apoiaram o renascimento do empreendimento desde o primeiro momento, mas de alguns professores que, como afirma João Batista Xavier aos quatro ventos e para quem quiser ouvir, “fizeram de tudo para empurrar o quanto possível a aprovação desta proposta para um período em que estivesse no comando do Governo do Estado do Rio Grande do Norte alguém mais alinhado com a esquerda do que Robison Farias”. Em várias ocasiões, quando divulgávamos a proposta da autonomia pelos *campi* da UERN, tivemos a amarga surpresa de ver auditórios vazios, em resposta direta ao trabalho de destruição realizado pouco antes por quem hoje jura sempre ter apoiado o processo que levou à autonomia da UERN.¹³

Já em 2021, como remanescentes dessa última comissão, participávamos, eu e o Prof. Adonias Vidal, de uma nova – agora mista, nomeada pela governadora, Fátima Bezerra, com representantes da UERN e do Governo do Estado do RN¹⁴ – que seria responsável por elaborar de modo definitivo a Proposta de Autonomia Financeira da UERN. Essa serviu de origem do Projeto de Lei n. 411/2021, aprovado por unanimidade, no dia 16 de dezembro de 2021, pela Assembleia Legislativa do RN e sancionado, pela mesma governadora, como a Lei Estadual n. 11.045, de 29 de dezembro de 2021. Enfim, o que mais posso dizer sobre esse modelo de autonomia de gestão financeira e patrimonial da UERN senão que foi, reconhecidamente, um dos quatro maiores marcos da história dessa instituição?¹⁵

Mas agora deixemos de lado a perspectiva política e voltemos nossa atenção a aspectos pedagógicos relacionados ao Curso de Filosofia. No que diz respeito ao seu planejamento pedagógico, esse curso passou por alguns marcos que cabe também aqui registrar. E não estranhe o leitor a repetição, que vai parecer constante, dos mesmos nomes, devida a que nosso grupo de trabalho conta apenas com 12 professores efetivos e 3 técnicos-administrativos – apesar desses últimos parecem valer por 10 –, a se revezarem constantemente no exercício das mais variadas funções administrativas, de ensino, pesquisa e extensão.¹⁶

O primeiro deles diz respeito à fundação da revista de filosofia *Trilhas Filosóficas*. O título da publicação nasceu de uma conversa entre mim e o professor Marcos de Camargo Von Zuben a respeito da filosofia de Emanuel Levinás e a menção que fazia aos “rastros do outro”, constituindo as trilhas de uma filosofia para a qual a ontologia deveria ser precedida pela ética, como aparecia em *Entre nós* (LEVINÁS, 2002). Von Zuben lembrou na ocasião sobre como a região do Seridó foi povoada a partir da utilização de trilhas ou veredas criadas em meio aos sertões, geralmente nas imediações dos rios. As trilhas são, de fato, lugar de manifestação ou de rastros, mas também caminhos ou passagens. Então, trilhas filosóficas, são caminhos de vida e rastros do outro e do ser, a que toda filosofia tematiza, independente da ordem hierárquica entre ontologia e ética.

¹³ Não irei aqui mencionar nomes, porque esse escrito não tem como fim publicizar as misérias do caminho.

¹⁴ A referida comissão mista foi composta pelos seguintes membros: a) como representantes da UERN: Iata Anderson Fernandes; Adonias Vidal de Medeiros Júnior e Galileu Galilei de Medeiros Souza; b) como representantes da Associação dos Docentes da UERN (ADUERN): Patrícia Batista Barra, Kelania Freire Martins e Francisco Valdomiro de Moraes; c) como representantes do Sindicato dos Técnicos Administrativos da UERN (SINTAUERN): Francisco Elineudo de Freitas Melo, Fábio Bentes Tavares de Melo e Lidiane Moraes Fernandes; d) como representantes do Governo do Estado do RN: Maria do Socorro da Silva Batista (GAC), José Aldemir Freire (SEPLAN), José Ediran Magalhães Teixeira (SEAD), Ana Maria Moraes Costa (SEEC) e Gilton Sampaio de Souza (FAPERN).

¹⁵ Sendo os outros: a) a sua criação; b) a sua estadualização e c) o seu reconhecimento como universidade.

¹⁶ Nosso quadro atual é composto pelos seguintes membros: a) os professores: Dra. Maria Reilta Dantas Cirino, Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros, Esp. Maria Geane de Lima Ferreira, Dr. José Teixeira Neto, Dr. Marcos de Camargo Von Zuben, Dr. Galileu Galilei Medeiros de Souza, Dr. José Francisco das Chagas Souza, Dr. Francisco de Assis Costa da Silva, Dr. Lourival da Costa Júnior (Hasido), Dr. José Eudo Bezerra, Dr. Marcos Érico de Araújo Silva e Dr. Benjamin Julião de Góis Filho; b) os técnicos: Dora Régia Azevedo de Medeiros, Erivânia Maria de Medeiros e Silvanilton Araújo de Oliveira.

Para lá do nome, a revista foi concebida por iniciativa conjunta, que reuniu, além de mim e de Von Zuben, os professores João Batista Xavier e José Teixeira Neto, tendo sido seu primeiro número lançado em 2008, no final do qual está publicada uma seção histórica sobre o ensino de filosofia no Brasil, em geral, e as origens do Curso de Filosofia da UERN em Caicó, em específico. Da primeira comissão editorial, além dos professores já citados, também foi convidado a participar o Prof. Telmir Souza Soares, do Departamento de Filosofia de Mossoró. Depois, outros professores foram sendo acrescentados ao grupo inicial, como Dax Fonseca, Marcos Érico de Araújo Silva, Alberto Leopoldo Batista Neto e Klédson Tiago Alves de Souza. A revista já foi classificada com qualis B1 na área de ensino; e B5, B4 e, em 2022, A4 na área de filosofia – sua última classificação. Comemorará, ademais, 15 anos de existência em 2023.

O segundo grande marco para o qual apontarei diz respeito à criação da *Especialização em Ética e Filosofia Política*, pós-graduação *lato sensu* em filosofia, que funcionou entre os anos de 2008 e 2009, e do *Curso de Mestrado Profissional em Filosofia* – PROF-FILO, que funciona desde 2017 até hoje, ambos por meio de articulação entre professores dos dois departamentos de filosofia da UERN, Mossoró e Caicó, e, no caso do mestrado, também de professores da UERN do Campus de Natal. A referida pós-graduação *stricto sensu* é destinada a ofertar um curso de mestrado, na modalidade profissional, a professores de filosofia do ensino básico, em uma rede com abrangência nacional, sob a coordenação do Núcleo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tendo já formado mais de 25 mestres em filosofia, nosso núcleo da UERN foi coordenado inicialmente pelo Prof. José Teixeira Neto (2017-2020), substituído pela Profa. Maria Reilta Dantas Cirino (2020-2022), que atualmente está em seu segundo mandato (2022-2024).

O terceiro marco que gostaria de destacar, no âmbito do Curso de Filosofia de Caicó, diz respeito às edições de seus *Projetos Pedagógicos de Curso* (PPC), os quais devem ser levados a sério, por incrível que isso possa parecer a um leitor que creia ser esse tipo de documento escrito sempre *chartae implendae*, como afirma Cartésio a respeito da maioria dos textos (Apud GUITTON, 2018)¹⁷. Ao todo, passamos pelas seguintes elaborações, como lembra o Prof. José Teixeira Neto, de quem, talvez, tenha eu explorado demais o trabalho anterior de organizar esses dados e de propor uma interpretação coerente sobre eles, que cuido em aproveitar para ajudar a compor a exposição abaixo, mais ou menos como ele os pensou e não sem lhe dar os créditos, com é de justiça (TEIXEIRA NETO, 2022):

1) o PPC de 2002 – que inaugurou o curso de filosofia, produzido ainda pela equipe do Departamento de Filosofia do Campus Central e cujo objetivo era operar a incorporação do curso livre de filosofia a um curso da UERN;

2) o PPC de 2006 e da sua renovação em 2012 – este último com atualização de ementário e referências bibliográficas, em relação ao seu par de 2006, mas sem alterações na proposta curricular e formativa, pautados pela Resoluções do CNE/CP n. 1 e n. 2 de 2002 – sob a égide de duas intenções fundamentais: a) a integralização entre disciplinas mais próprias da licenciatura e as especificamente filosóficas, rompendo a tradição de se conceber a licenciatura como uma formação bacharelesca à qual se acrescentavam disciplinas pedagógicas ao final (fórmula do 3+1) e b) a ideia de que a prática como componente curricular deveria acontecer durante todo o curso, sendo coroada pelo estágio supervisionado;

3) o PPC de 2017 – inspirado na reforma proposta pela Resolução CNE/CP n. 2 de 1 de julho de 2015, em que se procurou, como intencionalidade principal, a proposição de um curso voltado para a formação integrada de professores de filosofia, ou seja, de docentes-filósofos ou

¹⁷ “Descartes dizia que a maioria dos livros, ‘quando se leu algumas linhas e se prestou atenção aos índices, já são totalmente conhecidos’, tendo sido o restante acrescentado *Chartae implendae*.” (GUITTON. 2018, p. 87).

filósofos-docentes, para o que seria de grande ajuda responder a um dos graves problemas que afligem nossos estudantes que chegam à graduação, referente a suas lacunas formativas, especialmente no que diz respeito ao domínio da linguagem. Nesse sentido, diversas disciplinas como Didática do Ensino de Filosofia, Laboratórios de Ensino de Filosofia, Técnicas de comunicação oral e escrita, Poética, Retórica e Dialética foram criadas; além de serem abertas novas disciplinas relacionadas à história da Filosofia, para permitir uma aproximação mais profunda com a tradição;

4) por último, o PPC de 2022: com base na nova Resolução CNE/CP n. 2 de 20 de dezembro de 2019 – promulgada apenas 4 anos depois da anterior, Res. CNE/CP n. 2 de 2015, em um período em que nem sequer a maioria dos cursos de licenciatura do Brasil a haviam já implementado, situação em que compomos o grupo da exceção –, o Departamento de Filosofia de Caicó preparou em 2022 novo PPC, aprovado pela Resolução CONSEPE/UERN n. 037/2022, de 13 de abril de 2022. A mais nova orientação, que passará a vigorar a partir de 2023, representa como mudança, em relação ao PPC anterior (de 2017): a) uma concepção pedagógica relida a partir de competências e habilidades fundamentais, determinadas para os professores de filosofia pela nova resolução;¹⁸ b) o aumento dos componentes curriculares vinculados à história da Filosofia – porém, com mudança para o *status* de disciplinas optativas de outros componentes, antes obrigatórios, voltados à solução dos problemas de linguagem dos estudantes, como Poética, Retórica, Dialética e Técnicas de Comunicação Oral e Escrita II; c) a criação e implementação das Unidades Curriculares de Extensão (UCE's), correspondendo a 10% da carga horária obrigatória do curso; d) o retorno da distribuição do componente curricular de monografia para 4 períodos, em substituição à anterior, que havia estipulado que se o fizesse em 3.

Ainda indicaria, como quarto marco histórico-pedagógico significativo, a proposição de diversos programas formativos, e espero que o leitor não se perca nos tantos “PI”. Entre eles, sublinharei o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – que funciona junto ao Curso de Filosofia, como subprojeto, desde o ano de 2014, sendo coordenado pelos professores José Teixeira Neto (dois editais: 2014-2018); por mim, Prof. Galileu Galilei Medeiros de Souza e pelo Prof. José Francisco das Chagas Souza (edital: 2019-2021); e pelo Prof. Benjamim Julião Góis (edital: 2022-2024). O PIBID tem dado uma contribuição fundamental na formação de nossos estudantes por permitir a antecipação de sua futura vida profissional, resolvendo antigos problemas formativos provenientes do descompasso entre formação universitária e o trabalho na escola; além de permitir aos professores universitários um contado com a vivência escolar, importante para conservar uma concepção realista do ensino básico, para o qual os futuros professores de filosofia estão sendo formados na licenciatura.

Outras iniciativas como o Programa Institucional de Monitoria (PIM) – voltado para o aproveitamento de alunos, que tiveram bom desempenho em componentes curriculares, como monitores de estudos de colegas de períodos anteriores, oferecido desde os primeiros anos do curso (desde 2002) –, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – voltados para o exercício e a introdução da iniciação científica junto a estudantes dos cursos superiores – e o Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) – voltado para a atuação de estudantes junto a projetos e programas de extensão universitária, que levam a ação das instituições à comunidade extra-acadêmica, inclusive com diversos projetos voltados para o estudo e a prática da filosofia com crianças do ensino fundamental – têm ajudado a complementar a formação dos nossos alunos, com conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências

¹⁸ O que atende ao repertório enunciado pelas DCN/CNE/CP/2019, apresentadas no Anexo à Resolução CNE/CP n. 2 de 20 de dezembro de 2019, sob o título “Base Nacional Comum Para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BCN-Formação)”.

relacionadas com a pesquisa e o *métier* docente, especificamente voltado ao ensino da filosofia em todo o sistema básico.

Isso posto, parece-me recomendável tecer uma última consideração sobre a conexão entre esses diversos organismos formativos que caracterizam a vida de nosso Curso de Filosofia, para que o leitor não saia com a impressão de uma divagação sem nexos. Nesse sentido, basta mencionar o fato de que, desde a atuação em nossos projetos de extensão, nos programas PIBID e nos estágios supervisionados junto às escolas de Ensino Básico, passando pela formação superior da licenciatura em filosofia, comprometida com a educação de filósofos-docentes, até atingir a formação continuada que é facultada por nosso Mestrado Profissional em Filosofia e o compromisso com a produção e divulgação científica e filosófica, não só de nossa revista *Trilhas Filosóficas*, como também de nossos projetos de pesquisa, o Curso de Filosofia de Caicó tem demonstrado, intencionalmente, seu compromisso com uma formação filosófica o quanto possível integralizada, ou seja, comprometida com todos os seus níveis, momentos e perspectivas: no ensino e profissionalização docente, na pesquisa e na extensão; e do ensino fundamental à pós-graduação.

E, a este ponto, caro leitor, depois de tanta informação, mais do que você, desejo eu pôr um termo a esse escrito, para não me parecer, muito mais do que o tolerável, como o autor do *Ateneu*. Felizmente, os interessados por esse texto que escrevo não virão a ele, assim espero, com a disposição de quem quer ler de modo corrente e fácil um romance, como o fazem os que, incautamente, daquele se aproximam. Em todo caso, sem querer roubar mais da paciência dos que de bons romances nutrem o espírito, já que alguns deles podem querer ler esse escrito, deixem-me ir direto ao fim.

O EPÍLOGO

Essa crônica, agora quase acabada, pretende se constituir, muito mais para os que a viveram em carne e osso, uma imagem vívida e vivificante de uma epopeia, versificada pelo esforço de pelo menos duas gerações, a respeito do maior empreendimento filosófico já realizado no semiárido potiguar. Na última semana de filosofia, entre 16 e 18 de novembro de 2022, celebramos festivamente esse acontecimento, sob a inspiração de um tema que bem resume nossa percepção a respeito: “20 anos de filosofia no *Ser-tão* do Seridó”. Para nós, personagens dessa narração, duas décadas desse exercício da filosofia nos ensinaram a seguir, em nossas próprias circunstâncias, as trilhas do Ser, que são também os rastros de nossa humanidade, as quais nos levaram a “ser tão do Seridó”. A verdade sobre isso é que tanto as dificuldades que sofremos, quanto as alegrias partilhadas nessa empreitada nos fizeram ser o que somos: tão intensamente unidos como parte dessa obra. Se é nobre começar bem, mais nobre ainda é continuar bem, ainda mais a partir de um esforço comum, promovido por quem quer as mesmas coisas. E para isso estamos prontos: que venham os próximos 80 anos.

Como registro final, gostaria de expressar aqui o desejo, que não é só meu, de que a UERN possa render ao maior responsável por sua presença no Seridó – e que, como bem entenderá o leitor atento, seja em um futuro bem distante – a homenagem que lhe é devida mais do que a qualquer outra pessoa: como o menino Inácio um dia descobriu chamar-se João Batista Xavier, assim também aconteça com esse Campus Caicó.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. v. 2 Texto Grego com tradução a frente e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP n. 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP n. 2, de 19 de fevereiro de 2002**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP n. 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC — Formação).

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução n. 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, 2015.

FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Campinas: Kírion, 2021.

GUITTON, Jean. **O trabalho intelectual**. Campinas: Kírion, 2018.

LÉVINAS, Emmanuel. **Tra noi: saggi sul pensare-all'altro**. Milano: Jaca Book, 2002.

MEDEIROS FILHO, João. O GDS ontem e o CDS hoje. In: SILVA, Francisco de Assis Costa e SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de (Orgs.). **In principio erat verbum: 80 anos de nossa história com o Colégio Diocesano Seridoense**. Caicó/RN: Letra Capital, 2022, p. 38-45.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da Universidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

PLATÃO. Teeteto. In: PLATÃO. **Diálogos: Teeteto, Sofista, Protágoras**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

ROCHA, Jaime Vieira. *Liber vi spiritus*: liberdade pela força do espírito. **Trilhas filosóficas**. Caicó, Ano 1, n. 1, jan.-jun. 2008, p. 134-139.

TEIXEIRA NETO, José. Cenas pessoais e marcas educacionais do Diocesano. In: SILVA, Francisco de Assis Costa e SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de (Orgs.). **In principio erat verbum: 80 anos de nossa história com o Colégio Diocesano Seridoense**. Caicó/RN: Letra Capital, 2022, p. 27-37.

**TRAJETÓRIA DA PESQUISA EM ENSINO DE FILOSOFIA NA UERN
CAICÓ**

[TRAJECTORY OF RESEARCH IN PHILOSOPHY TEACHING AT UERN CAICÓ]

Marcos de Camargo von Zubenzuben@uol.com.br

Graduado em Filosofia (1996) e mestre em História (1999) pela Universidade de Brasília. Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2010). Professor adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, departamento de filosofia, Campus Caicó/RN. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação interdisciplinar em ciências sociais e humanas UERN no período 2012/2022. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia (UERN/Caicó/RN). É membro do GT Filosofar e ensinar a filosofar da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e do grupo de pesquisa Filosofia e Educação UERN/CNPq.

Maria Reilta Dantas Cirinomariareilta@hotmail.com<https://orcid.org/0000-0003-2362-7271>

Professora Adjunta IV, com dedicação exclusiva à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Departamento de Filosofia - DFI/ Campus Caicó. Graduada em Pedagogia/FFM/Patos/PB. Especialista em Psicopedagogia/UFRJ e em Educação Infantil/UFRN. Mestre em Educação (2008) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutora em Educação (2015) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - Conceito 7 - e com etapa de pesquisa doutoral no exterior, Sanduiche CAPES, na Universidad de La Plata, na Argentina. Exerceu a função de Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Filosofia - PROF-FILO/Núcleo UERN/Caicó, período out/2020-out/2024. Líder do Grupo de Pesquisa "Ensinar e Aprender na Educação Básica/UERN/Caicó/RN" e membro dos seguintes Grupos de Pesquisas: "Filosofia e Educação"/UERN/Caicó/RN, Núcleo de Filosofias e Infâncias - NEFI/UERJ/RJ.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5174](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5174)

Recebido em: 26 de junho de 2023. Aprovado em: 10 de julho de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 37-43**ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5174](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5174)****Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó**

Trajetória da pesquisa em Ensino de Filosofia na UERN Caicó

ZUBEN, Marcos de Camargo von; CIRINO, Maria Reilta Dantas

Resumo: O artigo aborda a trajetória histórica de constituição e desenvolvimento da pesquisa sobre o ensino de filosofia realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Filosofia, Campus Caicó. Para tanto, apresenta as ações e publicações realizadas pelo corpo docente e discente no período entre 2008 e 2022. São descritos os eventos realizados, a criação de grupos de pesquisa, a formação docente e as publicações na área de ensino de filosofia. Destaca-se ainda a criação do mestrado profissional em filosofia, pós-graduação em rede composta atualmente por 25 instituições de ensino superior. Conclui sobre a consolidação da pesquisa na área e a importância do planejamento, das atividades conjuntas da equipe de pesquisadores e do compromisso com a melhoria da qualidade do ensino de filosofia.

Palavras-chave: Pesquisa. Ensino de Filosofia. UERN. Caicó

Abstract: This article addresses the historical trajectory of the constitution and development of research on teaching philosophy carried out at the State University of Rio Grande do Norte, Department of Philosophy, Campus Caicó. To this, it presents the actions and publications carried out by professor and students from 2008 to 2022. The events carried out, the creation of research groups, teacher training and publications in the area of philosophy teaching are described. It also highlights the creation of the professional master's degree in philosophy, a graduate network currently made up of 25 higher education institutions. It concludes on the consolidation of research in the área and the importance of planning, the joint action of the team of researchers and the commitment to improving the quality of philosophy teaching.

Keywords: Research. Teaching Philosophy. UERN. Caicó

No ano de 2022 em que o curso de filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Caicó, completa 20 anos de existência, importante se faz o registro histórico do processo de desenvolvimento da pesquisa em ensino de filosofia que culminou com a criação do Núcleo Local da UERN, Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo), Programa¹ de pós-graduação em rede, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Criado em 2017, o Prof-Filo tem como objetivo ofertar curso de mestrado a professores de filosofia do ensino médio ou fundamental, na modalidade profissional, em abrangência nacional. Inicialmente, a rede foi formada por 16 núcleos em instituições de ensino superior públicas estaduais e federais de todas as regiões do país; recentemente, em 2022, foi ampliada para 25 núcleos. Assim, pretende-se de modo breve indicar os principais momentos que constituíram esse importante processo de pesquisa em ensino de filosofia, resultado do esforço de toda uma equipe.

A criação do núcleo do Prof-Filo na UERN Campus Caicó foi resultado do engajamento coletivo dos docentes e discentes dos Cursos de Licenciatura em Filosofia dos departamentos de Filosofia – DFI/Campus Caicó e do Campus Central de Mossoró/ UERN em torno da pesquisa na área do ensino de filosofia, que começa a tomar impulso em 2008 com duas iniciativas importantes que visavam a fomentar o trabalho de pesquisa na área. Primeiramente, a criação da Revista Acadêmica *Trilhas Filosóficas*², com o objetivo de publicar pesquisas de pós-graduação em filosofia com ênfase editorial em publicação de trabalhos na área do ensino, como atestam as muitas publicações ocorridas nos 15 anos de existência da revista, bem conceituada na avaliação da Capes relativa ao último quadriênio 2017-2020, com conceito Qualis A4. A segunda iniciativa consistiu na organização do I Simpósio Estadual sobre o Ensino de Filosofia no Rio Grande do Norte (I Simphilo)³, ao que se seguiram mais duas edições do evento, respectivamente em 2013⁴ e 2019⁵, nesse último ano concomitantemente ocorreram, com financiamento da Capes, a VII Semana de Filosofia e VI Jornada de Ensino de Filosofia – VI JENFIC. Essas iniciativas, além de se constituírem em incentivo à investigação, possibilitaram o início da inserção dos professores do departamento na rede nacional de pesquisa, tendo acesso às principais publicações e discussões realizadas. Destaca-se a participação de docente do curso, desde a sua criação em 2006, do Grupo de Trabalho (GT) Filosofar e Ensinar a Filosofar, da Anpof⁶, focado nas pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem em filosofia.

Ainda em 2008, iniciam-se os projetos de pesquisa e extensão *Filosofia e infância: experiência e pensamento na escola*, ainda vigentes, em uma escola pública do município de Caicó (SILVA; CIRINO, 2017), também o projeto *Descrição e análise crítica dos componentes presentes nos principais livros didáticos de filosofia para o ensino médio existentes no mercado editorial brasileiro* (ZUBEN, 2013) ambos premiados como melhores pesquisas em Ciências Sociais e Humanas na iniciação científica na UERN.

Em 2009, é criado o Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação, vinculado ao DFI/Campus Caicó e certificado pelo CNPq, sendo iniciados novos projetos, como a pesquisa *Estudos de Lógica Simbólica* voltada para a elaboração de material de ensino (GALILEU, 2013).

¹ <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/prof-filo/>

² <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/index>

³ <https://portal.uern.br/blog/simposio-de-filosofia-supera-expectativa-dos-organizadores/>

⁴ <https://portal.uern.br/blog/ix-semana-de-filosofia-e-ii-simposio-estadual-sobre-o-ensino-de-filosofia-ocorrem-no-campus-central/>

⁵ <https://caico.uern.br/dfi/default.asp?item=filosofia-caico-eventos>

⁶ <https://www.anpof.org/gt/gt-filosofar-e-ensinar-a-filosofar#:~:text=A%20institucionaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20GT%20Filosofar,a%20Filosofar%20completa%2017%20anos.>

⁶ <https://www.anpof.org/gt/gt-filosofar-e-ensinar-a-filosofar#:~:text=A%20institucionaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20GT%20Filosofar,a%20Filosofar%20completa%2017%20anos.>

Em 2010, realiza-se o evento local I Jornada de Ensino de Filosofia – I JENFIC, já em sua sexta edição. A partir desse ano, inicia-se o processo de qualificação docente, com as titulações de doutorado da equipe do departamento, chegando hoje a 10 doutores em uma equipe de 12 professores.

Em 2011, os estudos e a atuação na área ganham novo impulso com a implantação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência em Filosofia (Pibid), vinculado ao Ministério da Educação, com a concessão de bolsas para atuação dos estudantes de filosofia nas escolas, vigente até hoje. Com esse programa, ampliam-se as apresentações de trabalhos e publicações de docentes e discentes, assim como uma maior aproximação da universidade com as escolas públicas de Caicó.

Em 2016, destacam-se dois importantes acontecimentos para esse processo: a publicação do livro *Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina)* (CIRINO, 2016) e a criação do Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica – GP – EAEB/CNPq/UERN, em parceria com a 10ª Diretoria Regional de Educação e Cultura – 10ª DIREC, com sede em Caicó. Todo esse conjunto de atividades voltado para a área do ensino de filosofia propiciou que em 2016 participássemos das discussões desencadeadas no âmbito do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF sobre a necessidade de criação de um mestrado profissional em filosofia, que teria como objetivo principal melhorar a qualificação docente de filosofia no ensino médio.

Aprovado pela Capes, em 2017, o PROF-FILO inicia suas atividades, sendo a equipe do Núcleo Local da UERN em Caicó constituída inicialmente por professores de filosofia de Caicó, Mossoró, Natal e, mais recentemente, com a primeira etapa de credenciamento e reconhecimento docente, passa a ser composto também com um docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, totalizando hoje uma equipe de 11 docentes permanentes e 4 colaboradores.

Em 2020, publicamos um livro com os primeiros resultados das pesquisas em ensino de filosofia do Prof-Filo Núcleo Caicó (TEIXEIRA NETO; CIRINO, 2016), destacando a contribuição das pesquisas para o aprimoramento das práticas docentes dos professores da Educação Básica, para a ampliação da produção de conhecimento na área de ensino de filosofia no Brasil e para o fortalecimento da pós-graduação em filosofia no Campus Caicó da UERN.

A produção técnico-científica da equipe docente no período 2017/2020 também foi significativa, com a publicação de 200 trabalhos, entre eles 10 artigos em jornais ou revistas, 55 artigos em periódicos científicos, 73 livros e capítulos de livros e 62 trabalhos em Anais de Eventos. Foram também produzidos no período 180 trabalhos técnicos envolvendo 117 apresentações de trabalhos em eventos científicos, 6 Produtos Técnico-tecnológicos (PTTs)⁷, 7 programas de rádio ou TV, além de 50 trabalhos técnicos diversos.

Em 2021, destaca-se a constituição no âmbito do mestrado do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão *entre* Filosofias e Educação – NEEPFE/PROPEG/PROF-FILO/UERN. O núcleo já realizou no período 2021/2023, em rede, diversas atividades de extensão voltadas para o ensino de filosofia através da *Agenda Prof-filo em movimento*⁸, sendo 3 painéis, 3 oficinas, 2 minicursos e 2 conversatórios, com o total de 266 participantes.

Na primeira avaliação externa do Programa Mestrado Profissional em Filosofia realizada pela Capes, relativa ao quadriênio 2017/2020, o Prof-Filo obteve Nota 4, nas dimensões de Programa, Formação e Impacto Social, caracterizando-se como um programa de excelência para a formação continuada de docentes. O Núcleo Local da UERN, Campus Caicó, está neste ano de

⁷ https://sigaa.uern.br/sigaa/public/programa/secao_extra.jsf?lc=pt&id=1052&extra=895871

⁸ <https://doity.com.br/proffilo-em-movimento-2022/regulamento>

2023 em sua sexta turma, já tendo titulado 31 mestres e possui atualmente 29 estudantes-docentes matriculados.

As temáticas pesquisadas pelos professores do Núcleo UERN envolvem os mais diversos temas provenientes de desafios enfrentados nos contextos de suas salas de aulas com o ensino de filosofia. Tal aspecto aponta para a singularidade das pesquisas que buscam a articulação entre teoria e prática, sendo uma das principais características que integram as políticas de formação de professores da Capes, das quais o Prof-Filo faz parte como Mestrado Profissional em rede.

Tendo em vista que a finalidade da formação ofertada no Prof-filo é a melhoria da qualidade da docência em Filosofia na Educação Básica, o programa oferece aos profissionais admitidos como seus discentes uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia. Tal formação revela-se por meio das pesquisas realizadas. Assim, apresentam-se a seguir, de modo panorâmico, os quadros com as palavras-chave dos resumos das 31 dissertações no Núcleo UERN, sendo possível inferir que a aderência das pesquisas ao perfil do Mestrado Profissional em Filosofia tem sido atendida. Além das referências aos conceitos e pensadores da área específica da filosofia, predominam: ensino, filosofia, reflexão, metodologia, transformação, ensino médio, aprendizagem, entre outras, apontando para um processo de formação por meio da pesquisa, tendo como espaço de produção de novos conhecimentos a prática pedagógica dos mestrados-professores.

Quadro 1 – Palavras-chave das dissertações Prof-Filo/Núcleo UERN

TURMA 2017-2019
Mulher. Filosofia. Invisibilidade. Ausência. Livro didático.
Nietzsche. Metodologia de ensino. Ensino médio. Prática filosófica.
Filosofia. Ação. Reflexão. Prospecção. Ensino.
Autenticidade. Cuidado. Fenomenologia. Ensino.
Educação. Filosofia. Transformação social.
Mito da Caverna. Platão. Diálogo. Conhecimento. Processo de aprendizagem.
Ensino de filosofia. Platão. Diálogos socráticos. Elenchos. Argumentação.
Filosofia. Ensino de filosofia. Alteridade. Reconhecimento.
Experiência no Ensino de Filosofia. Interacionismo Simbólico. Formação Social do Sujeito.
Filosofia. Método. Ensino de Filosofia. Ensino Médio.
Filosofia. Ensino. Deleuze. Guattari. PIBID.
Filosofia. PIBID. Experiência. Metodologia.
Filosofia da Ciência. Ensino de Filosofia. Karl Popper.

Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>

Quadro 2 – Palavras-chave das dissertações Prof-Filo/Núcleo UERN

TURMA 2018-2020
Ética. Política. Ensino de Filosofia. Projeto de Vida.
Filosofia. Ensino. Conceito.
Homem. Natureza. Sociedade.

Hannah Arendt. Eric Voegelin. Totalitarismo. Ensino de Filosofia no Ensino Médio.
Igualdade. Emancipação. Aprendizagem de Filosofia. Avaliação. Jacques Rancière.

Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>

Quadro 3 – Palavras-chave das dissertações Prof-Filo/Núcleo UERN

TURMA 2019-2021
Deleuze-e-Guattari. Experiência. Sentido. Aprender. Ensinar.
Pedagogia de Paulo Freire. Memória Experiencial. Filosofia. Mead. Interacionismo Simbólico de GH.
Sócrates. Processo Dialógico. Ato do Filosofar. Experiência filosófica. Professor-filósofo/aluno.
Filosofia. Massificação. Ensino. Vida.
Exercícios Emancipatórios. Aprendizagem. Emancipação. Filosofia.
Filosofia com crianças. Infâncias. Experiências de pensamento.
Intuição. Ensino de filosofia. Gamificação. Aprendizagem experiencial. RPG.

Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>

Quadro 4 – Palavras-chave das dissertações Prof-Filo/Núcleo UERN

TURMA 2020-2022
Ensino de filosofia. Aprendizagem colaborativa Wiki. Interação. TDICs.
Exercícios espirituais. Diálogo. Filosofia. Ensino. Emancipação.
Educação e Intersubjetividade. Ensino de Filosofia. Desinteresse. Inversão de valores. Reflexividade e autorreflexividade.
Desinteresse. Ensino. Estudante. Professor. Filosofia.
Pedagogia de Projetos. Experiência. Ensino de Filosofia. Filosofia Deweyana. Produção do Conhecimento.
Filosofia. Cinema. Ensino. Capital. Educação.

Disponível em: https://sigaa.uem.br/sigaa/public/programa/secao_extra.jsf?lc=pt_BR&id=1052&extra=4916113

Como se pode notar, muito se fez nesses últimos 15 anos na UERN/Campus Caicó desde que se iniciaram as ações voltadas para o desenvolvimento da pesquisa em ensino de filosofia. Esse processo foi favorecido, entre outros aspectos, pela ação formativa articulada entre a graduação e a pós-graduação e entre o ensino, a pesquisa e a extensão; o investimento permanente na formação do corpo docente; o planejamento coletivo das ações de pesquisa; a avaliação e a autoavaliação envolvendo docentes, técnicos e discentes, aliados ao imprescindível compromisso com a qualidade e impacto social, e o espírito de amizade e companheirismo que marcam o trabalho cotidiano da equipe docente, discente e técnico-administrativa do Departamento de Filosofia – DFI/do Campus UERN/Caicó, o que faz vibrar e construir os sentidos e significados de ser e estar em filosofia no Ser-tão da Região do Seridó.

REFERÊNCIAS

CIRINO, Maria Reilta Dantas. **Filosofia com crianças**: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Filosofias e Infâncias – NEFI, 2016. v. 1. 258p. Disponível em: <http://filoeduc.org/nefiedicoes/colecoes.php?#livros>

SILVA, Rafael Medeiros da; CIRINO, Maria Reilta Dantas. Filosofia e infância de mãos dadas com a tecnologia. In: **Anais I CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES E ESTUDIOSOS DE FILOSOFIA** – Os desafios do ensino de filosofia na escola. v. 5, p. 43- 44, ASPEFIL/UFPB: João Pessoa/PB, 2017. ISBN 978-85-5696-279-9

SOUZA, Galilei Galilei Medeiros. **Estudos de Lógica Simbólica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. v. 1. 181p.

TEIXEIRA NETO, José; CIRINO, Maria Reilta Dantas (org.). **Filosofias do Ensino de Filosofia**: perspectivas filosóficas e ações educativo-filosóficas na educação escolar. Curitiba: CRV, 2020. v. 100. 194p.

VON ZUBEN, Marcos de Camargo; ARAÚJO, Joelson Silva de; COSTA, Izanete de Medeiros. Avaliação dos principais livros didáticos de filosofia para o ensino médio existentes no mercado editorial brasileiro. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 20, maio-out./2013, p. 157-178.

A FORMAÇÃO DO CURSO DE FILOSOFIA EM CAICÓ-RN: UMA ANÁLISE DO INÍCIO ATÉ OS DIAS ATUAIS (1998-2024)

[THE DEVELOPMENT OF THE PHILOSOPHY COURSE IN CAICÓ-RN: AN ANALYSIS FROM ITS INCEPTION TO THE PRESENT DAY (1998–2024)]

Marcio de Lima Pacheco

ppachecus@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3902-2680>

Pós-Doutor em Letras/Linguística, Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Mestre em Filosofia/Metafísica (UFRN)/ Avaliador do INEP/MEC para os Cursos de Ciências da Natureza, Biologia, Filosofia e Teologia/Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela (FASA)/ Licenciado em Filosofia (UERN)/ Bacharel em Teologia Faculdade Católica Deboniana/; Licenciado em Língua Portuguesa e Espanhol (UNICV), Licenciando em Biologia pela Centro Universitário FAVENI; Bacharelado em Engenharia Civil pela UNP. Professor e tradutor do: Latim, Grego e Hebraico; Docente do Mestrado Acadêmico em Filosofia e Adjunto da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Avaliador do MEC/INEP para os Cursos de Filosofia, Ciências Biológicas, Letras Português/Espanhol e Teologia.

Francisco de Assis Costa da Silva

franciscocosta@uern.br

<https://orcid.org/0000-0001-9874-0784>

Natural de Caicó. Sacerdote católico. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1993) , em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), graduação em Letras Clássicas: Português-Latim-Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998), mestrado em Teologia Fundamental pela Pontifícia Università Gregoriana di Roma (2004) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana di Roma (2007). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia e na área de Letras Clássicas com ênfase em Latim e em Filosofia. Diretor do Colégio Diocesano Seridoense (CDS).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6115](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6115)

Recebido em: 1 de maio de 2023. Aprovado em: 10 de junho de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 45-71

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6115](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6115)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



Resumo: Este artigo visa destacar a relevância do *Curso de Filosofia na Região do Seridó*, em especial a grande audácia da Diocese de Caicó e da UERN em fomentar esse curso, abordando sua trajetória desde a concepção até os dias atuais. Inicialmente, será explanado como se deu a criação do curso, sua gênese, enfatizando os contextos e motivações para a criação do mesmo. Posteriormente, analisa-se o processo de integração do curso na estrutura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e o acolhimento institucional recebido. Serão examinados também os frutos que se deram nessa primeira turma, refletindo sobre os impactos acadêmicos e sociais gerados, bem como os desafios do curso presente. Tudo isso dentro de uma metodologia que adota uma abordagem bibliográfica, complementada por técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa, a fim de fornecer uma análise detalhada abrangente.

Palavras Chaves: UERN. Filosofia. Ensino. Educação. Diocese de Caicó

Abstract: This article aims to show highlight the significance of the *Philosophy Course in the Seridó Region* tracing its evolution from inception to the present day. Initially, it addresses the creation of the course, exploring the contexts and motivations for its establishment. Subsequently, the integration of the course within the structure of the State University of Rio Grande do Norte (UERN) and its reception by the institution are discussed. The outcomes achieved by the first class are also evaluated, considering the resulting academic and social impacts. Moreover, the paper examines the current challenges faced by the course. The methodology employed includes a bibliographic approach, supplemented by quantitative and qualitative research methods, providing a detailed and comprehensive analysis.

Keywords: UERN. Philosophy. Teaching. Education. Diocese Caicó

INTRODUÇÃO

A filosofia sempre é posta em dúvida por parte de alguns que a reconhecem como perda de tempo, ou mesmo, somente passatempo intelectual sofisticado e inútil. Conforme essa visão, a filosofia seria um entretenimento para alguns, resultante mais da preguiça, e para matar o tempo, do que das reais exigências humanas práticas. Todavia, em contraposição àquela opinião, é necessário dizer que, há também aqueles que atribuem à filosofia a capacidade de proporcionar revelações extraordinárias, que possam transformar o mundo em um passe de mágica. Essas duas opiniões opostas representam os extremos de opiniões sobre a filosofia.

O fato é que a filosofia “aspira à verdade total, que o mundo não quer. A filosofia é, portanto, perturbadora da paz” (Jaspers, 2011, p.138). Ela aspira à verdade, pois não se contenta com explicações, sem que haja uma criteriosa reflexão. A filosofia desempenha, pois, um papel indispensável na formação de indivíduos mais conscientes e sociedades mais reflexivas, sendo capazes de enfrentar os desafios contemporâneos com maior sabedoria e perspectiva.

No mundo contemporâneo, o adágio *ipse dixit* manifesta uma influência significativa em relação ao conteúdo disseminado e postado na internet. Materiais diversos como notícias, áudios, vídeos, fotos, estudos, notas entre outros, são propagadas e, em sua maioria, automaticamente acreditadas por aqueles que a consomem, sem haver qualquer reflexão sobre a veracidade os fatos ali narrados e apresentados.

A interação nas redes sociais, hoje, em muitos casos, é como se voltássemos no tempo e nos deparássemos com a sofística. Por dois motivos: um saudável e outro depreciável: a) é importante para uma discussão, e abre a cenário, muitas vezes, para problemas e discussões desconhecidas a grande parte da população: política, ética, moral, lógica, crítica literária, sobre o que é a verdade; b) Vemos que muitos dos conteúdos são caracterizados pela proposta de ensinar “as virtudes” ou outra coisa qualquer em troca de *views* e monetização do conteúdo. Isto é, o discurso, ali exposto, em grande maioria, tem em vista o lucro.

O *sofista da internet* se faz, sob o pretexto de ensinar, visa primordialmente a busca do lucro, do dinheiro, do ganho financeiro. Para tanto, seus alvos são aqueles que se dispõem a assistir ou comprar o seu produto, como *cursos online*. A noção de sofista é aquele que comercializa o ensino das virtudes, que é explorada e desenvolvida por Sócrates, no diálogo *Protágoras*, de Platão (1986, 313a), indagando: qual a contribuição substancial de que um sofista pode acrescentar e oferecer à alma de melhor com seus ensinamentos?

É a partir dessa pergunta de Platão que podemos notar que, com uma calculada atenção reflexiva, é possível fazer vir à tona a verdade daquilo que foi mostrada, dita, escrita ou ouvida. Por isso, essa serenidade intelectual, a filosofia, é a perturbadora da paz do homem de senso comum, que está envolvido em suas crenças, marcadas pelas falácias cotidianas.

O presente artigo faz parte de um Projeto de Pesquisa mais amplo, que focalizava nos cursos de Filosofia, no Estado do Rio Grande do Norte, *A formação de professores de filosofia para o estado do Rio Grande do Norte: a aposta na filosofia diante da LDB e da volta da filosofia ao Ensino Médio*

(2015)¹, do docente Marcio Pacheco, no qual aborda as questões metodológicas, socioeconômicas, políticas e culturais do Rio Grande do Norte, para a implementação dos cursos de Filosofia.

É importante ressaltar que o período de 2022-2023 marca significativamente o *Curso de Filosofia* na cidade de Caicó, completa 20 anos de existência. Esse marco educacional constitui um divisor de águas para a região. O Seridó deu ao mundo tantos ilustres pesquisadores, políticos, homens e mulheres de boa fama e de uma inteligência sobrenatural, fazendo parte daquele singular nicho de intelectualidade que temos no Brasil.

Neste texto, com um recorte para a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), demonstrar-se-á, como através da implantação do *Curso de Filosofia* em Caicó catalisou um avanço na educação superior na Região do Seridó. Também, será apontado como ocorreu, a criação dos *Cursos Eclesiásticos de Filosofia e Teologia*, pela Diocese de Caicó, o processo de absorção desse curso pela UERN, os frutos colhidos dessa primeira turma e os desafios atuais e futuros que o curso enfrenta e enfrentará.

Ao tentar resgatar parte da história da educação seridoense, defronta-se com a impossibilidade de recordar de tudo ou relatar cada detalhe. Logo, o meio mais seletivo da narrativa a que se configura é a memória de um povo, mais especificamente daqueles que viveram aqueles eventos.

O que se coloca em discussão neste artigo, além dos documentos pesquisados como atas, diários, Planos de Curso, cartas, entre outros, como já foi dito, é a memória de parte da educação seridoense que se cruza com a abertura dos *Cursos de Filosofia e Teologia*. Esse lembrar-se, conforme Ricoeur (2007, p.71), “não é somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa”. Assim, essa memória que se busca é de natureza pragmática. Isso significa que ela deverá ser exercitada, exigindo não só a recordação do que foi vivido, mas uma ação concreta diante dessa lembrança. A recordação está presente tanto no plano cognitivo, quanto no pragmático. Sendo que na fase cognitiva encontra-se o reconhecimento que coroa a busca bem-sucedida, e no campo pragmático encontram-se o esforço e o trabalho.

Como explica Ricoeur (2007, p. 72), “o ato de fazer memória vem inscrever-se na lista dos poderes, das capacidades, que dependem da categoria ‘eu posso’”. O ato de rememorar é um processo inverso ao esquecimento. É um ato de resistência. Nesse caso, resistência em vista de não ser esquecida parte da história que permeia esse semiárido nordestino. Já que o esquecimento seria uma ameaça que pesa sobre a memória como recordação, e é um limite da exigência do conhecimento histórico de que providencia uma narrativa que ligue os acontecimentos passados. O fato esquecido não é só o inimigo da memória e da história. Por isso, há de se resgatá-lo. Para esse fim, há a figura positiva que se chama, o “esquecido de reserva”, o qual é um recurso “reversível” a qualquer balanço com o passado, por meio da memória ou da história.

¹ Toda documentação relativa a essa pesquisa e a este artigo estão disponíveis em PDF pelo sítio: <https://http://icscaico.com.br>. Acesso em: 22 abr. 2008.

1 A CRIAÇÃO DOS CURSOS SEMINARÍSTICOS DE FILOSOFIA E TEOLOGIA PELA DIOCESE DE CAICÓ-RN EM 1999

Aos 10 de fevereiro de 1998, o então visionário e empreendedor bispo da Diocese de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha, junto ao clero, que em sua grande maioria, era formado por professores da educação superior, discutiram a possibilidade da criação dos *Cursos Seminarísticos de Filosofia e Teologia*. Isso se deu, em grande parte, pela qualidade intelectual dos seminaristas que estavam sendo acompanhados, e que sempre expressavam ao bispo e ao reitor do seminário a necessidade da implantação de cursos superiores, para atender a formação não só daqueles, mas, também, da população em geral, que apesar de bem instruída, ainda não tinha disponível um *Curso de Filosofia e Teologia* naquelas paragens.

Os seminaristas tinham a percepção de que a Região do Seridó comportava a implantação de outros cursos, fora os que eram ofertados pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Outro entendimento desses seminaristas era que, apesar do ensino na Arquidiocese de São Sebastião e Cajazeiras ser altamente formativo, haveria de formar, os que queriam exercer o sacerdócio, na própria realidade vigente. Esses estudantes eram oriundos do Colégio Diocesano Seridoense que tinha, na época, a melhor parceria educacional, o Sistema Objetivo. Assim, em diálogos com o bispo e o reitor, eles deixavam transparecer nas conversas a necessidade de novos cursos para aquela região.

No dia 11 de agosto de 1998, após os estudos necessários para implantação dos cursos supracitados, e a disponibilização dos diplomas do clero e de fiéis leigos para essa empresa, ficou decidido pela criação dos cursos. Em 24 de agosto do mesmo ano, foi comunicado aos seminaristas que a partir do ano vindouro, existiria um Instituto que abarcaria a formação filo-teológica da região.

Nas palavras do Bispo: “aquela decisão era a terceira contribuição à educação do Seridó. A primeira, foi a abertura do colégio diocesano em 1º de março de 1942 por Dom José de Medeiros Delgado. A segunda, a vinda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a Região”. A esse instituto dar-se-ia o nome de Cardeal Eugênio Sales (ICS). Figura essa, que era natural da Cidade de Acari, e amigo de tantos Papas que passaram. Essa entidade funcionaria no Colégio Diocesano Seridoense em Caicó (CDS), que possuía uma excelente estrutura física e mobiliária.

O vestibular ocorreu aos 18 de janeiro de 1999, no CDS, com um total de 495 inscritos para concorrerem a 30 vagas para filosofia (ATA DE INSCRITOS ICS, 1999). A aula magna foi proferida em 05 de fevereiro daquele ano pelo Doutor Pe. Dom Estêvão Bettencourt com o tema: *A necessidade da Filosofia e da Teologia para o mundo contemporâneo* no auditório do espaço Pastoral Dom Wagner. Houve a presença de 276 pessoas. As aulas iniciaram aos 10 de março de 1999.

Para a formação da biblioteca do Instituto, os sacerdotes da Diocese de Caicó disponibilizaram a doação de suas bibliotecas particulares. Houve doações de livros por membros da sociedade Norte-rio-grandense, e recursos vindos do exterior. Havia 2978 tomos catalogados.

As salas de aulas contavam com cadeiras adequadas, quadro branco e Datashow. O Colégio Diocesano Seridoense (CDS) ainda disponibilizava: Laboratório de Informática, Secretaria, Sala de Professores e Sala de Vídeo. O CDS ainda contava com uma estrutura de acolhimento a pessoas com necessidades especiais.

Os professores da turma inicial (1999, 2000 e 2001.1) foram: Pe. José Dantas Cortez – *in memoriam* (Sociologia Geral e da Educação), Mons. João Agripino Dantas – *in memoriam* (Francês e Latim), Adalto Guerra (Francês), Pe. Nixon Bezerra (História da Filosofia Antiga, Medieval, Filosofia Geral), Mons. Ausônio Tércio de Araújo - *in memoriam* (Ministrou apenas 4 aulas - História do Pensamento Norte-rio-grandense), Mons. Ausônio de Araújo Filho - *in memoriam* (Grego - mas, nunca chegou a ministrar), José Alves dos Santos (Lógica I e II), Pe. Francisco de Assis Dantas de Lucena (Língua Portuguesa I), José Eudo Bezerra (Epistemologia e Teoria do Conhecimento, Filosofia das Ciências, Hermenêutica dos Textos Filosóficos, Filosofia Moderna), Pe. Everaldo Araújo de Lucena (Filosofia da Educação, Metodologia do Trabalho Científico I, Didática), Pe. José Tadeu de Araújo (Estética, Ética, Política e Cidadania). No semestre 2001.1, foram acrescentados ao corpo docente Pe. Francisco de Assis Costa da Silva (Latim, Ontologia I e II e Língua Portuguesa - O Marcio Pacheco auxiliou o Padre Costa na turma de 2001-2002 na disciplina de Latim como Monitor), Moacyr de Araújo Dantas (Introdução à Filosofia e Filosofia Política), Maria das Graças Damasceno Leal (Psicologia) e uma disciplina intitulada, a Informatização do Ensino superior, ministrada pelo Prof. José Eudo (Cf. Planos de Ensino, 1999-2021).

Nos três primeiros anos, foram organizados no salão do Pré-Vocacional três Seminários sobre Filosofia e Teologia, Set./1999 – O que devemos pensar da Filosofia (Organizado por: Prof. José Eudo, Marcio de Lima Pacheco, palestrante, Juan Adolfo Bonaccini); nov./2000 – Moral e Liberdade (Org.: Prof. José Eudo e ICS, palestrante Oscar Federico Bauchwitz – e Out./2001 Fé e Razão (Org. Prof. José Eudo, Prof. Francisco Costa da Silva e ICS, palestrantes: Markus Figueira da Silva, Pe. João de Medeiros Filho) (Cf. 3ª Ata da Reunião Docente do ICS, novembro, 2001).

A avidez da Sociedade Seridoense em ouvir falar sobre Filosofia e Teologia, lotou as três Semanas de Filosofia, chegando as pessoas ficarem do lado de fora para escutar as palestras que eram proferidas. Ainda nesses anos, o discente Eduardo Pereira fazia um trabalho educativo junto aos escoteiros, no qual tentava levar uma reflexão filosófica junto àqueles; a Maria do Socorro, que trabalhava junto ao Hospital Psiquiátrico de Caicó, tentava refletir sobre a loucura erótica, profética, extática e poética dentro da Filosofia; Nilson Júnior se dedicava a uma interface pouco conhecida da Sociedade Seridoense, a Filosofia do Direito; Marcos Antônio, dedicava-se aos estudos de como a filosofia melhoraria o aprendizado da matemática. Fábria, Jean e Arimateia, refletiam sobre o enquadramento político que se dava na sociedade; a Lúcia Gomes Josefa Dantas, Sandrival Santos, Etevaldo Pereira, Serjane de Queiroz, Maria de Fátima Matias se dedicavam a um estudo sobre a ligação entre a pedagogia e a filosofia para os tempos atuais; de 1999-2001 Marcio Pacheco visitou diversas escolas (EECAM, Educandário Santa Teresinha, Centro Educacional José Augusto, CEIS, Grupo Escolar Senador Guerra, Escola Estadual Santa Terezinha em São João do Sabugi, Escola Estadual João Alencar de Medeiros em Ipueira-RN, e no Curso de Direito na disciplina de Filosofia do Direito), a pedido dos diretores, para expor a importância do ensino da filosofia aos professores. E, ainda, existiam os seminaristas que se dedicavam ao estudo da filosofia como complemento da carreira sacerdotal: José Marcos, Izaldo Breno, Aldo Júnior, Naube Dantas, Joanilson Alves e Canindé Cesário. (Cf. 2ª Ata de Reunião com os Alunos, 2001).

A Diocese de Caicó se empenhou, a partir de 2001, na autorização para funcionamento dos dois cursos. O que culminou com a reestruturação do nome de Instituto Cardeal Eugênio Sales para

Instituto de Ensino Superior Cardeal Eugênio Sales. Porém, somente a teologia foi autorizada pela Portaria 1.616 de 31/05/2002, passando a denominar-se Faculdade Cardeal Eugênio Sales².

Apesar da vontade e das inúmeras buscas para autorizar o *Curso de Filosofia*, a Diocese reconheceu em setembro de 2000 que, diante do que era exigido pelo INEP/MEC, não obteria êxito em granjear tal autorização, pois, na filosofia não havia docentes com titulação adequada para tal, como os doutores e mestres em filosofia.

Diante disso, a Diocese de Caicó procurou a UERN para assumir o curso em andamento, e incentivou os discentes do ICS para que pudessem procurar, após o término da Filosofia, cursar o mestrado, como foi o caso do discente Marcio Pacheco (Cf. Vieira, 2001).

Conforme se relatou, os cursos eram apenas de caráter seminarísticos. Porém, houve a necessidade da transformação desses cursos em cursos que tivessem o aval do Ministério da Educação (MEC). Tal demanda se deu por alguns motivos: a) somente existia a Universidade Federal do Rio Grande do Norte ofertando cursos superiores naquela cidade e Região, a saber: História, Direito, Geografia, Matemática, Pedagogia, Administração e Letras.

Todas as faculdades que hoje estão instaladas em Caicó, sejam elas presenciais ou EaD, são frutos dessa iniciativa da Diocese de Caicó; b) a alta procura da Sociedade Seridoense por novos cursos na região; c) a qualidade intelectual dos seminaristas da Diocese de Caicó e dos leigos que haviam ingressado na primeira turma de Filosofia.

Os alunos dessa primeira turma, Evanilson Alves Dutra, Aldo Júnior, Izaldo Breno e Marcio de Lima Pacheco nas conversas que tinham com o Bispo, com o Diretor do Instituto Pe. Nixon Bezerra, com o clero e os leigos (Nilson Júnior, Eduardo Pereira, Etevaldo Pereira Medeiros, Serjane de Queiroz Vale, Maria Lúcia Gomes dos Santos, Fábila, Jean, Inácio Josival dos Santos, Maria do Socorro, Sandrival, Marcos Antônio, Arimatéia, Jean Dantas, Fátima Matias,) e com os outros seminaristas Francisco Canindé, João Estevam, Naube Dantas Dantas, Joanilson Alves.

Estes que lá estudavam, chamavam a atenção para que, a filosofia que tinha sido tão marcante nas terras Brasileiras para evolução do pensamento político-social do povo, estava relegada na educação da República a mero fato histórico ou, mesmo, uma nota de rodapé, já que, a tão aguardada, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB 9394/96, e, na sequência, em 1999, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para o ensino brasileiro, apenas recomendava que a disciplina de filosofia complementasse os Temas Transversais dos PCN. Note-se que a Filosofia é recomendada, nos PCN, como conteúdo e não como uma disciplina. Afinal, a ideia norteadora dos PCN é de organizar os currículos por competências.

Faz-se importante ressaltar que, os discentes supracitados, argumentavam que havia um projeto, o PL 3178/1997 do Deputado Roque Zimmermann, no Congresso Nacional, que propunha sobre a obrigatoriedade das disciplinas no ensino médio a partir da LDB. Na época, o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, diversas vezes foi questionado se vetaria o então projeto de Lei, pois se fosse aprovado, e deixava transparecer que sim, o Brasil não dispunha de mão de obra qualificada em número suficiente para atender à demanda do projeto. O PL tramitou entre 1997 e 2001 sendo aprovado no Congresso Nacional, mas vetado em 2001 pelo Fernando Henrique. Em carta ao Dom Jaime o Marcio Pacheco escrevia (2000, p.1): “Se eram escassos os formados em filosofia com diplomas válidos, vejo que há um nicho educacional, pois não era a possibilidade da PL não sancionada que seria o motivo para não ter o curso reconhecido

² A Faculdade pediu encerramento de suas atividades em 2019. BRASIL, INEP/MEC, disponível em: <https://emec.mec.gov.br/ov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ou mesmo banir a Filosofia do Ensino Médio”. Houve, pois, uma mobilização dos alunos que ingressaram no curso para que houvesse o reconhecimento do mesmo. O próprio Colégio Diocesano Seridoense em 2001 começou a oferecer a filosofia como disciplina no Ensino Médio, mesmo não constando no material do Sistema Objetivo.

Em outubro de 2000, começou-se a tratativa do Instituto, com o apoio do Pe. João Medeiros Filho, e com o recém-chegado Professor Pe Francisco de Assis Costa da Silva à Diocese de Caicó. A visão educacional destes dois homens proporcionou mudanças e propostas para maior investimento na área da filosofia e teologia na Região junto ao Governo do Estado, e ao Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Esse fato é retratado em uma carta do Mons. João Agripino Dantas (2004) professor aposentado da UFRN ao Prof. Marcio Pacheco:

Tendo corrigido alguns de seus escritos que me foram enviados, fico muito feliz pela sua evolução acadêmica. Dessa maneira, noto que desde a chegada do Padre Francisco Costa, a perspectiva educacional da Diocese de Caicó foi bastante alargada e impulsionada. Rezo para que essa boa obra prossiga.

Mesmo sendo um Curso seminarístico de Filosofia, e um Curso de Teologia tentando a autorização à vida acadêmica, baseada na tríade: Ensino, Pesquisa e Extensão, era ativa e trazia em si elementos novos. Tal como o Projeto de Pesquisa: *RITVS ROMANVS ET RITVS PAULVS VI - Um estudo sobre o Latim utilizado nos Missais Católicos Romanos de 1000 a 1969* que visava:

[...] incrementar o ensino, pesquisa e extensão do Instituto de Filosofia e Teologia Cardeal Eugênio Sales. Essa proposta se faz necessária em vista ao pedido de autorização para o curso de Bacharelado em Teologia e a passagem da Licenciatura em Filosofia para UERN na língua Latina é utilizada pela Igreja Católica Romana para propósitos eclesiais. Pode ser distinguido do latim clássico por algumas variações léxicas, uma sintaxe simplificada em alguns casos e, comumente, uma pronúncia à italiana. Essa utilização surge em diversos contextos, incluindo obras teológicas, ritos litúrgicos e proclamações dogmáticas, e em diversas formas: tão sintaticamente simples como na Bíblia Vulgata e na hierática como no Cãnone Romano da Missa do Rito Romano. A pesquisa visa corroborar com a implantação, consolidação e autorização dos cursos de filosofia e teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Cardeal Eugênio Sales (PROJETO DE PESQUISA, 1999, p.1 *apud* Curriculum Lattes do Padre Francisco de Assis Costa da Silva)

Desse Projeto de Pesquisa surgiu a *Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardeal Eugênio Sales*. Nela foram publicados os seguintes artigos referentes à pesquisa: SILVA, Francisco de Assis Costa da; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. *A tradução do Missale Romanum para Língua Portuguesa: Um estudo de termos incorretos utilizados na tradução de 1970, 1983, 1997*. Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardeal Eugênio Sales Vol. 1 1999 (p. 08-40) Caicó/RN; SILVA, Francisco de Assis Costa da; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. *O latim utilizado nos Breviarii de Pio X, Pio*

XII e João XXIII: *Concorrências e Discordâncias*. Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardenal Eugênio Sales Vol. 2, 2000 (p. 12-29) Caicó/RN; SILVA, Francisco de Assis Costa da; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. *O latim do Missale Romanum: uma análise e comparação das mudanças das fórmulas latinas nos Missais anteriores a 1969 e de Paulo VI*. Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardenal Eugênio Sales Vol. 2, 2001 (p. 09-38).

Posteriormente, essa pesquisa desencadeou o estudo sobre a Querela Campista, que foi a formação da União Sacerdotal São João Maria Vianney, com a aposentadoria do Dom Antônio Castro Mayer em 1981. São esses os livros que tiveram a correção do Padre Francisco de Assis Costa da Silva: PACHECO, Marcio de Lima. *A preservação arquitetônica, cultural e filo-teológica promovida pela Administração Apostólica São João Maria Vianney (1981-2005)*. 2ª Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Matrix, 2008, 320p; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. *A perseverança de um bispo: análise filo-teológica da querela campista a partir dos escritos de Dom Castro Mayer*. São Paulo: Editora Magna&Silva, 2012. 189p.; PACHECO, Marcio de Lima. *E se todas as dioceses do Brasil houvesse um grupo que tivesse seguido o exemplo da União Sacerdotal S. João Maria Vianney? Uma análise teológica e pastoral sobre a evangelização antes e pós-querela*. São Paulo: Editora Magna&Silva, 2010, 203p. Deveras, mesmo após a saída dos alunos, da IES, a produção continuou a partir da pesquisa antes promovida.

Essa proposta de Pesquisa era voltada à autorização e reconhecimentos dos Cursos para a região. As Paróquias da Diocese disponibilizavam bolsas de Filosofia para seus paroquianos. Havia uma carência na época de um conhecimento teológico e filosófico por parte dos leigos e do público em geral na região. Esses conhecimentos estavam retidos em geral aos Sacerdotes e Pastores das Igrejas Evangélicas.

2 DO CURSO SEMINARÍSTICO À LICENCIATURA EM FILOSOFIA PELA UERN

Com a qualidade intelectual, a insistência dos alunos de filosofia, o apoio de João de Medeiros Filho e do Francisco de Assis Costa da Silva, Padre Costa, foram iniciadas as tratativas junto ao Governo de Garibaldi Alves Filho e UERN, na figura do Prof. José Walter da Fonseca para absorção do Curso pela UERN. Tanto o governador, como o Reitor UERN ficaram animados com a perspectiva de maior interiorização da UERN.

A universidade já tinha um vasto prestígio na formação de profissionais nas mais diversas áreas de atuação. Ela formava os professores na região oeste do estado, e existia, no Campus Central de Mossoró, o Departamento de Filosofia que dava suporte a todos os outros cursos que necessitavam de disciplinas relacionadas à Filosofia.

Esse Departamento era formado por professores altamente capacitados e reconhecidos por suas pesquisas. Contudo, era necessário formar uma comissão para avaliar a viabilidade dessa expansão. O que ocorreu aos 19 de abril de 2001, com a nomeação dos professores: Antônio Jorge Soares, João Batista Xavier e William Coêlho de Oliveira. Vale salientar que, os docentes da UERN, do Departamento de Filosofia, animados pelo fervor formativo, pela LDB e pela luta em restaurar a filosofia dentro do currículo do ensino médio, também, pediram a criação do curso de filosofia na cidade de Mossoró.

Toda essa empolgação é fruto da valorização da pesquisa e da extensão universitária. Também é fruto da discussão sobre o trabalho das universidades, que puderam visualizar a importância das três instâncias que formam a Universidade: a do ensino, pesquisa e extensão e, sobretudo, do impulsionamento à interiorização do ensino superior no Brasil.

Após a constatação do cenário favorável à instalação do curso, na cidade de Caicó pela comissão, houve a Autorização pela Resolução nº 35/2001 CONSEPE/UERN de 02 de agosto de 2001. O professor João Batista Xavier passou a lecionar no curso de filosofia no semestre de 2021.2 e foi seu Coordenador Pedagógico representando a UERN. O Professor Costa passou a ser o Coordenador Administrativo, representando a Diocese no Convênio celebrado entre UERN e Diocese de Caicó (Convênio UERN/Diocese de Caicó, 2001). Houve a contratação de outros professores: Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho (*in memoriam*)³ e Francisco das Chagas Souza, Emerson de Araújo de Medeiros (Padre da Diocese de Caicó) e Francisco Teixeira (Padre da Diocese de Caicó), Francisco Fransualdo de Azevedo e Maria Reilta.

Tal era a organização do Curso Eclesiástico, que esse contava com um Projeto Político Pedagógico (PPP-2001) baseado no Parecer nº 492/2001 do Conselho Nacional de Educação acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais, para o curso de Filosofia com a adaptação da nova carga horária mínima de 2400 horas e à sua distribuição.

É interessante notar que, com a vinda do professor João Batista Xavier, com o dinamismo do Professor Costa, a sociedade seridoense, notou que o *Curso de Filosofia* era radicado na realidade em que vivia, que possuía uma intencionalidade, mostrava e induzia para a superação da realidade e construção de outra. Mas, dentre outros limites para sua implementação do curso, enfrentou-se condições concretas de trabalho, a readequação de um trabalho acadêmico encaminhado e a propagação de que em Caicó existiria um núcleo da UERN, a partir dos encaminhamentos e compromissos de cada um.

A Diocese de Caicó, a UERN, os Professores do Departamento de Filosofia daquela Universidade e a Sociedade Seridoense, tinham a clareza de que uma coisa é o projeto, e outra a sua realização. Isso não significa que, na prática, a teoria é outra. Tinham consciência de que a sua concretização do curso não ocorria mecanicamente. A creditação desse projeto e de sua construção, não era algo dado, um documento ou uma espécie de carimbo que se imprime, e com o qual transfere a marca imediata. Mas, tratava-se de um mediador entre uma intenção e sua realização.

O curso de filosofia de Caicó, a partir de 2002.1 começou a ser coordenado em Definitivo pelo Departamento de Filosofia de Mossoró, e representado em Caicó, pelo Professor João Batista e administrado pelo Francisco de Assis Costa da Silva.

³ Parte da biblioteca do professor Ivanaldo Santos, após seu falecimento, ficou guardada na UERN-Pau dos Ferros. Posteriormente, o Professor Marcio Pacheco, levou-a para onde morava o falecido professor. Esses livros, trazidos de Pau dos Ferros, juntaram-se aos demais livros de sua biblioteca. A contagem dos livros indica que havia 1197 livros ao todo (1197 exemplares: 726 livros (Filosofia, Teologia, letras, linguística e CDs de aulas gravadas sobre Tomás de Aquino e o Aborto) e 471 de revistas e outros materiais. Estes sem cunho científico). No ano de 2024, a viúva, Dona Suedna e seus dois filhos, deixaram os livros sobre a tutela professor Marcio Pacheco, para que se fizesse a doação ou ao Colégio Diocesano Seridoense ou à UERN de Caicó. O professor Marcio Pacheco foi o primeiro orientando da graduação em filosofia da UERN e o Primeiro e único de Pós-Doutorado do professor Ivanaldo. A ideia a respeito dos livros do ilustre professor falecido, seria formar uma biblioteca que atendesse a população. Mas, por questões de saúde do professor Marcio, ele e a D. Suedna resolveram doar os livros para que a memória do professor se mantenha viva em outros leitores.

Em 2002.2, com a ida do Padre Costa para realizar o doutorado na Gregoriana de Roma, quando foi para Roma deixou a maioria dos seus livros para o Marcio Pacheco⁴. Em Seu regresso de Roma foi aprovado para Professor efetivo na UFPE no Departamento de Letras. Vendo a necessidade formativa do Curso de Filosofia da UERN, prestou concurso e foi aprovado, regressando ao Seridó, ficou em seu lugar o Prof. José Tadeu de Araújo, que era sacerdote daquela diocese.

A construção coletiva de um Curso de Filosofia na UERN foi a marca deste projeto/convênio e, desde o início, pretendeu-se que sua implementação continuasse um compromisso de todos os envolvidos. Entende-se que este projeto não é absoluto, mas possibilita significativos avanços no campo filosófico. Contudo, além de compreender-se cada vez mais sobre a especificidade da Filosofia, é fato, que os atores envolvidos queriam dar continuidade e aprofundar as discussões e articulações com as licenciaturas já existentes em um plano maior de consolidação da LDB.

Em 2005.2, instalou-se o Campus do Seridó Governadora Wilma Maria de Faria e, com isso, a necessidade de uma coordenação do Curso em Caicó ao qual o referido curso ficaria submetido. O Reconhecimento do Curso se deu em 2006, com o Decreto do Governo do Estado nº 19.176 de 10 de junho de 2006.

Os primeiros coordenadores *pro-tempore* foram: Prof. Ms. José Teixeira Neto, período de 2005-2008; Profa. Ms. Maria Reilta Dantas Cirino, período de 2008-2009; Prof. Esp. José Francisco das Chagas Souza, de 2009-2011. O primeiro coordenador por voto direto foi Prof. Esp. José Francisco das Chagas Souza para mandato de dois anos, abril/2012 a abril/2014, em sequência é eleito para mandato de maio/2014 a maio/2016, o professor Dr. José Teixeira Neto e atualmente com mandato de maio/2016-2018, o professor Dr. Galilei Galilei Medeiros de Souza (Cf. PPC, 2017).

3 A FORMAÇÃO DOS DISCENTES E OS FRUTOS COLHIDOS ANTES MESMO DA PRIMEIRA TURMA FORMADA

O PPP da Filosofia do Instituto Superior Cardeal Eugênio Sales (2000, p. 38) trazia sobre o projeto formativo que era de:

Resgatar o processo pedagógico na formação dos profissionais em Filosofia em vista da LDB (1996), valorizando o ensino da Filosofia de maneira regional e na sua totalidade; buscamos proporcionar uma sólida fundamentação teórico-metodológica, que possibilite e capacite os licenciados a desempenhar os diferentes trabalhos relacionados com a atividade do ensino de Filosofia e da

⁴ Em 2012 ao encontrar o Pe Costa, que era Pároco da Cidade do Acari, externou o desejo de doar parte de seu acervo para Biblioteca do Seminário e da UERN. O Pe. Costa, disse que seria uma boa ideia e que o fizesse. Entretanto, os livros não chegaram a ser doados por causa de um acidente ocorrido com o carro que transportava na serra de Acari.

pesquisa filosófica.

A pretensão da ICS em trazer a filosofia para a educação norte-rio-grandense se faz notória. Até mesmo pela tradição que Caicó tinha sobre a educação com a Fundação do Colégio Diocesano Seridoense, que havia sido fundado em 01 de março de 1942 pelo então bispo José de Medeiros Delgado e ficou sobre a curadoria docente dos padres Lazaristas que eram formados nas melhores Universidades da Europa, principalmente aplicada na Universidade Gregoriana de Roma.

Temos, então, a aplicação da *Ratio Studiorum* (1591), que nada mais era que a unificação dos procedimentos pedagógicos destinados à instrução do corpo discente pelos docentes.

Mas, longe do ICS considerar a filosofia apenas como uma disciplina livresca, ele buscava ultrapassar a questão do escolasticismo, visando aos resultados da ciência reflexiva, que busca a construção de uma cidadania que só são possíveis através de uma educação de qualidade, com profissionais qualificados. E o professor deve estar sempre buscando melhoria e qualificação na sua profissão docente, a fim de ajudar os discentes a terem um pensamento crítico reflexivo sobre as coisas, sobre as pessoas, enfim sobre tudo que há no mundo e ao nosso redor.

Nisso, o Plano citado tinha uma guinada que evidenciava a direção que as políticas educacionais contemporâneas deveriam privilegiar. Faz-se notar que o mesmo Projeto (2000, p.61) ainda denunciava que era:

É preciso reiterar a pertinência dos esforços que vêm sendo desenvolvidos, no sentido de se educar filosoficamente todos os educandos em todos os momentos de seu tempo escolar. É de se reconhecer, então, a procedência da experiência pedagógica do exercício filosófico pleno desde o Ensino Fundamental. Sem prejuízo de todas as cautelas e das eventuais limitações das experiências realizadas ou dos modelos paradigmáticos adotados, parece acertado historicamente levar as crianças à experiência de um diálogo filosófico, munindo-se de estratégias adequadas para que se inicie, na verdade, ative-se a capacidade de pensar sistematicamente, que é própria da Filosofia.

A filosofia não é um conhecimento certo, cumulativo e progressivo. Pelo contrário, ela prospera em questões que surgem resolvidas e depois são propostas novamente, talvez em tempos e formas diferentes. Não há nada definitivo. A filosofia desconcerta aqueles que estão acostumados a ter certas respostas de estudo, certos resultados para problemas definidos.

Assim, a filosofia é formativa. Tendendo à verdade – qualquer que seja o significado que atribuímos a esse termo – a pesquisa filosófica prospera na precariedade, no questionamento, na incerteza constitutiva. Conserta e afrouxa, constrói e destrói, responde e questiona, em uma palavra crítica.

Estar livre do peso da verdade, se assim podemos dizer, faz do trabalho filosófico um campo de treinamento constante para a análise crítica e racional. Nada é aceito sem ser discutido, cedo ou tarde. E, nada escapa ao trabalho infinito da dúvida.

Nota-se que o Plano Curricular traz essa preocupação que o filósofo é aquele que suspeita de tudo, não em um sentido conspiratório, mas no sentido nietzschiano. O que a maioria tem por evidente e certo, pode esconder um erro, um mal-entendido, uma possibilidade diferente.

Com efeito, suspeitar significa pensar de lado, olhar em outra direção. Significa identificar os fundamentos sobre os quais se assentam as nossas concepções e depois colocá-las em movimento, tentando compreender o que sustenta a sua estabilidade e, sobretudo, como seria o mundo se não existissem, ou existissem outros. A suspeita é um ato de coragem e imaginação, mas também de honestidade intelectual. Quando entendemos que um fundo de nosso pensamento é instável e pode ser diferente, então devemos também suportar o peso de um erro que experimentamos e a partir do qual, abandonando-o, temos que recomeçar a pensar.

Por isso, a passagem do particular ao universal corre sempre o risco de ser refutada. É por isso que a obtenção de uma resposta universal às nossas perguntas está sempre exposta à incerteza, à demolição, após o cancelamento. De fato, também havia uma preocupação com os esforços para trazer a filosofia ao cenário educacional, partindo-se do pressuposto que era necessário raciocinar a partir de qualquer situação e apesar de todas as situações.

O mesmo Plano Formativo, muito acanhadamente, trazia que o curso se destinava “a formação de professores para o ensino e pesquisadores na área da Filosofia” (PPP, 2000, 46). Foi com a chegada de docentes como João Batista Xavier, Ivanaldo Santos, Ermeson Araújo de Medeiros (Padre da Diocese de Caicó), Fransualdo, Reilta, Francisco Teixeira (Padre da Diocese de Caicó), Francisco de Assis Costa da Silva (Padre da Diocese de Caicó), José das Chagas Souza em 2001.2, que houve um alargamento da noção do que era filosofia e as áreas que se poderia seguir.

Esse ponto é evidenciado, pelo fato do discente Marcio de Lima Pacheco, ter entregado sua monografia em março de 2002 e ser aprovado em agosto do mesmo ano no Mestrado Acadêmico em Filosofia na UFRN em Filosofia (02/2003-05/2005). Pelo reconhecimento do esforço, o Pe João Agripino lhe deu um computador, inscrição do mestrado e terno da formatura; as discentes Fátima Matias e Josefa Neta, uma impressora; o Padre Costa uma caneta Montblanc, vários livros de filosofia dos Mons. Ausônio Tércio (in memoriam) e Ausônio Filho – in memoriam (o mesmo por semestre o presenteava com os livros da disciplina) e Rosania uma coleção da *Logos*.

Depois, ele discente seria o primeiro a ser aprovado em processo seletivo para professor de filosofia do estado do Rio Grande do Norte (2005), ser o primeiro a ministrar aulas como professor na UERN, UFRN, FAS (2006-2008), FAFIC em Cajazeiras (2010), o primeiro a ser aprovado em concurso público para docente do Ensino Superior na Universidade Federal de Rondônia (2010), o primeiro a obter o Doutorado na PUCSP (2017). (O professor Francisco de Assis Costa da Silva participou da Banca de Doutorado), e o primeiro a fazer o Estágio Pós-Doutoral na UERN (2017-2019) sob a orientação do Professor Dr. Ivanaldo Santos de Oliveira Filho o mesmo orientou o seu TCC de filosofia. Depois, em 2004, o aluno Sandrival da Silva Santos foi aprovado no Mestrado em Filosofia na UFRN. Contudo, devido às suas atividades laborativas, preferiu apenas prosseguir na especialização em Metafísica.

Contudo, obteve o mestrado no Perfil-UERN. Em 2008, Benjamim Julião de Gois Filho foi aprovado para o mestrado na UFRN, sendo o primeiro professor efetivo da UERN que foi formado pelo curso de filosofia. De 2016-2020 doutorou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, tendo em sua banca o Prof. Dr. Marcio de Lima Pacheco. Da primeira turma, apesar de não colarem grau com a turma, pois foram cursar Teologia em Belo Horizonte na PUCBH, Evanilson Alves Dutra fez o Mestrado Profissional pelo PROFILO UERN (2018-2020), que estava

**A formação do Curso de Filosofia em Caicó-RN:
uma análise do início até os dias atuais (1998-2024)**
PACHECO, Marcio de Lima; SILVA, Francisco de Assis Costa da

presente o professor Marcio Pacheco. Aldo Batista de Azevedo Júnior (2019-2021) concluiu o Mestrado Profissional PROFILO-UERN.

O professor Marcio de Lima Pacheco ainda participaria da primeira Banca de Doutorado em Letras da UERN em fevereiro de 2019 (Pau dos Ferros-RN) de Francisco das Chagas de Souza, o Déda, um dos primeiros professores do Curso de Filosofia de Caicó. Essa tese teve a orientação do Prof. Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho (*in memoriam*), que ingressou na UERN, com aquele que foi seu orientando. Percebemos assim, que os caminhos formativos, apesar da distância, se entrecruzam e, de certa maneira, contribuem para a boa formação dos alunos.

A primeira turma formada foi dedicada a José Walter da Fonsêca, Amigo da Turma João Batista Xavier (Coordenador Pedagógico). Homenageado João de Medeiros Filho, Paraninfo Dom Jaime Vieira, Patrono Ausônio Tércio de Araújo (*in memoriam*), Patronesse Maria Goreti da Silva, Padrinho Roberto de Medeiros Germano, Madrinha Denise Fernandes Germano. Junto aos professores daquela turma e a Sociedade Seridoense, a colação de Grau se deu na presença da Professora Dra. Olga de Oliveira Freire, Vice-Reitora da UERN, no Auditório do Centro Pastoral D. Wagner no dia 08 de março de 2003 às 20h. Foram os concluintes por ordem alfabética: Eduardo Pereira, Etevaldo Pereira de Macêdo, Inácio Josival dos Santos, Izaldo Breno de Araújo Medeiros, José Marcos de Medeiros Dantas, Josefa Maria Dantas, Marcio de Lima Pacheco, Maria de Fátima Matias, Maria Lúcia Gomes Santos, Sandrival da Silva Santos e Serjane de Queiroz Vale Dantas⁵.



Figura 1- Convite para Formatura da primeira turma de Filosofia da UERN. Arquivo pessoal de Marcio de Lima Pacheco

Em números egressos, temos da primeira turma até hoje: Licenciados: 146; Especialistas: 126; Mestres: 23; Doutores: 2; Pós-Doutor: 1 (Dados cruzados dos nomes dos alunos ingressos e seus respectivos currículos lattes).

Como foi dito anteriormente, hoje a cidade de Caicó conta com 24 Instituições de Ensino Superior (IES) atuando presencialmente ou em EaD. De Graduação ou Tecnólogo. Essas IES formam, anualmente, em média 967 profissionais para o mercado de trabalho entre graduação e

⁵ A filmagem da formatura encontra-se no canal do youtube **Sobre Estudar**, a saber <https://youtu.be/KFRSbEFgXFI>. Acesso em: 29 dez. 2025.

pós-graduação (Cf. EMEC, 2022). Essas instituições contam com 68 cursos superiores, e em seu catálogo trazem mais de 450 propostas de especializações⁶.

Em 2016 foi realizado um estudo pelo Grupo Educacional PACOMA, sobre a verificação do impacto do sistema de avaliação de aprendizagem na formação do estudante e análise da adequação do perfil do egresso, considerando as DCN e as novas demandas do mundo do trabalho para a Região do Seridó, Rio Grande do Norte e Brasil. Com a finalidade de fazer algumas propostas de compra em pequenas faculdades da região e a implantação de cursos como: Medicina, Enfermagem, Psicologia e odontologia na cidade de Caicó como Sede. O parecer apontou que:

Tendo em vista as pesquisas qualitativas e quantitativas realizadas na Região do Seridó para compra de pequenas faculdades já consolidadas na Região e implantação de diversos cursos da área da saúde, constatou-se que os dados socioeconômicos e ambientais levantados, subsidiam uma justificativa plausível para compra de pequenas faculdades e implantação de Cursos na área da saúde: medicina, enfermagem, psicologia, odontologia, tendo em vista a existência de Docentes capacitados na região e Unidade Federativa, o contexto educacional, necessidades locais, com o perfil do egresso, a localização estratégica e a estrutura já formada pela Universidade Federal e Estadual do Rio Grande do Norte. O território estudado apresenta uma capacidade educacional ociosa ou mal administrada no que tange a expansão do ensino superior em vista de sua potencialidade. (Pacoma, 2017, 91)

Apesar da redução da capacidade de crescimento da economia brasileira e risco de insolvência das finanças públicas que foi de 2014 a 2017, o parecer se mostrou favorável à abertura de novos cursos e investimentos em pequenas faculdades da região com a sua compra. Apesar do relatório favorável e o cenário político, o Grupo manteve foco em outros empreendimentos, esperando o momento certo para o investimento.

Tanto é verdade, que a educação é um mercado aberto na Região do Seridó diante da implantação do curso de Filosofia, primeiro pela Diocese de Caicó (1999) e depois pela UERN (2001).

Hoje há um Campus implantado que conta com quatro cursos, três graduações e um tecnólogo: Filosofia (10/03/1999) ENADE 3 e IDD 3 (2840 h), Odontologia (11/10/2016) ENADE 4, CPC 4, IDD 5, Gestão Pública Tecnólogo (14/10/2013- Ativo no MEC. Porém, sem funcionamento no presente momento) e Enfermagem (11/10/2006) com nota do ENADE 3 e CPC 4, IDD 3. (Cf. EMEC)

Mas, o que dizem essas siglas sobre os cursos? E que importância para avaliarmos, em nosso caso o Curso de Filosofia de Caicó?

⁶ BRASIL (2022), Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. Cadastro e-MEC. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 set. 2022.

4 COMO É AVALIADO UM CURSO SUPERIOR?

O Curso de Filosofia de Caicó passa por aferições constantes para a renovação do reconhecimento do curso. É importante que se mostre aqui como é avaliado um curso superior como o que temos em Caicó. Para a maioria da população, em especial para aqueles que querem ingressar ou já ingressaram no ensino superior, é desconhecida a maneira e o órgão que avalia os cursos no nosso País.

A educação superior é avaliada pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), que foi criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Esse sistema avalia as instituições, os cursos e o desempenho dos estudantes. Ou seja, avalia todos os aspectos que giram em torno do ensino, da pesquisa, da extensão, da responsabilidade social, do desempenho dos alunos, da gestão da instituição, do corpo docente, das instalações e vários outros aspectos.

Tudo isso é balizado por uma série de instrumentos complementares: autoavaliação, avaliação externa, Enade, Avaliação dos cursos de graduação (Instrumento de Avaliação de 2017) e instrumentos de informação (censo e cadastro). Os resultados das avaliações possibilitam traçar um panorama da qualidade dos cursos e instituições de educação superior no País. Tais processos avaliativos são coordenados e supervisionados pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). A operacionalização é de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)

As informações obtidas com o Sinaes são utilizadas pelas instituições de ensino superior (IES) para orientação da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social; pelos órgãos governamentais para orientar políticas públicas e pelos estudantes, pais de alunos, instituições acadêmicas e público em geral, para orientar suas decisões quanto à realidade dos cursos e das instituições.

Dentro desse sistema avaliativo para educação superior, o Ministério da Educação, através do Sinaes tem uma ampla gama de critérios e métricas. Os critérios objetivam estabelecer um padrão de qualidade na educação a nível nacional. O critério mais conhecido é o ENADE. Mas existem outros. Quando um curso superior, graduações, não atingem a nota mínima em alguns critérios avaliativos, são obrigadas a encerrar as atividades.

Vejamos quais são os critérios:

O critério mais conhecido é o ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) que visa avaliar o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. O exame consiste em provas aplicadas a alunos ingressantes e concluintes dos cursos de graduação, normalmente no mês de novembro de cada ano. Para realização do Enade, os cursos são divididos pelo MEC em três grandes grupos, e cada um deles passa por avaliação uma vez a cada três anos. Estes grupos têm, aproximadamente, a formação que descrevemos a seguir. O primeiro tem como constituição predominante a área de saúde, de ciências agrárias e de serviço social. O segundo grupo engloba as engenharias e as licenciaturas. O terceiro grupo concentra os cursos de ciências sociais.

Já o ACG (Avaliação de Cursos de Graduação) tem por objetivo identificar a qualidade da infraestrutura, do corpo docente e da organização didático-pedagógica subjacente a um curso. Trata-se de uma avaliação, realizada por especialistas a serviço do MEC, que visitam as instalações do curso e buscam identificar suas potencialidades e fragilidades. Essa avaliação é realizada pelo

preenchimento de um Instrumento de Avaliação que foi aprovado pela Portaria nº 1.383, de 31 de outubro de 2017. Em geral, são três dias de avaliação, na qual é revisada toda documentação, entrevistado o corpo docente, discente, técnico e equipes. É uma avaliação criteriosa e esmiuçada da vida do curso avaliado.

Se há uma avaliação do curso, também há uma avaliação da Instituição chamada AVALIES. Ela é realizada por especialistas a serviço do MEC em visita às instalações da instituição. Seu foco não está nos cursos, mas nas condições gerais com que esses cursos são oferecidos. Ou seja, a instituição é avaliada como um todo, notadamente pelo seu Plano de Desenvolvimento da gestão, políticas de pessoal, políticas para a graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

A partir dessas avaliações há o resultado quantitativo que são expressos na forma de conceitos e índices. Esses são sintéticos e fáceis de ser consultados pelo site do EMEC. Esses conceitos e índices estão em uma escala de inteiros que varia de 1 até 5: 1 (muito fraco), 2 (fraco), 3 (regular), 4 (bom) e 5 (muito bom). Temos seis indicadores que traduziremos ao longo da explicação, são eles: ENADE, IDD, CPC, CC, IGC e CI.

O primeiro, produz dois resultados principais: a) é um número de 1 até 5 representando o desempenho dos alunos de um certo curso, e b) o IDD, índice de diferença entre os desempenhos observados e esperados. O IDD representa a diferença entre o desempenho dos alunos concluintes e dos alunos ingressantes de um curso, ou seja, de certa forma é uma medida para o “efeito do curso”. Ele é expresso em uma escala real, que varia de -3.0 a 3.0, e como um conceito numa escala de inteiros de 1 até 5.

O terceiro é o CPC (Conceito Preliminar de Curso) é composto por diferentes variáveis, que traduzem resultados da avaliação de desempenho de estudantes, infraestrutura e instalações, recursos didático-pedagógicos e corpo docente. As variáveis utilizadas em sua composição foram retiradas do Enade, incluindo o Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD) e o questionário socioeconômico - e do Cadastro de Docentes no Formulário Eletrônico (FE).

O CPC é divulgado anualmente, junto com os resultados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, o Enade. Operacionalmente, cursos que obtêm CPC 1 e 2 serão automaticamente incluídos no cronograma de visitas dos avaliadores do Inep. Os demais casos, (cursos com conceito igual ou maior que 3, podem optar por não receber a visita dos avaliadores) e, assim, transformar o CPC em conceito permanente. É a partir do nível de qualidade por ele denunciado que, posteriormente, a graduação receberá seu Conceito de Curso (CC) definitivo. O Conceito de Curso (CC) é a nota final atribuída pelo MEC em relação à qualidade das graduações oferecidas pelas instituições de ensino superior brasileiras. Trata-se, portanto, da instância posterior ao Conceito Preliminar de Curso (CPC), com caráter permanente. É através da nota do CPC que se define a trajetória avaliativa a ser trilhada pela IES. Quanto mais próximo da nota 5, maior o nível de excelência do Conceito Preliminar de Curso. Graduações com notas na faixa 3 (ou acima) já registram nível satisfatório e podem optar por “pular” a avaliação *in loco*, transformando a nota de CPC em CC definitivo. Conforme citado anteriormente, cursos com CPC na faixa 2 (ou abaixo) são obrigatoriamente submetidos à visita do MEC *in loco*, para nova avaliação. As graduações que permanecem com nota na faixa 1 ou 2 na segunda avaliação são descredenciadas do MEC e, portanto, encerradas.

Consolidado o processo de avaliação conduzido pelo Inep, cursos com conceito 3 serão aqueles que atendem plenamente aos critérios de qualidade para funcionarem. Da mesma forma, cursos com conceito 5 serão cursos de excelência, devendo ser vistos como referência pelos demais.

O quinto indicador de qualidade é o Índice Geral de Cursos (IGC). Trata-se de um indicador institucional calculado a partir da média dos CPC (ou CC) dos cursos de graduação de uma instituição e dos conceitos, atribuídos pela CAPES-MEC, a programas de pós-graduação. E, por último, o Conceito Institucional (CI) é o conceito atribuído em uma Avaliação Institucional. Em conformidade com outros conceitos, IGC e CI são expressos em uma escala de inteiros de 1 até 5.

Diante dessa exposição, o que nos revelam os conceitos sobre o curso de Filosofia da UERN? Sabendo que em 2021 a nota do Enade foi 3, seu IDD foi 3 e o último CPC de 2017 foi 3. Esses dados nos mostram que o curso está apto a oferecer a graduação em filosofia em consonância as normas do MEC.

5 DESAFIOS DO CAMPUS DE CAICÓ EM ESPECIAL DO CURSO DE FILOSOFIA

O Instrumento de Avaliação de 2017, do Decreto nº 28.408, de 18 de outubro de 2018 dispõe sobre a Renovação do Reconhecimento do Curso de Filosofia, ministrado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, no Campus Avançado de Caicó/RN por mais 4 anos. Das visitas que se fez na SEDE da UERN em Caicó, exporemos aqui os desafios que têm o Campus de Caicó e, conseqüentemente, o Curso de Filosofia que é objeto desse estudo.

Desde que o curso começou a funcionar em 2001, pela UERN, já teve três endereços. Colégio Diocesano Seridoense (2001-2005), CAIC (2006-2015), nas dependências da extinta Escola Estadual Joaquim Apolinar (2016-atual). Mesmo que a atual Sede da UERN seja, hoje, própria, é notório a falta de infraestrutura desse campus para abrigar os cursos que lá são oferecidos.

Os índices avaliativos, a produção científica docente, discente e a atuação dos cursos na sociedade não só de Caicó, mas, regionalmente, mostram que há um trabalho sendo bem gerido por parte dos docentes daquele Campus.

Há estudos periódicos, como por exemplo, os Relatórios de Avaliação Interna Semestral, sejam eles, quantitativos ou qualitativos, para justificação de números de vagas e que comprovam sua adequação à dimensão do corpo docente, e às condições de infraestrutura física e tecnológica para o ensino e a pesquisa.

Esse ponto é relatado no Relatório Semestral (2021, p.40): “quando se trata do juízo sobre a infraestrutura, os resultados sensivelmente oscilam em direção aos estratos inferiores, o que indica a necessidade de melhoramento das estruturas físicas e materiais”. Quem vai ao Campus de Caicó percebe claramente a carente infraestrutura que a Sede possui. Há uma potencialidade do corpo docente, discente e técnico que não é totalmente aproveitada, em vista da baixa qualidade infra estrutural do Campus.

Nota-se que os espaços de trabalho para docentes em Tempo Integral viabilizam ações acadêmicas, como planejamento didático-pedagógico, e atendem de maneira às necessidades institucionais, mas não possuem recursos de tecnologias da informação e comunicação apropriados que garantam a privacidade para uso dos recursos, para o atendimento aos discentes e orientandos e a guarda de material, equipamentos pessoais, com segurança.

É necessário ainda destacar que o espaço de trabalho do coordenador viabiliza as ações acadêmico-administrativas, possui equipamentos adequados, atende às necessidades institucionais, permite o atendimento de indivíduos ou grupos com privacidade. Contudo, não dispõe de infraestrutura tecnológica diferenciada, que possibilita formas distintas de trabalho.

A sala coletiva de professores viabiliza o trabalho docente. Porém, não possui recursos de tecnologias da informação e comunicação apropriados para o quantitativo de docentes. Não permite o descanso e atividades de lazer e integração, não dispõe de apoio técnico-administrativo próprio, espaço para a guarda de equipamentos e materiais.

As salas de aula atendem às necessidades institucionais e do curso, apresentando manutenção periódica, conforto, disponibilidade de recursos de tecnologias da informação e comunicação adequados às atividades a serem desenvolvidas, flexibilidade relacionada às configurações espaciais, mas não oportunizam distintas situações de ensino-aprendizagem, e não possuem outros recursos cuja utilização é comprovadamente exitosa.

Ao se analisar o PPC (2017) e a biblioteca, notou-se que o acervo físico está tombado e informatizado, e estão registrados em nome da IES. O acervo da bibliografia básica é adequado em relação às unidades curriculares, e aos conteúdos descritos no PPC e está atualizado, considerando a natureza das UC.

Porém, não foi encontrado relatório público que esteja referendado por relatório de adequação, assinado pelo NDE, comprovando a compatibilidade, em cada bibliografia básica da UC, entre o número de vagas autorizadas (do próprio curso e de outros que utilizem os títulos) e a quantidade de exemplares por título (ou assinatura de acesso) disponível no acervo.

Nos casos dos títulos virtuais, há garantia de acesso físico na IES, com instalações e recursos tecnológicos que atendem à demanda e à oferta ininterrupta via internet, bem como de ferramentas de acessibilidade e de soluções de apoio à leitura, estudo e aprendizagem.

O acervo possui exemplares, ou assinaturas de acesso virtual, de periódicos especializados que suplementam o conteúdo administrado nas UC. Não foram encontradas evidências que o acervo seja gerenciado de modo a atualizar a quantidade de exemplares e/ou assinaturas de acesso mais demandadas, sendo adotado plano de contingência para a garantia do acesso e do serviço.

Notou-se que o *Trabalho de Conclusão de Curso* está institucionalizado e considera carga horária, formas de apresentação, orientação e coordenação, a divulgação de manuais atualizados de apoio à produção dos trabalhos, porém, não há disponibilização dos TCC em repositórios institucionais próprios, acessíveis pela internet.

O apoio ao discente contempla ações de acolhimento e permanência, acessibilidade metodológica e instrumental, monitoria, nivelamento, intermediação e acompanhamento de estágios não obrigatórios remunerados, apoio psicopedagógico. Entretanto, não há evidências da participação dos alunos em intercâmbios nacionais e internacionais.

No Projeto de Pesquisa, avaliamos a necessidade de contratação de novos professores para o curso de Filosofia, 2 para o *Curso de Filosofia* de Caicó e no mínimo 4 para o Curso de Mossoró, com a finalidade de permitir maior diversidade de pensamento e a possibilidade de saída dos docentes para estágios Pós-Doutorais ou mesmo atualizações em sua área. Através de um exame dos lattes, não há professores com Estágios Pós-Doutoral ou mesmo cursos de atualizações recentes.

Em relação ao PPC, se mantém desde 2017. Nele percebemos que não há uma preocupação com a Curricularização da Extensão que nada mais é que a implementação da garantia de um percentual mínimo na carga horária dos cursos para as atividades de extensão, em atendimento à Resolução (Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7/2018). Contudo, nota-se que as ações nesse sentido já se perfazem e que há uma preocupação na reformulação do PPC e na curricularização: “quanto à extensão, essa situação tende a melhorar consideravelmente quando da implementação do novo PPC, em que se prevê a Curricularização da Extensão”.

O PPC também não traz qualquer referência a portaria nº 1.134, de 10 de outubro de 2016, que foi revogada pela Portaria MEC nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018, revogada pela Portaria MEC nº 2.117, de 06 de dezembro de 2019, que versam sobre a introdução, na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais regularmente autorizados, a oferta de disciplinas na modalidade a distância.

Salienta-se que a Portaria não obriga a implementação, e que a mesma mantém as demais condições da Portaria de 2001, nos aspectos pedagógicos, e parte da estrutura dos requisitos avaliativos da portaria revogada 1.428/2018, especialmente no que tange ao uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs), bem como da “velada” exigência do conceito em indicadores avaliativos isolados de metodologia, atividades de tutoria, AVA e TICs.

É importante deixar claro que a portaria aponta a obrigatoriedade no cômputo das atividades extracurriculares que utilizem de metodologias EAD, mas refere-se ao caput do artigo 2º que prevê a oferta na “organização pedagógica” e “curricular” dos cursos de graduação. Deixa uma lacuna sobre quais atividades, geralmente, de iniciativa de cada Instituição de Ensino Superior, mas que usualmente são aquelas atividades e experiências práticas que não integram o currículo. Por exemplo, trabalhos voluntários e sociais, atividades esportivas e culturais, projetos de iniciação científica, participação em empresa júnior, grêmios estudantis, intercâmbios ou outros. Pela normativa, ainda a se avaliar, sendo pela via da EAD, será considerado no cômputo dos 40%.

A atualidade mostra que se caminha mais para a oferta *blended* (convergência de tecnologias da EaD para a educação presencial) dos cursos superiores, e em breve a discussão sobre a distância ou presencial, será superada em vista das metodologias aplicadas à educação. Enfim, a oferta mista, agregando metodologias que propiciem a aprendizagem de fato é o tema do momento. Segundo Guarezzi (2009, p. 86), “a fronteira entre a modalidade a distância e a modalidade presencial encontra-se cada vez menos nítida”

É evidente o aumento crescente da modalidade EaD na formação universitária no Brasil. De acordo com o Censo Nacional da Educação Superior de 2020 (INEP, 2022) o número de matrículas na modalidade a distância atingiu mais de 2 milhões de alunos, representando uma participação de 24,3% do total de matrículas de graduação. Em contraponto, as matrículas em cursos de graduação presencial diminuíram 2,1% entre 2017 e 2018, sendo que, na modalidade a distância, houve uma variação positiva de 17,0% no mesmo período. Num período de dez anos – entre 2008 e 2018 -, as matrículas de cursos de graduação a distância aumentaram 182,5%, enquanto na modalidade presencial o crescimento foi apenas de 25,9%, evidenciando o crescimento exponencial da EaD. Contudo, é importante assinalar que ainda 90% dos cursos de graduação nas universidades são na modalidade presencial (INEP, 2022).

Esta facilidade gerada pela flexibilidade da EaD não se limita ao exercício da docência, mas também na atuação do aluno que pode organizar seu tempo e espaço à sua participação nas tarefas propostas.

Neste sentido, Silva, Falcão e Torres (2014) pontuam que essas experiências convocam as IES a pensar meios de os professores vivenciarem de outras maneiras os processos de ensino, em consonância com as concepções de educação postuladas pelas instituições e pelos processos de formação ofertados aos docentes.

No entanto, esse movimento nem sempre é passível de realização, pois há entraves de cunho organizacional que precisam ser considerados e enfrentados para a qualificação da EaD, como os prazos com que se estabelecem os processos de oferta educativa e a instauração de processos singulares deste escopo, não como transposição do presencial. Neste sentido, o caráter mais recente e em expansão do EaD sugere a avaliação e a qualificação sistemática das práticas e dos procedimentos pedagógicos atinentes.

Não foi encontrado dado que haja, desde início do curso, conforme pede o Instrumento de Avaliação de 2017, Plano de Ação da Coordenação do Curso, compartilhado, publicizado com os documentos comprobatórios e os indicadores de desempenho da coordenação, apesar do coordenador administrar a potencialidade do corpo docente do seu curso, propiciando integração e crescimento.

É evidenciado pela Documentação pesquisada (Atas Departamental, Relatório Semestral interno, Currículos Lattes, entre outros) que os professores incentivam raciocínio crítico com base em bibliografia atualizada, além da proposta. Inclusive, foram evidenciadas ações e documentos que proporcionem o acesso a conteúdos atualizados da área e relacionando-os às disciplinas e ao perfil do egresso. Também foram constatados trabalhos que incentivem a produção do conhecimento e grupos de estudo e de pesquisa e da consequente publicação. Contudo, é necessário promover e divulgar atividades que possam expressar a responsabilidade social do curso, mesmo fora da sede do Campus.

Não foram encontrados, para o Curso de Filosofia, os indicadores de: inserção no mercado, proveniência e ocupação dos egressos, demanda de abertura para vagas em lato sensu para que se possa mostrar a real necessidade social e importância regional do curso;

Um dos grandes desafios do Curso de Filosofia de Caicó será a sustentação no oferecimento da filosofia presencial em relação a outros de IES que oferecem a Filosofia de forma EaD na cidade de Caicó. Hoje, segundo os dados do EMEC, existem 9 cursos EaD sendo oferecidos em Caicó, com uma mensalidade que vai de R\$ 89,90 a R\$ 210,80. Perpassou-se os PPC dessas IES e notou-se que o papel da Educação a Distância, não mais se constitui como mais um ferramental educacional, mas novo projeto político de Educação, em que a capacidade de nos posicionarmos criticamente é que nos permitirá utilizar os recursos tecnológicos como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Apesar de ser pago, essas IES tem um total de 445 alunos (cf. EMEC, 2022).

Os PPC dessas Instituições estão atualizados, o mais antigo de 2021. Temos, em contra partida, que o PPC do Curso de Filosofia de Caicó é de 2017, ou seja formulado antes do Instrumento de Avaliação Vigente. Faz-se necessário a feitura de um novo PPC que contemple a nova legislação vigente e acompanhe o Novo Instrumento de Avaliação que nascerá da Portaria nº 921 de 13 de outubro de 2022. Podemos notar, na análise documental, que há discussões no Departamento no sentido de reelaboração do PPC. Contudo, o novo PPC não deve ser disposto, apenas, para atender aos requisitos legais da construção do documento. Ele deve considerar uma construção coletiva e ideológica regional, nacional e internacional.

Deve ainda refletir o interesse do grupo que o implementará (educadores, discentes e sociedade), o que resultará efetivação do proposto no documento. Não se pode mais pensar na

formação de professores regionalmente, há de se pensar mundialmente. Uma pergunta: hoje o Curso, se adequaria em receber um estudante que viesse da USP, UFMG, UFPE, UVA, ORFORD, UEA, Gregoriana de Roma, Universidade de Paris I? Uma abordagem transversal da filosofia no PPC poderia favorecer a formação integral do egresso. Lembremos que a construção de um PPC não pode estar cerrada em reuniões ou salas ou, ainda, a dois ou três, mas “pressupõe o envolvimento de diferentes instâncias que atuam no campo da educação e a consolidação de um processo de ação-reflexão-ação que exige o esforço conjunto e a vontade política do coletivo escolar” (Veiga, 2001, p. 46). O que se espera é o desenvolvimento de práticas pedagógicas conscientes e intencionais, com vistas à transformação social, através de uma autonomia e um compromisso dos diferentes protagonistas (estudantes, professores e funcionários) nos processos de decisão.

O campus de Caicó, não pode se manter isolado dos outros Campi da UERN, nem isolado em si mesmo que não possa vislumbrar as novas propostas educacionais para a filosofia que nasce a um ritmo acelerado. Ao contrário, deve buscar a união em vista do fortalecimento educacional no RN. Há de se notar que a introdução de disciplinas não presenciais no currículo do ensino superior, regulamentada pela Portaria nº 2.253/2001, possibilita repensar a EAD como uma “estratégia na construção de uma educação de qualidade” (Correia, 2008).

Claro que tudo isso deve ser pensado diante de um projeto pedagógico que preveja a superação de vários desafios, tipo: o desafio da flexibilidade, da autonomia do alunado, do uso da tecnologia como mediatizadora de uma relação biunívoca, interativa, do pensar, ao planejar com base numa proposta construtivista. Ao tentar reformular o PPC do Curso, o Departamento tem que ter em mente as velozes transformações tecnológicas que impõem um ritmo diferente à práxis de ensinar e do aprender. E mais ainda que o processo de Ensino-aprendizagem do estudante requer uma tomada de consciência sobre o seu papel de que a garantia da aprendizagem está nele próprio e não no educador ou na tecnologia.

Por fim, o grande desafio, depois dos 20 anos de curso nessas terras áridas, mas férteis de saber, perpassa pela melhora na estrutura física e a implementação de um mestrado e doutorado próprios, que venham a formar os egressos. O mestrado que hoje se tem é profissional e uma iniciativa da ANPOF e da Universidade Federal do Paraná.

O curso em questão tem formado com louvor os professores de filosofia do Seridó. Mas, a implantação desses dois *Stricto Sensu* a nível acadêmico e não profissional seria de fundamental importância para a área da pesquisa e uma consolidação da filosofia na Região do Seridó.

Não se pode isolar a Universidade dentro dos muros. Não se pode petrificar o pensamento em assuntos e estudos que já estão estagnados sem dispor aos discentes uma gama de teorias, estudos e inovações da contemporaneidade. É necessário que a Universidade se oriente pela ideia de movimento rumo à produção acadêmica alternativa.

Mais do que nunca, há de se escutar o clamor e o que a sociedade requer para os tempos atuais, para que se faça um desenvolvimento educacional, no qual as competências interessam a todos, não somente aos educadores, que tem seus trabalhos assegurados pelo concurso que fizeram, mas, também do mundo do trabalho e educandos – na perspectiva de um ensino significativo que visa transformar a sociedade por meio da Educação.

Se não for dessa forma, a filosofia será apenas uma teoria vazia e sem ação. Lembremos que o nada se nadifica, pois, é o nada que se coloca acima do ente determinado e causa o seu velamento. É o nada que coloca em movimento a busca pelo ente, isto é, uma busca própria do saber científico que deixa escapar o elemento que nadifica o ente, ou seja, o nada.

CONCLUSÃO

É indiscutível o papel da Diocese de Caicó e, mais ainda, da UERN na instalação do Curso de Filosofia e, por conseguinte, na expansão do ensino superior na Região do Seridó. Foi acertada a criação do curso filosófico, pois esse pode contribuir na educação do outro para ser outro, lançando-se ao desconhecido. A própria via educacional adotada, mostrou seu total abdicar de qualquer poder de controle da formação daquilo que podia vir a ser criado.

A UERN não pode fechar os olhos para a potencialidade educacional que existe na Região do Seridó. Os investimentos, com todas as dificuldades existentes, devem ser realizados na infraestrutura, na abertura de novos cursos, na contratação de professores, no chamamento de professores colaboradores que possam dar a sua contribuição para formação dos alunos (a UERN tem que aproveitar os egressos que tenham mestrado e doutorado e convocá-los para responsabilidade formativa das novas turmas como colaboradores. Não pode ignorar que aqueles foram frutos daquela casa) e celebrar convênios nacional e internacional no âmbito da filosofia.

Diante de toda história educacional promovida a princípio pela Diocese de Caicó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sendo que esta última, deveria levar novos cursos para a região como: Letras (Português, Letras Espanhol, Letras Francesa), Música, Administração, Jornalismo, Ciências Biológicas, Química ao nível de graduação, pois há uma demanda reprimida dessas áreas. Em relação ao *Latto Sensu* – Especializações em Ensino da Filosofia, História da Filosofia, Problemas de Filosofia (Medieval, Moderna e Contemporânea). No âmbito do *Stricto Sensu* um mestrado próprio ou em conjunto com outra IES sobre – Filosofia e Ensino, Ética, História da Filosofia, Política. Como dissemos ao longo do texto, o curso deveria aproveitar todos os egressos com mestrado e doutorado para realizar esses tipos de cursos. E até mais, poderia convidá-los e cadastrá-los como professores colaboradores para o Curso de Graduação. Há uma potencialidade enorme no corpo docente para realização desses novos passos. Porém, há de se dar a estrutura necessária a essa realização.

O concurso realizado em 21 de abril de 2024 pela UERN, visa preencher duas vagas para filosofia. Parece pouco, mas é um bom início de renovação no ensino, pesquisa e extensão.

Falou-se em três momentos educacionais no Seridó, cabe agora ao Campus da UERN proporcionar o quarto momento, que é a implantação de cursos de mestrado e doutorado na Região, ligados aos cursos existentes e trazer novos cursos de graduação para que possa ampliar a oferta do ensino superior. Nessa empreitada, o Departamento de Filosofia poderá contar com a ajuda dos egressos do curso e seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, INEP/MEC. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/ov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6115](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6115)

**A formação do Curso de Filosofia em Caicó-RN:
uma análise do início até os dias atuais (1998-2024)**
PACHECO, Marcio de Lima; SILVA, Francisco de Assis Costa da

BRASIL, Ministério da Educação. **EMEC 2022**. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>. Acesso em: 31 jul. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 31 maio 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto PL 3178/1997**. Altera dispositivos do art. 36 da Lei n Q 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoes>; <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD07JUN1997.pdf#page=73>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007**. Altera dispositivos dos Decretos nos 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6303.htm. Acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 out. 2022.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística – 2020. notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES nº 492/2001**: aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social. Brasília: MEC/CNE, 3 abr. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 1.615, de 31 de maio de 2002**, publicada no Diário Oficial da União, de 3 de junho de 2002, dispõe da autorização de funcionamento do Curso de Teologia na Faculdade Eugênio Sales, mantida pelo Colégio Diocesano Seridoense.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Diário Oficial da União nº 239, de 11 de dezembro de 2019 – Seção 1 – pág. 131 Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. Disponível em <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.117-de-6-de-dezembro-de-2019-232670913>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 2.222, de 27 de dezembro de 2019**, dispõe sobre o Descendenciamento da Faculdade Eugênio Sales, mantida pelo Colégio Diocesano Seridoense. BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004**. Regulamenta a oferta de carga horária a distância em disciplinas presenciais. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port4059-2004.pdf>

BRASIL. **Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRASIL. **Portaria MEC nº 921, de 13 de outubro de 2022**. Diário Oficial da União publicado em: 14/10/2022 - Edição: 196 - Seção: 1 | Página: 90 Dispõe sobre as diretrizes para elaboração dos instrumentos de avaliação de instituições de educação superior e de cursos de graduação em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2022/10/portaria-n921-13-outubro-2022.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino.

CNPQ. **Currículo do sistema de Currículos Lattes**. Informações sobre os alunos concluintes da turma de 2002.2. Disponível em: <https://www.lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

COMPANHIA DE JESUS. **Ratio Studiorum: o método pedagógico dos jesuítas**. Tradução de Leonel Franca. *O método pedagógico dos jesuítas*. São Paulo: Agir, 1952.

CORREIA, Juliane, 2007. O Cenário Atual da EAD In: **SENAC. Curso de Especialização em Educação a Distância**-vol.1versão 4.0,2007.

DANTAS, João Agripino. **[correspondência]** Destinatário Prof. Marcio Pacheco. São João do Sabugi-RN, 06 de agosto de 2004. 1 carta pessoal. Autografada.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Decreto 19.176 de 10 de junho de 2006**. Reconhecimento do Curso de Filosofia.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Estado, da Educação e da Cultura Conselho Estadual e Educação. **Renovação de Reconhecimento do Curso de Licenciatura em Filosofia do Campus Central. Processo nº 66498/2014-2/SEEC/RN**.

GUAREZI, Rita de. Cássia Menegaz et MATOS, Márcia Maria de. **A educação a distância sem segredos**. Curitiba: Ibpex, 2009.

INSTITUTO CARDEAL EUGÊNIO SALES. **Ata de inscritos do vestibular**, 1999.

INSTITUTO SUPERIOR CARDEAL EUGÊNIO SALES. **2ª ATA DE REUNIÃO COM OS ALUNOS**, 2001.

DOI: 10.25244/1984-5561.2023.6115

**A formação do Curso de Filosofia em Caicó-RN:
uma análise do início até os dias atuais (1998-2024)**
PACHECO, Marcio de Lima; SILVA, Francisco de Assis Costa da

INSTITUTO SUPERIOR CARDEAL EUGÊNIO SALES. **3ª ATA DA REUNIÃO
DOCENTE DO ICS**, novembro, 2001

INSTITUTO SUPERIOR CARDEAL EUGÊNIO SALES. **Plano Político Pedagógico**, 2000.
85p.

INSTITUTO SUPERIOR CARDEAL EUGÊNIO SALES. **Plano Político Pedagógico**, 2001.
96p.

INSTITUTO SUPERIOR CARDEAL EUGÊNIO SALES. **Planos de Ensinos**, 1999- 2001.
45p.

JASPERS. Karl. **Filosofia**: desde el punto de vista de la existencia. México: Fondo de Cultura
Económica, 2011.

PACHECO, Marcio de Lima. **A formação de professores de filosofia para o estado do Rio
Grande do Norte**: a aposta na filosofia diante da LDB e da volta da filosofia ao Ensino Médio.
Porto Velho: Projeto de Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia, 2015, 15p.

PACHECO, Marcio de Lima. **Carta a Dom Jaime Vieira Rocha**. Datada de 03 de março de
2001.1. Carta pessoal-autografada. Caicó: 2001.

PACHECO, Marcio de Lima; SILVA, Francisco de Assis Costa. PACOMA, **Relatório de
viabilidade de implantação de cursos de graduação e Stricto Sensu na área da Saúde na
Região do Seridó**, 2017, 95p.

PLATÃO. **Protágoras**. Fortaleza: UFC, 1986.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp,
2007, p. 71.

SILVA AN, Santos AMG, Cortez EA, Cordeiro BC. Limites e possibilidades do ensino à
distância (EaD) na educação permanente em saúde: revisão integrativa. **Ciênc. Saúde
Colet**. 2020; 20(4), p.1099-1107. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015204.17832013>

SILVA, A. K. L. da; FALCÃO, J. T. da R.; TORRES, C. C. **Perfil socioprofissional do
professor de EAD (Ensino a Distância) em Natal (RN)** *Psicol. argum*;32 (78):117-125, jul.-
set. 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-62852>

SILVA, Francisco de Assis Costa da et PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. O latim do Missale
Romanum: uma análise e comparação das mudanças das fórmulas latinas nos Missais anteriores a
1969 e de Paulo VI. Caicó/RN, **Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardeal
Eugênio Sales**. Vol. 2, 2001, p. 09-38.

SILVA, Francisco de Assis Costa da; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. A tradução do
Missale Romanum para Língua Portuguesa: Um estudo de termos incorretos utilizados na
tradução de 1970, 1983, 1997. **Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardeal Eugênio
Sales**. Caicó/RNS, Vol. 1 1999 (p. 08-40)

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6115](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6115)

**A formação do Curso de Filosofia em Caicó-RN:
uma análise do início até os dias atuais (1998-2024)**
PACHECO, Marcio de Lima; SILVA, Francisco de Assis Costa da

SILVA, Francisco de Assis Costa da; PACHECO, Marcio de Lima Pacheco. O latim utilizado nos Breviarii de Pio X, Pio XII e João XXIII: Concorrências e Discordâncias. **Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Cardeal Eugênio Sales**. Caicó/RN, Vol. 2, 2000, p. 12-29)

SOBREESTUDAR, Primeira turma de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. PhD. Marcio de Lima Pacheco. **YouTube Sobreestudar**, 06 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://youtu.be/KFRSbEFgXFI>. Acesso em: 28 ago. 2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. CONSEP. **Resolução nº 35/2001, de 02 de agosto de 2001**. Dispõe sobre o Funcionamento do Curso de Filosofia na Cidade de Caicó-RN. Mossoró: Conselho Universitário, 2001.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Convênio celebrado para Funcionamento do Curso de Filosofia, de 02 de agosto de 2001**. Dispõe sobre o Funcionamento do Curso de Filosofia na Cidade de Caicó-RN. Mossoró: Conselho Universitário, 2001.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Decreto do Governo do Estado nº 19.176 de 10 de junho de 2006**. Dispõe sobre o Reconhecimento do Curso de Filosofia na Cidade de Caicó-RN. Mossoró: Conselho Universitário, 2001.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Filosofia**, 2017. 200p.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **RELATÓRIO GERAL DE AVALIAÇÃO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL SEMESTRE REFERÊNCIA 2021.2**. Departamento de Filosofia Caicó. Disponível em: http://portal.uern.br/wp-content/uploads/2022/08/Relatorio_15975481_Relatorio_do_Ensino_Remoto_Emergencial_2021.1.pdf. Acesso em: 13 jul. 2022.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma Construção possível**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2001.

VIEIRA, Dom Jaime Rocha. **Carta Pessoal** ao Prof. Marcio Pacheco. Datada de 06 de agosto de 2001.1. Carta pessoal-autografada. Caicó: 2001.

DE GRATIDÃO E CONGRATULAÇÕES À FILOSOFIA EM CAICÓ¹

[THANKFULNESS AND CONGRATULATIONS TO THE PHILOSOPHY COURSE IN CAICÓ]

William Coelho de Oliveira
williamcoelho@uern.br

Professor de Filosofia desde 1988. Supervisor de Estágio Supervisionado do DFI. Coordenador de Estágio da FAFIC. Editor-chefe da Revista Contexto - periódico de Ciências Humanas da FAFIC. Licenciado em Filosofia (UFRN, 1984-87) com pesquisa sobre A Noção de Deus em Spinoza. Mestre em Filosofia (UEPB, 1997-2000), com dissertação sobre as Implicações Éticas do Conceito de Animal Político em Aristóteles. Pesquisa sobre O Nous Poietikos: As Formas da Razão em Aristóteles (Doutorado inconcluso) e as Condições do Ensino de Filosofia na 12ª DIREC/RN.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6788](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6788)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2023. Aprovado em: 10 de março de 2023

¹ Discurso em 16/11/2022 na UERN em Caicó, em comemoração aos 20 anos do Curso de Filosofia no Seridó Potiguar.



I - SAUDAÇÃO

Boa noite a todas as pessoas aqui presentes!

Saúdo a Prof^ª. Dr^ª. Shirlene Mafra, diretora do campus Caicó, da UERN, em nome de quem estendo a saudação a todas as autoridades aqui presentes ou representadas!

Saúdo o Prof. Dr. Marcos Érico, chefe do Departamento de Filosofia da UERN-Caicó, em nome de quem estendo a saudação a todos os colegas docentes aqui presentes!

Em nome da Secretária do Mestrado Profissional em Filosofia, *Erivânia Maria de Medeiros*, saúdo todas as pessoas, cujo trabalho técnico nos permite melhor servir ao Público interno ou externo da UERN!

E em nome da representante discente *Wanessa Alves*, saúdo todas as demais pessoas que hoje constituem a razão de ser do Curso de Filosofia, em Caicó!

II – EM DUAS PALAVRAS: SÍNTESE DO MEU SENTIMENTO NESTA CERIMÔNIA: *GRATIDÃO E CONGRATULAÇÕES*

1 Gratidão pela honraria em memória viva!

Que aprendamos e, por conseguinte, criemos o hábito de *regar flores em vida*, para não as deixar morrer no túmulo, como mero símbolo da nossa dor póstuma, em vez da alegria vívida!

Assim, num gesto de gratidão próprio da nossa profissão com a Filosofia, ousou exercitá-la pensando sobre os três conceitos marcantes na frase acima: *gratidão, honra e memória*.

1.1 Com respeito à MEMÓRIA, todos sabemos que ela é a condição pela qual resgatamos o passado e, assim, reavivamos uma experiência. Mas, epistemologicamente, seguindo a *Metafísica* de Aristóteles (384 a 322 a.C.), ousou dizer que ela consiste no registro de uma experiência, graças ao qual se possibilita um aprendizado, cuja ausência impossibilita a justiça ética ou política. Por isso tenho pensado que o esquecimento é próprio dos ingratos. E tenho ousado dizer que ingratidão é ato de injustiça.

Então, para não ser injusto, lembro-me quando, em 2001, como Chefe do Departamento de Filosofia da UERN, em Mossoró, recebi o convite do então reitor, Prof. Walter Fonseca, para discutirmos sobre a proposta lhe enviada pelo Bispo de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha, para a criação do curso de Filosofia nesta cidade do Seridó do Rio Grande do Norte.

Num contexto, aparentemente, adverso, dada a acirrada oposição política entre o Departamento de Filosofia e a Reitoria da UERN, conseguimos conduzir o processo, uma vez

constituída a Comissão pela plenária departamental: o chefe, o veterano e o doutor. O Prof. João Batista Xavier, além de mais experiente política e academicamente na UERN, era amigo pessoal do Bispo Dom Jaime. O Prof. Antônio Jorge Soares foi o primeiro doutor da UERN e, por conseguinte, era o mais capacitado academicamente para tamanha tarefa.

Vale lembrar que, ao indicar a Comissão, a plenária impôs uma única exigência: aproveitar o ensejo para criarmos também o curso de Filosofia em Mossoró, onde lecionávamos *Introdução à Filosofia e Metodologia da Ciência* em todos os cursos existentes.

Por outro lado, vale ainda registrar o meu aprendizado com o argumento do Bispo, que designou o Pe. Costa para nos acompanhar no “processo de incorporação do então Curso de Filosofia Eclesiástica da Diocese de Caicó”, transformando-o no Curso de Licenciatura em Filosofia, desde então gerido pela UERN. Para ele, *os seminaristas precisavam garantir uma profissão, caso desistissem do sacerdócio*.

E isso me maravilhou como lição de responsabilidade social com a sua Gente.

1.2 Feito o registro, entendo por **GRATIDÃO** o gesto pelo qual se manifesta o reconhecimento de um aprendizado no Serviço prestado, por cuja interação o Servidor se impulsiona a servir mais e melhor.

Aqui, refiro-me, especialmente, ao gesto do Prof. Marcos Érico, por me convidar para esta homenagem memorial, junto com o Prof. Antônio Jorge, nesta *Semana de Filosofia*, em **comemoração aos 20 anos do Curso de Filosofia, em Caicó**.

Gratidão, caro colega Professor! Seu convite honrou-me e provocou minha memória tornando-me mais feliz na presença de vocês.

Então, para ilustrar este conceito, permitam-me reavivar, fenomenologicamente, a experiência de um aprendizado enquanto Assessor da Pró-reitoria de Recursos Humanos da UERN, quando coordenei o maior processo seletivo para servidor temporário, nos cinco campus da nossa universidade. O tempo era 2006 e o espaço, o campus de Pau dos Ferros, onde encontrei uma das equipes mais organizadas, em nome da qual um professor apresentou-me algumas perguntas providenciadas para a seleção de Auxiliar de Serviços Gerais. Entre elas, uma me chamou atenção. Perguntava-se: *quais dessas palavras você mais usa: 1) com licença; 2) por favor; 3) desculpe*. Então, indaguei-lhe pela causa final como pressuposto da questão: *o que você pretende com essa pergunta?* E ele me respondeu: *saber do nível de educação e disposição dos candidatos*. Ao que lhe redargui sobre as consequências:

mas a interpretação pode ser dúbia: a pessoa pode pensar que se ela responder com a alternativa 1) – “com licença” – os avaliadores podem entender que ela é muito intrometida, que vive se metendo em conversa alheia. Se escolher a 2) – “por favor” – podem pensar que ela é muito pidona, que vive pedindo para fazerem trabalho que ela mesma pode fazer. Se ela preferir a 3) – “desculpe” – podem supor que ela vive cometendo erros.

Então ele riu meio sem graça a me perguntar o que fazer. E eu acrescentei o que poderia fazê-lo pensar: *não falta aí uma palavra?* E ele: *qual?* Respondi-lhe: *“obrigado”* – justificando-lhe com uma pretensa definição –, *porque ela expressa o reconhecimento do trabalho alheio*. Ao que ele, pensativo, me agradeceu sorridente e, após um aperto de mão, dedicadamente providenciou o devido ajuste.

A partir disso, tenho pensado que a GRATIDÃO não pode se reduzir à palavra humana, mas deve constituir-se num gesto de alegria e interação, tal como vários animais nos expressam seu aprendizado. Porém, isso implica em outros conceitos e exemplos sobre os quais não cabe me aprofundar agora.

1.3 Sobre a HONRA, valho-me da *Ética a Nicômaco*, do mesmo Aristóteles, para não esquecer que tal virtude “diz mais de quem a concede do que de quem a recebe” (E.N. I.5 1095b). E eis aqui a minha grande honra: **ser lembrado por pessoas como o Prof. Marcos Érico**, certamente sob o respaldo do **Prof. Pe. Assis Costa e dos professores Teixeira, Deda, José Eudo e Emerson**, que participaram conosco daquela primeira etapa do processo.

Além, claro, das professoras Shirlene Mafra e Reilta Cirino, principalmente pela visão pedagógica que lhes compete. E demais colegas que fortalecem essa luta pela Filosofia na Educação.

Ademais, tive a honra de trabalhar diretamente com o meu nobre colega filósofo e amigo, Prof. Jorge Soares, um autor amante da filosofia de Platão; e com o Prof. João Batista Xavier, fundador do Departamento de Filosofia da FAFIC, no campus Central, e coordenador dos trabalhos da Filosofia em Caicó.

2. Concernente às CONGRATULAÇÕES, devo dizer que, para mim, este termo é preferível a “parabéns” porque, dada sua origem latina, ele guarda a raiz comum de GRAÇA: *GRATUS*. Assim, vale lembrar que ele denota o *con-graça-mento* pela conquista de outrem, ou seja, a graça conjunta, a alegria compartilhada. Isto é: a felicidade pela realização de vocês com o fortalecimento da Filosofia na Região do Seridó Potiguar.

2.1 E aqui penso em FELICIDADE também no sentido aristotélico: não apenas como alegria ou prazer, mas como realização do ser, pelo fim alcançado. Por isso, congratulações a vocês que se realizam hoje no convívio com a Filosofia!

2.2 E assim, gosto de pensar – como o gestor público no cargo de Diretor da FAFIC ao qual me projetei (2018-22) e como educador que me realizo no aprendizado com pessoas que ensinam ao quererem aprender – sobre o quê ousou dizer que:

*A graça do Mestre não é tanto comandar, mas, como Educador, fazer seus comandados e aprendizes se superarem em suas próprias dificuldades.
Nesses termos, vale pensar: qual seria a graça do aprendiz se não for a de superar as dificuldades do Mestre?*

E aqui deixo-vos, de graça, para vocês pensarem os possíveis sentidos de *graça*.

III – DO PRECONCEITO À VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO

1. Para concluir, peço licença para lhes propor uma reflexão sobre a nossa valorização como profissionais das ditas Ciências Humanas e sobre o nosso papel, a partir da fala do físico alemão Albert Einstein (1879-1955), que teria dito, no século passado: *em que época vivemos, que conseguimos quebrar o átomo, mas não conseguimos quebrar um preconceito!*

Ora, se a Filosofia lida, fundamentalmente, com os conceitos, nada lhe é mais nefasto do que o preconceito. Então, a quem melhor cabe tal compromisso profissional?

1.1 Assim, doi-me pensar, mas ousou dizer que o primeiro e o principal preconceito a ser quebrado é o próprio elitismo da Filosofia. Embora ela tenha origem elitista entre os Gregos Antigos, o próprio Sócrates, além dos Cínicos e dos Céticos, nos proporciona tal rompimento – não histórico, mas – didático e político para que ela cumpra a sua graça na Educação.

A título de ilustração, permitam-me, pois, mencionar-lhes um aprendizado que vivenciei em 2006, quando participei de uma reunião em João Pessoa com o representante do MEC e professores de Filosofia, representantes da Região Nordeste, proposta pelo Presidente Lula, a fim de “desengavetar a Lei do Ensino de Filosofia e Sociologia na Educação Básica”: Lei 11.684/2008. Segundo o coordenador da reunião, o Presidente teria convocado e questionado a entidade representativa da Filosofia no Brasil acerca das condições para inserir tal componente no currículo do Ensino Médio. Infelizmente, a ANPOF não tinha sequer percebido isso como um problema: nem social, econômico ou político; tampouco filosófico. Por qual razão, se não pelo preconceito elitista, que acabava de ser revelado pelo Presidente Torneiro-Mecânico, como um tapa na cara dos titulados filósofos brasileiros, com um argumento simples, que nem o presidente Sociólogo enxergara? Penso que ele teria dito: *ao criarmos a profissão de Professor de Filosofia, além de engendrarmos uma melhora na Educação Básica, com os novos salários movimentaremos mais a economia do país.*

1.2 Além disso tenho observado, e ousado falar em várias reuniões, palestras e textos, acerca do preconceito que mantemos com a supervalorização do modo bacharelesco em prejuízo da formação de professores. Por exemplo: supervalorizando a pesquisa como Trabalho de Conclusão do Curso, em detrimento do Estágio Supervisionado, que até poderia gerar vários produtos pedagógicos correspondentes a um TCC mais apropriado.

Como Coordenador do Estágio Supervisionado dos Cursos da FAFIC, tenho observado a demanda de estagiários do bacharelado em busca da minha assinatura no Termo de Compromisso de Estágio deles, até em feriados e finais de semana, para se apresentarem logo na instituição campo de estágio; enquanto nos cursos de licenciatura, diversas escolas têm me reclamado que alguns estagiários ainda não tinham se apresentado, embora, desde outubro, eu já tenha disponibilizado aos departamentos a minha assinatura digital, em vista do tempo que se perde entre o calendário escolar e o calendário letivo da UERN.

Vale pensar: por que estagiários de Comunicação Social, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Radialismo, Arquitetura, Engenharia, Direito, Odontologia ou Medicina e de outros bacharelados sempre se esforçam em cumprir tarefas de auxiliar ao seu profissional supervisor, demonstrando o seu aprendizado, na esperança de serem contratados tão logo concluem o curso, mas os estagiários da licenciatura, principalmente em escolas públicas, parecem visar apenas cumprir a carga horária devida?

Então, lhes pergunto: como podemos reivindicar a valorização da nossa profissão de Educador, se nós mesmos, profissionalizantes, não assumirmos a responsabilidade como

competência pela qual toda profissão deve ser valorizada, quando temos a oportunidade para tal na nossa própria profissionalização?

1.3 Por isso, como dica para trilhar a reflexão sobre o papel da Filosofia na Educação, deixo-lhes a frase que uso no verso do crachá que criei para os meus estagiários de Filosofia pensarem constantemente: **“A valorização social da profissão é proporcional à responsabilidade de cada profissional”**.

E assim, encerro reforçando minha gratidão e congratulações a todas as pessoas envolvidas, no desejo de que sejam responsáveis com a sociedade que lhes garantiu, gratuitamente, a sua profissionalização, contribuindo com o que a Filosofia pode nos proporcionar!

“ENSINO DE FILOSOFIA”: UMA QUESTÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA¹

[“TEACHING PHILOSOPHY”: A QUESTION FOR THE TRAINING OF PHILOSOPHY TEACHERS]

José Teixeira Neto

joseteixeira@uern.br

<https://orcid.org/0000-0002-0290-3479>

Doutor em Filosofia (2012-UFRN) com Estágio de Doutorando no Exterior na Universidade de Coimbra/Portugal-Orientador no Exterior: João Maria André. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq/UERN Ensinar e Aprender na Educação Básica e NEFHEM: Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval – PRINCIPIUM (UEPB/Campina Grande-PB). Atua na área da Filosofia com ênfase em História da Filosofia Medieval, Metafísica e Mística. Na área de Ensino de Filosofia e formação de professores supervisiona estágios curriculares obrigatórios e leciona no PROF-FILO, Campus Caicó da UERN.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5734](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5734)

Recebido em: 29 de janeiro de 2024. Aprovado em: 20 de fevereiro de 2024

¹ Uma versão anterior dessas análises foi publicada em 2022 (TEIXEIRA NETO, 2022). Na versão que apresentamos agora aparece a análise do Projeto Pedagógico de 2022 que não aparecia na versão anterior e uma breve análise dos títulos dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos últimos 20 anos para mostrar como o tema “ensino de filosofia” está praticamente ausente como tema de pesquisa do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 79-88

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5734](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5734)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



A presença da filosofia no ensino médio impulsiona pesquisas e práticas sobre a especificidade do seu ensino. Uma das lições que repetimos com Cerletti (2009) é que nossas estratégias didáticas decorrem da concepção que temos de filosofia ou como nos ensina Capaner (apud ARAÚJO E CEPPAS, 2017, p. 62) “Ao escolher o modo como vamos ensinar (as estratégias didáticas), assumimos uma concepção de filosofia. Não é possível, portanto, fazer escolhas de conteúdo e de didática separadamente”. Desse modo, é necessário pensar a partir da questão “o que é filosofia?” “como” ensinar filosofia na escola e, principalmente, “como” os/as estudantes a aprendem em salas de aula do ensino médio. Esta direção e tendência para o pensar, deveria encontrar nos cursos de formação de professoras e professores de filosofia, seja na licenciatura e agora no Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, o solo a partir do qual se desenvolver. No que segue, entretanto, pretendemos explorar os Projetos Pedagógicos de Curso-PPC² da Licenciatura em Filosofia do Campus Caicó da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN e verificar, a partir da nossa prática e vivência como professor formador de professoras e professores de filosofia, o que tentamos fazer para que o ensino de filosofia se tornasse, como questão propriamente filosófica, tema de pesquisa dos Trabalhos de Conclusão de Curso-TCC e permanesse como fim para o qual a Prática Pedagógica³ (Estágio Supervisionado e a Prática dos Componentes Curriculares) se direciona.

O primeiro PPC/2002 do Curso de Licenciatura do Campus Caicó da UERN manteve a característica do formato 3+1, com a maioria das disciplinas da área específica de filosofia nos três primeiros anos e as da área de formação de professores nos últimos períodos: Didática; Psicologia da Adolescência e Sociologia da Educação no quinto período; Psicologia da Aprendizagem no sétimo período; Prática de Ensino I e II e Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico no oitavo período. Nas diversas reformulações desse primeiro PPC (2006, 2012 e 2017), a eterna disputa entre as/os que defendem a necessidade do bacharelado e as/os que apostam em um curso de formação de professores e professoras é permanente. Apesar disso, o departamento vem optando por manter apenas a licenciatura. Porém, é possível encontrar no currículo e na de pesquisa traços do desejo bacharelesco por considerarem que no bacharelado o trato com a filosofia na leitura de textos da tradição, pesquisa e produção textual seria mais efetivo do que na licenciatura em que se perderia muito tempo com as disciplinas “pedagógicas”. De qualquer modo, é importante questionar se o departamento de filosofia do Campus Caicó da UERN não estar a fazer concessões às/aos que defendem o caráter bacharelesco da pesquisa quando, por exemplo, os PPCs não abrem possibilidades para que se apresente como Trabalho de Conclusão de Curso-TCC o próprio Relatório de Estágio, Portfólio ou outro tipo de produção decorrente do Estágio Supervisionado e da Prática dos Componentes Curriculares ou que o TCC possa ser resultado de uma pesquisa sobre questões e problemas do ensino da filosofia no ensino médio ou de outras áreas afins desde que se garantisse a abordagem filosófica. Desde o PPC/2002 vem se mantendo o caráter do TCC como uma “pesquisa em Filosofia”. De fato, no ementário de Monografia II do PPC/2002 encontra-se o seguinte: “Elaboração de um trabalho monográfico *de cunho filosófico*, sob orientação de um professor do Departamento de Filosofia”. (Grifo nosso). Se os PPCs de 2006, 2012 e 2017⁴

² No site do curso de filosofia é possível ter acesso as edições 2012, 2017 e 2022 dos projetos pedagógicos: <http://caico.uern.br/dfi/default.asp?item=filosofia-caico-projeto-pedagogico>. Os Projetos Pedagógicos de 2002 e 2006 não estão disponíveis no site.

³ Ao seguir a *Resolução CNE/CP n. 2/2019*, o PPC 2022 (UERN, 2022, p. 21) estabelece que a carga horária mínima total de 3.200 horas deve ser distribuída da seguinte forma: Grupo I – Base Comum (GBC) (800 horas); Grupo II – Conteúdos Específicos (GCE) (1.600 horas) e Grupo III – Prática Pedagógica (GPP) (800 horas) que “[...] reúne a parte do currículo voltada para a prática pedagógica do Estágio Supervisionado ou da modalidade Prática dos Componentes Curriculares”.

⁴ Sobre o PPC/2022 veremos um pouco mais adiante.

o ementário muda, não muda, contudo, a concepção de que o TCC deve ser uma “pesquisa em Filosofia”.

Para tanto, analisemos alguns artigos sobre o TCC na parte que trata da organização e funcionamento do currículo no curso de licenciatura em filosofia nas edições dos PPCs 2006, 2012 e 2017. O Seminário de Monografia II culminará “na elaboração de um Projeto de *Pesquisa em Filosofia*”, afirma o PPC/2006 em seu §1º Art. 5º (Título I, IV Parte); a mesma expressão se mantém no PPC/2012 e PPC/ 2017 (em ambos no §1º Art. 5º; Título I, IV Parte).

Por outro lado, as modificações mais expressivas vamos encontrar no PPC/2022. Em dois momentos diferentes, o referido PCC afirma que “Garantindo-se o caráter especificamente filosófico do TCC, serão consideradas pesquisas e estudos em temas filosóficos e filosófico-educacionais” (n. 8.4, p. 38; n. 19; Título III, Cap. I, Art. 31, p. 185). Nesse caso, a expressão “filosófico-educacionais” é uma brecha que docentes que pesquisam as temáticas ligadas ao ensino de filosofia no departamento conseguiram abrir. Assim, o departamento não reconhece explicitamente a área de pesquisa “ensino de filosofia”, mas concede que algumas temáticas ligadas à filosofia da educação e áreas afins possam ser temas das pesquisas de conclusão de curso.

Outro aspecto que merece atenção no que se refere ao TCC, é o tema sobre “os deveres do orientador”. O tema não aparece no PPC/2002, mas as outras edições repetem que “Cabe ao(à) docente-orientador(a) acompanhar a elaboração do Projeto de Pesquisa e os procedimentos necessários à execução da *pesquisa em Filosofia*”. (PPC/2006, § 1º, Art. 5º, Título I, Parte IV; Art. 24, Cap. III, Título III, Parte IV; PPC/2012, Art. 24; Cap. III, Título III, Parte IV; PPC/2017, Art. 24, Cap. IV, Título III, Parte IV; PCC/2022, Art. 35, Cap. IV, Título III, n. 19. Grifo nosso). Julgo que as expressões trabalho “de cunho filosófico” e “pesquisa em Filosofia” não reproduzem somente a necessária preocupação do departamento em garantir formação filosófica específica e competências e habilidades com a pesquisa em filosofia para as/os futuras/os professoras/res, mas é um “jeito” de domar a licenciatura e manter um viés de bacharelado em um curso de formação de professoras/res, pois a expressão “ensino de filosofia” nunca aparece nos PPCs em um contexto da pesquisa filosófica. De modo algum sustento aqui que as pesquisas sobre o ensino de filosofia devam ser exclusivas das licenciaturas ou do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, mas questiono se em uma licenciatura não deveríamos abrir espaço e incentivar outros formatos de pesquisa em filosofia e não restringir, por exemplo, os TCCs ao formato “um filósofo, uma obra, um tema” (tema x na obra y do autor z). Deveria causar estranheza que tenhamos mantido esse caráter eminentemente bacharelesco dos TCCs nas reformulações posteriores dos PPCs (2006; 2012, 2017 e 2022) que atenderam às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica (Resoluções CNE/CP nº 1 e nº 2, de 19 de fevereiro de 2002; Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015; Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019⁵) e mesmo depois da experiência com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID (2009-2022) e da maioria dos professores do departamento ser também professores do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO.

As pesquisas desenvolvidas no PROF-FILO, por outro lado, conseguem abrir uma pequena brecha nesse cenário. Algumas/alguns docentes percebem que é possível fazer na graduação pesquisas que envolvam o ensino da filosofia. O diálogo entre estudantes da graduação e da pós-graduação por meio de grupos e projetos de pesquisa vem permitindo que as/os estudantes da graduação se interessem por temáticas pesquisadas no mestrado profissional e se perguntem se o mesmo não poderia ser feito na licenciatura. Porém, é necessário reconhecer que essa possível articulação entre graduação e pós-graduação reverbera timidamente na produção de

⁵ A Resolução CNE/CP nº 2/2019 foi alterada pela Resolução CNE/CP nº 2, de 30 de agosto de 2022, que dilatou o prazo de implantação da normativa para dezembro de 2023.

pesquisas de conclusão de curso que envolvem temáticas ligadas ao problema do ensino da filosofia (ver abaixo os títulos das monografias a partir de 2017). Uma análise dos mais de cento e noventa títulos das monografias escritas nos últimos vinte anos de curso, revela que poucos são os temas que se referem à filosofia da educação e, mais recentemente, aos temas do ensino e da aprendizagem de filosofia, mesmo depois da experiência com o PIBID e com o mestrado profissional: *A concepção de educação natural no Emílio de Rousseau* (2004); *Emílio de Rousseau e a educação individual* (2004); *A escola como reprodutora da desigualdade social em sobre educação e ensino de Karl Marx e Friedrich Engles* (2004); *Rousseau e a reflexão pedagógica em sua obra Emílio ou a educação* (2004); *A filosofia na infância em Matthew Lipman* (2004); *Democracia e educação: um recorte filosófico em John Dewey* (2004); *Educação: numa visão histórica geral e na pedagogia moral de Rousseau* (2004); *A educação formal: uma reflexão filosófica no pensamento de John Dewey* (2005); *A educação como função social: uma reflexão em John Dewey*, (2007); *Educação e escola: fragmentos do pensamento deweyano* (2007); *John Dewey: uma filosofia da educação* (2007); *A relação entre hábito, educação e leis para a formação do homem virtuoso em Aristóteles*, (2007); *Política e educação: uma questão filosófica analisada à luz do pensamento de Hannah Arendt* (2010); *Reflexões sobre o projeto filosofia na escola pública em Brasília* (2010); *Filosofia no ensino médio: os desafios na busca de mudanças no pensamento crítico-reflexivo dos educandos, a partir do pensamento de Theodor Adorno* (2012); *A Filosofia para crianças nas perspectiva de Matthew Lipman* (2012); *A importância do pensamento cognitivo na aprendizagem: analisando o pensar na educação de Matthew Lipman* (2013); *Reflexões acerca do pensar para a aprendizagem filosófica-análise do pensamento de Matthew Lipman* (2015); *Nietzsche: ruptura cultural e educação* (2016); *A educação no Emílio de Rousseau: da primeira infância à idade da natureza* (2017); *Filosofia para/com crianças: possibilidades de uma perspectiva teórico-prática a partir de Matthew Lipman* (2018); *Filosofia e Educação: Uma Análise do Conceito de Emancipação em Jacques Rancière* (2021); *Filosofia “para” e “com” crianças: relações ao método socrático* (2022) e *O ensino da necessidade da filosofia no pensamento de José Ortega y Gasset* (2023)⁶.

Além do espaço da pesquisa para o TCC, as questões relativas à prática do ensino de filosofia poderiam claramente ter espaço nas 400 horas da Prática dos Componentes Curriculares previstas nas Diretrizes para cursos de formação de professores (Resoluções CNE/CP n° 1 e n° 2, de 19 de fevereiro de 2002; Resolução n° 2, de 1° de julho de 2015; Resolução CNE/CP n° 2, de 20 de dezembro de 2019). No PPC/2006 e PPC/2012 essas horas foram transformadas em *Oficinas de Atividades Filosóficas* que seriam ofertadas desde o início do curso e deveriam ser um espaço para que a/o estudante articulasse a formação filosófica com a didático-pedagógica na tentativa de buscar “a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor”. Para o funcionamento das oficinas era necessário a articulação entre professoras/res, pois se a prática assumia o caráter de componente curricular, as oficinas funcionavam como um espaço-tempo curricular que articulava “na prática” de ensino as discussões mais teóricas dos componentes curriculares de um período letivo. Por esse caráter, as oficinas possuíam uma ementa aberta e a

⁶ Ainda no contexto da pesquisa do Departamento de Filosofia do Campus Caicó, considero como um aspecto positivo a criação em 2016 do *Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica* (CNPq/UERN) que “pretende abrir possibilidades, mobilizar discussões e pesquisas envolvendo estudantes da graduação, pós-graduação e profissionais da educação básica de forma interdisciplinar e que identifiquem desafios e perspectivas de ensinar e aprender na educação básica. Espera-se criar espaços de invenções, infâncias, experiências, sentidos e diálogos entre filosofia e educação na educação básica de forma a contribuir com a formação e atuação dos/das envolvidos/as”.⁶ Além disso, de minha parte, incentivo a pesquisa conjunta entre alunos do PROF-FILO e alunos da graduação em projetos de iniciação científica. Nos projetos de 2019-2020 e 2020-2021 participaram estudantes do mestrado, estudantes da graduação e estudantes do ensino médio. Da mesma forma, desejamos manter essa articulação para o projeto de pesquisa de 2023-2024. Todos esses projetos se desenvolvem em torno de *O mestre ignorante* de Jacques Rancière. A temática do primeiro projeto foi “*Exercícios emancipatórios*”: para uma aprendizagem de Filosofia a partir do *Mestre Ignorante* de Jacques Rancière; a do segundo projeto *Filosofia, Política e Educação: Algumas perspectivas a partir de Jacques Rancière* e, por fim, a atual edição pretende pesquisar sobre *Filosofia e política em Jacques Rancière: para uma crítica da escola pedagogizada* Envolver estudantes do ensino médio, da graduação e do mestrado profissional foi importante para aprendermos sobre que escola inventar e o que é possível exercitar na escola partindo da igualdade das inteligências e da emancipação intelectual.

cada período letivo se escolheria temas, problemas e questões e a partir daí se selecionava também bibliografia complementar. Esse caráter “aberto” das oficinas e a exigência de diálogo e trabalho colaborativo entre os professores e professoras do departamento pode ter inviabilizado o êxito dessa proposta. Da minha parte, busquei avaliar as oficinas⁷ e propus que no PPC/2017 as 400 horas de Prática como Componente Curricular fossem transformadas em *Laboratório de Ensino de Filosofia*. Porém, mais uma vez o departamento encontrou um modo de domar o caráter de licenciatura do curso ao aprovar que as 400 horas de prática fossem subdivididas em *Laboratório de Ensino de Filosofia* (240 horas) e parte prática de outros componentes curriculares (165 horas). Os laboratórios, diferente das oficinas, direcionavam mais as atividades por meio de ementas específicas e buscam favorecer a vivência de experiências para que a futura professora e o futuro professor pudessem, em situações contextualizadas, superar problemas específicos da atuação filosófica e profissional. A dimensão prática dos laboratórios fora pensada como “experimentação do pensamento” e nas ementas também se apresentava um leque de possíveis atividades a serem realizadas: avaliação, criação e experimentação de novas metodologias, linguagens, didáticas, conteúdos, planos de aulas e elaboração de projetos de ensino pertinentes às etapas e às modalidades do ensino da filosofia na Educação Básica. Além disso, a ementa também proponha elaborar atividades práticas articuladas entre a Escola e a Universidade, elaborar atividades interdisciplinares entre a filosofia e outros componentes curriculares de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos. Essas dimensões práticas mais específicas dos laboratórios, reconhecimento, são consequências da participação de estudantes e professoras/res do curso em todas as edições do PIBID, das discussões dos últimos dez anos sobre o ensino de filosofia das quais professoras/res participam a nível nacional, como as do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar⁸ e das atividades de ensino e pesquisa do PROF-FILO.

Por outro lado, quando se olha para o modo como a Prática como Componente Curricular foi pensada como parte de componentes curriculares no PPC/2017 (UERN, 2017, p. 91), percebe-se ainda mais como a formação bacharelesca tenta domar a licenciatura. De fato, nesse aspecto, as atividades da prática foram entendidas como “leitura e interpretação de uma obra clássica ou de textos” (90 horas); “atividades em articulação com a escola (30 horas); “atividades quanto à importância do método em filosofia” (15 horas); “atividades de exercício e uso concreto envolvendo Língua e Linguagem, língua falada e língua escrita” (15 horas) e “atividades de exercício e uso concreto envolvendo estudo e produção textual, o texto como evento dialógico, na oralidade e na escrita” (15 horas).

A divisão das 400 horas da Prática como Componente Curricular em Laboratórios de Ensino de Filosofia (240 horas) e como parte prática de outros componentes curriculares (165 horas) revela que quando as/os professoras/res do departamento de filosofia pensamos a “prática”, permanecemos divididos entre as perguntas: “qual a prática de uma filósofa e de um filósofo?” e “qual prática de uma filósofa-professora e de um filósofo-professor de filosofia no ensino médio?”. Para a primeira questão estamos mais propensos a responder que uma filósofa e um filósofo lidam com textos e, portanto, precisam se habilitar no uso de instrumentos de leitura,

⁷ Avaliamos e apresentamos perspectivas com relação à Prática como Componente Curricular no Curso de Filosofia do Campus Caicó da UERN no Encontro da ANPOF que aconteceu em Aracaju em 2016: CIRINO, Maria Reilta Dantas; TEIXEIRA NETO, José. Prática como componente curricular: trilhando perspectivas e desafios formativos. In: ALENCAR, Marta Vitória de; CARNEIRO, Sílvia Ricardo Gomes; CORREIA, Adriano; PASCHOAL, Antonio Edmilson. (Org.). *Filosofar e ensinar a filosofar*. São Paulo: ANPOF, 2017, p. 29-48. (Coleção XVII Encontro ANPOF).

⁸ Em 2019, por exemplo, 17 pessoas ligadas ao curso de filosofia do Campus Caicó-UERN foram ao Encontro Anual do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar que aconteceu na Universidade Federal do Maranhão (São Luís - MA); participaram professoras/res, estudantes e ex-estudantes da graduação e do PROF-FILO.

escrita e interpretação. Para a segunda questão, embora reconheçamos a necessidade da filósofa-professora e do filósofo-professor aprender a lidar com textos da tradição, reconhecemos que a prática da filósofa-professora e do filósofo-professor na escola não se restringe a esse aspecto. Isso também revela um curso ainda com uma identidade dupla que, por um lado, tenta cumprir as exigências legais da formação de professores no Brasil, mas por outro se deixa domar pelo desejo do bacharelado. Porém, reconhecemos que a especificidade do *Laboratório de Ensino de Filosofia* e a inclusão no PPC/2017 do componente obrigatório *Didática do Ensino de Filosofia* demonstra que nas tensões internas ao departamento há espaços para insistir na especificidade da licenciatura enquanto curso que forma professoras e professores.

Quanto a esse aspecto, cabe lembrar que o PPC/2022, regido pela *Resolução CNE/CP nº 2/2019*, pensa as 400 horas da Prática dos Componentes Curriculares como parte da Prática Pedagógica juntamente com as 400 horas de Estágios Supervisionados. Dessa forma, de acordo com o referido PCC, as 405 horas de Prática dos Componentes Curriculares, 27 créditos, serão “distribuídas de forma equânime entre os 3 Laboratórios de Ensino de Filosofia, a serem ofertados a partir do terceiro período do curso, cada um dos quais com 135 créditos”. (PPC/2022, p. 23). Um aspecto importante desse documento é o fato de reconhecer que

[...] na formação de professores de filosofia para a Educação Básica, não se compreende adequadamente o sentido da Prática, como componente curricular, perguntando-se separadamente sobre o que faz o professor do ensino médio ou sobre o que faz o filósofo. É necessário olhar para a integralidade da questão procurando identificar o que é próprio ao exercício da docência de filosofia na Educação Básica. (UERN, 2022, p. 34)

Nesse sentido, podemos afirmar quanto a esta questão um amadurecimento no departamento ao pensar a formação docente.

Por fim, o Estágio Supervisionado é outro espaço no qual as preocupações com o ensino de filosofia no ensino médio deveriam ser centrais. É interessante notar como nós no departamento viemos negligenciando essa questão. Por exemplo, é importante destacar que a ementa de Práticas de Ensino I e II do PPC/2002 estava mais preocupada com a questão do ensino de filosofia do que os PPCs posteriores. De fato, em uma ementa única para os dois componentes, lê-se: “Planejamento de aulas temáticas sob a perspectiva filosófica. Exercícios práticos do aprendizado pedagógico aplicados ao ensino de Filosofia. Atividades complementares” (UERN, 2002, p. 54). No ementário dos Estágios Supervisionados I-IV (PPC/2006/ PPC/2012 e PPC/2017) o termo “ensino de filosofia no ensino médio” aparece uma única vez em Estágio Supervisionado III, componente dedicado à regência de classe. O Estágio Supervisionado I (PPC/2006; PPC/2012 e PPC/2017) se preocupa em fazer uma diagnose da escola em seus diversos aspectos, mas sem mencionar também a diagnose da presença da filosofia na escola; por outro lado, o Estágio Supervisionado II direciona que a partir da diagnose se identifique temáticas a serem trabalhadas com a metodologia de projetos interdisciplinares (PPC/2006 e PPC/2012) e oficinas pedagógicas e minicursos (PPC/2017) e o Estágio Supervisionado IV direciona que temas da diagnose sejam trabalhados com metodologia de oficinas pedagógicas e minicursos (PPC/2006 e PPC/2012) e projetos interdisciplinares (PPC/2017). Como se percebe a única mudança nos componentes de Estágios Supervisionados em quase quinze anos de curso se resumiu a uma mudança entre o Estágio Supervisionado II e IV nos PPCs 2012 e 2017.

Por um lado, isso poderia significar que a proposta dos Estágios Supervisionados funciona tão bem que não precisou de ajustes; por outro lado, poderia significar que o departamento não está atento a importância do Estágio Supervisionado para a formação de professoras e de professores nem como espaço para tematizar o ensino de filosofia; por fim, pode também significar que de fato a licenciatura tenha sido domada pelo bacharelado em um dos seus componentes mais importantes, o que faz com que o departamento não dê atenção a esse aspecto formativo. Além disso, é necessário observar que os temas, problemas e questões trabalhados em forma de projeto interdisciplinar ou oficinas pedagógicas e minicursos nos Estágios Supervisionados II e IV decorrem diretamente da diagnose no Estágio Supervisionado I. Assim, se o ensino de filosofia não é objeto da diagnose, como a filosofia e o seu o ensino poderiam ser tema de projetos interdisciplinares, de oficinas e minicursos a serem realizados por estudantes da universidade nas escolas? Como as/os estudantes, futuras professoras e futuros professores, questionariam que ensino de filosofia se prática e o que é feito em nome da filosofia nas escolas se o ensino de filosofia não é tema de pesquisa durante a diagnose?

Que brechas abrir? Reconheço com as/os estudantes a importância da diagnose da escola no Estágio Supervisionado I para que se possa “entrar” na escola, reconhecer suas estruturas, suas formas de governo, seus grupos etc. Porém, também é necessário aprender sobre o lugar da filosofia e da professora e do professor de filosofia nesse espaço educacional. Por isso, ao lecionar os componentes de estágio, sugiro uma “desobediência” à ementa e acréscimo no conteúdo e nos objetivos de Estágio Supervisionado I a diagnose específica sobre o ensino da filosofia que começa com a caracterização quantitativa da disciplina; caracterização das/os docentes; caracterização didático-metodológica da disciplina; observação das aulas de filosofia; efetividade do processo de ensino-aprendizagem; visão das/dos estudantes sobre o componente curricular filosofia e culmina com as considerações do estagiário sobre a filosofia na escola. Além disso, para preparar a diagnose específica sobre a filosofia na escola, indicamos leituras⁹ que discutam a escola e o ensino de filosofia no ensino médio e no roteiro para apresentação do relatório de estágio/diagnose são itens centrais a fundamentação teórico-filosófica sobre a escola e o ensino de filosofia. Inserir e direcionar protocolos para que as/os estudantes estagiárias/os direcionem o olhar para o ensino de filosofia garante que possam aparecer questões, problemas e temas que poderiam ser desenvolvidos nos Estágios posteriores e em outras pesquisas.

Por fim, um olhar sobre os estágios no PPC/2022. Assim como a Prática dos Componentes Curriculares, o Estágio Supervisionado se encontra dentro do Grupo da Prática Pedagógica (GPP). O Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Filosofia corresponde a 405 horas e será dividido em três estágios a serem ofertados a partir do sexto período do curso. Uma das questões que havíamos levando com relação à ausência de uma discussão filosófica sobre a escola e sobre o ensino de filosofia no nível médio, agora aparecerá no ementário de Estágio Supervisionado I:

Problematizar filosoficamente a vida escolar, o ensino médio e o ensino de filosofia na escola campo de estágio; Preparar Plano de Estágio a partir dos problemas e das dificuldades vivenciadas nos anos anteriores de estudo e pesquisa e que inclua a mobilização, a integração e a aplicação do que foi aprendido no curso. Preparar portfólio.

⁹ Por exemplo: GALLO, S.; KOHAN, W. (2000); GALLO (2010); ILLICH (2010); MASSCHELEIN; SIMONS, (2017).

Cabe destacar alguns aspectos do ementário desses componentes: em primeiro lugar, a ementa se refere a que no Estágio Supervisionado I o/a estudante deverá “Problematizar filosoficamente a vida escolar, o ensino médio e o ensino de filosofia na escola campo de estágio” e “Preparar Plano de Estágio”. Por sua vez, os Estágios Supervisionados II e III centram na “Regência de aula”. É necessário destacar esses dois aspectos, pois apontam para mudanças significativas com relação aos PPCs anteriores. A diagnose do primeiro estágio não se refere mais às estruturas física e humana da escola, mas convida o/a estudante a olhar para escola e para o ensino da filosofia numa perspectiva filosófica e os Estágios Supervisionados II e III se centram na experiência do futuro professor com as aulas de filosofia no ensino médio. (UERN, 2022, p. 58-59).

Em uma licenciatura em filosofia seria óbvio que o tema ensino de filosofia fosse a questão-chave e interessasse docentes e discentes. Mas, nem sempre é assim. Docentes sabem que estão em um curso de licenciatura, mas vão encontrando modos de domar a licenciatura e inserir questões, metodologias e direcionamentos de pesquisa e de práticas próprias do bacharelado. Na maioria das vezes, as/os discentes que ingressam na licenciatura não têm clareza de que estão em um curso de formação de professoras e professores, mas apenas que frequentam um curso de filosofia e não é raro ouvir das/dos estudantes que não querem ser professoras e professores. Para docentes que se sabem e saboreiam estarem em um curso de formação de professores cabe não só lembrar a si mesmas e a si mesmos e às outras e outros a finalidade e especificidade do curso, mas insistir e abrir brechas para que as temáticas e as questões sobre o ensino e a aprendizagem de filosofia possam ser tratadas não somente na perspectiva educacional e pedagógica, mas sempre revisitadas a partir da pergunta inicial: “O que é a filosofia?”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Felipe; CEPPAS, Felipe. A aula de filosofia como oficina de criação. **Revista Ideação**. Edição Especial 2017, p. 51-68. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/2986/2373>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 30 de agosto de 2022. Altera o Art. 27 da Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, Brasília, 31 de agosto de 2022, Seção 1, p. 112.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP n. 2**, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, p. 46-49.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2, CNE/CP1**, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de

“Ensino de Filosofia”: uma questão para a formação de professores de Filosofia
TEIXEIRA NETO, José

licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e 203 cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União. Brasília, 2 de julho de 2015. Seção 1, p. 8-12.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP1 de 18 de fevereiro de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura. De graduação plena. Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 31.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP2** de 19 fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura. Diário Oficial da União. Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES, n. 12, de 13 de março de 2002**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Filosofia. Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 33.

CIRINO, Maria Reilta Dantas; TEIXEIRA NETO, José. Prática como componente curricular: trilhando perspectivas e desafios formativos. In: ALENCAR, Marta Vitória de; CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes; CORREIA, Adriano; PASCHOAL, Antonio Edmilson. (Org.). **Filosofar e ensinar a filosofar**. São Paulo: ANPOF, 2017, p. 29-48. (Coleção XVII Encontro ANPOF).

GALLO, S.; KOHAN, W. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.

GALLO, Silvio. **Ensino de Filosofia: Avaliação e materiais didáticos**. In: CORNELLI, Gabrieli; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio. (Orgs.). **Filosofia: no ensino médio**. Brasília, 2010, p. 159-170.

ILLICH, Ivan. Fenomenologia da Escola. In: GARJADO, Marcela. **Ivan Illich**. Tradução e organização José Eustáquio Romão. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 54-63.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. 2ª Ed. Belo Horizonte, 2017.

TEIXEIRA NETO, José. Ensino de filosofia: pesquisa, prática e estágio na formação de professores de filosofia para o ensino médio ou a indomável licenciatura. In: TOMAZETTI, Elisete Medianeira; ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de; VELASCO, Patrícia Del Nero. **Formação e experiências de docências em filosofia**. Santa Maria/RS: Ed. UFSM, 2022, v.1, p. 114-122.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Proposta de Curso Superior de Filosofia: Licenciatura Plena**. Caicó-RN, 2002.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico de Curso-PPC**. Caicó-RN, 2006.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5734](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5734)

“Ensino de Filosofia”: uma questão para a formação de professores de Filosofia
TEIXEIRA NETO, José

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico de Curso-PPC**. Caicó-RN, 2012.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico de Curso-PPC**. Caicó-RN, 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico: Curso de Licenciatura em Filosofia**. Caicó-RN, 2022.

A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER-ESTUDANTE-PESQUISADORA- PROFESSORA ATRAVESSADA NOS 20 ANOS DA PRESENÇA DA FILOSOFIA NO SERIDÓ

[THE PATHWAY OF A WOMAN AS STUDENT, RESEARCHER, AND TEACHER
SHAPED BY 20 YEARS OF PHILOSOPHY IN SERIDÓ]

Rosana Lopes dos Santos
rosanaverner@hotmail.com

Graduanda em Direito pela Faculdade Caicoense Santa Terezinha. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2020) e graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2013). Especialização em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, especialização em Educação Especial, Inclusiva. E especialização em Ensino de Filosofia -UFRN. Mestra em Filosofia pela UERN 2022. Atualmente é professora Efetiva na escola Municipal José Nunes de Figueiredo, na cidade de Ouro Branco-RN.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5246](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5246)

Recebido em: 9 de agosto de 2023. Aprovado em: 10 de setembro de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 89-98
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.5246](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.5246)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



“Não é a toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspreza o meu melhor modo de ser [...]” (Clarice Lispector).¹

1 UERN EM CAICÓ: NUANCES NOS CAMINHOS FORMATIVOS

Como nos constituímos professora-pesquisadora no trânsito entre a Filosofia e a Educação? Acredito que o desejo de ser professora sempre esteve comigo. Sou oriunda de uma família bastante numerosa, a qual, mergulhada na luta diária pela sobrevivência no sertão nordestino, o acesso à educação nem sempre foi possível. Contudo, o desejo de estudar me acompanha até os dias atuais. Guardo as lembranças de minhas avós, que mesmo sem terem tido acesso à escola eram grandes incentivadoras de que nós, seus netos/as pudéssemos estudar.

Meus pais também não tiveram acesso à educação formal, a dura realidade pela busca para dar uma condição melhor de vida aos filhos predominou em relação ao estudo, embora tenham a sabedoria agregada pela experiência de vida e que são grandes incentivadores para que aproveitemos o acesso pela ampliação de políticas públicas, que no contexto atual, temos à escola pública.

Dessa realidade dura vivenciada pelo contexto familiar, e também por uma grande admiração que construí pela atuação de meus professores, alimentei o desejo de fazer uma universidade. Sou a primeira da família a conseguir o acesso ao ensino superior! E esse sonho tornou-se realidade pela presença da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern, no árido Sertão do Seridó, o Campus da Uern, em Caicó. A Uern foi uma das primeiras universidades a adotar o sistema de cotas, por meio da Lei Estadual n. 8. 258, de 27 de dezembro de 2002, com reserva de 50% (cinquenta por cento) das vagas para estudantes provenientes de escolas públicas. Contudo, mesmo tendo estudado toda a minha vida em escola pública, não tinha acesso a essas informações, entrando na Uern, em 2009, pela concorrência geral. Mesmo assim, a convivência com diversos colegas que entraram pelo Sistema de Cotas da Uern me fez perceber a importância das políticas de ações afirmativas da qual a UERN é uma das pioneiras.

Embora o Sistema de Cotas da Uern tenha completado 20 (vinte) anos, essa ação afirmativa ainda é necessária, quando percebemos nos dias atuais que o acesso ao ensino superior não se concretizou para grande parte dos filhos/as da classe trabalhadora:

O acesso ao ensino superior, durante muito tempo, foi um sonho distante para muitos estudantes das periferias, das cidades do interior e de camadas sociais mais humildes. Dados do Mapa do Ensino Superior no Brasil de 2022 apontam que apenas 17,8% do total de jovens de 18 a 24 anos estão matriculados nas universidades públicas ou privadas.²

¹ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTM2NTk3/>

² <https://portal.uern.br/blog/lei-de-cotas-sociais-da-uern-completa-20-anos-promovendo-diversidade-e-inclusao/#:~:text=Com%20esse%20perfil%20social%2C%20a,o%20ensino%20em%20escolas%20p%C3%ABlicas.>

Frente a essa realidade de grandes dificuldades para filhos da classe trabalhadora, sou grata pela presença da Uern no Seridó, visto que as dificuldades de acesso e permanência em uma universidade se acentuam quando se trata da população nordestina.

Mediante essa contextualização, passo a refletir sobre meu processo de formação e de constituição da mulher-docente-pesquisadora. De acordo com Perrenoud (et al, 2001, p. 219), a história de vida de cada um/a que se torna professor/a tem relação direta com as competências requeridas para o/a profissional docente e que serão desenvolvidas no processo de formação inicial e se articularão, posteriormente, com a formação continuada e com suas práticas docentes, ou seja, de acordo com o autor, há um “tornar-se professor/a” que vai se construindo durante toda a vida. Nas palavras do autor:

Sem dúvida, a emergência do desejo de ensinar e de um projeto profissional – às vezes muito precoce, abraçado desde a infância; às vezes, muito tardio; às vezes, quase uma vocação; às vezes, mais por sobrevivência – leva a que se prepare para isso mais ou menos conscientemente. No entanto, as experiências de vida podem ser uma preparação sem que o interessado tenha consciência disso e muito antes de saber que se tornará professor. (Perrenoud et al, 2001, p. 219).

Tais aspectos, identificados pelo autor, são percebidos na minha trajetória formativa, a qual vem sendo possível a partir da minha formação inicial na Uern/Campus Caicó. No contexto atual, já como Mestra em Filosofia, penso que continuo me constituindo como uma professora-pesquisadora da relação entre infâncias e filosofia. Aqui, a infância é compreendida no sentido da coragem dos inícios, das perguntas, da disposição inquieta do saber, ou como diria o escritor moçambicano Mia Couto³: “A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar.”⁴

O Curso de Licenciatura em Filosofia do Campus da Uern, em Caicó, do qual sou egressa, teve início em 2001. Tomei conhecimento desse Curso através da escola dos meus professores do Ensino Médio, o qual estudava no Centro Educacional José Augusto - Ceja. Naquela ocasião, era vislumbrada por mim a desejada oportunidade de adentrar à universidade e nascia também o desejo de buscar o conhecimento filosófico. Fiz o então vestibular, que dava acesso à universidade e passei no ano de 2009. Iniciei os estudos em Filosofia, tendo acesso tanto aos conteúdos específicos da área como também à base pedagógica para formação docente, tendo em vista que o perfil formativo do Curso tem como objetivo que:

[...] forme profissionais docentes aptos a atuarem de forma ética, crítica e responsável em instituições de educação básica – ensino médio, legalmente amparadas. O curso constitui-se em espaço de questionamento, debates, experiências e desdobramentos teórico-práticos da área de filosofia e educação –

³ Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1963105/mod_resource/content/1/E%20Se%20Obama%20Fosse%20Africano_%20-%20Mia%20Couto.pdf Acesso em: 31/05/2023.

⁴ Disponível em: <https://www.citador.pt/frases/a-infancia-nao-e-um-tempo-nao-e-uma-idade-uma-c-mia-couto-24255> Acesso em 01/06/2023.

ao mesmo tempo, tem como proposta ser uma síntese dos grandes problemas e desafios do homem do século XXI [...].⁵

Era perceptível para mim que as ações ofertadas pelo Curso tinham a pretensão de contribuir com o desenvolvimento do perfil docente-pesquisador, pois tínhamos a oportunidade de participação tanto de atividades teóricas específicas como de atividades práticas envolvendo questões do contexto da educação básica, tais como projetos de pesquisas e extensão e ações educativas na escola de ensino médio.

Esse argumento é defendido por Ramalho, Nuñez e Gauthier (2003, p. 28), quando afirmam que a pesquisa é um processo de participação coletiva que proporciona a produção de saberes e que o/a professor/a torna-se um/a professor/a-pesquisador/a à medida que através dela “[...] participa na produção de saberes com métodos e estratégias sistematizadas, utilizando a pesquisa como mecanismo de aprendizagem.”

Ainda no início do Curso, em 2010, surgiu a oportunidade de ingressar como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – Pibid⁶. Nesse Programa, o qual foi de grande importância para meu processo formativo, tive meu primeiro encontro com os escritos do filósofo norte-americano, Matthew Lipman⁷, o qual propunha, de maneira revolucionária que era possível aproximar as crianças da filosofia. Na perspectiva de Lipman (2008, p. 18 – 19):

Assim como os filósofos, as crianças se fazem perguntas sobre o mundo. Conseguem compreender conceitos filosóficos desde que sejam formulados em uma linguagem compreensível para elas, e são capazes de inventá-los. Em suma, as crianças têm uma afinidade natural com a filosofia.

Essa constatação na leitura da Obra *Como pensamos* (Lipman, 2008), no Pibic/Uern, trouxeram nossas primeiras inquietações referentes à temática do pensar desde a infância e de como poderíamos contribuir com o seu desenvolvimento junto as crianças. O Programa de Filosofia para Crianças – FpC, de Lipman, apontava na direção de uma proposta com currículo, metodologia e formação de professores, especificamente, para promover o desenvolvimento de habilidades de pensamento com as crianças, através dos conhecimentos da área da filosofia. (Kohan, 2008).

Os estudos da referida obra e outras que foram sendo descobertas pelo processo de pesquisa, encaminharam, em 2012, a nossa pesquisa de final de Curso de Graduação em Filosofia/DFI/Uern, a qual teve como tema: *A importância do pensamento cognitivo na aprendizagem:*

⁵ Disponível em: <https://caico.uern.br/dfi/default.asp?item=fisologia-caico-perfil-egresso> Acesso em 01/06/2023.

⁶ <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>

⁷ Matthew Lipman, filósofo norte-americano, viveu de 1922 a 2010. Era professor de Lógica na Universidade de Columbia University, em Nova Iorque, EUA. (www.pt.wikipedia.org). Para ele toda atividade educacional deriva do pragmatismo no sentido de que o útil educativo é a atividade que produz seres humanos cada vez mais integrados à realidade alterando-a positivamente no campo individual e social. (DANIEL, 2000, p. 43). Conhecido como Maio de 68, eclode na França um movimento estudantil reivindicando reformas educacionais. Culmina em várias greves de diversas categorias. Filósofos e historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do Século XX. (www.pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968). "Os universitários se uniram aos operários e promoveram a maior greve geral da Europa, com a participação de cerca de 9 milhões de pessoas." (www.mundoestrano.abril.com.br). (Cirino, 2016, p. 75).

*analisando o pensar na educação de Matthew Lipman*⁸. Nessa etapa, como era característica da formação em filosofia, a pesquisa é voltada somente para os aspectos teóricos do pensamento de Lipman (2008), contudo, permanecia em mim o desejo de tornar possível a continuidade da pesquisa envolvendo também o contexto da prática pedagógica. Questionava-me: de que maneiras seria possível elaborar ações filosófico-educacionais com crianças envolvendo as habilidades de pensamento apresentadas por Lipman (2008)?

Outro ponto de relevância na minha trajetória formativa na Uern, através dos 20 (vinte) anos da presença da filosofia no Seridó, dá-se também da oportunidade de participação em Projetos de Extensão. Iniciei, em 2012, no Projeto de Extensão *Filosofia na infância: identificando desafios – construindo possibilidades/DFI/Uern*, coordenado pela professora Maria Reilta Dantas Cirino. O referido projeto aproximava-nos dos estudos teóricos em Lipman e Kohan acerca da relação filosofia e infância e realizava experiências práticas com crianças em escola da rede pública do município de Caicó.

Através da formação inicial em Filosofia, na Uern/Caicó, posteriormente, no ano de 2016, tivemos a oportunidade de dar continuidade à pesquisa. Sendo então em nível de Pós-Graduação, uma Especialização em Ensino de Filosofia, ofertada pela Secretária de Educação a Distância - Sedis, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Ufrn. Nesse contexto, o referido curso desenvolve em seus manuais, em três de suas disciplinas, obras do filósofo argentino Walter Kohan, o qual tendo sido orientando de Lipman, rompe com o pensamento da FpC, de Lipman (1998), e propõe na obra *Filosofia com crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman* (Kohan, 2008), a filosofia “com” crianças. Nessa proposta, Kohan (2008), defende que a relação entre filosofia e crianças aconteça em processo de construção participativa entre crianças e adultos a partir da implicação de temáticas que tenham potência de forçar o pensar das crianças pelos sentidos que geram e que são elaborados pelas crianças. Assim, Kohan (2019, p. 191, grifo nosso), define que: “A infância é uma vida curiosa, incansável, insatisfeita, mobilizada, vivaz, esperançosa. **Uma vida que começa tudo de novo ou que está sempre começando.**”

Nessa perspectiva, Kohan (2008), rompe com as práticas baseadas na proposta de FpC, de Lipman (2008), e passa a coordenar o movimento de Filosofia com Crianças, o qual não tem um currículo ou método pré-definido, inspira-se na ideia de *composição* (Kohan; Olarieta, 2012), nos conceitos de infância e experiência. (Kohan, 2004).

Nesse sentido, dentro do referido Curso de Especialização, acontece o meu reencontro com a temática da infância e filosofia, fazendo sentido para mim, pelas inquietações anteriores e pelo desejo de continuidade no estudo, realizar nossa segunda pesquisa com o tema, agora envolvendo os dois autores citados. Desenvolvemos a pesquisa, no ano de 2019 até 2022, abordando o seguinte tema: *Análise da Comunidade de investigação em Lipman e a oficina de pensamento em Kohan: a sala de aula de filosofia o ensino médio.*⁹

Em 2018, já como pós-graduada Especialista em Ensino de Filosofia/Ufrn, retorno à Uern para participar do Projeto de Pesquisa Pibic/DFI/Uern: *Pensamento e experiência na escola a partir da filosofia com crianças: desafios e possibilidades na escola?* e ao Projeto de Extensão/DFI/Uern, agora denominado de *Filosofia com crianças e jovens: experiências de formação e pensamento na escola de educação básica*, ambos sob a Coordenação da professora Dra. Maria Reilta Dantas Cirino. Nesse contexto,

⁸ “A importância do pensamento cognitivo na aprendizagem analisando o pensar na educação de Matthew Lipman.” Acesso em: http://siabi.uern.br/Telas/w_browse_rapida.php

⁹ “Análise da comunidade de investigação em Lipman e a Oficina de Pensamento em Kohan: a sala de aula de Filosofia no Ensino Médio”. Parte do trabalho encontra-se no livro: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/PDF/publicacoes-discentes/Ensino%20de%20Filosofia%20no%20Ensino%20M%C3%A9dio%20-%20Livro.pdf>

além dos estudos teóricos, o projeto de extensão realizava experiências de pensamento com crianças na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti.

Esse processo de retornar à Uern, de ser acolhida na pesquisa e na extensão, abriu a possibilidade de dar continuidade aos meus estudos, me trouxeram várias inquietações, especialmente em vista do aperfeiçoamento de minha prática profissional, visto que, nesse contexto, já me encontrava desenvolvendo atividades profissionais, em uma escola da rede privada de Caicó, como professora de educação infantil e do ensino fundamental.

Os estudos realizados na Uern, desde a minha formação inicial, que desenvolveram em mim um perfil de docente-pesquisadora, a minha prática profissional com crianças, as minhas inquietações da busca em compreender as relações, as possibilidades de atuação docente entre filosofia e crianças, me levam a estudar mais sobre o universo pedagógico. Em 2016, ainda envolta nos últimos componentes curriculares da citada Pós-Graduação/Sedis/Ufrn, ingressei no Curso de Pedagogia da Ufrn/Ceres/Campus Caicó, esse concluído no ano de 2021. No Curso de Pedagogia, defendi, em 20 de julho de 2020, influenciada por toda essa trajetória de estudos e pesquisas na Uern, Campus Caicó, a pesquisa intitulada: *Filosofia com crianças: experiências de pensamento e possibilidades para experienciar o pensar em Walter Kohan*.¹⁰

Desse modo, com esse trânsito formativo entre a Filosofia/DFI/Uern e Educação/Ceres/Ufrn, acreditamos que temos um potencial de atuar de maneira mais propositiva no espaço da docência, tanto na área de Filosofia quanto na área de Pedagogia. Mediante os conhecimentos adquiridos na formação inicial, percebemos que temos o potencial de melhor compreender e elaborar uma atuação que afete os/as estudantes, que valorize suas experiências contextuais sem, contudo, desconsiderar os conhecimentos específicos de cada área de conhecimento.

Especificamente, sobre a atuação em filosofia com crianças, essa formação diversificada também é bastante pertinente, tanto no pensamento de Lipman (1990; 2008), Lipman; Sharp; Oscanyan (2001), em Kohan; Olarieta (2012), visto que ambos os autores consideram que nem o Curso de Filosofia e nem somente o Curso de Pedagogia preparam para a realização de experiências de pensamento em Filosofia com Crianças, visto que ambas as licenciaturas não têm essa intencionalidade legal, e sim, formar graduandos/as para atuarem no Ensino Médio e para atuarem nas áreas diversas da educação infantil e primeira etapa do ensino fundamental, respectivamente.

Encontramos amparo para essa perspectiva da necessidade de formação específica para atuar com crianças nas palavras de Lipman; Sharp; Oscanyan (2001, p. 74), quando assim asseveram que: “Um curso universitário de filosofia não prepara o professor para traduzir conceitos e a terminologia da filosofia de uma maneira que as crianças possam entender.”

No ano de 2017, tomamos conhecimento da vinda de um Mestrado Profissional para a Uern/Caicó. Então vislumbramos a possibilidade de cursar, tendo em vista que o referido Programa se destina aos docentes em Filosofia que estejam atuando em sala de aula, como era o nosso caso. Então, em 2019, foi uma grande alegria ser aprovada como aluna do Mestrado Profissional em Filosofia – Prof-Filo/Núcleo Caicó/Uern. No referido Curso, tivemos a oportunidade de nos aperfeiçoar na pesquisa, mas também em aspectos específicos sobre o ensino de filosofia, sua história de resistência, de idas e vindas, presenças e ausências nos mais diversos contextos políticos do Brasil. Aperfeiçoamos nosso pensamento em relação às especificidades do ensino de filosofia em várias vertentes teóricas, bem como participamos de um rico espaço de troca de experiências com docentes que atuam no ensino de filosofia em diversas realidades.

¹⁰Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/37763/2/FilosofiaComCrian%C3%A7as_Santos_2020.pdf

As características da pesquisa no Prof-Filo, exigem a realização prática de uma ação educativo-filosófica¹¹ no contexto de atuação – a sala de aula – do/a professor/a-pesquisador/a. Dessa forma, se concretizava o meu antigo desejo de realizar uma pesquisa envolvendo o tema da filosofia e infância que articulasse as duas dimensões, teoria e prática. No Prof-Filo, concluído em 2022, defendemos o tema: *Filosofia com crianças: experiências de pensamento e possibilidades para experienciar o pensar a partir de rodas de conversas com crianças em escola da Educação Básica no Município de Caicó/RN*¹². Contudo, em meio ao percurso da pesquisa, em 2020, a Organização Mundial de Saúde – OMS, declara o período de Pandemia Covid -19¹³, o qual exigiu adaptações à pesquisa em função da exigência de isolamento social ao qual as escolas ficaram submetidas em vista da necessária segurança sanitária.

Importante citar que o tema teve amparo de pesquisa em várias fontes bibliográficas, tais como: Lipman (1990; 2008), Lipman; Sharp; Oscanyan, (2001), Silveira (2001), Kohan (2008), Daniel (2000), Kohan; Olarieta (2012), Cirino (2016), entre outros, e, embora tenha diversas pesquisas já publicadas sobre a relação filosofia e infância (KOHAN, 2003; 2004; 2007), Kohan; Olarieta (2012), o tema, ainda não está esgotado, tendo muitas outras possibilidades de desenvolvimento na pesquisa acadêmica. Dentre esses autores, nossa pesquisa tomou como fontes para o diálogo teórico e análise das oito (oito) experiências de pensamento, principalmente as seguintes fontes: Kohan (2008), Kohan; Olarieta (2012), Kohan (2009), Lipman (1995), entre outros.

Mediante o contexto da Pandemia Covid - 19, nossa ação educativo-filosófica, foi realizada com a utilização das tecnologias digitais com crianças da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti, envolvendo a realização de 08 (oito) “Rodas de Conversas”, nas quais ocorreram as experiências de pensamento uma vez por semana, no período de 06 de maio a 21 de julho/2022. Os temas de nossas “Rodas de Conversas” foram: Ética, Amizade, Amor, Diversidade, Perguntas e Felicidade. Concluímos a pesquisa relacionando fragmentos das transcrições de experiências de pensamento, ocorridas de maneira on-line, na escola de educação básica, com aparato teórico da pesquisa, assim, criamos *condições* que atravessam o ambiente de experiência, vendo a infância como tempo aiônico e a experiência como algo que nos afeta, nos acontece e nos transforma. (Kohan, 2004; Larrosa, 2014).

Nosso locus de pesquisa foi a Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, no município de Caicó/RN, no qual realizamos as experiências de pensamento com as crianças de maneira *on-line*, envolvendo crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, com idades entre 6 e 7 anos. Importante mencionar que a referida pesquisa foi submetida aos critérios legais relacionados às questões éticas orientadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Uern.

A construção dos dados e sua análise se deu a partir da leitura das diversas fontes teóricas já citadas, referentes ao ensino de filosofia, aos conceitos de infância, de experiência, às reflexões sobre a potencialidade do pensar desde a infância com o auxílio da filosofia.

Paralelo ao período da formação no Pro-Filo, também ingressei em outro Curso de Pós-Graduação, desta vez, em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial Inclusiva, pela Faculdade do Complexo Educacional Santo André (Facesa), realizando a seguinte pesquisa: *Habilidades de pensamento no estudo da Neuropsicopedagogia: uma análise das habilidades de pensamento na Filosofia e Educação*¹⁴. Esse Curso de Especialização contribuiu para um maior

¹¹ Para maiores esclarecimentos, acessar: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>;
<http://propeg.uern.br/proffilo/default.asp?item=proffilo>

¹² Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704259>

¹³ Para maiores esclarecimentos acessar: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

¹⁴ <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704259>

aprofundamento nas questões ligadas às aprendizagens para alunos/as com necessidades educacionais especiais, o qual foi concluindo em 2020. Ambas as formações: no Prof-Filo, obtendo o título de Mestre em Filosofia e mais um título de Especialista, dessa vez, em Neuropsicopedagogia, foram compondo a professora-pesquisadora que hoje me constituo.

Importante mencionar que esse processo formativo iniciado na Uern, em 2009 e tendo sua etapa final em 2022, no Prof-Filo/Núcleo Uern, também oportunizou o acesso à participação em diversos eventos acadêmicos e publicação em periódicos da área de filosofia e educação, bem como me faz acreditar e desejar que posso seguir me constituindo professora-pesquisadora em nível de doutorado.

Relatos como esse da minha trajetória pessoal, a qual é atravessada nesses últimos 13 (treze) pela presença na Uern, não são raros aqui na nossa Região do Seridó. O Campus Caicó/Uern, oferta atualmente os Cursos de Filosofia, Enfermagem e Odontologia, constituindo-se em oportunidade formativa para filhos e filhas, como eu, pertencentes à classe trabalhadora que não teriam oportunidade de entrar em uma universidade pública se não fora a presença da Uern no interior do nosso Estado do RN, transformando a vida das pessoas e da comunidade.

2 ASPECTOS DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Minha trajetória de atuação docente se inicia em 2018, como professora de Ensino Fundamental em uma seleção temporária na Escola Serviço Social do Comércio - Sesc, em Caicó, a qual se destina aos filhos e filhas de trabalhadores ligados aos empresários locais. Na citada escola, atuei como professora de Literatura, em turmas do Ensino Fundamental, envolvendo crianças e jovens entre 7 e 15 anos, contudo, já conseguia incluir no currículo, uma vez por semana, atividades que envolviam a filosofia através do uso da literatura infantil, pois desenvolvemos trabalhos no projeto “Sesc Cidadão”, o qual tinha como objetivo oferecer uma educação integral no contraturno escolar. Em 2019, passei a atuar no Centro de Educação Infantil Arte do Brincar – Ceiab, também com o Ensino Fundamental. Em 2020, fui contratada por uma Escola privada de referência no município de Caicó, o Centro de Educação Integrada do Seridó – Ceis, com turmas do segundo ano do Ensino Fundamental, O nosso projeto de pesquisa para o Prof-Filo, foi pensado a partir da realidade vivenciada nessa escola, contudo, com a Pandemia Covid -19, a partir de março de 2020, minha permanência na referida escola não foi mais possível.

Próximo à conclusão do Mestrado Profissional, no ano de 2022, tive a oportunidade de me submeter a concurso público para docente efetiva no município de Ouro Branco¹⁵, sendo aprovada para atuar como professora da creche modelo da cidade, Centro Municipal de Educação Infantil Kleyse Medeiros de Araújo – Cmei, no qual atuo com crianças dos níveis III, crianças entre 3 e 4 anos, e nível IV, crianças de 4 e 5 anos. Recentemente fui convidada a trabalhar, em outra escola do município de Ouro Branco/RN, a Escola Municipal José Nunes de Figueiredo, com turmas do Ensino Fundamental, contudo, atualmente optei pela educação Infantil trabalhando somente na creche, com crianças de 3 a 5 anos de idade. Essa diversidade de atuações em vários níveis somente tem sido possível graças à substancial formação recebida na Uern.

¹⁵ Link do edital: <https://concursos.access.org.br/informacoes/32/>

É mister mencionar que a partir de 2023, fui eleita por meus pares, Presidente do Conselho Municipal do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica - Fundeb, do município de Ouro Branco/RN. Esse espaço de atuação política e de defesas de direitos da educação também tem se constituído como importante na aquisição de experiências e de práticas para a formação adquirida na trajetória aqui compartilhada.

Assim, atuando como professora efetiva da educação básica na referida escola, continuo ocupando os espaços formativos da Uern, como egressa do Prof-Filo, participando de estudos nos projetos de pesquisa e extensão envolvendo a temática de filosofia e infância, como colaboradora em atividades acadêmicas envolvendo a graduação e a pós-graduação, bem como sigo com a articulação para a publicação de artigos em periódicos e participação em eventos, como por exemplo o IV Encontro de Nacional do Prof-Filo, a ser realizado na cidade de Campo Grande – MS, no qual estou inscrita, a publicação em andamento do segundo livro de dissertações publicadas pelo Núcleo Uern, entre outras.

Por fim, parablenizo o Curso de Filosofia/DFI/Uern, pela data comemorativa dos seus 20 anos no SER-tão do Seridó e registro minha gratidão à Uern, Campus Caicó por ser esse espaço de oportunidades formativas na Região do Seridó.

REFERÊNCIAS

CIRINO, Maria Reilta Dantas. **Filosofia com crianças**: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). Rio de Janeiro: NEFI, 2016. (Coleção: Teses e Dissertações). ISBN: 978-85-93057-02-1. Disponível em: <http://filoeduc.org/nefiedicoes/colecoes.php?#livros>

DANIEL, Marie-France. **A filosofia e as crianças**. Prefácio de Matthew Lipman. Tradução de: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Figueira Perpétuo. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Fighiera Pérpetuo. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KOHAN, Walter Omar. **Lugares da infância**: filosofia, Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia**: o paradoxo do ensinar e aprender. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. 2 ed. RJ: Lamparina, 2008.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca**: uma bibliografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Ensino de Filosofia).

PERRENOUD, Philippe et al. Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas. In: PERRENOUD, Philippe et al. (Orgs.). **Formando professores profissionais**. Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. rev. Porto Alegre: Artemed, 2001.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**. Perspectivas e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **A filosofia vai à escola?** Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

FILOSOFIA: UM PROJETO DE VIDA NO SER-TÃO DO SERIDÓ

[PHILOSOPHY: A LIFE PROJECT IN THE *SER-TÃO* OF SERIDÓ]

Asenate Saraiva Dantas
asenatecrente@yahoo.com.br

Mestra em Filosofia (PROF-FILO 2018-2020), sob a Coordenação Geral da UFPR com Núcleo Local na UERN, Campus de Caicó/RN. Pós-graduada em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campos de Patos/RN (2014). Graduada em Filosofia, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) Campus de Caicó/RN (2006).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4644](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4644)

Recebido em: 6 de janeiro de 2023. Aprovado em: 10 de fevereiro de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 99-105
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4644](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4644)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



Meu nome é Asenate Saraiva Dantas, sou filha de Rita Saraiva Dantas e Gentil Avelino Dantas. Nasci em 23/03/1984, na cidade de Jucurutu/RN. Vou relatar um pouco da minha formação acadêmica e da atuação no campo da filosofia dentro da UERN. No ano de 2001, com 17 anos, concluí o Ensino Médio. Como a maioria dos jovens contemporâneos, ainda me encontrava alheia ao mundo dos adultos. Além da imaturidade, também não tinha condições financeiras para custear os estudos e moradia fora da minha cidade, nem amparo de algum conhecido ou familiar que me hospedasse na capital (Natal) para poder tentar uma vaga em uma universidade longe da minha cidade. Diante disso, descartei a possibilidade de morar fora e, como a cidade onde morava era próxima a Caicó/RN e disponibilizava transporte público para locomoção dos estudantes diariamente para esse município, comecei a listar os cursos superiores disponíveis nas duas universidades públicas sediadas no município de Caicó/RN, a UFRN e a UERN.

Ao fim das análises, me decidi por tentar o vestibular para o curso de licenciatura em Filosofia, pelo fato de ter tido um contato mínimo com a Filosofia em uma das séries do Ensino Médio. Embora não conhecesse a fundo o que era aquele curso, fui atraída pelo novo, pelo diferente, pelo desconhecido, pelo desafio de conhecer. Recordo-me que em 2001 foi o primeiro ano em que a UERN disponibilizou vagas em seu vestibular para o curso de Filosofia no Núcleo de Ensino Superior, hoje o Campus Caicó. A universidade era recém-chegada ao Seridó, pois outrora já existia o curso superior de filosofia, mas era vinculado à Diocese.

Quando saiu o resultado do vestibular, eu tinha sido aprovada para cursar Licenciatura Plena em Filosofia nos anos subsequentes (2002-2006), fiz parte da primeira turma de Filosofia no Seridó, digo isso com o peito cheio de gratidão e de orgulho por fazer parte dessa história educacional, a qual fez a diferença na vida de muitos jovens como eu. Durante o curso, não tínhamos muitas perspectivas de concurso e nem tão pouco oportunidade de trabalho dentro do nosso entorno. Cabe ressaltar que até então a filosofia não estava na grade curricular como obrigatória no currículo das escolas públicas de Ensino Médio, ela tinha sido retirada através de leis que endossavam essa ausência.

É importante destacar aqui que o contexto histórico-educacional no qual a filosofia por décadas estava submergida. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 4024/61, prevista na Constituição em vigor naquela época, tinha como uma de suas orientações a não obrigatoriedade do ensino de Filosofia, e este foi o ponto em que se firmou o então Regime Militar (1964-1985). Frente a isso, no ano de 1968, a Filosofia foi retirada de todos os vestibulares e do Ensino Médio do país, tornando seu acesso difícil já que era destinada apenas ao Ensino Superior. Por conseguinte, em 1971, a Lei n. 5692 eliminou de vez a Filosofia da grade curricular do Ensino Médio, substituindo-a pela disciplina Educação Moral e Cívica.

Ao término do Regime Militar, em 1985 é percebida uma necessidade de repensar algumas coisas no Brasil, a volta da Filosofia na grade curricular do Ensino Médio era uma delas. Reintroduzir a Filosofia nos currículos, não foi uma tarefa fácil e nem tão pouco instantânea, foi algo gradativo, dotado de muita luta, de esforços e de obstáculos.

Em seu artigo 36, a LDB (Lei n. 9394/96) determinou que ao final do Ensino Médio todo alunado deveria “dominar os conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 2008, p. 16). Apesar desta lei, muita coisa ainda tinha que ser mudada, pois ela deixou bastante a desejar no que concerne aos procedimentos adotados em sala de aula para o exercício do filosofar e a obrigatoriedade do ensino de Filosofia que não estava descrito nela; sendo assim, o aprendizado da reflexão filosófica continuou marginalizado, ou melhor, o seu ensino foi mal trabalhado e sem nenhum nexos com a essência filosófica. Entretanto, a criação desta Lei não deixa de ser reconhecida como um passo importante rumo à Filosofia de reflexão.

Assim, passados quase 40 anos de lacuna da Filosofia na grade curricular do Ensino Médio, no ano de 2008, depois de muitos debates, conferências, e tentativas mal sucedidas de tornar o ensino da Filosofia uma obrigatoriedade, finalmente o pontapé inicial é dado por meio da Lei n. 11.684/2008, que altera a Lei n. 9394/96, na qual a Filosofia passa a ser caracterizada como componente curricular obrigatório nas três séries do Ensino Médio. Uma grande vitória é conquistada no cenário educacional do Brasil.

Em contrapartida, a volta da Filosofia foi um pouco conturbada e sofreu algumas resistências por parte dos alunos e também da população como um todo, resistências essas que são plausíveis de compreensão, haja vista que “[...] a filosofia tornou-se completamente desconhecida pelas novas gerações e considerada como uma forma ultrapassada, antiga, irreal, sem ter nada a ver com o ensino ‘moderno’, ‘atual’, ‘pragmático’, ‘produtivo’ etc. [...]” (SEAF, 1978 *apud* CARMINATI, 2004, p. 12). É claro e, conseqüentemente, aceitável o choque com o retorno da Filosofia, pois este adormecimento de quase quatro décadas foi um período que deixou profundas cicatrizes na intelectualidade da educação brasileira.

Diante desse pequeno relato histórico, o improvável aconteceu em 2005, com a abertura do primeiro concurso do Estado do RN para professor de Filosofia do Ensino Médio. Fui aprovada em 1º lugar para a cidade de Ipueira/RN, mas não fui convocada nas primeiras chamadas. Nesse ínterim, ainda na universidade, eu me casei com Ednaldo Leite Nóbrega em 2004, tive minha primeira filha em 2007, Smirna Lauree Saraiva Leite, e a vida corria em seu percurso natural; para sobreviver, trabalhei como vendedora, como professora de ensino infantil etc.

O tempo passou, e a segunda porta de trabalho se abriu para mim no ano de 2008, quando o governo da Paraíba abriu concurso para professor de Filosofia. Me submeti ao cargo para a cidade de São Mamede/PB e, graças a Deus, veio mais uma aprovação em concurso público, em primeiro lugar. No ano seguinte (2009), fui convocada, tomei posse do cargo, e comecei a lecionar na E. E. E. F. M. Napoleão Ábdon da Nóbrega. No ano seguinte (2010), depois de cinco anos, acionei a justiça para assumir o cargo do RN que até então não tinha sido convocada. Ganhamos o processo judicial e em março daquele ano tomei posse de um cargo que esperava há cinco anos na E. E. João Alencar de Medeiros em Ipueira/RN.

Nesse contexto, para a surpresa dos incrédulos que diziam que eu não me sustentaria com o dinheiro de filosofia, e contrariando todas as perspectivas lógicas da época, há exatos 13 anos tiro meu sustento como professora efetiva de Filosofia nos Estados da PB e do RN. Costumo dizer que não escolhi a educação, ela não estava na minha lista das coisas que eu queria ser quando eu crescer, mas dentro do contexto acadêmico eu fui subitamente tocada pela prazerosa e árdua tarefa de aprender/ensinar.

Desde que comecei a lecionar, nunca mais me vi longe desse chão tão forte como o chão da escola. Eu não sei em qual momento a educação de fato me encontrou, eu só sei que fui arrebatada pela “professoralidade” e talvez hoje não soubesse mais dizer como eu seria fora desse processo tão desafiador que é o educar, não apenas educar para o universo do trabalho e nem apenas para o campo acadêmico, falo de um educar para a vida que está posta diante de nós, me reporto aqui para a importância de dar sentido e significado ao que muitos vezes é deixado como fator secundário e no final das contas é primordial para a nossa consciência de si e do outro.

Assim, o tempo continuou a passar, e depois de oito anos que me encontrava fora da academia, senti a necessidade de voltar para conseguir mais combustível para o meu experienciar no campo educacional, fiz uma Pós-graduação em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campos de Patos/RN (2014), na qual tive a oportunidade de me aprofundar na temática: “*Filosofia na educação*”

brasileira: da ditadura à contemporaneidade”. Foi uma experiência marcante conhecer um pouco mais sobre a história tão rica e significativa que é da filosofia no Brasil.

Em 2016, fui selecionada para cursar mais uma pós-graduação, dessa feita em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus de Caicó/RN. Nessa oportunidade, estudei a temática: “*A importância da filosofia para a educação no Ensino Médio*”, foi uma grande experiência, muito significativa no meu processo de crescimento pessoal e profissional.

Nesse mesmo ano (2016), surge na UERN, no Campus de Caicó, o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), dessa vez uma oportunidade de me aperfeiçoar perto de casa. Por ser egressa da graduação e pela possibilidade de locomoção, eu me enchi de entusiasmo para pleitear uma vaga naquela seleção. Assim, fiz a inscrição e passei na prova escrita em segundo lugar, contudo, na análise do projeto eu fui reprovada. Confesso que foi uma grande frustração, mas na mesma semana em que fui desclassificada do mestrado descobri que estava grávida e, por acreditar que a maternidade naquele momento era minha prioridade, entendi o propósito e agradei a Deus pela situação que estava vivenciando.

Relembro aqui que ainda no ano de 2016 fui candidata à gestora da Escola Estadual João Alencar de Medeiros em Ipueira/RN, fui eleita para o triênio 2017-2019, contudo, não fiquei os três anos na direção da escola, devido ter sido aprovada no ano seguinte no Mestrado profissional e ter conseguido o afastamento do vínculo da PB, era uma exigência estar em sala de aula para fazer a intervenção, ou seja, a ação educativa. Mas, foi uma grande experiência para o ano de 2017, a Gestão Democrática que levei para a vida.

No ano seguinte (2017), no mês de julho nasce minha segunda filha Maria Rita Saraiva Leite, com poucos dias surgiu a oportunidade de tentar uma vaga no PROF-FILO mais uma vez, dessa feita no mês de novembro, com minha filha com apenas 60 dias de nascida. Mesmo assim, com ela em meus braços, saindo para amamentar de meia em meia hora, fiz a prova da seleção, um pouco conturbado para uma mãe estudante, mas fiz, aqui quero registrar os meus sinceros agradecimentos a secretária da UERN e minha amiga, Erivânia Maria de Medeiros, pela paciência e compreensão naquele dia, foi fundamental para eu me manter tranquila e concluir o texto daquela prova, como também pelo suporte oferecido no decorrer do curso.

Ao sair dali, não tinha muita esperança em ser aprovada, mas para contrariar mais uma vez as probabilidades humanas, Deus pela sua infinita misericórdia me abençoou com a aprovação, e dessa feita não em segundo lugar como da outra vez, mas ao sair o resultado final estava meu nome em primeiro lugar, foi tão emocionante porque de fato eu queria muito estar ali, Deus conhecia o desejo do meu coração, registrou meu esforço e no final estava eu de volta à UERN como mestranda, não sei descrever a sensação que senti, só sei dizer que foi como se estivesse voltando de viagem para casa depois de 12 anos (2006-2018).

Entre para o biênio da segunda turma do PROF-FILO (2018-2020), sob a Coordenação Geral da UFPR com Núcleo Local na UERN, Campus de Caicó/RN, na linha de pesquisa Ensino de Filosofia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Shirlene Santos Mafra Medeiros, a quem rendo aqui toda moção de agradecimento, pois além de uma orientadora, foi amiga, irmã e companheira de uma jornada, para mim, tão pesada. Aqui externo publicamente o meu reconhecimento pela oportunidade de realizar este trabalho ao lado de alguém que transpira sabedoria e humildade; meu respeito e admiração pela sua serenidade, capacidade de se colocar no lugar do outro em busca de uma ética (meadiana), e pelo seu dom de ensinar de forma humana, compreendendo as peculiaridades do momento, inibindo sempre a vaidade em prol da simplicidade e eficiência. E, por fim, pela capacidade de sempre acreditar em mim mais do que eu

mesma, isso serviu de estímulo para prosseguir na caminhada. Por essas e outras razões, é que sei que Deus nos uniu nessa trilha, muito obrigada de coração por tudo.

Gratidão também à UERN (PROF-FILO), pela possibilidade de regressar à instituição, por oportunizar a realização de um projeto de mestrado como este; sou consciente que só foi possível com o apoio de vários colaboradores, como o Prof. Dr. José Teixeira Neto, então coordenador do PROF-FILO, pelas articulações necessárias para que este curso chegasse em Caicó/RN, como também ao incentivo dos Mestres dessa casa de ensino, em especial a Prof.^a Dr.^a Maria Reilta Dantas Cirino, pela coragem e pela capacidade de abraçar o Mestrado Profissional como um grande desafio acadêmico e filosófico, obrigada pelos conhecimentos construídos durante as aulas.

Desejo ainda destacar que a minha pesquisa de mestrado foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001; por essa razão, agradeço o incentivo financeiro através da bolsa de estudos que muito me auxiliou naquele período para realização da pesquisa e participação em eventos acadêmicos, os quais instigaram o percurso teórico e prático da pesquisa.

O Mestrado Profissional me proporcionou também alguns reencontros, dos quais destaco, em especial, os amigos Evanilson Dutra e Suedson Relva, pela forte parceria firmada nos dois anos. Quero que saibam que vocês tornaram aquela caminhada mais suave, apesar dos espinhos, contribuíram de maneira direta e significativa para a concretização desse sonho. As partilhas foram, sem sombra de dúvida, um gás para eu ter continuado a jornada, externo meu reconhecimento e gratidão pelo incentivo e pela oportunidade de convívio.

No mês de janeiro de 2020, estava finalizando o mestrado, acredito que devido a atuação do PROF-FILO na escola, fui convidada pelo então Diretor da EEJAM, Erivan Moraes da Nóbrega, para fazer parte da equipe gestora como Coordenadora Pedagógica no triênio de sua administração (2020-2022), aceitei aquele convite com muita satisfação, porque apesar de ter me afastado da Escola da Paraíba, vale salientar que estava com meu vínculo do RN, lecionando em duas cidades, Ipueira/RN e São João do Sabugi/RN, e fazendo Mestrado em Caicó/RN, estava tão cansada e desgastada fisicamente e mentalmente que este convite foi um refrigerio para a corrida que eu vinha travando diariamente, tendo em vista que depois do término do mestrado iria voltar para o vínculo da PB e não daria conta de três cidades com minha segunda filha ainda pequena.

Só em pensar como eu dei conta, fico convencida que sem a ajuda da minha família e da generosidade de Deus que me dá forças, eu não teria chegado a concluir o mestrado, realmente foi muito desafiador para uma mulher, professora, mãe, estudante, dona de casa, que estava morando em uma cidade, trabalhando em outra e estudando numa terceira cidade.

A defesa da dissertação do mestrado aconteceu no dia 18/02/2020, um mês antes da pandemia do COVID-19, foi a primeira defesa da minha turma, tinha pressa em apresentar por ter um prazo para voltar para sala de aula na Escola da PB, já que eu tinha conseguido me afastar de sala de aula desse vínculo. O nosso trabalho foi intitulado “*A Política e a Ética em G. H. Mead e o Ensino de Filosofia: a intersubjetividade, a reflexividade na politização do sujeito e constituição de um self*”, onde utilizamos como livro base “*Mente, Self e Sociedade*” de George Herbert Mead. As bases epistemológicas da pesquisa foram subsidiadas pelos aspectos teórico-metodológicos do interacionismo simbólico seguindo uma abordagem qualitativa.

Acredito que a ação educativa de intervenção do PROF-FILO propiciou um clima interacional entre a prática pedagógica no ensino filosófico, as teorias medianas e o projeto de vida, servindo de mecanismo para viabilizar os partícipes a pensarem, projetarem e

experienciarem novas formas de exercícios filosóficos nas dimensões ético-políticas. A filosofia social meadiana foi essencial para que incidisse uma relação mais estreita entre a reflexão (ética) e a ação (política), apresentando como fruto desse experienciar um sujeito politizado que projeta sua vida no sentido pessoal e social, constituindo seu *self* (identidade) por meio da reflexividade, autorreflexividade, compromisso e responsabilização social.

Quero aqui abrir um parêntese para socializar que, como é de conhecimento de todos, nós professores de filosofia temos apenas uma única aula em cada série do Ensino Médio, por essa razão nós temos muita dificuldade em completar nossa carga horária de 20 aulas semanais, principalmente para aqueles que como eu trabalham em escolas de pequeno porte e com um número de alunos bem reduzido. Por essa razão, sempre precisamos completar nossas aulas com outros componentes curriculares, no meu caso muitas vezes já completei com sociologia, história, ensino religioso, arte dentre outros. E esse ano de 2020 não foi diferente, estive com 8 turmas de ensino fundamental na Escola da PB, do 6º ao 9º ano, lecionando a disciplina de Arte.

Friso aqui que no Estado da PB existem algumas políticas públicas de incentivo a práticas exitosas na educação, como por exemplo o Prêmio *Escola de Valor* e o *Mestres da Educação*, no caso do segundo modelo é uma premiação aberta para professores de efetivo exercício da Rede Estadual de Ensino que apresentam projetos que evidenciem boas práticas docentes frente aos desafios do processo de ensino e aprendizagem, e que possibilitem o sucesso escolar dos estudantes. O professor se inscreve com o projeto a ser desenvolvido e, se ele for aprovado (essa é a primeira etapa), desenvolve o projeto na escola, para posteriormente fazer, de acordo com o cronograma, o envio do relatório feito em forma de dossiê para a SEEC da PB.

Assim, pela primeira vez, me inscrevi com o projeto intitulado: *O Ensino da Arte como mecanismo de uma ação educativa e social*, e passei por todas as etapas propostas pelo processo de seleção, chegamos ao final do ano letivo, com muitas expectativas quanto a essa premiação e hoje, dia 19/12/2022, saiu o resultado final do processo avaliativo do *Prêmio Mestres da Educação*. Para minha surpresa e alegria, fui agraciada com a aprovação, esse prêmio é dedicado a todos que fazem a E. E. E. F. M. Napoleão Ábdon da Nóbrega, à minha família e à UERN, por ter investido em mim, ao proporcionar, através do Mestrado Profissional, caminhos para possibilitar uma prática docente diferente e articuladora dentro de uma perspectiva filosófica e humana, acredito que voltei para escola uma professora mais articulada, houve transformações significativas dentro da minha prática, não tem como não ser tocado pela experiência que passamos dentro da academia.

Aqui estamos, 20 anos depois, comemorando duas décadas da chegada da Universidade Estadual no Seridó, quando iniciei minha jornada era no espaço onde funcionava o Colégio Diocesano Seridoense (CDS). Naquele lugar, no horário noturno, estávamos nós, a primeira turma do curso de Filosofia, viajava todas as noites, muito cansativo, mas prazeroso. Agora revisito minhas memórias afetivas construídas através do tempo que estive lá, e categoricamente posso afirmar que valeu muito a pena, cada instante que estivemos ali, meu muito obrigado aos que lutaram para que a UERN chegasse em Caicó/RN, em especial ao professor Dr. João Batista Xavier, que foi um grande militante desta causa, foi também meu professor da graduação.

Enfim, nesta casa de ensino não recebi apenas uma formação acadêmica, conteudista, aqui estudei, me formei, consegui entrar no mercado de trabalho, encontrei espaço para regressar e me capacitar, fui e sou muito bem acolhida/recebida, constitui amigos, construí laços e faço parte com muito orgulho de algo que realmente acredito que é a EDUCAÇÃO, por entender que de fato ela pode ser transformadora, apontar caminhos, criar oportunidades, deslumbrar novos horizontes e viabilizar um futuro diferente para aqueles que acreditam em seu poder. Eu amo esse lugar e faço parte da história da filosofia no SER-TÃO do Seridó com muita alegria, por

reconhecer que através dela eu e muitas outras pessoas conseguimos coisas que sem ela talvez não conseguisse. Gratidão ontem, hoje e sempre a todos que fazem a UERN no Campus de Caicó/RN.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume 3). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 27 dez. 2022.

CARMINATI, Celso João. (Des) Razões da retirada da Filosofia do Ensino Médio no Brasil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1225/1038>. Acesso em: 27 dez. 2022.

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: UM RELATO UERNIANO

[EDUCATION AND TRANSFORMATION: A UERN STUDENT RAPPORT]

Rodolfo Rodrigues Medeiros
rodolfo.caico@hotmail.com

Docente de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (desde maio de 2016). Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, 2020 - Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, Núcleo UERN/Campus Caicó). Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2017) e em Ciências da Religião pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz - FACIBRA (2015). Graduado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2013).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4636](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4636)

Recebido em: 2 de janeiro de 2023. Aprovado em: 10 de março de 2023

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 107-112
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.4636](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.4636)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



Este escrito consiste em um relato de algumas das minhas experiências enquanto estudante do curso de Filosofia da UERN/*Campus* Caicó. No período de 2008 a 2013 fui discente do curso de Licenciatura em Filosofia¹, e de 2018 a 2020 retornei à instituição como estudante do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO. Em ambas as oportunidades, a UERN/*Campus* Caicó me possibilitou ter experiências formativas que concederam imensa contribuição profissional e pessoal. E o presente relato tem a intenção de apresentar parte dessas experiências, apontando as contribuições que elas geraram em minha vida (na dimensão acadêmica, profissional e pessoal) e, por meio disso, externar a gratidão e o sentimento que tenho pela instituição, pelo curso, pelo *campus* e pelas pessoas que fazem parte deles e que compartilharam e propiciaram essas vivências formativas. Além disso, almeja-se que o relato sirva, de alguma forma, como motivação para estudantes do curso, que poderão observar um exemplo do potencial que ele pode fornecer em suas trajetórias profissionais e pessoais.

Não é exagero afirmar que o curso de Filosofia da UERN/*Campus* Caicó transformou completamente a minha vida. Para evidenciar o teor dessa afirmação preciso apresentar, sucintamente, minha realidade acadêmico-profissional antes e após o curso. Farei isso nos parágrafos seguintes.

Eu concluí o Ensino Médio no fim de 2005, na Escola Estadual Professor Antônio Aladim de Araújo², e à época não pensava em cursar ensino superior, muito menos o curso de Filosofia, uma vez que não tive contato com essa disciplina no Ensino Médio³. Ao fim do Ensino Médio, optei então por tentar me preparar para concorrer a algum concurso público ou para ingressar já no mercado de trabalho, e assim poder contribuir financeiramente com as despesas de casa⁴.

No meio de 2006 me alistei no Exército e cumpri o serviço militar obrigatório por um ano (no 1º Batalhão de Engenharia de Construção, sediado em Caicó-RN), saindo do Exército em meados de 2007. Durante o período no Exército comecei a me interessar sobre carreiras da área da segurança pública⁵ e descobri que algumas delas exigiam formação em nível superior. Decidi então estudar para concurso público para carreiras policiais e, enquanto isso, realizar um curso superior. Ao analisar as graduações oferecidas por instituições públicas na cidade de Caicó-RN, concluí, considerando os temas e assuntos cobrados em seus respectivos vestibulares (na época, esses cursos ainda não usavam ENEM como única forma de ingresso), que teria maiores chances de aprovação se fizesse a seleção para os cursos de Filosofia (UERN), Geografia ou História (ambos da UFRN). Mas devido a relação com essas disciplinas no Ensino Médio, minhas opções iniciais, na realidade, tendiam para Geografia e História, com certa preferência por esta última. Entretanto, pouco antes de fazer a inscrição nas seleções/vestibulares, deparei-me com a matéria de uma revista⁶ que apontava Filosofia e Sociologia como áreas promissoras na educação, uma vez que elas voltariam a ter ofertas obrigatórias no Ensino Médio e, por isso, surgiriam, a curto e médio prazo, novas vagas de emprego para lecioná-las. Foi a partir disso que optei pelo curso de Filosofia.

Como se percebe, minha escolha não foi determinada por um sonho profissional nutrido desde criança, nem por uma identificação com a área (posto que não tinha tido contato efetivo com

¹ A duração normal do curso é de quatro anos, mas sofri um acidente em 2009 que dificultou minha locomoção por alguns meses, então optei por trancar algumas disciplinas e desistir do Estágio Supervisionado I, o que me fez adiar em um ano a conclusão do curso.

² Situada no bairro Boa Passagem, zona norte da cidade de Caicó-RN.

³ Lembre-se que a volta da inclusão da Filosofia bem como da Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio só ocorreu em 2008, através da lei 11.684.

⁴ Neste período, morava com meu pai e mais um casal de irmãos, e as únicas fontes de renda da casa eram os dois benefícios/salários-mínimos que meu pai recebia.

⁵ Como Polícia Militar, Polícia Civil, Agente Penitenciário Estadual, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal.

⁶ Não tenho certeza, mas imagino que era uma reportagem da *Nova Escola*.

ela em sala de aula). Contudo, mesmo tendo sido uma escolha meramente utilitarista (embora na ocasião eu não tivesse a mínima ideia do que seria o utilitarismo), foi uma feliz/acertada escolha.

O presente relato foi escrito em dezembro de 2022, quatorze anos após essa escolha, e vendo o que ela me proporcionou, como me transformou, alterou minha perspectiva de vida e visão de mundo e como foi decisiva para me tornar quem sou, a cada dia tenho a plena certeza de que essa foi uma das melhores escolhas que fiz. Hoje, sou professor de Filosofia, docente do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, *Campus* Parelhas. Minha formação em Filosofia/UERN/*Campus* Caicó me deu uma condição de vida (material e, principalmente, intelectual) que eu não imaginava ter. Espero que isso não tenha soado presunçoso. Queria apenas destacar que minha perspectiva de vida foi profundamente alterada graças aos conhecimentos, reflexões, experiências, habilidades e hábitos desenvolvidos durante a vivência na UERN/*Campus* Caicó (tanto na graduação quanto no mestrado), e que isso me trouxe tanto frutos atitudinais quanto materiais. Nos próximos parágrafos, dar-se-á a descrição de algumas vivências desse percurso formativo, visando elucidar tais frutos.

Ingressei na graduação de Licenciatura em Filosofia/UERN/*Campus* Caicó em 2008. E, a princípio, era um estudante mediano, bastante tímido e com muita dificuldade para falar em público (essa limitação era tanto por timidez quanto por inabilidade de oratória e argumentativa). Justamente por isso, durante os primeiros semestres do curso ainda nutria inúmeras dúvidas a respeito da minha permanência nele, posto que não conseguia me ver como professor de Filosofia. Mas, felizmente, alguns fatores (pessoais e acadêmicos) acabaram favorecendo essa permanência.

Dentre os fatores pessoais (afetivos), poderia destacar: o surgimento de profundos laços de amizade com colegas de curso, pessoas solidárias e generosas que mostravam-se sempre dispostos a ajudar e fornecer todo apoio possível (conceitual, referencial, acadêmico e pessoal) e que, por isso, tornaram-se amigos para a vida e não apenas colegas de curso; a ótima relação com os docentes e demais servidores do *campus*, sempre solícitos, sensíveis, competentes, humanos, verdadeiros exemplos de profissionais e pessoas também auxiliou nessa permanência. Os docentes e demais servidores exerciam muito mais do que sua função profissional, eram solidários, generosos, gentis, preocupados, atenciosos, amigos. Essa atmosfera fazia-nos (graduandos) sentir-se acolhidos e ligados à instituição não apenas por um vínculo acadêmico-profissional, mas nos fazia nutrir pelo curso/instituição, docentes e demais servidores, sentimentos de gratidão, respeito e afeto.

Quanto às vivências acadêmicas, diria que extraí e aproveitei do curso as mais diversas experiências formativas que ele poderia fornecer: fui voluntário em projetos de pesquisa, participei em ações de extensão, integrei grupos de estudo, ajudei na organização de eventos acadêmicos, realizei apresentações culturais, apresentei e publiquei trabalhos/artigos acadêmicos em eventos locais e nacionais. Desfrutei de cada oportunidade, e procurava preparar e desempenhar cada tarefa com a maior qualidade possível, seja nas tarefas das disciplinas do curso nas ações extracurriculares, por entender que participar dessas diversas atividades e experiências poderia me permitir ter uma formação inicial extremamente rica. Perdi algumas noites de sono me dedicando a essas tarefas? Sim, perdi. Mas faria tudo novamente. E talvez com mais empenho ainda, se possível. Foram essas experiências que me fizeram mudar de um estudante mediano a um dos mais aplicados da turma. Novamente, espero que isso não tenha soado presunçoso. Mas a partir do momento que comecei a me dedicar plenamente ao curso e às experiências que ele possibilitou, meu rendimento acadêmico aumentou exponencialmente.

Ademais, as preleções orais, atividades constantes de leitura e análise dos textos, promoção de discussões/debates, orientações na preparação de seminários, compartilhamento de técnicas de sistematização dos estudos, exercícios frequentes de produções de textos, indicações de materiais e referências... todas essas ações exigidas pelos docentes (tanto na graduação quanto no mestrado)

desenvolveram consideravelmente minhas habilidades argumentativas e de escrita. Ao fim da graduação, as habilidades acadêmicas que eu possuía eram infinitamente superiores às que eu tinha no início do curso. Foi isso que me fez sentir preparado, apto e seguro para lecionar Filosofia. Cada professor teve papel crucial nisso. Os ensinamentos, incentivos e reconhecimento deles foram essenciais para que eu tivesse uma excelente formação inicial. E no mestrado, novamente, as orientações, compartilhamento de experiências (entre colegas do mestrado e entre os docentes e a nossa turma), indicações de materiais e obras (literárias, audiovisuais) contribuíram para meu desenvolvimento profissional e formação contínua.

Outro fator decisivo para a minha permanência na graduação e para a qualidade da formação inicial foi a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Perdoe-me a expressão clichê, mas a participação no PIBID/UERN/Filosofia foi um divisor de águas em minha formação. Nos parágrafos posteriores vou elencar algumas das suas contribuições.

Fui bolsista do PIBID aproximadamente de 2010 a 2013. Como aluno-bolsista recebia uma bolsa no valor de 400,00 R\$ (quatrocentos reais) mensais. Pode não parecer muito, mas foi isso que me fez permanecer na graduação, porque me permitia ajudar com pequenas despesas em casa, adquirir apostilas e livros utilizados no curso e custear ainda algumas despesas pessoais. Esse tipo de ajuda financeira fazia grande diferença no orçamento de uma família com a nossa renda (que, naquela época, era de meio salário-mínimo por pessoa). Sem essa bolsa, provavelmente teria abandonado o curso para poder trabalhar em um emprego informal que me permitisse contribuir financeiramente em casa.

Além do fator material, obviamente o PIBID me forneceu imensos benefícios acadêmico-profissionais. Antes de apontar esses benefícios faz-se necessário apresentar algumas informações acerca das reuniões do programa, para se ter uma ideia geral a seu respeito: as ações ligadas à regência de sala de aula (que eram sempre acompanhadas e monitoradas pela supervisora de área) eram precedidas pela realização de reuniões semanais destinadas ao planejamento das atividades a serem executadas. Essas reuniões envolviam todos os alunos-bolsistas⁷, a supervisora de área⁸, o coordenador de área⁹. Nessas ocasiões, ocorria estudo e discussão sobre passos e instrumentos metodológicos, recursos avaliativos, eram feitas indicações de leitura, exposições e debates acerca dos materiais lidos, dava-se o compartilhamento de experiências didáticas (as exitosas e também as de insucesso), a reflexão constante sobre a preparação e a prática em sala de aula, éramos incentivados a escrever textos bases para algumas das aulas, registrar nossas ações, enfim, as reuniões representavam momentos de orientações, sugestões, correções e, principalmente, apoio e incentivo. Minha experiência no PIBID foi única e exitosa, e isso deveu-se pela generosidade, empenho e qualidade de toda a equipe, especialmente pela sensibilidade, competência, paciência, generosidade, comprometimento e profissionalismo da supervisora (Sueny Nóbrega) e do coordenador de área (Déda Souza). As orientações, incentivos e reconhecimento eram fonte de motivação e inspiração para a equipe dos bolsistas. Minha visão da Filosofia e da docência foi muito afetada, positivamente, por essa experiência.

O PIBID possibilitou a oportunidade de uma maior aproximação entre o aluno-bolsista e o seu futuro campo de atuação, as instituições da rede básica de ensino. Os Estágios Supervisionados também dão essa oportunidade, porém, a aproximação realizada pelo PIBID é

⁷ Ao longo de 2010 a 2013, o número de alunos-bolsistas variava entre 10 e 12 graduandos.

⁸ A supervisora do PIBID era a professora Sueny Nóbrega Soares de Brito, ligada à instituição de ensino básico atendida pelo programa, a Escola Estadual Professora Calpúrnia Caldas de Amorim - EECCAM, localizada em Caicó-RN. Sueny Nóbrega também foi nossa professora no Curso de Filosofia no mesmo período.

⁹ O coordenador de área era o professor José Francisco das Chagas Souza, docente do Curso de Filosofia da UERN/*Campus* Caicó.

bem maior, pelo tempo e frequência da vivência que ele permite. Durante as atividades do programa foi possível reconhecer a importância que a tríade “pesquisa/ensino/prática” representa para o pleno desenvolvimento das ações docentes. Pois para se promover um ensino de qualidade é necessária a realização de pesquisas, visando a obtenção de uma boa fundamentação teórica, e também deve ser levada em consideração a prática a ser adotada durante a abordagem dos assuntos, procurando a utilização de uma metodologia que seja compreensível e atraente para o discente. Outra importante atividade que o programa preza é a participação em eventos acadêmicos, o que também representou uma imensa contribuição para a formação docente, pois tais eventos possibilitaram a socialização de experiências, saberes, práticas de grande importância para a atuação profissional.

Enfim, o PIBID foi fundamental para minha formação docente. Suas contribuições refletiram não só no meu desempenho frente à sala de aula (exercício das técnicas de pesquisa e fichamento, aprimoramento da argumentação, maior segurança ao realizar exposições orais etc.) como também na faculdade (aumento do vocabulário e segurança argumentativa, provenientes da prática constante da leitura, desenvolvimento nas atividades de interpretação textual e exercício constante de escrita, na construção dos relatórios parciais e finais e também na formulação dos pequenos textos que eram produzidos pelos bolsistas para serem empregados durante algumas das atividades de regência).

As atividades desenvolvidas no PIBID permitiram familiarização com os atributos necessários ao exercício da prática docente. A realidade e a experiência de atuar em sala de aula é algo que não pode ser traduzido apenas por palavras, só pode ser sentido através da prática. E a experiência adquirida pela participação em tal programa possibilitou isso e representou, portanto, uma contribuição imensurável para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de minhas atividades docentes e consistiu em um gigantesco incremento em minha formação inicial.

Espero que tenha ficado evidente que antes de ingressar na graduação eu não tinha nenhum talento nato para a filosofia e para a docência, não era (e não sou) nenhum prodígio. E que o desenvolvimento acadêmico-profissional e pessoal que tive, tal como as aprovações e conquistas acadêmico-profissionais, são frutos das experiências formativas que vivi na UERN/*Campus* Caicó (tanto na graduação quanto no mestrado em Filosofia). A qualidade da formação inicial que recebi na graduação, por todas as experiências já citadas, me garantiu meu primeiro emprego na área do curso¹⁰ e meu desempenho nos concursos para professor da rede estadual de ensino¹¹ e para professor efetivo do IFRN¹².

Minha vivência na UERN/*Campus* Caicó me tornou também uma pessoa melhor: saí do curso com outra visão de mundo, com uma formação cidadã amparada em reflexões e valores éticos, com consciência política, mais empático, solidário e compreensível. A UERN transformou minha vida, positivamente, em todos os aspectos. Inclusive, foi nesse *campus* onde conheci uma das pessoas mais importantes em minha trajetória, minha esposa Theônia Raquel (egressa do curso de Enfermagem), que por sua compreensão, atenção, cuidado, amor, respeito, incentivo, força, auxílio e companheirismo torna minha vida ainda melhor e mais agradável.

Eu entrei na graduação em Filosofia por uma decisão utilitarista, sem conhecer muito bem a área, e no início não me via preparado para atuar em sala de aula. Mas a vivência no curso alterou profundamente essa perspectiva: eu me apaixonei pela Filosofia e pela docência, e me sentia muito

¹⁰ Como Professor de Filosofia no Colégio Diocesano Seridoense, por indicação do Prof. José Eudo Bezerra, que havia sido meu professor em algumas disciplinas na graduação, meu orientador num grupo de estudos sobre Filosofia Antiga e meu supervisor no Estágio Supervisionado III.

¹¹ Ao qual concorri em 2011, tendo sido convocado em 2015.

¹² Cujas provas escrita e prática ocorreram em 2013, e pelo qual fui convocado em 2016.

bem ao fazer cada leitura, ministrar cada aula, realizar cada apresentação. Ao fim da graduação, obviamente já havia deixado de lado a ideia de tentar carreira na área da segurança pública, pois estava inteiramente encantado pela Filosofia e queria tentar viver profissionalmente dela. E fiz isso. Hoje, ainda me sinto plenamente realizado profissional e pessoalmente vivendo da Filosofia e da docência. Por isso, afirmo categoricamente que o curso mudou, para melhor, minha vida e minha perspectiva.

Por essa razão, se pudesse deixar alguns conselhos para os graduandos do curso de Filosofia seriam os seguintes: aproveitem ao máximo as experiências formativas oportunizadas e, caso tenham disponibilidade, participem das diversas atividades acadêmicas ofertadas, como grupos de estudo, projetos de pesquisa e de extensão, participação em eventos acadêmicos, dediquem-se com afinco em cada tarefa, vivam, de fato, a graduação, pois essa dedicação contribui decisivamente com a qualidade da sua formação inicial. E isso pode fazer total diferença no ingresso no mercado ou mesmo no desempenho em seleções e concursos. Não tenham vergonha de tirar dúvidas, expressar suas análises, pedir ajuda e orientação para concretização das tarefas. Externalize e compartilhe com colegas e professores as dificuldades encontradas, forneça ajuda quando perceber essa necessidade. Meu tempo na UERN me fez perceber que os problemas, quando divididos com amigos, ficam menores, e a alegria das vitórias, quando compartilhada, é exponencialmente maior.

Por fim, gostaria de agradecer às pessoas que integraram o curso de Filosofia da UERN/*Campus* Caicó (graduação e mestrado) por todas as contribuições que mencionei. Vocês ajudam a transformar vidas. Talvez em suas ações e atividades cotidianas isso não fique tão evidente, mas cada palavra, orientação, sugestão, correção, auxílio faz diferença em nossa formação e em nossa jornada profissional e humana. Algumas pessoas foram fundamentais na minha jornada acadêmica na UERN. Por isso, para reconhecer e destacar a grande ajuda deles em meu trajeto uerniano, listarei a seguir, a título de agradecimento, alguns nomes. Iniciando por ex-colegas do PIBID: Alberto Soares, Allany Vitória, Divanete Medeiros, Francisco Pereira, Ismael Bosco, Joelson Araújo, Leila Dantas, Rosana Lopes; alguns amigos feitos (na graduação e no mestrado): Antônio Júnior, Desidério Garcia, Evanilson Dutra, Ítalo Rucielly, Lindoaldo Vieira, Suédson Relva; e os servidores da referida instituição: Erivânia Maria, Dora Régia, Benjamim Julião, Dax Moraes, Francisco de Assis Costa (Padre Costa), Galileu Galilei Medeiros, José Eudo, José Teixeira, José Francisco das Chagas Souza (Déda), Marcos Érico, Marcos von Zuben, Maria Reilta, Sueny Nóbrega Soares.

As lições, ensinamentos, ajuda, incentivo e reconhecimento de cada um foram essenciais e marcantes. Por mais que eu tente, seria impossível demonstrar a real dimensão da importância e contribuição que todos representaram em minha formação. Mas recebam esse relato como reconhecimento por toda ajuda e atenção a mim direcionada. Deixo a vocês e a UERN/*Campus* Caicó o meu imenso e genuíno “muito obrigado”!

POEMA – 20 ANOS DA FILOSOFIA NO SERIDÓ: LIRA DOS 20 ANOS EM SERTANIAS FILOSÓFICAS. (*Seguido de:* MEMÓRIAS EM FAGULHAS: O QUE VI-VIVI DESSES 20 ANOS IDOS)

José Francisco das Chagas Souza - *Déda Souza*
josefrancisco@uern.br

Professor efetivo PES-3-08/UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Caicó, Departamento de Filosofia. Doutor em Letras pela mesma Universidade. Mestre em Metafísica pela UFRN. Especialização em Metodologia do Ensino Superior. Graduação em Teologia iniciado no ITER - Recife e concluído no Seminário Arquidiocesano da Paraíba - João Pessoa-PB. Possui licenciatura em Filosofia pela UECE - Fortaleza-CE. Membro do grupo de pesquisa EAEB-Ensinar e Aprender na Educação Básica e vice-líder do GP NEFHEM-Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística - UERN. Coordeno a linha de Pesquisa QUIASMA - Fenomenologia, Literatura, Filosofia da Libertação e Latino-americana.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6787](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6787)

Recebido em: 21 de novembro de 2024. Aprovado em: 21 de dezembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 113-118
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6787](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6787)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



**POEMA – 20 ANOS DA FILOSOFIA NO SERIDÓ:
 LIRA DOS 20 ANOS EM SERTANIAS FILOSÓFICAS**

Ser-tão! Seridó! Ser!!!
 Cerca-arte de pedra
 Farta no chão Potiguar.
 A seiva do cacto que resiste
 Como quem teima em ser vida.
 Aridez capaz da flor
 Chuvas que lavam tua pele sertaneja.
 Ser! Ser-tão grande de veredas a serpentejar no mato ralo, dessa quase nua terra.
 Sertanejos pensantes em sertanias dessas *Trilhas* que nos faz ir.
 “Luar que só o sertão viu”¹.
 Os rios! Ah, os rios não dormem só para serem eternos, mesmo ressecados.
 Teus rios secam, mas estão cheios de esperançar.
 A serra aterra teu o vale.
 A falta é o que sobra em teu povo.
 “Onde queres nada, nada falta”.²
 Gente que cria, sobrevive a sua condição arcaica.
 “Tudo é descrença e fé”³, só não se sabe fé em quê”⁴.
 Das manhãs amenas, tardes de sol cáustico e noites escuras.
 “Quando ao sol a mata tosta, deixando a vitrine exposta em volta de Caicó.
 Cheias de imagens mudas feitas nas pedras agudas das serras do Seridó”⁵.
 Resistência, peleja cotidiana.
 Reinventar-se para não morrer, existir, ser.
 Criação é tua arte de ser.
 Sim, criar – é filosofar!
 Admirar-se com o óbvio, com o existir.
 Desse torrão, brota a filosofia
 Tão milenar num chão igualmente ancestral.
 Terra indígena, teus povos originários.
 Dos negros, de judeus e de cristãos.
 E lá se vão 20 anos trilhados nesse Sertão.
 20 anos da Filosofia! Da UERN em Caicó.⁶
 Mas, sabedoria de antes.
 A chegada, o princípio.
 Desde Sócrates ou antes dele.
 E nesse tempo. Qual tempo?
 Tempo-*cronos*⁷? Tempo oportuno do *kairós*⁸?

¹ Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*.

² Caetano Veloso em *Quereres*.

³ Chico César em *A prosa impúrpura do Caicó*.

⁴ Paralamas do Sucesso em *Alagados*.

⁵ Sebastião Dias (poeta) em *Meu Seridó*.

⁶ Universidade do Estado do RN-UERN.

⁷ Tempo cronológico, de relógio.

⁸ Tempo oportuno, propício, agora...

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6787](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6787)

Poema – 20 anos da Filosofia no Seridó: lira dos 20 anos em sertanias filosóficas

(*Seguido de: Memórias em fagulhas: o que vi-vivi desses 20 anos idos*)

SOUZA, José Francisco das chagas

Tempo vivo, pulsante do agora.
Feito a eternidade dos rios que não dormem.
Movente pensar, repensar.
Filosofia que se fez, que se faz.
Filosofia do Ser-tão!
Pensadores e pensadoras do nosso tempo.
Inacabada que recomeça, sempre.
“A semente lançada, germina”⁹.
Tempo idos que se lançam em tempos vindouros.
Filosofia devir.
Que se filosofa nesse chão.
Filosofia daqui.
Chão-existência de seres em busca de libertação.
20 anos!, até os 40, 80, 100... 1.000...

⁹ Dêda em poema feito no fechamento do ITER (Instituto de Teologia do Recife) em 1992.

MEMÓRIAS EM FAGULHAS

O que vi-vivi desses 20 anos idos

Quando no início dos anos dois mil, Caicó e o Seridó se preparavam para acolher o Curso de Filosofia que aportava nessas plagas. No mesmo período, vivia eu os últimos dias no ministério sacerdotal na Diocese de Mossoró e viria fazer paragem nessas terras a convite da filosofia e da sobrevivência. Era o começo da UERN em Caicó, era também, o princípio de uma vida nova aquecida sob sol abrasador do ser-tão.

Nesse processo, tive o suporte de muitos amigos, aqui destaco o Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas, amigo e irmão mais velho do clero e conselheiro que no momento mais difícil, ele foi presença fundamental nessa retomada. Seus conselhos, sua torcida por mim. Pois é, Pe. Sátiro me emprestou os livros de Filosofia para eu estudar visando concursos. Foi dessa forma que entrou a UERN na minha vida e eu entrei de vez na vida da UERN. O concurso realizado no período, infelizmente não contemplou aprovados, dessa forma, busquei a seleção por contrato provisório com as vagas de Caicó. Dessa forma, eu e o nosso saudoso professor Iveraldo Santos (*in memoriam*) fomos selecionados para dar aulas em Caicó. O ano era 2002, época em que nascia o curso de Filosofia abrindo, portanto, as portas para uma efetiva e valiosa presença da UERN no Seridó.

Acolhido pelo professor João Batista Xavier, desbravador de abnegada dedicação que firmou sólidas bases para os frutos que hoje colhemos. João Batista, então Coordenador Pedagógico e responsável pela implantação do Núcleo da UERN em terras seridoenses, e desta feita tínhamos uma missão singular a cumprir: fazer com que a Filosofia se fizesse presença nessa região. Para esse recomeço, repetia comigo a epígrafe pautada pelo teólogo italiano Bruno Forte: “Na vida, é preciso correr riscos, seguir certos caminhos e abandonar outros, pois, ninguém é feliz sem medo”. É, e eu estava vivendo esse processo de mudança de trincheira. Um novo recomeço de incertezas e medos: “E medo de tudo. Medo do nada. Medo da vida, assim engatilhada” (RPM, 1986)¹⁰. Assim, iniciava o Curso de Filosofia, iniciava também, a saga de uma vida nova: eu a UERN. Nas dependências do Colégio Diocesano Seridoense-CDS vivemos essa importante parceria do início. Nessa primeira fase, começamos um processo de formação de muitos alunos e alunas, hoje, boa parte desses egressos atuando no Ensino Médio das escolas da região do Seridó Potiguar, Seridó Paraibano e em outros Estados da federação. Chegamos quase juntos, ambos vindos do Oeste Potiguar. No espaço do Colégio Diocesano Seridoense, ali, os primeiros passos eram começados pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Depois, passamos pelo prédio do CAIC, e aí, já éramos *Campus* da UERN em Caicó e, por fim, onde estamos hoje, no antigo espaço da Escola Estadual Joaquim Apolinário, agora nossa Casa, nossa vida. Peregrinos do início, sem-teto, sem lugar... a UERN insistiu e ficou para construir história. Vinte anos! O legado já é palpável. Os números revelam o que alcançamos até o presente.

Acompanhando a UERN nesse tempo todo, ou não muito tempo, ainda infante, é possível testemunhar um legado importante com vontade de mais. O propósito é formar licenciados em Filosofia e isso se fez. Quando chegamos, a filosofia nas Escolas de Educação Básica era parca ou mesmo, ausente. A UERN de Caicó abasteceu todo o Ensino Médio com professores egressos do referido Curso em pouco tempo. Vieram concursos, mestrado na área, eis o que justifica a missão da filosofia no sertão. E ainda, o retorno da filosofia aos currículos do Ensino Médio em 2008. Logo, logo, tecia relações com outros cursos pelo Brasil e desbrava fronteiras para além do país.

¹⁰ Alvorada Voraz, Álbum Rádio Pirata ao vivo. Disponível em www.rpmbanda.com, acesso em 08 de dezembro de 2024.

Após um tempo, graças as redes que mostravam ações de projetos do Curso pelo Brasil afora, estava eu, Coordenador do Curso na época (2010), quando a editora-Chefe Paula Felix Palma da Revista de circulação nacional, Filosofia, Ciência & Vida¹¹, da Editora Escala me liga para uma entrevista que geraria após alguns meses uma bela e longa matéria divulgando o nosso Curso. Dizia ela, o objetivo naquele momento era divulgar feitos como esse fora do eixo Rio-São Paulo. Uma alegria! E a principal pergunta cheia de admiração da editora-Chefe foi: “Como existe um Curso de Filosofia no meio do sertão, tão distante dos grandes centros? ”. Essa admiração tinha uma razão, aliás, duas: 1) Um curso numa longínqua região, longe de onde a filosofia se fazia forte. 2) Assim, como um curso atraía estudantes advindos de várias cidades com mais de 80 Km da sede e à noite? Alunos vindos do Rio Grande do Norte e também, da Paraíba. Hoje, mantemos profícuas relações com outras Universidades pelo país em especial com instituições vizinhas: UFRN, UFCG, UFPE, UFPB, UFC, UECE, dentre outras.

Dessa forma, entendendo o papel de uma instituição pública encravada no meio dos rochedos, vales, serras, cercas de pedras e aquecida sob os raios do seu sol, dando esperança aos que acorrem a ela, não podemos deixar que diminuam seu papel iluminador. Quem precisa de uma Universidade pública, de qualidade e de um material humano tão acolhedor? Como não defender das flechas inimigas dos abastados, quando argumentam que a instituição é um “peso” para o Estado? E, olha só o caminho de um discurso perigoso: desfazendo-a, para depois, oferecê-la a preço de nada àquela que cumpre um papel fundamental de oportunidades e libertadora de muitas vidas. O Curso de Filosofia cumpre muito bem sua missão de formar docentes para um campo de trabalho na área. A quem interessa e a quem incomoda a presença da UERN nesse bravio sertão?

Como testemunhamos, e “eu a vi nascer, desabrochar”, a presença da UERN no Seridó faz um bem danado, possibilitando a muitos que jamais poderiam sonhar com um Curso superior em Filosofia, com uma colocação no mercado e viver da filosofia, eis a força da UERN. Destaca-se, a oportunidade de crescimento intelectual e a dignidade capaz e transformar vidas. Isso mesmo, o maior bem deixado por uma instituição com a Universidade é a transformação de vidas, literalmente. Esse é um testemunho ouvido todos os dias quando se fala na UERN. Embora, hajam vozes dissonantes que prefeririam que a Universidade fosse privatizada. Claramente, esse discurso ressoa de tempos em tempos quando acusam a instituição de ser um ‘peso’ ou ‘gasto’ para o Estado. As falas dessas pessoas são reflexos de um discurso plantado por aqueles que não conseguem compreender e mesmo compreendendo o fazem por preconceitos, que se trata de investimento e não gastos. Basta buscar os números, nesses vinte anos, dos Cursos nesse torrão.

Quando olhamos os projetos, as benesses à comunidade que mais precisa, os eventos científicos, aprovações dos egressos em concursos, as bolsas recebidas por discentes... apenas demonstram o quanto uma Universidade permite o desenvolvimento pessoal e da cidade como um todo. No caso específico da Filosofia, aqueles que passam pela mesma falam que a filosofia os fez serem outros, já não são mais os mesmos. Daí, repetimos com Heráclito: “Ao passar pelo rio, nem nós somos os mesmos e nem o rio é mais o mesmo”. Portanto, defender a Universidade pública, gratuita e de qualidade é uma responsabilidade de todos aqueles que sonham com uma cidade melhor, um país melhor, e mais, com um cidadão e uma cidadã melhores. Esse bem é revertido sobre o todo da comunidade, inclusive para quem não a quer. Não incorrer no risco de proferir discursos que desfaçam a instituição, pois, o contrário é não enxergar o bem que a mesma faz aos filhos de trabalhadores e trabalhadoras e dos próprios alunos. No caso da filosofia, os alunos também são trabalhadores. Então, conclamar o cuidado com a UERN é fomentar o engrandecimento do Seridó. A cidade que acolhe uma instituição educacional, abraça a si e cresce

¹¹ Ano IV – Edição 51. ISSN 1809-9238, setembro de 2010. (p. 8-14).

junto com ela. O que as pessoas necessitam é de oportunidade. E como dizem aqui: a UERN transforma vidas!

Dessa forma, a UERN é nossa! Assim como “o sertão é dentro da gente”¹², a UERN está dentro de nós, aliás, a UERN somos nós!

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Chico. **A Prosa Impúrpura do Caicó**. Disco Aos Vivos, 1995.

DIAS, Sebastião. **Meu Seridó**. Disponível em Youtube. S/D.

HERÁCLITO. “Aforismos (fragmentos)”. In: AIUB, Mônica. O sábio fluir. **Revista Filosofia**. Ano 2, n. 2. São Paulo: Escala, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 662 p. (Biblioteca Pensamento Moderno).

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 492p.

SANTOS, I. & SOUZA, J. F. C. “Travessia fenomenológica da linguagem em Guimarães Rosa e Merleau-Ponty”. In: **Filosofia e Ciências Humanas: teorias e problemas**. SANTOS, Iveraldo (Org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. [p. 241-265]. Série Filosofia e Interdisciplinaridade – 86.

SOUZA, Déda. “O Seridó estuda o homem concreto”. **Revista filosofia, ciência & vida**. Ano IV, nº 51. S. Paulo: editora escala, 2010.

RICARDO, Paulo. **RPM. Alvorada Voraz**. <Disponível em www.rpmbanda.com >, acesso em 08 de dezembro de 2024 às 10:43min.

VELOSO, C. **O Quereres**. Disco Velô. Faixa 7, 1984.

VIANNA, Herbert; BARONE, João. Alagados. **Disco Selvagem? Os Paralamas do Sucesso**. EMI Records, 1986.

¹² Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (Rosa, 2015, p. 256)

FILOSOFIA, *PRAXIS E* LIBERTAÇÃO: PENSAR EM TERRAS ÁRIDAS¹

[PHILOSOPHY, *PRAXIS*, AND LIBERATION: THINKING IN ARID LANDS]

Para o amigo Prof. João Batista Xavier

Klédson Tiago Alves de Souza

kledson.tiago@gmail.com

https://orcid.org/0000-0002-0422-3506

Doutorando em Filosofia pela Universidade de Coimbra (UC) - Bolsheiro pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2018). Graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2016). Membro colaborador do Instituto de Estudos Filosóficos (IEF), com foco de pesquisa na área estratégica de “Cuidado, Política e Ética”. Pesquisador membro do Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística da UERN/Campus Caicó. Pesquisador membro do Grupo de pesquisa Benditas Escritas Transgressoras (PPGLI/UEPB). Membro do Conselho Editorial da Revista Trilhas Filosóficas - Publicação do Curso de Filosofia do Campus Caicó/UERN.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6789](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6789)

Recebido em: 27 de outubro de 2024. Aprovado em: 20 de novembro de 2024

¹ Este texto conta com o apoio e o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT (<https://doi.org/10.54499/2020.08526.BD>)

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 119-128

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6789](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6789)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6789](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6789)

Filosofia, *Praxis* e Libertação: pensar em terras áridas

ALVES DE SOUZA, Klédson Tiago

Resumo: Em meio às comemorações dos 20 anos do curso de Filosofia da UERN/Caicó, o texto reflete sobre a atmosfera filosófica ali presente e propõe duas lentes de análise da realidade, que podem contribuir com a pluralidade no ensino de filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. *Praxis*. Libertação.

Abstract: Amid the celebrations marking the 20th anniversary of the Philosophy Course at UERN/Caicó, this text reflects on the philosophical atmosphere present at the institution and proposes two analytical lenses for interpreting reality, which may enhance the plurality in philosophy education.

Keywords: Philosophy. *Praxis*. *Liberation*.

1 PARA QUÊ? CONTEXTO E *PRE-TEXTO*

Sobre o que refletir, quando se tem como materialidade reflexiva a comemoração da abertura de um curso de filosofia numa cidade de pequeno porte no interior de um estado pequeno? Motivados pelos 20 anos do curso de Filosofia em Caicó, reflatamos...

Nosso país é marcado por uma longa história de colonização e escravatura, sendo o último a cumprir legalmente, pelo menos, a abolição. O Brasil é complexo por natureza. Um país que hoje tem em seu povo a mistura do sangue do opressor com o sangue do oprimido: resultante e resultado de um estupro físico, cultural, político, sexual, ético e espiritual. Além disso, poderíamos dizer que nesse “solo mãe gentil” muitos indígenas morreram defendendo o seu chão - em especial, os indígenas potiguares que foram quase dizimados, não fosse a descendência que volta a se identificar como tal; muitos negros tiveram suas vidas dilacerada pela ganância e exploração do branco; mulheres pretas tiveram de ver através de si e dos seus filhos a marca da violência; tiveram suas vidas e pensamentos encobertos/*des-cobertos* pelo “ente” *em-si-mesmo* advindo da Europa, que ainda não havia se confrontado com a dimensão de alteridade, e, portanto, tudo o que não era o seu espelho era feio e não poderia ser considerado um igual, assim, aquilo que era diferente precisava ser tornar um objeto submetido.

Temos, portanto, esse Brasil não *des-coberto*, mas encoberto². Um país que até hoje reflete as estruturas da colonização. A pobreza socializada para muitos encontra seu termo na riqueza concentrada de alguns poucos. São ecos de uma história violenta e de usurpação.

O Rio Grande do Norte não pode, por sua vez, ser diferente. Ele é herdeiro e continuador de oligarquias políticas, econômicas – advindas ainda das famigeradas capitânicas hereditárias – que conseguiram o grande feito de torná-lo um Estado empobrecido para quem mora na periferia do poder e da existência. Desdobrando esse fio um pouco mais, chegamos ao Seridó, profundamente marcado por uma economia que tem por base a agricultura (e muita força naquela que é boa, a familiar), em contraste com outra força, que é a do coronelismo (outro termo para expressar a ideia de um controle político e econômico sob uma parcela da população), que hoje ganha suas tonalidades de sofisticação, mas que transporece, quando alguma luz é lançada sobre a situação.

Em todo esse contexto, que é a trágica história de nossa gente, que mesmo frente a isso, sabe sorrir para a (com, da, na) vida, o que faz um curso de filosofia em Caicó? É possível que pensar sobre essa pergunta, de alguma forma, seja também pensar o próprio sentido da filosofia, em alguma medida, sobre o sentido da própria Universidade. Aqui não faremos uma anamnese do Curso de Filosofia do Campus Caicó da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Nosso intuito é muito mais refletir sobre o seu papel em matéria de trabalhar com o pensamento em sua dimensão praxística.

Pensar a filosofia nesse contexto apresentado acima é um desafio muito intenso. Podemos afirmar, de modo irônico e com alguma verdade, que é muito mais difícil um filho ou uma filha da classe trabalhadora seridoense fazer filosofia do que foi outrora para Kant escrever a sua *Kritik der reinen Vernunft* em 1781, dadas as necessidades materiais e existenciais não supridas. Fazer filosofia com a “barriga cheia” é fácil. De barriga seca o ser humano não consegue produzir pensamento. Talvez possamos dizer que ter um curso de filosofia num contexto tão árido para a existência e

² Aqui nos remetemos para acepção que o conceito tem no pensamento do filósofo latino-americano Enrique Dussel, especialmente na obra: E. DUSSEL, *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt*, tradução de Jaime A. Clasen, Petrópolis, Vozes, 1993.

para o pensamento seja como chuvas no deserto, quer dizer, pode ser uma indicação de perturbações incomuns na atmosfera (*Atmosphäre*) e uma mudança nos seus padrões. E uma atmosfera (*Stimmung*) permeada por mudança, consciente ou não, pode causar o desejo de *des-velar* a realidade. Para o pensamento grego antigo, especialmente na filosofia pré-socrática e em Platão, *des-velar* a realidade era um ato de revelar o que estava oculto, indo além das aparências e ilusões para atingir a essência das coisas. Essa ideia está intimamente ligada ao conceito de *aletheia* (ἀλήθεια), que *grosso modo* significa “verdade” em grego, mas literalmente quer dizer “desvelamento” ou “não-esquecimento”. A *aletheia* não era simplesmente uma questão de conhecimento factual, mas uma experiência de revelação em que a verdadeira natureza da realidade se tornava acessível. Assim, abrir as portas da filosofia pode não apenas representar, mas ser a possibilidade e a esperança de alguém se contaminar com isso, que é a filosofia. Contaminar-se com a filosofia é ser tomado por uma força violenta de querer compreender a realidade que se apresenta frente aos nossos olhos, como bem expressou G. Fogel: “Filosofia é vontade de compreender realidade. Uma vontade, um querer, que até vira obsessão — uma comichão, uma sarna, que costuma não largar mais. *Pega-se* isso e costuma-se morrer, não disso, mas com isso, nisso. E tal querer se faz, acontece, porque o homem é o estranho vivente para o qual a realidade (as coisas, o mundo) aparece *como tal*, quer dizer, as coisas aparecem *como* as coisas que são— como estranhas e outras que o próprio homem. Isso, que parece ser uma banalidade, uma trivialidade, é um acontecimento in-comum, extraordinário”³.

Tomados por esse desejo, que é maior do que a nossa experiência existencial finita, somos impelidos ou atraídos a *des-velar* a realidade que nos circunda. É possível que alguém nasça e nunca perceba o mundo à sua volta; que nunca se questione do porquê nasceu em um contexto de pobreza ou de riqueza, do porquê tem uma larga carga horária de trabalho e ainda tem que encontrar forças no mais íntimo de sua alma para entrar e permanecer no chão de uma Universidade. Atenção! Isso é possível. Mas quem é, entretanto, fígado por esse desejo de *des-velamento*, sente uma ânsia, “análoga a ânsia que se escapa da boa de um cardíaco”⁴, que o incomoda, no sentido de não se entender no contexto atual da existência, ou ainda, de se entender e nessa ação enxergar os instrumentos que constituem tal realidade.

2 ATMOSFERA FILOSÓFICA: DUAS LENTES

Nessa atmosfera (*Atmosphäre*) quente do Sertão (pensando que o Brasil é um grande sertão, marcado pelas agruras de sua história) à qual estamos lançados, temos de dar um passo crucial para uma outra atmosfera (*Stimmung*), na qual devemos estar submersos no desejo de *des-velamento*. E com esse vivo e ardente desejo, podemos pensar em algumas lentes que nos são importantes para compreender a realidade que se apresenta fenomenologicamente diante de nós (e muitas vezes em nós. Pois podemos dizer que parte do que somos talvez não nos pertença em si, mas sejam construções de todo um modo de ser estruturado por um sistema). Aqui, portanto, queremos, a título de indicação breve, falar de duas lentes que nos podem ser úteis (pensando, assim, na composição de um curso que atende maioritariamente estudantes oriundos da classe trabalhadora

³ G. FOGEL, “A filosofia e seu ensino”, *Trilhas Filosóficas* 13, n. 1, (2020), Caicó, p. 303-316, (p. 303).

⁴ Trecho do poema *psicologia de um vencido* de Augusto dos Anjos.

– aqueles que muitas vezes sequer se reconhecem assim ou até negam a sua identidade como tal, mas precisam dividir o seu tempo entre a aridez do trabalho mal remunerado e a do pensar⁵, no sonho de dias melhores): uma é o pensamento marxiano e outra é o pensamento da Filosofia da Libertação. Talvez com essas duas lentes o estudante-trabalhador ou o trabalhador-estudante poderá dar um passo interessante no caminho da filosofia e percebê-la para além das metafísicas que podem, em mãos erradas, mais obnubilar a realidade do que a clarear.

2.1 Primeira lente: o pensamento marxiano

Nesses últimos anos uma onda de culto à opinião-falsa ou à formação de uma cosmovisão sem intelectualidade e sentido do real atingiu e corrompeu o Brasil (e numa larga medida, também o mundo) de modo estratosférico. Uma parte do pensamento brasileiro alojou-se num submundo difícil de decifrar, onde a mentira e o cinismo⁶ foram os parâmetros de análise (rasa tal qual um pires) da realidade. Falamos dos grupos de extrema-direita que numa matriz de *fakenews* ou cinismo tem criado um ambiente em que o fato, a lógica e a verdade não importam. O que importa, afinal? Apenas aquilo que poderíamos chamar de “factóide”, o fato criado. Mas esse fato por eles produzido assume-se com alguma raiz num lastro de realidade ou verdade, mas toda a construção de discurso foge à verdade e à honestidade do real para constituir-se numa mentira. O pensamento e os discursos desses grupos têm obnubilado o debate público. Duas bases fundamentam o *modus operandi* desses grupos extremistas, pelo menos no Brasil: um moralismo conservador e um liberalismo econômico com características messiânicas. E tal arranjo não permite um debate profundo e verdadeiro sobre a realidade política e econômica a que está submetida a classe

⁵ Podemos ver isso no contexto da filósofa Simone Weil, que no auge dos seus vinte e cinco anos de idade, com uma carreira já estável de professora de filosofia, decide fazer a experiência de trabalhar no chão de uma fábrica. E com isso, Weil pôde fazer a experiência da miséria humana. Como bem nos recorda M. S. M. Nogueira (“A filosofia de Simone Weil: uma mística da ação e da contemplação”. *Revista Sísifo*, Feira de Santana, v. 1, n. 6, p. 111, 2017): “Em princípio a filósofa francesa queria fazer a experiência da fábrica para responder algumas questões para as quais o trabalho apenas de gabinete não oferecia soluções, dentre eles, como achar um equilíbrio entre a organização de uma sociedade industrial com as condições de trabalho de um proletariado livre”. Tal experiência concreta faz a Simone Weil perceber que quando as condições de trabalho são desgastantes e arrancam a dignidade do ser humano, a primeira coisa que desaparece, como instrumento de sobrevivência, é o movimento de pensar. Nas suas próprias palavras podemos sentir tal peso, quando relata que: “O esgotamento termina por me fazer esquecer as verdadeiras razões da minha estadia na fábrica. Torna quase invencível para mim a tentação, a mais forte que comporta esta vida: aquela de não mais pensar, único meio de não mais sofrer. É somente no sábado à tarde e no domingo que me retornam as lembranças, farrapos de ideias, que eu me lembro de que também sou um ser pensante” (S. WEIL, *Lettre à unreligieux*. Paris: Éditions Gallimard, 1951 (Collection : Livre de vie. Lesmeilleurs livres de viechrétienne, p. 51, tradução de M. S. M. Nogueira). Ainda que o pensamento ou a capacidade ou a força de pensar seja tomada pelo esgotamento do trabalho, resta-lhe a capacidade da fraternidade, da solidariedade, do sentir a dor com o outro: “Apenas o sentimento de fraternidade, a indignação diante das injustiças infligidas aos outros subsistem intactos – mas até que ponto tudo isso resistirá?” (*Ibidem*).

⁶ Usamos cinismo no sentido que T. Adorno o aplica. O conceito de "cinismo" na obra de Theodor Adorno é uma crítica à forma de pensamento e comportamento que se desenvolve em contextos em que a verdade e os valores são tratados com indiferença, ceticismo ou desprezo. Para Adorno, o cinismo surge como uma resposta adaptativa em sociedades altamente racionalizadas e mercantilizadas, onde as pessoas passam a agir com uma espécie de frieza calculada, distanciando-se dos ideais de solidariedade e compromisso ético. Do Adorno sobre tal debate, Cf. T. W. ADORNO, *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Ed. Unesp, 2020. _____, *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo, Ed. Unesp, 2019; T. W. ADORNO; M. HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

trabalhadora brasileira, sobre a qual vemos pesar as várias formas de colonialidades, que são modos de relações em que saber e poder encontram-se entrelaçados, sendo elásticas em suas estratégias de forma a abranger a vida em sua dimensão social. Isso se expressa na opressão de cor, de classe e de gênero⁷.

Saber *des-velar* essa realidade que hoje enfrentamos é um processo de produzir pensamento e ação, ou melhor, fazer filosofia transforma-se num imperativo moral de alinhar e aproximar o pensamento da prática política e existencial. Talvez esse seja um caminho interessante para combater o jogo do cinismo que esses grupos estabeleceram, sem qualquer preocupação com a vida das pessoas.

Des-velar a realidade implica um olhar mais atento à coisa aí, quer dizer, ao homem real e concreto. Nesse sentido, a filosofia da *praxis* que o pensamento de K. Marx suscita é uma excelente lente para um primeiro movimento reflexivo de concepção social de mundo e depois para a sua transformação, isso porque nasce da centralidade do ser humano. Marx é herdeiro do hegelianismo de esquerda, especialmente de L. Feuerbach (ainda que depois rompa com ambos, tanto o afiliado hegelianismo quanto com o materialismo contemplativo). Agora, é preciso ter atenção que este ser humano não é tomado aqui de forma solipsista ou conceitual (universal), mas é tomado em sua força mais prática, a social. Falamos aqui do ser humano concreto. O ser humano é um ser de relações. E tais relações são, para Marx, dados da história⁸. Essa viragem que o Marx promove é um esforço interessante para sair do “*ego*” ao qual o pensamento europeu estava preso. O homem em si não é o referencial para o conhecimento do mundo. Porém, o centro é o homem que se perfaz em suas relações. Ganha centralidade aqui a dimensão do trabalho, pois o homem é entendido como aquele que produz, partindo dos seus meios de vida, a sua própria vida material⁹. O homem em contato ou relação com a natureza produz a sua vida.

Portanto, para o filósofo alemão a compreensão humana encontra sua fonte na *praxis*, na sua atividade, na sua produção, i. e., no seu trabalho. Adolfo S. Vázquez diz que “por atividade em geral, entendemos o ato ou o conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo (agente) modifica uma determinada matéria-prima”¹⁰. O conceito de atividade apresentado aqui é muito

⁷ Cf. A. DAVIS, *Mulheres, raça e classe*, tradução de Heci Regina Candiani, São Paulo, Boitempo, 2016. Angela Davis analisa, nesta obra, as opressões de gênero, classe e raça com um olhar interseccional, criticando o feminismo liberal por negligenciar as experiências de mulheres negras e oriundas da classe trabalhadora. A autora norte-americana destaca como o capitalismo se beneficia da exploração das mulheres, especialmente daquelas racializadas, por meio da desvalorização do trabalho doméstico e precário. Davis revisita ainda a história do feminismo e suas limitações ao excluir questões de raça e classe, enfatizando que a libertação das mulheres exige a luta simultânea contra o racismo, o capitalismo e outras formas de opressão. A obra propõe um feminismo inclusivo e revolucionário, capaz de transformar estruturas sociais e econômicas, defendendo a solidariedade entre diferentes grupos como essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Cf. ainda, A. QUIJANO, “Colonialidade do poder e classificação social”, *In*: B. S. SANTOS, M. P. MENESES, *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Almedina, 2009, pp. 73-117. Nesse texto, Aníbal Quijano traz as relações de gênero como uma componente central das colonialidades, que contribuem para as dinamicidades da exploração capitalista, que é o que produz e aprofunda os processos e mecanismos de exclusão socioeconômica. Destacamos aqui essa dimensão do gênero, porque sabemos da dificuldade de as mulheres ocuparem não apenas os bancos das Universidades, mas o lugar de igualdade. Em qualquer programa de um Curso de Filosofia é difícil encontrar uma presença forte de mulheres, que fizeram filosofia ao longo da história. Os cursos são formatados para que pensemos com um horizonte muito mais masculino e patriarcal.

⁸ K. MARX e F. Engels, *A ideologia alemã*, São Paulo, Hucitec, 1999, p. 69.

⁹ *Idem*, p. 227.

¹⁰ A. S. VÁZQUEZ, *Filosofia da praxis*, tradução de Luiz Fernando Cardoso, 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 186. Nessa mesma página, o autor espanhol, que viveu exilado no México, aprofunda a ideia de atividade: “Exatamente por sua generalidade, essa caracterização da atividade não especifica o tipo de agente (físico, biológico ou humano) nem a natureza da matéria-prima sobre a qual atua (corpo físico, ser vivo, vivência psíquica, grupo, relação ou instituição social), bem como não determina a espécie de atos (físicos, psíquicos, sociais) que levam a certa

amplo. Mas, tomá-lo-emos com a mesma acepção de ação. Atividade é um ato, um agir. E por isso que toda a filosofia marxiana e até mesmo a filosofia marxista será hermeneuticamente conduzida para o âmbito da efetividade e não para o campo das possibilidades. L. Konder, por sua vez, ilumina-nos quanto ao sentido do que é *praxis* para Marx. Afirmo o intérprete brasileiro: “A *praxis* é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva, e para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos”¹¹. Será essa *praxis* o motor da revolução proposta por Marx, isso porque em sua raiz percebemos que o sentido comporta o espírito de *trans-form-ação*.

Uma educação que esteja imersa e atenta à transformação é uma educação libertadora. Porque coloca aqueles que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem num movimento constante de libertação, desvelando as estruturas que criam uma lógica de dominação e de colonização das mentes e dos corpos, ou ainda, de uma servidão voluntária, dada a colonização da *Psyche*. Não por acaso fazer filosofia ou ensinar filosofia exige de nós uma atenção ao método próprio de cada filosofia, para que não seja contaminada por uma pedagogia própria do sistema, i. e., uma pedagogia opressora e embrutecedora. E isso é assim, porque a filosofia trata da vida e das questões concretas que envolvem o ser humano. Não podemos separar pensamento e vida como se fossem duas coisas distintas. Essa separação fará de nós apenas pequenos glosadores daqueles que pensaram o seu contexto. Quando Kant centraliza o seu pensar numa razão individual, não estaria ele construindo um pensar que confrontasse o sistema absolutista de seu tempo, alinhado com os interesses da burguesia? Se calhar, estamos há muito tempo negligenciando os nossos problemas para pensar os problemas daqueles que nos colonizaram e impuseram em nosso ser a sua cosmovisão. E esses problemas não são os nossos. Quais são, finalmente, os problemas da filosofia no Brasil?

Se para o pensamento europeu Marx (assim como Kierkegaard e Levinas) é um ar novo, não podemos inocentemente apenas absorver suas ideias. Isso porque toda filosofia é, enquanto uma arte do pensar, *e-laborada* a partir de seu chão e de seu tempo. Com o pensamento do nosso autor não é diferente. Marx traz ainda consigo as marcas de um eurocentrismo. Não por acaso, ele critica duramente Simón Bolívar, venezuelano conhecido como “El Libertador”, uma das figuras mais importantes na história da América Latina; ele liderou movimentos de independência em várias colônias espanholas, libertando grande parte do continente do domínio colonial espanhol. Envenenado ainda pelo eurocentrismo, Marx apoia-se exclusivamente nas preocupações europeias para condenar o libertador latino-americano, chamando-o de uma variante miserável do Napoleão¹².

Com isso, percebemos que é necessária uma segunda lente na formação de um filósofo ou professor de filosofia em solo brasileiro ou seridoense. Esta lente ajudar-nos-á a ver os problemas com os quais convivemos e não reparamos, e. g., a alta carga horária de trabalho a que uma pessoa é submetida em nosso país, ao fato do Brasil ser um exportador de *comodities* e ter sua indústria arquejando constantemente, a larga concentração de renda, a fome, a pobreza. Como não pensarmos filosoficamente essas questões que nos atingem diretamente? Por que os nossos alunos têm de trabalhar exaustivamente durante o dia e a noite têm de encontrar força para estudar? Não seria o caso de um esforço por *des-velar* ou *des-cortinar* tal realidade?

transformação. O resultado da atividade, isto é, seu produto, também se dá em diversos níveis: pode ser uma nova partícula, um conceito, um instrumento, uma obra artística ou um novo sistema social”.

¹¹ L. KONDER, *O futuro da filosofia da práxis*, São Paulo, Paz e Terra, 1992, p. 115.

¹² A crítica foi feita no jornal *New American Cyclopaedia* em 1858. Para ter acesso ao texto: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1858/01/bolivar.htm>.

2.2 Segunda lente: o pensamento da Filosofia da Libertação

Esta segunda lente aproxima-nos mais ainda da nossa realidade de filhos e filhas da exploração e herdeiros da colonização, sobre quem reverberam os ecos das estruturas sociais oriundas do colonialismo. A Filosofia da Libertação é a filosofia que toma como ponto de partida para a reflexão a vítima e o seu lugar ou não-lugar no mundo, assumindo-se como um pensamento que se desdobra numa ética também de libertação: “Trata-se de uma ética da vida, isto é, a vida humana é o conteúdo da ética”¹³. E essa vítima, cujo rosto é revelado ou desnudado na alteridade, é todo aquele e toda aquela que são marcados por terem sido postos num lugar de não existência, enquanto ontologicamente “outro” do sujeito (*ego*) europeu. A mesma coisa podemos afirmar a nível de linguagem, i. e., aqueles estavam (e ainda hoje estão, quando olhamos as tensões linguísticas entre o sul e o norte, e. g., português que se fala no Brasil e o português que se fala em Portugal) fora da circunscrição da palavra (*logos*) produzida na Europa, e assim eram chamados de bárbaros¹⁴, que não dispunham de tal verbo, mas tomavam-no emprestado como supunha J. P. Sartre¹⁵.

A vítima é todo aquele povo que viu sua epistemologia ser negada; viu sua carne tornar-se facilmente alvo; que foi considerado como desprovido de alma; viu sua cosmovisão ser suplantada por uma fé católica, que buscava justificar a colonização e a desumanização do indígena por meio de uma catequese que lançava sua dignidade no chão em detrimento de um adestramento por meio de um cristo forjado pelo desejo de poder¹⁶. Isso podemos observar concretamente na fala de G. de Sepúlveda, defensor da colonização pela fé: “[...] concluindo, digo que é lícito sujeitar estes *bárbaros*, desde o princípio, para tirar-lhes a idolatria e os maus ritos, e para que não possam impedir a pregação e, mais fácil e livremente, se possam *converter*, e para que, depois disso, *não possam voltar atrás nem cair em heresias*, e, com o diálogo com os cristãos espanhóis, mais se confirmam na fé e percam os ritos e costumes bárbaros”¹⁷.

O projeto que chega à América do Sul é um projeto de aniquilamento da alma e do corpo dessa vítima: “O conquistador mata o varão índio violentamente ou o reduz à servidão, e ‘se deita’ com a índia (mesmo na presença do varão índio), se ‘amanceba’ com elas, dizia-se no século XVI. [...] Trata-se da realização de uma voluptuosidade freqüentemente sádica, onde a relação erótica é igualdade de domínio do Outro (da índia). ‘Coloniza-se’ a sexualidade índia, ofende-se a erótica hispânica, instaura-se a moral dupla do machismo: dominação sexual da índia e respeito puramente aparente pela mulher europeia. Dali nasce o filho bastardo (o ‘mestiço’, o latino-americano, fruto do conquistador e índia) e o crioulo (o branco nascido no mundo colonial de Índias)”¹⁸. A nossa história, portanto, é marcada por um pensamento da negação (a nível ontológico, epistemológico e até erótico) do nosso ser. E esse tipo de estrutura de dominação é complementado (ou

¹³ E. DUSSEL, *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*, tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E., Orth, Petrópolis, Editora Vozes, 2000, p. 93.

¹⁴ L. ZEA, “A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente”, em L. ZEA, *Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*, tradução de Luis Gonzalo Acosta Espejo, Francisco Alcidez Acosta Candia Quintana e Maurício Delamaro, Rio de Janeiro, Garamond, 2005, p. 355-373.

¹⁵ J. P. SARTRE, “Prefácio”, em F. FANON, *Os condenados da terra*, Tradução de José Laurêncio de Melo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 3: “Não faz muito tempo a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado”.

¹⁶ Aqui remetemos o leitor para a controvérsia entre Las Casas e Sepúlveda, ocorrida em Valladolid: LAS CASAS, Bartolomeu de. *Liberdade e Justiça para os povos da América: oito tratados impressos em Sevilha em 1552*. Obras completas II. Coordenação geral, instruções e notas Carlos Josaphat; tradução Hélio Eduardo Lucas, [et al.]. São Paulo: Paulus, 2010, pp. 146-214.

¹⁷ *Idem*, p. 163, grifo nosso.

¹⁸ E. DUSSEL, 1492: o encobrimento..., op. cit, 1993, p. 52.

poderíamos dizer, encoberto pelo) com o *mito civilizador*. Um mito que busca apresentar uma versão bondosa da ação do colonizador, no sentido de justificar toda a violência empreitada e criar uma imagem de si como inocente¹⁹. Com este mito, que é o mito da modernidade, o colonizador apresenta a sua violência como necessária, boa e útil. Assim, o sofrimento da vítima é o custo da modernização. E habilidosamente o colonizador inverte os papéis: a vítima passa a ser a culpada (se calhar, é daí que vem o complexo de vira-lata) e o culpado torna-se inocente. O pensamento hegemônico acadêmico assumiu esse mito e até em nossos dias vemos ser ensinado metodologicamente a sustentação de um desenvolvimento e de uma modernidade, que é grávido de dor e violência, que toma o pensamento europeu não como mais uma estrutura e forma de ver o mundo, mas como uma cultura superior em detrimento da outra (do indígena, do africano, do asiático) como de uma culpável imaturidade²⁰.

Pensar a Filosofia da Libertação como componente formativo de alguém com *inter-esse* é pensá-la como um espaço *des-velador* e crítico dessa história e estrutura que esconde sob o mito da modernidade uma cosmovisão de dominação. Assim, pensar a filosofia da libertação é pensar um horizonte também de revolução, mas revolução que nasce da realidade daqueles que compõem a periferia do sistema; é re-pensar o estatuto da ordem e da epistemologia estabelecidas e tidas como verdade, por meio de um *logos* que oculta mais do que revela. Um *logos* que elimina aquele que não cresceu nele. O papel fulcral de uma autêntica filosofia passa por *des-velar* a realidade de opressão das vítimas do sistema, que é não apenas eurocêntrico culturalmente, mas também (no nosso tempo) imperialista, tendo hoje, e. g., os Estados Unidos da América como força bélica e econômica dominante, que mesmo em declínio frente ao Sul Global (*BRICS plus*), estão dispostos a desestabilizar a política internacional ou aumentar o conflito para se manter no poder.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Um aluno ou uma aluna de filosofia que queira mergulhar e *des-velar* a realidade concreta que o/a circunda precisa ter a oportunidade de acesso a autores que, muitas vezes, na tradição filosófica ou fora dela, ajude-o/a nessa tarefa, que é árdua. Talvez tenhamos que aprender a ler e a reler a filosofia europeia (desde um olhar latino-americano, e mais ainda, indígena – desde uma outra epistemologia), ainda que já o façamos desde sempre. A história da filosofia que nos foi apresentada é uma história dos homens (gênero) brancos (raça) ricos (classe) do centro da Europa. *Desvelar* a realidade implica revisitar a história e trazer pensamentos e pensadores, e mais especificamente, pensadoras que foram negligenciados devida a sua condição, que nos ajudem a compreender de modo interseccional a história em suas múltiplas camadas.

Fazer um curso de filosofia deve significar um encontro com a história da filosofia, mas nesse encontro deparar-se com o espanto que a realidade pode causar e com o *despertar* que a filosofia proporciona: um encontro dialético, quer dizer, em confronto... nem sempre aquilo que nos aparece como história do pensamento é a história em sua totalidade, mesmo que tenha sido transmitida assim. Pode ser apenas uma versão, e justamente aquela que venceu, a que dominou e atravessou o tempo como “a inocente”. Assim, temos um mito estabelecido: o mito do opressor inocente e da vítima culpada, no caso de esta última se negar à sujeição daquele. Esse é o mito que

¹⁹ *Idem*, pp. 58-59.

²⁰ *Idem*, p. 75.

encobriu toda a realidade da colonização. O opressor para promover a modernidade achou por bem usar da violência como instrumento de promoção. O resultado foi a produção de uma política de morte para os povos indígenas do Sul e para o povo preto de África, bem como a eliminação de sua epistemologia e cosmovisão.

Chegando até aqui, penso, e por que não, que alguns filósofos europeus podem e devem servir como um pensamento propedêutico à filosofia latino-americana, como Marx, Levinas, Kierkegaard, Ernst Bloch e Simone Weil, para ficar apenas com alguns. Mas também, fora desse cânone, temos Enrique Dussel, um dos fundadores disso que chamamos Filosofia da Libertação; Leopoldo Zea, Eduardo Galeano, Leonardo Boff e Antônio Rufino; outras ainda como Judite Butler e Silvia Federici. Autores e autoras que nos fazem sair de um *atopismo* - um não-lugar, expressão da desesperança e de não-ser, que o capitalismo nos coloca, e abrem-nos para a possibilidade de sonhar com um mundo com justiça, um mundo *ainda-não* (*Noch-nicht*) realizado, mas que se dá como aberto para a construção; um mundo sem classe, sem opressão. Para essa tarefa a filosofia europeia não nos é suficiente, impõe-se a necessidade de termos acesso a outro tipo de produção de conhecimento que parta da nossa realidade, e não dos problemas europeus.

Nesse sentido não apenas a Filosofia, mas a Universidade tem o dever de abrir os seus portões e derrubar seus muros de preconceitos, embrenhando-se na realidade daqueles que a frequentam, *des-velando* a realidade que os circunda.

20 ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA DA UERN EM CAICÓ E O PERFIL DOS PRÓXIMOS 20 ANOS: DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA UMA NOVA ATMOSFERA (*STIMMUNG*) ACADÊMICA-FILOSÓFICA

[20 YEARS OF THE UERN PHILOSOPHY COURSE IN CAICÓ AND THE PROFILE OF THE NEXT 20 YEARS: FROM TEACHING PHILOSOPHY TO A NEW ACADEMIC-PHILOSOPHICAL ATMOSPHERE (*STIMMUNG*)]

Marcos Érico de Araújo Silva

marcoserico@uern.br

<https://orcid.org/0000-0002-1317-8698>

Bacharelado em Filosofia (2005), Licenciatura em Filosofia (2006), Mestrado em Filosofia (2008) tendo sido bolsista do CNPq, pela Universidade Federal da Paraíba, e Doutor em Filosofia (2015) pelo Doutorado Integrado em Filosofia (UFPB-UFRN-UFPE), tendo sido bolsista CAPES. Atualmente é Professor CLASSE III, Nível 4, do Departamento de Filosofia da UERN no Campus de Caicó – RN. Foi sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Retórica (SBL). É membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI). É o Editor-Chefe da revista Trilhas Filosóficas ISSN 1984-5561. É líder do Grupo de Pesquisa (DGP-CNPq) NEFHEM: Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística do Departamento de Filosofia da UERN. É membro do Grupo de Pesquisa (DGP/CNPq): Margem Kierkegardiana (UERJ/IFEN). Franciscano professo na Ordem Franciscana Secular (OFS).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6786](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6786)

Recebido em: 27 de novembro de 2024. Aprovado em: 20 dezembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 129-145

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6786](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6786)

Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



Resumo: O artigo é a partilha do alimento para a festa do pensar celebrativo dos 20 anos do curso de filosofia da UERN em Caicó, ocorrido no ano de 2022. Na língua alemã os verbos pensar (*Denken*) e agradecer (*Danken*) têm a mesma proveniência. O pensar do filósofo-pensador tem uma marca, um *estigma* que marca e demarca, neste ofício, uma peculiaridade e especificidade. É o *próprio* do filosofar do filósofo-pensador. Um pensar típico, *arhé-típico*, de filósofo. Um pensar (*Denken*) que se constitui num agradecer (*Danken*) ao refletir (*ge-denken*), ao re-cordar (*eingedenken*), quer dizer, ao trazer ao coração ou ao pensar a memória (*An-denken*) do Ser que banha ou batiza de sentido o ente, a realidade. “Pois questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2006, p. 38). Esse modo de pensar, esse jeito todo próprio de questionamento é seu cacoete, a mandinga do filósofo-pensador. Nesses 20 anos de curso o perfil que se consolidou, em nosso Departamento, foi o ensino de filosofia. Para os próximos 20 anos, em 2042, julgo que celebraremos outro perfil do Departamento, coexistindo com o ensino de filosofia, como sendo a consolidação de pesquisas em outras áreas da filosofia nela mesma.

Palavras-chave: Filósofo-pensador. Filósofo-técnico. Grande Sertão-Vida. Sertão metafísico.

Abstract: This article is a sharing of food for thought for the celebratory celebration of the 20th anniversary of the UERN philosophy course in Caicó, which will take place in 2022. In the German language, the verbs to think (*Denken*) and to thank (*Danken*) have the same origin. The thinking of the philosopher-thinker has a mark, a stigma that marks and demarcates, in this profession, a peculiarity and specificity. It is the very philosophizing of the philosopher-thinker. A typical, archetypical thinking of a philosopher. A thinking (*Denken*) that consists of thanking (*Danken*) when reflecting (*ge-denken*), when re-membering (*eingedenken*), that is, when bringing to the heart or thinking the memory (*An-denken*) of the Being that bathes or baptizes the entity, reality, with meaning. “For to question is the piety of thought” (Heidegger, 2006, p. 38). This way of thinking, this very specific way of questioning is his tic, the philosopher-thinker's mandinga. In these 20 years of the course, the profile that has been consolidated in our Department has been the teaching of philosophy. For the next 20 years, in 2042, I believe that we will celebrate another profile of the Department, coexisting with the teaching of philosophy, as being the consolidation of research in other areas of philosophy itself.

Keywords: Philosopher-thinker. Philosopher-technicia. Great Backlands-Life. Metaphysical backlands.

“Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 1994, p. 28).

“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos” (Melo Neto, 2008, p. 219).

I

Vinte anos é idade de maioridade. Às vezes, porém, a idade não acompanha ou não corresponde à maturidade da personalidade, da experiência da vida. Quando isso ocorre fica, sobretudo, e-vidente, na cara, para os de fora, quando diante de determinada situação o comportamento não se mostra como esperado. O critério ou padrão exigido fala de uma atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) a partir da qual se julga algo. Ora, se a atmosfera ou tonalidade afetiva não é a apropriada, logo a apreciação da situação, quer seja valorizando-a, quer seja desprestigiando-a, fica comprometida em sua verdade (Cf. Kierkegaard, 2010, p. 16-17). Ser considerado “um bom docente” ou “um bom pesquisador” para um grupo político específico, de discentes e docentes, talvez tenha o seu valor, sobretudo para quem valoriza isto e se articula para ter esse êxito. Contudo, qualitativamente diferente e num compromisso com a verdade, quando o julgamento de “um bom docente” e de “um bom pesquisador” se realiza não por um grupo político específico, mas resulta do reconhecimento de uma diversidade de pesquisadores de uma determinada área de filosofia e de pesquisadores de um determinado filósofo pela contribuição da produção publicada. Assim, da mesma forma como ocorre numa avaliação e julgamento individual de um docente e pesquisador, também ocorre com um Departamento de Filosofia.

Nosso Departamento fez 20 anos em 2022. Este artigo faz parte de um Dossiê que compendia alguns textos de alguns docentes e discentes egressos de nosso curso. Somos gratos, certamente, por todos aqueles que passaram pelo Departamento e, então, ao longo desses 20 anos contribuíram e contribuem para forjar o perfil do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó. Aconteceu com nosso Departamento o que ocorreu, décadas atrás, na maioria dos Departamentos de Filosofia no Brasil. Alguns anos predominavam a presença dos padres católicos que, com as aposentadorias, foram sendo substituídos, sobretudo, nas décadas de 80 e 90, por docentes advindos do ambiente das Universidades Públicas, modificando a forma do ensino de filosofia. Estes docentes vieram de escolas filosóficas orientados por docentes que foram orientandos dos próprios filósofos, considerados já clássicos da história da filosofia, como Heidegger, Gadamer, Foucault, Deleuze etc., e, então, o ensino de filosofia ganhou em qualidade.

Para capturar o perfil atual do nosso Departamento basta observar que nós temos apenas três Grupos de Pesquisas vinculados ao CNPq, a saber: 1 *Filosofia e Educação*, 2 *Educar e aprender na Educação Básica* e, por fim, o 3 NEFHEM: *Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística*.

O NEFHEM foi criado em 05 de maio de 2019. Isso significa que só após 17 anos da existência de nosso Departamento é que foi criado um Grupo de Pesquisa que não esteja voltado para a educação, nem para o ensino. Isso não significa que os pesquisadores do

NEFHEM não possam relacionar alguma pesquisa com o magistério filosófico, mas o foco da investigação é com a pesquisa especializada em algum filósofo e/ou contribuição filosófica dentro de uma área da filosofia. O NEFHEM já realizou III eventos, *Logos-Fidei*, trazendo pesquisadores renomados em nível nacional e internacional. Estas palestras estão no canal do YouTube do NEFHEM à disposição dos interessados¹. Os Encontros semanais ou quinzenais das quatro linhas de pesquisas² do NEFHEM, para leitura e discussão sobre textos filosóficos, assim como o contato com pesquisadores de outras IES, qualifica o trabalho de nossos docentes, estimulando o trabalho de pesquisa de nossos discentes. Nossos docentes, através de publicações, participações em eventos e em outros Grupos de Pesquisas como palestrantes, assumem uma participação ativa como protagonistas, por exemplo, nas áreas de Filosofia da Religião, Fenomenologia e Filosofia da Libertação publicizando suas pesquisas e contribuindo para a pesquisa na área.

O ensino de filosofia é, como compreendo, compreendido como decorrente da pesquisa, então a primazia não está nas ciências da educação (ônticas), mas é pensado a partir da própria filosofia (ontológica). Portanto, o NEFHEM é o primeiro Grupo de Pesquisa no qual os docentes e discentes envolvidos, desde diversas linhas de pesquisas, pensam, pesquisam e publicam filosofia em interlocução com os pesquisadores especialistas em determinados filósofos e/ou uma área da filosofia. Esse é um sinal, pois, de uma nova atmosfera ou tonalidade afetiva acadêmica-filosófica que se instaurou *recentemente* em nosso Departamento de Filosofia.

Desde 2019, então, se abre uma nova possibilidade em nosso Departamento de Filosofia: a pesquisa em diversas áreas da própria filosofia coexistindo com a pesquisa de ensino de filosofia. Julgo isso muito promissor para que nos próximos 20 anos seja consolidada com a criação de outros Grupos de Pesquisas. Estamos, hoje, em 2024, aguardando a chegada de um docente efetivo no concurso que está em curso. Nos próximos dez anos haverá aposentadorias e, conseqüentemente, a chegada de novos docentes que trabalharão durante umas três décadas no Departamento. Serão esses docentes que forjarão um novo perfil para o Departamento nas próximas décadas. Em todo concurso para filosofia está sendo exigido doutorado e muitas publicações. Os que chegarão, portanto, já terão uma maturidade formativa, estarão no ritmo de pesquisas e publicações com articulações com GT's e pesquisadores especialistas no filósofo e área da filosofia que se especializaram. Portanto, os que chegarão irão desejar manter esses contatos com pesquisadores e desejarão, inclusive, intensificar suas pesquisas individuais publicando contribuições para a avaliação e progresso dos estudiosos dos filósofos nos quais são especialistas, ou da área de filosofia em que atuam.

Não é assim que ocorre em todo Departamento? Não é este o movimento natural de quem com responsabilização por sua carreira docente se compromete seriamente enquanto pesquisador(a)? Logo, julgo que nos próximos 20 anos terá um *novo* movimento de consolidação, em nosso Departamento, não mais sobre ensino de filosofia, como foi nesses 20 anos, mas como tendo diversos docentes com publicações que se destacam em diversas áreas da filosofia. Na celebração dos 40 anos do curso, em 2042, certamente teremos especialistas consagrados em determinados filósofos e em determinada área da filosofia com

¹ Canal do NEFHEM no YouTube: <https://www.youtube.com/@nefhem-uern-caico>

² As quatro linhas de pesquisas, nas quais atuam nossos pesquisadores e discentes, a saber, são: 1 Fenomenologia e Mística; 2 Fenomenologia, Hermenêutica Filosófica e Filosofia da Existência; 3 QUIASMA: Fenomenologia, Literatura, Filosofia da Libertação e Latino-americana; 4 Teoria Crítica, Filosofia da Religião e Psicanálise.

trabalhos de pesquisas reconhecidos pelos pesquisadores da área. Não, pois, como predomina hoje, uma produção com ênfase em ensino de filosofia. Também, possivelmente, como desenvolvimento natural dessa nova atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*), já deverá ter um curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia.

É, pois, um movimento natural e salutar que em um Departamento de Filosofia não tenha apenas um perfil, mas vários. Não seria, aliás, estranho, se todo o Departamento tiver apenas como perfil o ensino de filosofia? O movimento natural é de que cada docente publique suas pesquisas trazendo uma contribuição para as pesquisas de determinado filósofo ou de uma área da filosofia, da qual se especializou, sem ser apenas publicação em coautoria da pesquisa que *os orientandos (as) realizam* (a pesquisa, a perspectiva interpretativa são deles (as)!), apresentando para a comunidade de pesquisadores do país e do exterior, seu *próprio* pensamento, *sua* filosofia como *intérprete, estudioso*, deste ou daquele filósofo, desta ou daquela área da filosofia. Portanto, espera-se que no Departamento não ocorra de ter *apenas* produção em ensino de filosofia, mas o que deve vir a ganhar destaque seja justamente os estudiosos que se destacam em várias áreas da filosofia e em determinados filósofos, participando de Grupos de Pesquisas e GT's. Os estudantes, em sua maioria, não querem apenas ensino de filosofia, mas é preciso pensar o ensino de filosofia como derivado da própria pesquisa em determinados filósofos. Ensino de filosofia como *filosofia* do ensino de filosofia, ou seja, sem ser determinado pelas ciências da educação, nem por políticas educacionais, mas pela coisa mesma que está em causa *filosoficamente* no ensino de filosofia. Isso é atingir a maturidade acadêmica-filosófica de um Departamento de Filosofia a partir do crivo desse reconhecimento por parte de outros pesquisadores pela pesquisa especializada produzida. Um curso de licenciatura *em Filosofia* não é um curso *soft* em filosofia, e, por conseguinte, o de bacharelado em filosofia, seria, então, um curso *hard*, filosofia *na vera* (Cf. Araújo Silva, 2020).

Recentemente, na X Semana de Filosofia, evento de nosso Departamento, em 2024, o Prof. Marcos Aurélio Fernandes da UnB, em uma de suas falas (encontra-se no canal do YouTube do nosso Departamento), lembrou que o Prof. Emmanuel Carneiro Leão, um dia, ao encontrar o Frei Hermógenes Harada, saudou-o, desta forma: “Como vai a sua filosofia?”. Saudação estranha e que causa o espanto filosófico porque estamos habituados a escutar ou cumprimentar, no fundo, com indiferença: “Como você está?”, “Você está bem?”, “Como vai?”, e assim por diante. Ao saudar com um “Como vai a sua filosofia?”, a saudação proferida, fere o ouvido de quem é saudado porque traz à tona, ou exige, o essencial de como anda sua vida *implicada* em *sua* filosofia. Como vai a minha filosofia? Eu, como docente e pesquisador, tenho responsabilização com isso? A minha vida profissional expressa uma *busca* como *intérprete* de um filósofo, contribuindo, com minha produção, para uma determinada área da filosofia? Os estudiosos desta área, pesquisadores deste filósofo, do Brasil e/ou do exterior, acompanham com respeito e diálogo crítico *minha* filosofia? Participo de eventos, nacionais e internacionais, sobre o filósofo que sou especialista, ou da área de filosofia na qual sou pesquisador? Publico artigos, capítulos de livros, livros que dão corpo a uma *compreensão própria* de como compreendo a filosofia, da perspectiva interpretativa que *assumo e contribuo* na leitura de determinado filósofo? Estabeleço com meus pares um bom diálogo, crítico e amistoso, fazendo progredir a área da filosofia em que atuo? Enfim, eu *incorporo* em minha vida, de noite e de dia, no trabalho e em casa, a filosofia como *minha* filosofia? Enfim: “como vai sua filosofia?”.

Portanto, 20 anos é uma idade de maioria que celebramos e deve de fato ser celebrada, festejada, com alegria e gratidão. É toda uma geração que perfez, na luta e labuta do trabalho do pensar, na dureza do cotidiano desses 20 anos, o perfil atual de nosso

Departamento, dando ênfase ao ensino de filosofia, na docência e nos dois Grupos de Pesquisas. Agora, recentemente, a partir de 2019, como um interlúdio, abre-se o surgimento de *outra tradição*, no Departamento, coexistindo com o ensino de filosofia. Creio que nos próximos dez anos isto será mais consolidado e, sobretudo, em 2042, na celebração dos 40 anos do curso de filosofia da UERN, em Caicó, essa segunda geração de docentes, da qual dei início, como atual caçula do Departamento, ofertará a uma terceira geração um perfil mais robusto, mais plural e mais academicamente filosófico.

Lembramos que havia apenas dois Grupos de Pesquisas voltados para filosofia, educação e aprendizagem e só em 2019 surge o primeiro Grupo de Pesquisa voltado especificamente para diversas áreas da filosofia. Enquanto Chefe do Departamento, nos anos de 2020-2024, abri as portas e janelas de nosso Departamento para a presença com palestras e aulas de diversos docentes de filosofia, especialistas em diversas áreas e em diversos filósofos. Criei, pois, as Aulas Magnas trazendo professores renomados, de diversos Departamentos de Filosofia, possibilitando aos estudantes participarem de uma aula de filosofia com professores de outras IES vendo como se faz filosofia em outros Departamentos. Também criei as redes sociais do Departamento, Instagram e YouTube, para dar uma maior visibilidade às nossas atividades e interagir com outros Departamentos. A revista *Trilhas Filosóficas* sempre recebia o Qualis B5 em filosofia, desde sua criação em 2008. Assumi, como Editor-chefe, a revista em 2018. Atualizei as publicações e mantive a periodicidade. Modifiquei o foco editorial, de filosofia, educação e ensino, para filosofia com os Dossiês temáticos. Convidei, junto com o Editor Assistente, Prof. Klédson Tiago, especialistas em filósofos, como Editores Convidados, para organizarem e congregarem pesquisadores especialistas no filósofo que o Dossiê tematizava. A chegada de submissões, depois desses procedimentos, aumentou significativamente. Quase a totalidade dos artigos foram de pesquisadores doutores. Na última avaliação do Qualis, 2017-2020, galgamos um salto de B5 para *A4*. Com efeito, a comunidade filosófica do país e a comissão da área de filosofia reconheceram este trabalho.

II

Na língua alemã os verbos pensar (*Denken*) e agradecer (*Danken*) têm a mesma proveniência. A ação de agradecer, o gesto afetivo da gratidão brota espontaneamente no coração e no corpo do ser humano sensível capaz de se co-mover pelo dom recebido, pela dádiva do presente gratuitamente doado. A acolhida receptiva e grata do dom engendra o pensar. O movimento do pensar acolhe o presente da verdade do real a partir disso mesmo que se presenteia no presente da realidade. O pensar do filósofo-pensador não colhe e recolhe (*logos, legein*) apenas o doado (ente), mas, sobretudo, recepciona a doação do Ser no doado, na dádiva.

O pensar do filósofo-pensador é obediente a essa doação do Ser como a maior das dádivas. O pensar do filósofo-técnico, do administrador, do político *travestido* de pensador tem olhos para ver apenas o doado, não o doador escondido na doação. O pensar do filósofo-técnico, não é o pensar do filósofo-pensador. Seu pensar é um cálculo a partir e em vista do ente. Está atento à moda do tempo, sendo escravo de estatísticas de dados que revelem um

bom dígito, um bom *ranking* nas pesquisas do mercado educacional, sem, porém, ter o tato, melhor, o olhar que vê que em nada disso encontra-se o *essencial* da formação filosófica. Sua fala e sua escrita também comprovam que sua força está na busca de atender esses dados com a evidente perda de fôlego do elemento filosófico. Se não é capaz de ver, então não busca, nem reconhece quando isto se mostra. E, então, não se dispõe na sadia *confrontação* (*Auseinandersetzung*) com o que se faz e como se faz onde impera a busca pela excelência da formação filosófica nela mesma, sem porquê, nem para quê. Seus olhos cobiçosos não têm a paciência de se concentrar no essencial e, por isso, é fraco para ver e descrever o Ser à medida que é forte para ver e se ocupar do ente. Seu modo de ser é de sofista e não de filósofo. Grita muito, mas filosoficamente não fala nada; quando produz, não é fecundo, não tem algo de *próprio*. O que sua visão enxerga como essencial é, para o filósofo, um quadro secundário.

Pensar [*Denken*] e agradecer [*Danken*] são, em nosso idioma [alemão], palavras que tem uma e a mesma origem. Aquele que rastreia o sentido entra no âmbito do significado de palavras como: “refletir” [*ge-denken*], “recordar” [*eingedenken*], “memória” [*An-denken*], “devoção” [*Andacht*] (Celan, 1993, p. 117).

O pensar do filósofo-pensador tem uma marca, um *estigma* que marca e demarca, neste ofício, uma peculiaridade e especificidade. É o *próprio* do filosofar do filósofo-pensador. Um pensar típico, *arché-típico*, de filósofo. Um pensar (*Denken*) que se constitui num agradecer (*Danken*) ao refletir (*ge-denken*), ao re-cordar (*eingedenken*), quer dizer, ao trazer ao coração ou ao pensar a memória (*An-denken*) do Ser que banha ou batiza de sentido o ente, a realidade. “Pois questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2006, p. 38). Esse modo de pensar, esse jeito todo próprio de questionamento é seu cacoete, a mandinga do filósofo-pensador. Na prática da capoeira angola, o angoleiro *incorpora* de tal modo essa arte que, à paisana, fora do contexto da roda de capoeira, seu modo de ser é de angoleiro. Não pode não ser, sendo, aliás, difícil de esconder. Do contrário seria um mal capoeirista, mesmo que seja um exímio saltador como um ginasta; isso não o torna mais capoeirista. Pode ocorrer, inclusive, de um capoeirista saltar tão bem quanto um ginasta olímpico, mas um ginasta olímpico não é de *per si* um capoeirista. Isso pode, aliás, até ser, na verdade, um grande obstáculo para a verdadeira aprendizagem da capoeiragem. Não são os saltos e movimentos de *floreios* que determinam a essência do angoleiro, assim como não são a capacidade de argumentar e de ler livros de filosofia que faz do pensador, do intelectual, um filósofo-pensador. Faltaria, pois, a mandinga, a essência do capoeirista, ou a essência do pensar do filósofo-pensador como e enquanto filósofo. Um intelectual, pois, não é um filósofo.

Se o capoeirista for um angoleiro, então, aí a coisa fica mais visível e com mais solenidade. Um bom angoleiro, mesmo caminhando na rua, o modo como se senta numa mesa de bar, nos gestos mais cotidianos da vida, ele denunciará, pelo seu modo de ser e de se relacionar com seu mundo circundante, que ele é um angoleiro. É seu corpo, isto é, seu *modo de ser*, que *in-corporou* o modo de ser da capoeira. O andar malandriado, sua ousadia e coragem, o não fugir de um barulho, o saber-fazer (sua *phronesis!*) movimentos “impossíveis”, o saber-fazer saídas de situações embaraçosas e perigosas de forma quase “mágicas”, além de zelar e atrair proteção espiritual de seus ancestrais, dos mestres do além, são tudo isso

concreções da mandinga da capoeira em sua vida. Da roda de capoeira à roda da vida! Se o filósofo não incorpora em sua vida a filosofia, então será um filósofo-técnico, como o ginasta na capoeira, sentindo a necessidade de mostrar-se e de algum modo autojustificar-se realizando muitos *floreios*; mas engana apenas quem não é do ramo, quem não é um filósofo-pensador.

O pensar do filósofo-pensador é, pois, agraciado e guiado não pelos entes, pelos objetos, mas pelo Ser enquanto sentido articulador dos entes. Isso para o “filósofo” técnico/erudito é inútil, pois ele se guia pelas necessidades prementes dos entes, dos homens. Só tem olhos e ouvidos para isso! São, então, dois modos bem distintos de ver a mesma realidade, os entes, um curso de filosofia... Sobre isso, porém, nada se pode fazer, a não ser constatar o fato, ou humildemente, no silêncio, render graças ao Ser ou ao *Logos* pela graça do dom recebido. Assim como ocorre com a realidade da fé crística, enquanto pura gratuidade da Graça, o filósofo só pode agradecer (*Danken*) ao Ser por doá-lo o pensar (*Denken*). Esse pensar não provém da lógica, mas do mistério do Ser. É pura doação, na pura, puríssima gratuidade! Isso não significa que a doação é dada ao preguiçoso porque é preciso estar na abertura, na disposição de acolhida. O *dom* recebido, implica em *tarefa* a ser cumprida. Quem acolhe, recebe e, então, experimenta a gravidez filosófica na necessidade de corresponder ao Dom, trazendo-o à luz no conceito (concepção!), através de publicações. Todo filósofo, todo artista, todo poeta sabem muito bem, com um saber de experiência corpóreo-espiritual, acerca de tudo isto.

É preciso estar na dimensão contemplativa, na *inatividade* da ação, como dirá Byung-Chul Han (2023), ou na dimensão pré-teorética ou pré-reflexiva, como ensinará a tradição fenomenológica (Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty), para que a ação seja fecunda e não apenas produtiva. A fecundidade da produção acontece a partir do fundo misterioso da inatividade ou da contemplação quando sentimos uma força que nos conduz a lutar com as palavras para dar corpo, na linguagem, no conceito, ao que se recebeu ou foi dado ver na intuição. A produtividade sem fecundidade é quando na *Hybris* de ter quantidade de publicações, sem um *pensar próprio*, sem perseguir uma *interpretação própria* numa *questão*, só se publica coletivamente. Na linguagem da malandragem, na capoeira, isto é dito assim: “Quem tem [mandinga], tem! Quem não tem, não tem!”. Simples assim! A ação, o fazer é uma necessidade, mesmo um constrangimento, no sentido de um ter de mostrar ou trazer à luz o que foi doado, o que foi mostrado em nossa interioridade, em nosso pensar. O que foi dado ver na *intuição*, precisa ser gestado ou desenvolvido no escondimento, através da leitura e da meditação solitária, e, então, na hora oportuna fazer o *partejamento do conceito*, através de alguma publicação. Por outro lado, o filósofo-técnico, o erudito, como Gilvan Fogel gosta de expressar, é um eunuco, estéril, infecundo, sem a vida do pensar. O fazer, a ação do filósofo-pensador não é regida pelo cálculo, pela produtividade, mas pela *fecundidade* que se fundamenta numa *inatividade* para poder fecundar. Nosso grande Rosa retrata esse mistério e ensina-nos que nem todos são agraciados com este tipo de saber, de vida, de dom e, por isso, o que nos cabe é ser gratos, *sendo e fazendo*, sem nos preocupar em querer explicar, ou entrar em querela: “**Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber?** São coisas que não cabem em fazer idéia” (Rosa, 1994, p. 292, negrito meu).

Para i-lustrar, como que passando óleo de peroba, dando maior visibilidade e abrilhantando com solenidade o que está em causa, visualizemos a seguinte cena. Heidegger e Ortega y Gasset, assim como alguns políticos, cientistas, arquitetos e engenheiros são chamados para falarem no *Colóquio de Darmstadt*. No dia 5 de agosto de 1951, Heidegger proferiu sua conferência pela manhã e Ortega y Gasset, pela tarde. A conferência de

Heidegger teve como título: *Construir, habitar, pensar*. A conferência de Ortega y Gasset foi *O mito do homem para além da técnica* (Cf. Fernández, 2023).

A cidade de Darmstadt, como toda Alemanha, estava passando por uma situação muito difícil, muito crítica no pós-guerra com milhões de pessoas sem casas, desamparadas. Os ouvintes do *Colóquio de Darmstadt* eram engenheiros, arquitetos, políticos. Todos entusiasmados por desejarem reconstruir a Alemanha, a cidade, frente a toda a devastação do pós-guerra. Nesse contexto muito sensível e de exigências pragmáticas às claras com um público de ouvintes de técnicos esperando indicações concretas para a reconstrução das casas, das cidades, Heidegger e Ortega fazem suas conferências. E o que discursam — isso é importante em nosso contexto celebrativo — absolutamente em nada atinge às expectativas do auditório. Na verdade, possivelmente, a maioria dos ouvintes sequer entenderam a razão dos filósofos serem chamados porque diante do que disseram e do que eles julgavam necessários, as falas não diziam absolutamente nada para eles, ou para a maioria deles. Heidegger, aliás, inicia assim o discurso, destruindo logo de entrada toda falsa expectativa de uma tonalidade afetiva equivocada dos ouvintes:

As páginas que se seguem são uma tentativa de pensar o que significa habitar e construir. **Esse pensar o construir não pretende encontrar teorias relativas à construção e nem prescrever regras à construção. Este ensaio de pensamento não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção.** Investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que *é* (Heidegger, 2006, p. 125, itálico do autor, negrito meu).

Diante do contexto de muitas pessoas sem casas, Heidegger é chamado enquanto filósofo para falar. Ele já inicia a fala informando de que vai meditar sobre o que significa habitar e construir. Mas, habitar e construir, numa compreensão filosófica desses fenômenos, não são determinados por nada da construção civil, apesar de que justamente oferta o sentido de toda possibilidade de se efetivamente construir algo para conduzir a uma habitação. Heidegger é filósofo, possuindo e exercendo o pensar de um filósofo-pensador, não o pensar de um filósofo-técnico. Um técnico do pensar certamente teria outro procedimento porque tem outro espírito, o espírito das ciências, não possuindo a mandiga do pensar do filósofo-pensador. Com toda certeza faria uma pesquisa de campo, ou enviaria orientandos para realizá-la. Precisa ter informações sobre materiais de construção, custo da mão de obra, as possibilidades de envolver convênios com empresas privadas no empreendimento etc. Talvez faça uma enquete, ou um questionário do *Google Forms*. Diante dessa coleta de dados elaboraria um discurso, certamente com algumas citações de filósofos que pudesse endossar sua fala emprestando-lhe um sotaque filosófico. E, então, o auditório, os ouvintes que não têm ouvidos para o pensar da filosofia, mas para as necessidades mais prementes da situação, bateriam palmas e explodiriam em entusiasmo para o ilustre filósofo-técnico. Imaginem se, nessa atmosfera ou tonalidade afetiva criada pelo filósofo-técnico, um filósofo-pensador fosse realizar sua meditação. Seria ignorado, ou insultado! Foi exatamente o que aconteceu

com Heidegger no *Colóquio de Darmstadt*³ Mas, Heidegger continua sendo o filósofo-pensador que foi e é tendo, ainda hoje, o texto de sua conferência traduzido e comentado em diversas línguas! Os outros, seus críticos, foram engolidos pela história...

III

O primeiro docente convidado para ministrar a Aula Magna, no ano de 2020, durante minha primeira gestão como Chefe do Departamento, foi o Prof. Gilvan Fogel. Participando, à época, de grupo de estudo com Gilvan, formalizei o convite. Informei, rapidamente sobre o perfil de nosso Departamento, e pedi que assim que possível ele informasse o título da Aula Magna, ficando livre para qualquer temática. Lembro que, inclusive, falei que tinha certeza de que independente do tema, a fala seria filosófica e nos conduziria para o âmbito da filosofia. Em poucos dias, muitos dias antes da Aula Magna, Gilvan Fogel não só informou o título, mas já enviou, por e-mail, o texto com o título: “A filosofia e seu ensino”. A Aula Magna encontra-se no Canal do Departamento no YouTube⁴ e foi publicada em nossa revista *Trilhas Filosóficas* (Fogel, 2020)⁵. De fato, a Aula Magna, assim como o texto, é o testemunho de um filósofo-pensador, um Mestre do pensar, acerca de como se deve compreender o ensino de filosofia a partir da própria filosofia e em vista dela mesma.

Ver, quer dizer, compreender o ensino de filosofia determinando-o como deve ser por causa das ciências da educação, do ENADE, do desinteresse de alguns estudantes é *ametropia filosófica*; um olhar *vesgueado*. Ensinar filosofia através de quaisquer facilidades pedagógicas que não seja no ensinar a ler/compreender os textos dos grandes filósofos é cultura, não filosofia. Seria o mesmo equívoco se Heidegger, ao invés de enfrentar o tema do “construir” e do “habitar” filosoficamente, o fizesse a partir das regras da construção civil. Ou de quem querendo compreender filosoficamente a Inteligência Artificial (IA) procurasse entender tudo relativo ao funcionamento da Inteligência Artificial (IA) como se isto fosse o caminho filosófico para a compreensão do fenômeno. Como se a Inteligência *Artificial* ensinasse a melhor pensar e a escrever filosoficamente! Sobre a questão da técnica, como modo correto de compreender o fenômeno filosoficamente, Heidegger escreve:

Questionaremos a *técnica* e **pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica**. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença [Dasein] à essência da técnica. Se lhe respondermos

³ Ortega y Gasset escreveu sobre essa situação. Heidegger também escreveu essa lembrança por ocasião do falecimento de Ortega y Gasset. Lembrou que, após sua fala, um ouvinte tomou a palavra. Foi de algum modo ofensivo acusando Heidegger de ter diluído no pensamento a questão de que todos desejavam resolver. Ortega y Gasset pediu a palavra e saiu em defesa de Heidegger.

⁴ Para assistir na íntegra a Aula Magna do Prof. Gilvan Fogel acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=3NRysjFKglQ&t=10s>

⁵ Como sempre o Prof. Gilvan Fogel enviou o texto, mas no dia da Aula Magna ele ministrou livremente, sem fazer a leitura. Portanto, aconselho aos interessados tanto a assistirem a Aula Magna no YouTube, quanto a lerem o texto publicado na *Trilhas Filosóficas*.

à essência, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo que é técnico. **A técnica não é igual à essência da técnica.** Quando procuramos a essência de uma árvore, temos de nos aperceber de que aquilo que rege toda árvore, como árvore, não é em si mesmo, uma árvore que se pudesse encontrar entre as árvores. **Assim também a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico. Por isso nunca faremos a experiência de nosso relacionamento com a essência da técnica enquanto concebermos e lidarmos apenas com o que é técnico, enquanto a ele nos moldarmos ou dele nos afastarmos.** Haveremos sempre de ficar presos, sem liberdade, à técnica tanto na sua afirmação como na sua negação apaixonada. A maneira mais teimosa, porém, de nos entregarmos à técnica é considerá-la neutra, pois essa concepção, que hoje goza de um favor especial, **nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica** (Heidegger, 2006, p. 11, itálico do autor, negrito meu).

Paradoxalmente, estar muito informado com riqueza multiforme de detalhes acerca de algo (um ente) é tornar-se cego para a essência (Ser) deste algo que se quer compreender. Ensinar ou fazer filosofia não se reduz a cultura. Ensinar ou fazer filosofia não se limita a aprender pensamentos acerca de algo da realidade. Filosofia, em sua essência, em seu modo de ser, não se faz na linguagem da erudição. Isso é muito geral, vago e indeterminado. Pensamentos, enquanto uma compreensão da realidade, sempre serão importantes, válidos e verdadeiros. São constitutivos da cultura. Temos, pois, vários pensamentos e de diversos tipos, estilos. Pensamento histórico, matemático, de sabedoria popular, o literário, o poético, o artístico, o científico etc. O pensamento filosófico também é um *tipo* de pensamento, mas nem todo pensamento é filosófico. Ora, o pensamento filosófico tem sua peculiaridade, sua especificidade, sua essência singular distinguindo-se de qualquer outro pensamento. De que *tipo* é, pois, o pensamento filosófico? O que é o *próprio* do pensamento filosófico? Qual sua constituição? O que ele, ao ser pensado, expresso na linguagem do conceito, faz o leitor ver, tornando-o visível, diferenciando-se de qualquer outro pensamento? Não é jamais uma coisa *enquanto objeto*, mas o que torna visível é um *modo de ser* que possibilita a força ou o poder desta coisa ser e aparecer. No exemplo acima, no filosofar do filósofo-pensador, acerca do que consiste o “construir” e o “habitar”, não aparece nada sobre tijolos, cimentos, diárias de pedreiros etc. Ou ainda, ao pensar acerca da Inteligência Artificial, não se visa descobrir toda operacionalidade técnica para melhor lidar com o seu funcionamento. Quando não se visa o filosófico, num texto ou numa fala, o mais importante, mesmo essencial, fica *encoberto*, e, então, o acidental, o mais premente e urgente para o cotidiano, ganha destaque e rouba a cena. É o poder imperioso, sofisticado da *sofística*.

O pensamento filosófico, ao contrário de outros pensamentos, não se trata de enunciar um juízo, verdadeiro ou falso, acerca da realidade. Os diversos pensamentos científicos e culturais se movem na contribuição de enunciar um juízo verdadeiro sobre a realidade. Isto é muito salutar e importante para a sociedade. É útil! O pensamento filosófico, contudo, não busca um juízo *verdadeiro* da realidade, mas acerca da *verdade* do verdadeiro. Estamos num âmbito ou dimensão da inutilidade, da inatividade, da contemplação. O pensamento filosófico, pois, põe em questão os outros pensamentos. Há, então, uma clara intercomunicação entre pensamento filosófico e outros tipos de pensamentos. Mas o que não há e não pode haver é uma *identidade* e, então, diluição entre os pensamentos de diversos tipos e o filosófico. A filosofia pode e deveria dia-logar, por exemplo, com o pensamento

literário, com a literatura em prosa ou poética, mas isto não significa deixar o *logos* da filosofia para assumir o *logos* da literatura. O *logos* da literatura ao mostrar, evidenciar, o modo de ser do homem, da psicologia de um personagem, numa ontologia, por assim dizer, regional, então o filósofo poderia aproveitar disto como ilustração da descrição fenomenológica do fenômeno descrito por ele numa ontologia radical, quer dizer, desde a essência própria do fenômeno na universalidade singular. O trabalho do conceito em diálogo com a tradição não pode deixar de acontecer. O estudante, pois, deve ser conduzido para essa experiência e não ser dela protegido. A linguagem técnica, o pensamento especulativo constitutivo de cada filósofo por mais difícil que seja precisa ser enfrentado, saboreado, conhecido. Faz parte da profissão! Isso é filosofia, faz parte de seu modo de ser. Esquivar-se disto pode certamente agradar ao discente que não quer filosofia, que não tem compromisso com o aprendizado da filosofia nela mesma, mas sem isto não se dá o aprendizado de filosofia num curso superior de filosofia⁶. Sem isto não se exercita no *ofício* de filósofo-pensador e fica-se numa *dublagem* assumindo o ofício de aprendiz de erudito, de discípulo de filósofo-técnico. Escutemos Gilvan Fogel que, numa entrevista, toca nessas questões:

Por exemplo, não acredito que o caminho seja o da reprodução e da transmissão, isto é, da informação, do passar adiante de clichês, de estereótipos, de dígito. Educar não é informar. Informação não é conhecimento, não é saber, não é pensamento, não é criação. Criar não é combinar dados, não é análise combinatória a partir de estereótipos. Informação é dado, é coisa morta. Como ponto de partida, como necessário ponto de partida, precisa-se dela, sim — para logo perdê-la, abandoná-la, superá-la, de maneira igualmente necessária. Uma época que identifica saber, conhecer (pelo menos conhecer e saber em sentido próprio e originário) com informação não pode ser levada a sério. Pior ainda se isso quiser ser, fundar uma pedagogia. Colocar, por exemplo, um técnico, um economista ou um administrador de empresas para ser o

⁶ Meses atrás assisti uma palestra do Prof. Jean-Luc Marion, pelo YouTube, muito fundamental, seguindo este fôlego. Quem deseja acompanhar a conferência, proferida em julho de 2019, intitulada de “Qu'est-ce qu'un événement? Pourquoi de la philosophie en un temps de détresse?” [Que é isto – um evento? Por que a filosofia em um tempo indigente?], veja o link: <https://www.youtube.com/watch?v=NxIwYvrWonM&t=2468s>. Importante que em dado momento o filósofo francês faz a distinção entre formação e informação. Crítica, então, o uso do *Data-show* (Show de dados!), do *powerpoint*, porque este instrumento facilita a transmissão de informações e, assim, empobrece, emburrece o desenvolvimento do pensamento filosófico. Isto prejudica o pensamento e, portanto, o ensino de filosofia, porque segundo Marion, o *powerpoint*, o *Data-show*, operado pelo do(c)ente ajuda a *transformar* uma *questão* em um *objeto*. Ora, uma aula de filosofia, no curso superior de filosofia, deve seguir o fluxo do pensamento do pensador que coloca em questão a própria filosofia, uma época, um tema. Sintetizar o pensamento de um pensador em alguns tópicos, resumindo algumas ideias manuais, para assim poder falar de muitos filósofos num curso de filosofia é, necessariamente, para que isso possa ser feito, nos poucos dias que tem à disposição, transformar uma questão em objeto. Assim o filósofo-técnico transforma, muda a natureza de uma questão, com sua dinâmica e vivacidade, para transmitir ou reproduzir uma ideia-morta por objetificá-la, domesticá-la em objeto, simplificando-a e, assim, negando-a, matando-a. É o pensamento calculador do filósofo-técnico que quer ser protagonista e, então, precisa evitar o questionamento. No movimento do questionamento, enquanto “piedade do pensamento” (Heidegger), o protagonista é o Ser e, por isso, os filósofos-pensadores lutaram com a linguagem para poder nomear, *conceituar* essa experiência, essa realidade. Acompanhar essa luta com a linguagem, na dinâmica apaixonante, apesar de difícil, da especulação, da terminologia aparentemente abstrata de cada obra de pensamento, é o melhor exercício filosófico de iniciação à filosofia. Isto é filosofia e não uma solução para um problema premente, imediato da realidade. Sobre isto a filosofia chega sempre tarde porque não está em sua alçada. As ciências e os outros saberes, outros tipos de pensamentos, porém, existem justamente para oferecerem essas respostas.

gestor da educação, que assume e, com ar cândido e simplório (ou será mesmo pedante?), diz: “Agora, esta Secretaria vai funcionar como uma empresa” — isso, me parece, no mínimo estúpido. É a cumplicidade com a mediocridade, é compactuar e resignar-se justo com aquilo que precisa ser questionado, revirado, transfigurado — superado. Superar, lembremos, não é abolir, eliminar, excluir, recusar pura e simplesmente. Superar é mesmo incluir, incorporar desde outra dimensão, desde outro registro. Isso é, será sempre uma tarefa, uma grande tarefa. Mas não coisa para técnicos, para *especialistas*, para *vesgos* (FOGEL, 2013, p. 234-235, grifo do autor).

Mediocridade sempre há e haverá, mas não deveria *predominar* a cumplicidade com a mediocridade. Mas isto é o que mais ocorre em todo e qualquer lugar. Isso faz parte da dinâmica mesma da vida. É preciso receber o toque da *transcendência* para que numa *conversão* de vida e pensamento não sejamos cúmplices, fraternos com a mediocridade. A vida medíocre tem seu próprio ritmo decadente. A decadência não é propriamente que seja errada, na verdade ela é apenas imprópria, inautêntica. A decadência é constitutiva do modo de ser do homem, de seu estar na não-verdade. Se isto não fosse assim, o fenômeno não ocorreria. Mas o ritmo da cadência decadente não é o mais próprio do homem. É possível — e isto o filósofo busca viver e, sobretudo, tematizar em seu pensamento — sincronizar e sintonizar o ritmo da própria vida à cadência do próprio Ser.

Heráclito diria: *homologar* com o *Logos*. O *Logos* não é um objeto, um ente, uma ideia, mas o Ser que se instaura enquanto abertura, um horizonte de sentido. Nele o filósofo move-se, transforma-se, e, a partir dele, compreende a realidade. Quando o filósofo vê algo, ele já vê este algo a partir da luz do *Logos* que doa a doação da visão. Não são os objetos, o visto que lhe faculta o ver, mas, antes e originariamente, é o que não se vê no ver que lhe doa a visão. O filósofo-pensador, então, obedece apenas ao esplendor e resplendor do *Logos*, porque é por causa de sua Luz que o filósofo não é cego, mas é o *vidente*, o *clarividente* da verdade da realidade. Sempre há uma frater-nidade na mediocridade, mas o filósofo-pensador presta obediência (*ob-audire*) apenas àqueles e àquelas que *também* fizeram votos ao *Logos*. “As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” (Jo 10,27). O filósofo-pensador professa publicamente seus votos ingressando numa confraria se nessa frater-nidade de fato e ontologicamente existir o vínculo fraterno de devoção, de piedade ao *Logos*. Quando essa “consaguinidade”, para lembrar Nietzsche, acontece, então naturalmente a *minoritas*, a *forma minorum*, instaura-se como horizonte de sentido e, então, se obedece na pobreza e liberdade franciscana ao *ministro*, ao superior, seja este intelectual, ou seja inculto.

Obediência aqui, como se percebe, não é subserviência. Assim seria se alguém for cúmplice da mediocridade. Obediência (*ob-audire*) é ouvir, escutar e, então, acatar, deixar-se guiar pela força da *pobreza* do *Logos*. Heráclito, mais uma vez, diria, através do fragmento 50: “Auscultando **não a mim, mas o *Logos***, é sábio concordar que tudo é um”. Só é possível *ver*, e, então, reconhecer o *Um*, isto é, o *mesmo*, se e somente se, habituamos o pensamento a auscultar não a qualquer um, mas tão somente o *Logos*. O filósofo-pensador se alia, se irmana, apenas e tão somente à *voz* do *Logos*. Só nela e com ela é que ele se afina com seu *faro*, instinto, para identificar em qualquer fala, em qualquer texto, o *Logos*. Há nesta presença-ausente do *logos* uma *pobreza* porque é *em si* e *por si* a própria riqueza. A Luz possibilita ver a riqueza multicolor das cores e a pluralidade de formas das coisas, mas a Luz em si, nela mesma, não pode ser vista. A Luz, o *Logos*, o Ser são em si mesmos, pobres e simples e, por isso mesmo,

dotados de uma riqueza que transborda, doando-se. Tudo que é belo, verdadeiro e bom, na verdade, são só o que são por receber essa doação. O pobre é o obediente e, por isso, é livre. Livre de amarras, de conveniências, de politicagens. Ausculta o *Logos* e, então, obedece-o, servindo-o na liberdade da pobreza. O *Logos* é o Absoluto. Servindo o *Logos*, segue o Absoluto, todo solto. O pobre, pois, em sendo livre porque segue o *Todo solto*, é o desprendido. O pobre nada tem, nada busca, nada quer fora do *Único necessário*. O pobre vive sua pobreza, sua vida como a *Grande Vida*, em *perfeita alegria* e grata pacificação de ter acolhido essa vocação, esse modo de ser. O pobre carece de tudo menos do *Logos* e, por isso, é o verdadeiro rico. O pobre de tudo, mas rico do *Logos*, do *Único necessário* (Lc 10, 42), experimenta a *perfeita alegria* descrita pelo *poverello* de Assis; a alegria não está nos dons, carismas e fama que todos os homens almejam, mas em suportar com paz, paciência e alegria o padecimento, o *pathos* do e pelo *Logos*.

IV

Euclides da Cunha é um grande pensador da literatura. Não se pode deixar de lê-lo, entretanto, comparado ao que estamos meditando, arriscando cometer um *pecado grave*, no modo como escreve sobre o sertão, poderia designá-lo de filósofo-técnico. Uma perspectiva “cientificista” do sertão. Guimarães Rosa, por outro lado, mostra-se, sobretudo, em *Grande sertão: veredas*, como um filósofo-pensador. Um fenomenólogo que busca descrever o sertão, ou os fenômenos do sertão a partir de uma ontologia do sertão. “Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente” (Rosa, 1994, p. 435). O sertão, não é em Guimarães Rosa, apenas ou tão somente o espaço territorial geográfico de uma região. A topografia do sertão, diferente de Euclides da Cunha, com Guimarães Rosa, ganha a conotação ontológica-existencial. Onde está a delimitação precisa da fronteira do sertão de Minas e o sertão da Bahia? Claro que o escritor bem sabe! Mas o que no *logos* de sua literatura, na linguagem de sua escrita quer mostrar ou tornar visível é uma dimensão vital-existencial da vida, da existência. Retira o sertão de uma compreensão bitolada ao regional, à idolatria do lugar, a um bairrismo. O “sertão é o sozinho”, o singular, não é o coletivo, a massa informe que não se singulariza. Não é o sertão da Bahia, ou o de Minas, ou o do Seridó do Rio Grande do Norte, ou o do Seridó da Paraíba. Não, porque o “sertão: é dentro da gente”. O “dentro da gente” não tem altitude, nem latitude, nem longitude, não tem cor, não tem gênero. Não há um GPS, um App ou uma IA que facilite sua localização. Sertão, *dois pontos*. Isto é, o que explica ou caracteriza o sertão não é sua topografia geográfica, mas a topografia existencial ou metafísica: “Sertão: é dentro da gente”. E, por isso, o “sertão é o sozinho”.

Assim como a minha vida ou minha morte, ninguém pode vivê-las por mim, assim é o sertão. E, com efeito, não importa o lugar em que estou vivendo, se no Sertão, ou no Litoral, ou no Brejo, ou no Agreste, ou no Norte Global, ou no Sul global, mas o que é decisivo e determinante é o *modo como vivo* a vida que me é dada viver neste ou naquele lugar. Sertão, pois, em sendo *metafísico*, como numa entrevista lapidarmente Rosa definiu, então, o *sertão*, em *Grande sertão: veredas*, indica a cadência de como a vida deve ser vivida para ser

autêntica, em homologação com o *Logos*. Sertão *metafísico* é sempre o *Grande* ser-tão, quer dizer, a vida mais Vida, mais plena e abundante, que se dá, acontece ou realiza-se em *veredas*, isto é, nas possibilidades de ser-capaz-de, ou de poder-ser. São, pois, nas veredas, quer dizer, nos vários modos *possíveis* de viver a vida, de vir-a-ser o que precisa ser que a *Grande Vida*, encarna-se. A vida sertaneja é a vida de *Grande* sert-ão, da *Grande Vida*, da vida mais *própria*. *Veredas* são, então, caminhos, mas não vias pavimentadas, asfaltadas, sinalizadas. Veredas são caminhos rudes, estreitos de não tão fácil caminhar, assim como acontece com toda e qualquer vida que quer crescer, fazer-se *Grande*. “Grande” não fala de rico, famoso, influente ou *digital influencer*. Mas está mostrando uma qualificação da vida desde a interioridade, do que se é, do que conseguiu tornar-se a partir de si mesmo, mesmo no escondimento mais oculto. Então, “Grande” é a vida pobre, fecunda, alegre, livre, enfim, vida de solidão sem ser solitário. Vida de eremita sem ser *fuga mundi*, mas fuga para o *interior do interior*. Viver a vida assim como *Grande Vida: veredas*, sem ter cumplicidade com a mediocridade, é muito, mas muitíssimo perigoso. Viver, quer dizer, entrar no seguimento, no discipulado da *Grande Vida* indo pelas veredas *a-dentro*, no *interior do interior*, é muito perigoso. Mas só assim a vida se assenta, repousa no movimento próprio de seu *próprio*.

Porque o sertão é dentro da gente, é o sozinho, então tudo isso fala de uma dimensão *transcendente* que salva ou redime o homem das circunstâncias contingentes. A topografia existencial ou metafísica tem *primazia* sobre a topografia geográfica. O lugar não é o espaço geográfico, mas é o espaço vital-existencial com o qual mantemos, ou precisamos manter uma relação existencial de *sentido* (*Logos*). Estamos sempre num lugar, num *locus*, ao mesmo tempo geográfico e existencial. O lugar existencial é onde habitamos. O lugar geográfico tem um forte poder sobre quem nele se encontra. É uma atmosfera ou tonalidade afetiva (*Stimmung*) que pervade e rege um determinado modo de ser. Sentimos isso, ao adentrarmos em um local sagrado, numa Igreja ou Santuário. Também sentimos uma atmosfera ou tonalidade afetiva pesada, asfixiante, em determinados lugares. Não tem, nem precisa ter placa, sinalização. É um afeto, um *pathos* que simplesmente aparece, manifestando-se, *possuindo-nos*, modulando nosso modo de ser e de relacionamento com o mundo circundante. O poder da força do lugar é perdido, ou relativizado, quando a força do *transcendente* ou *Absoluto*, invisível e franciscanamente Pobre doando riqueza, se instaura na existência. É, então, que a topografia do sertão, tão típica e própria, com sua crueza, resistência, sobriedade e pobreza, é apropriada existencialmente pelo Indivíduo Singular. A paisagem e a vida sertaneja são interiorizadas: “Sertão: é dentro da gente”. O sertão *localizado* dentro da gente torna-se um poder muito maior que o poder do lugar geográfico. Assim, agora, então, o lugar geográfico perde o poder sobre nós e podemos respirar com um novo fôlego, uma nova vida, um novo espírito.

Por isso que Guimarães Rosa também escreve: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é **onde [lugar existencial] o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar [lugar geográfico]**. Viver é muito perigoso...” (Rosa, 1994, p. 28, negrito meu). Logo, o sertão *localiza-se* dentro da gente e é justo aí que “o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”. Portanto, vivendo o *Grande sertão*, a vida mais Vida, ao interiorizar o sertão topográfico em sertão metafísico, então as veredas que se abrem para nós, são veredas do pensamento, da *vida do pensamento*. Nestes caminhos do pensar, nas *trilhas filosóficas* do sertão, no Cerrado ou na Caatinga, transpostos *existencialmente* como fenômeno existencial, ocorre o partejamento existencial-espiritual da vida digna de ser vivida, nem que seja uma *vida severina*.

Viver sendo cúmplice da mediocridade ocorre sempre às mil maravilhas e sob holofotes, mas o que mais importa é viver a vida como *Grande Sertão-Vida: veredas*. “Como

vai sua filosofia?”. Pobre, livre, alegre, vida escondida (“sertão: é dentro da gente” = “O Reino de Deus está dentro de nós” (Lc 17,21)), fecundidade, solidão (“sertão é o sozinho”), eremita. Tu, estimado leitor (a), terias coragem? Coragem de padecer, no exercício do *pacientar-se* da paciência, o *pathos* e, então, a experiência de viver a *Grande Vida* pelas *veredas* da pobreza, da liberdade, da alegria, da vida escondida, da fecundidade, da solidão e, enfim, tornando-se eremita (*Ein-siedler*) do Ser ou do Logos?

V

Como comentei uma das epígrafes, o leitor(a) deve esperar o comentário da outra, sobretudo, ao aludir à *vida severina* de João Cabral de Melo Neto. Mas, vou parar por aqui, para não azedar a festa. Então, faço ressoar no fim desse meu festejar os 20 anos do curso, o que foi posto como uma das epígrafes: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos” (Melo Neto, 2008, p. 219). Escutei esse verso de Gilvan Fogel... Para tecer uma manhã, um novo dia, um novo tempo, precisa de *outros* galos com o mesmo *pedigree*, ou consaguinidade, ou mesmo espírito. Mas supondo que outros galos não surjam por muitas noites, sempre haverá um galo sozinho, esquecido, vivendo, cantando, fazendo o que precisa ser feito no total desprendimento sobre os resultados. O galo *sozinho* canta, não no desespero, mas na *perfeita alegria* do desprendimento da pobreza. O galo *eremita* canta porque tem esperança de que a noite está terminando e que a Luz vai ressurgir. Não sabe e nem quer saber *até quando* precisa cantar sozinho, mas tão somente ocupa-se do cumprimento de sua tarefa. O galo sozinho no seu fazer e *a-fazer* tem a mesma tonalidade afetiva da “rosa”, de Angelus Silesius: “A rosa não tem porquê: floresce porque floresce. Não cuida de si mesma nem pede que olhes para ela” (Silesius, 1996, p. 67, n. 289). O galo, na tradição cristã, representa a vigilância, a atitude de vigília e de vigilante, alertando aos que dormem, inconscientes, de que os perigos das trevas estão próximos do fim. Também anuncia a negação da recusa de padecer com o *Logos*; uma admoestação! Simboliza o exorcizar os demônios, as trevas, as forças invisíveis, mas bem tangíveis, do Mal. O galo simboliza, finalmente, a ressurreição, a Luz rasgando a escuridão das Trevas, expulsando-a com seu canto, preparando o lugar ao *pregar*, com seu canto e encanto, o mistério da teofania da Luz. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Lc 14, 35).

Para finalizar, acrescento outro pensar, também de *Educação pela pedra*, deste grande pernambucano, debitando na conta do leitor para que possa concluir a leitura deste artigo, lendo essa estrofe e interiormente possa extrair as conclusões, dado as premissas desta nossa meditação, e, assim, encerro a festa do pensar (*Denken*) enquanto um agradecer (*Danken*):

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma

(Melo Neto, 2008, p. 207).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. “A questão da formação na licenciatura em filosofia: magistério pedagógico, ou magistério filosófico?”. *In: Revista Instante*, Campina Grande-PB, Brasil, V. 3, N. 1, 2020, p.7-38.

CELAN, Paul. “Discurso pronunciado al recibir el Premio de Literatura de la ciudad de Bremen”. *In: Nombres: Revista de filosofía*, Córdoba, Argentina, n. 3, 1993, p. 117-118.

FERNÁNDEZ, Enrique González. “La controversia entre Ortega y Heidegger sobre construir y habitar, clave para la comprensión de tres tesis orteguianas”. *In: Quién*, N. 18, p. 121-145, 2023.

FOGEL, Gilvan. “Entrevista – professor Gilvan Fogel”. *In: Revista Teias*, v. 14, n. 32, p. 228-238, maio/ago, 2013.

FOGEL, Gilvan. “A filosofia e seu ensino”. *In: Trilhas Filosóficas*, Dossiê Filosofia e mística, Fluxo Contínuo, v. 13, n. 1, p. 303-316, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Tradução de Lucas Machado e revisão de Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

HEIDEGGER, Martin. “Construir, habitar, pensar”. *In: Ensaios e conferências*. 3ª ed. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Bragança Paulista: Universidade São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução e posfácio de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. “A educação pela pedra”. *In: A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. “Tecendo a manhã”. *In: A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão**: veredas. *In: Ficção completa*, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SILESIUS, Angelus. **O peregrino querubínico**. São Paulo: Paulus, 1996.

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO PSICAGÓGICO PARA UMA VIDA SOBERAMENTE CÍNICA EM TEMPOS DIFÍCEIS

[TEACHING PHILOSOPHY AS A PSYCHOLOGICAL EXERCISE FOR A SOVEREIGNLY CYNICAL LIFE IN DIFFICULT TIMES]

Benjamim Julião de Góis Filho
benjamimgois@uern.br

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pós-graduado em Psicanálise e Psicologia (FAMEESP). Licenciado em Filosofia (UERN). Licenciado e Bacharel em História (UFRN). Bacharel em Teologia pela Faculdade Kurios (FAK/CE) e Pelo Seminário Teológico Potiguar (STP/RN). Psicanalista (Centro de Estudos Psicanalíticos de Natal) (CESPN). Professor de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)

Recebido em: 29 de novembro de 2024. Aprovado em: 20 dezembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 3, 2023, p. 147-154
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)
Dossiê 20 anos do Curso de Filosofia UERN/Caicó



**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

Resumo: Nas últimas obras de Michel Foucault (1926-1984) e nos seus seminários oferecidos no *College de France* nos três anos finais de sua vida, ele problematiza as relações entre verdade, sujeito e poder: a questão de quem somos nós no presente, quando se volta para o cuidado de si, as práticas de si, a *parresia*. É nessa perspectiva que se pretende no presente texto, apontar para a necessidade de pensar a filosofia e seu ensino a partir da ideia de experiência de si: pensar um problema que afete verdadeiramente e não que se enuncie a partir de questões continuamente retomadas pelas pesquisas acadêmicas, como uma forma ritualizada que aprisiona o ato de pensar. Foucault, no curso *Hermenêutica do Sujeito*, apontou para a preponderância do cuidado de si sobre a consciência de si, ou seja, retomou, a partir de um retorno aos antigos gregos, a questão da possibilidade da Filosofia como modo de vida: este retorno aos antigos procurou tirar de seu eixo o desenvolvimento da filosofia como campo disciplinar, evidenciando historicamente a ruptura com a sua antiga configuração, como modo de vida. Essa perspectiva pode auxiliar a repensar a educação filosófica no presente, sobretudo quando ela se converteu em uma disciplina no currículo escolar e em transmissão técnica de um saber especializado a mais, centrando-se quase que exclusivamente em seu veio pedagógico e na comunicação de informações sem quaisquer preocupações com a formação, e muito menos, com a transformação de si. Dito de outro modo: trata-se, aqui, de pensar a filosofia não entendida como uma área do saber fechada sobre si mesma, mas pela filosofia perspectivada como uma intensidade do pensamento, como uma forma de problematizar e pensar os problemas. O que Foucault chamou de coragem do pensamento. Outrossim, trata-se ainda, de refletir a respeito da possibilidade de experimentar um modo de existência no qual o que importa é ter uma atitude filosófica ante o pensamento e a vida, ou seja, ensaiar e ensaiar-se continuamente na experiencição de viver-pensar filosoficamente; entender a inseparabilidade entre o pensamento e a vida, pensar a convergência do professor e do pesquisador. Tal empreendimento aponta para a necessidade de pensar algumas questões: Seria possível a filosofia como modo de vida e a face psicagógica da educação filosófica no presente? O que faz o filósofo quando uma de suas tarefas no contexto presente é ser professor de filosofia?

Palavras-chave: Michel Foucault. Experiência de si. Psicagogia. Ensino.

Abstract: In Michel Foucault's (1926-1984) last works and in his seminars offered at the Collège de France in the final three years of his life, he problematizes the relationships between truth, subject, and power: the question of who we are in the present, when we turn to self-care, self-practices, parrhesia. It is from this perspective that this text intends to point to the need to think about philosophy and its teaching from the idea of self-experience: to think about a problem that truly affects us and not one that is enunciated from questions continually revisited by academic research, as a ritualized form that imprisons the act of thinking. In his course "Hermeneutics of the Subject," Foucault pointed to the preponderance of self-care over self-consciousness. In other words, he revisited, from a return to the ancient Greeks, the question of the possibility of Philosophy as a way of life: this return to the ancients sought to destabilize the development of philosophy as a disciplinary field, historically highlighting the rupture with its former configuration as a way of life. This perspective can help to rethink philosophical education in the present, especially when it has become a subject in the school curriculum and a technical transmission of yet another specialized knowledge, focusing almost exclusively on its pedagogical aspect and the communication of information without any concern for formation, much less for self-transformation. In other words: it is a matter here of thinking about philosophy not understood as an area of knowledge closed in on itself, but by philosophy viewed as an intensity of thought, as a way of problematizing and thinking about problems. What Foucault called the courage of thought. Furthermore, it is also a matter of reflecting on the possibility of experiencing a mode of existence in which what matters is having a philosophical attitude towards thought and life, that is, continuously rehearsing and rehearsing oneself in the experience of living and thinking philosophically; understanding the inseparability between thought and life, considering the convergence of the teacher and the researcher. This undertaking points to the need to consider some questions: Is philosophy possible as a way of life and the psychagogical aspect of philosophical education in the present? What does the philosopher do when one of their tasks in the present context is to be a philosophy teacher?

Keywords: Michel Foucault. Self-experience. Psychagogy. Teaching.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

INTRODUÇÃO

Poderíamos começar com a questão: “Que professor de filosofia para a escola na contemporaneidade?”. No entanto, é importante fazer algumas considerações. A produção teórica sobre a temática do ensino de filosofia é, ainda, recente. Um indício é a história dos cursos de pós-graduação no Brasil. Ao olharmos para a história da ANPOF: fundada em 1983, vemos que da sua fundação até 2006, nunca tinha havido um GT que tratasse especificamente do tema. Apenas em 2006: o GT: “Filosofar e ensinar filosofar”. Outro indício do desinteresse foi até pouco tempo a existência de poucos grupos de pesquisa inscritos no CNPQ que discutissem a temática. Entretanto, é necessário destacar iniciativas de pesquisadores muito envolvidos com a questão do ensino e a criação do Mestrado Profissional em Filosofia que funciona em rede.

O ensino de filosofia num ambiente marcado por este descuido com a questão do ensino é caracterizado por uma prática que privilegia a transmissão do conhecimento produzido no contexto da história da filosofia. Nesse registro, pensar filosoficamente configurar-se-ia como um exercício de erudição vazio. Isso dificultaria uma experiência com a filosofia que fosse capaz de permitir ao “aprendiz” a procura de uma ressignificação de sua relação com o mundo e com a própria filosofia.

Pode-se dizer que o mesmo acontece em relação ao ensino da filosofia: não se permite a incerteza, a ambigüidade no pensamento, a falta de clareza e a incerteza do pensar intempestivo, fazendo que o ensino se vincule e se reifique sobre a necessidade de compreender com clareza e distinção a “filosofia” antes de experimentá-la, antes mesmo de sermos afetados por ela. Segundo a lógica implícita nesse processo, o ensino de filosofia deve enraizar-se em critérios de verdade que independem da experiência, da incerteza, da volatilidade e da incompletude, mantendo critérios mínimos do uso da razão. Nesse contexto, toda a relação do aluno com o mundo é mediada pelo modelo criado a partir do olhar de determinado filósofo, como se a possibilidade de uma experiência do mundo se desenhasse apenas na sombra da experiência vivenciada pelo pensamento do filósofo e não na experiência de um problema que emerge do olhar singular do estudante desde o interior do mundo. Nessa relação, o estudante não mergulha diretamente na problemática complexa e plural que é o mundo, mas é sempre mediado pelo pensamento de um filósofo. Como se não bastasse essa mediação, surgem outras: 1) a explicação do comentador; 2) a explicação de um outro comentador que explica o comentador; 3) a explicação do professor que assume o papel de mais um comentador.

Como diria Foucault (1996), o que é, no fim de contas, um sistema de ensino, senão uma ritualização da fala; senão uma qualificação e uma fixação de papéis dos sujeitos falantes; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com os seus poderes e saberes? Nesse mesmo lugar poderia ser encontrado o ensino da filosofia que se inscreve na inscrição de nosso pensamento àquilo que Foucault denomina de grandes procedimentos de sujeição do discurso, que procuram manter qualquer possibilidade de experiência sempre no registro desse mesmo discurso. Podemos dizer que também no ensino da filosofia existe um regime de verdade que dá amparo ao discurso do professor filósofo. Nesse regime discursivo, no qual o professor e estudante tem cada um seu papel específico, pode ser percebido nitidamente o exercício do poder que percorre a relação ensino-aprendizagem. De um lado está o professor, detentor do saber Filosofia, que procura inscrever, por meio da disciplinarização do saber, aquele que precisa ser inscrito no mesmo regime discursivo de que é devedor: a filosofia. Podemos dizer, então, que o ensino da filosofia

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**

GÓIS FILHO, Benjamim Julião

está fundamentado em um determinado regime de verdade que dá sustentação ao discurso do professor e, simultaneamente, sujeita esse mesmo discurso a um determinado recorte do que é importante ser ensinado para que o discente ingresse nesse regime de verdade do qual o professor é guardião e anunciador. Uma das funções do ensino da Filosofia é fazer que este discente entre no discurso-filosofia. Esse modo de pensamento apóia a crença na necessidade de se modelar o pensamento desse estudante para que abandone a maneira corriqueira (senso comum) de pensar e alcance modos superiores de pensamento que encontram na tradição filosófica seu amparo. Cria-se um ritual iniciático ao pensamento filosófico. Esse procedimento visa ao enquadramento dos estudantes no regime discursivo da filosofia. Claro que isso não é mau em si, mas o que justifica o ensino de filosofia na universidade, no ensino médio? O que ensinar?

Há pelo menos três modos de ver a Filosofia?

1. Consideração histórica da filosofia. História das idéias. Considerações dos filósofos. Não se levanta questões sistemáticas. Da hermenêutica aos analíticos.
2. Filosofia pensada enquanto ciência teórica: elementos estruturantes para articulação de uma “teoria filosófica”. Essa perspectiva é fruto da reviravolta lingüística. Tem o problema da linguagem como central. Três perspectivas: a) Análise lógico-sintática (Carnap); b) Análise semântico-ontológica (Wittgenstein); c) Análise antropológico-pragmática: Habermas, R. Brandom. Para essa corrente, Sartre, Nietzsche não são filósofos, são literatos.
3. Filosofia como forma de vida (sabedoria): transformação da pessoa. A filosofia não teria lugar na universidade. A filosofia não poderia ser escolarizada. Se o fosse seria numa perspectiva da escola do “êxtase”. A filosofia sob suspeita.

QUE ENSINO DE FILOSOFIA NESSES NOVOS TEMPOS?

Que filosofia fazemos? Que professor de filosofia nesse tempo das redes virtuais? Filosofia diz respeito às coisas do tempo. A filosofia tem que tocar agente, afetar-nos. Quem disse que somos mais SOFOS? A filosofia é um entre outros. Temos o desafio de nos tornarmos filósofos interessantes. Parece que fazemos filosofia para nosso círculo e não para os outros. Não sei se fazemos filosofia para a escola. E se fazemos não sei para qual escola. Talvez, só para a escola das competências e habilidades.

Nas últimas obras de Michel Foucault e os seminários oferecidos no College de France nos três anos finais de sua vida, ele problematiza as relações entre verdade, sujeito e poder: a questão de quem somos nós no presente, quando se volta para o cuidado de si, as práticas de si, a parresía (a franqueza no dizer). Aponta para a necessidade de pensar algo que faça sentido para a própria vida: pensar um problema que afete verdadeiramente e não que se enunciasse a partir de questões continuamente retomadas pelas pesquisas acadêmicas, como uma forma ritualizada que aprisiona o ato de pensar a uma configuração interior daquilo que experienciamos. Não pela filosofia entendida como uma área do saber fechada sobre si mesma, mas pela filosofia perspectivada como uma intensidade do pensamento, como uma forma de problematizar e pensar os problemas. Foucault (2011) chamou de coragem do pensamento (*sapere aude*).

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

Experimentar um modo de existência no qual o que importa é ter uma atitude filosófica ante o pensamento e a vida, ou seja, ensaiar e ensaiar-se continuamente na experientiação de viver-pensar filosoficamente. Entender a inseparabilidade entre o pensamento e a vida. O encontro do professor e do pesquisador.

O que faz o filósofo quando uma de suas tarefas no contexto presente é ser professor de filosofia? O que e como devemos problematizar para não permanecermos vinculados aos pressupostos da filosofia e para que possamos fazer uma “filosofia menor”: uma atitude diante dos problemas – uma ontologia do presente. Pretende-se trazer à tona os contornos de um problema que emerge nos espaços institucionais em que o ensino de filosofia ainda persiste, evidenciando a valorização excessiva da transmissão do conhecimento em detrimento da experiência. Foucault (2006) apontou para a preponderância do cuidado de si sobre a consciência de si. Filosofia como modo de vida: essa descoberta procurou tirar de seu eixo o desenvolvimento da filosofia como campo disciplinar, evidenciando historicamente a ruptura com a sua antiga configuração como modo de vida. Essa perspectiva pode auxiliar a repensar a educação filosófica no presente, sobretudo no momento em que ela se converteu em uma disciplina no currículo escolar e em transmissão técnica de um saber especializado a mais, centrando-se quase que exclusivamente em seu veio pedagógico e na comunicação de informações sem quaisquer preocupações com a formação, e muito menos, com a transformação de si.

Seria possível a filosofia como modo de vida e a face psicagógica¹ da educação filosófica no presente? Ao retomar o ensaio de Kant sobre o Iluminismo, Foucault (2010) argumenta que a *Aufklärung* evocaria um apelo à coragem, uma atitude necessária para se sair da autoinculpada minoridade. Se, no projeto kantiano, o apelo à coragem é modulado pela obediência, pelo respeito à autoridade instituída; como ser governado como obedecer? Uma pedagogia da obediência: desenvolver competências e habilidades técnicas para a boa cidadania. Foucault propõe uma psicagogia: como não ser governado, como inventar-me, transformar-me sem a moldura do poder biopolítico das instituições escolares?

É justamente a constituição desse *ethos*, centro da filosofia como modo de vida, alheia à educação moral pretendida pela escola desde sua gênese moderna, que no presente, almejam antes a qualificação do sujeito para aquisição de habilidades e competências para atuar no mercado de trabalho e para aprender uma especificidade do que para se formar para atuar como cidadão na vida pública e trabalhar sobre si mesmo, dando um novo contorno ao mundo atual.

A criação de modos de vida mais livres ainda que propagada pela filosofia enfrentaria um limite institucional quase intransponível para a transformação de atitudes: na medida em que é uma decisão que, em última instância, é pessoal. Embora o professor em geral, e o professor de filosofia em particular possam até instigá-la em sua atividade, as atitudes só são ativadas por meio do trabalho de si, da transformação que supõe o ser do sujeito – denominada psicagogia – pensar a si, pensar-se na relação com o mundo. Para tal mudança seria necessário que eles próprios se ocupassem de sua transformação, nela trabalhando, utilizando o que possuem de recurso e de equipagem pessoal, que podem ser oferecidos pelo professor-mestre-filósofo.

Porem, para isso seria necessário:

- 1) que percebêssemos os limites de nossas práticas de ensino;

¹ Psicagogia, para Foucault (2006) diz respeito a “condução da alma” ou transformação do sujeito, indo além da mera transmissão do saber.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**

GÓIS FILHO, Benjamim Julião

- 2) que nos dispuséssemos a ultrapassarmo-nos dado o incômodo e a inquietação que provocam em nos mesmos nossos limites, por não cumprirmos o que prometemos;
- 3) isso demandaria um trabalho sobre nos mesmos no sentido de nos transformarmos;
- 4) escolher gêneros de discursos capazes de auxiliar os indivíduos mais abertos aquele trabalho e aquele cuidado, assim como as disposições necessárias para o exercício da experiência de si.

A recuperação da filosofia como modo de vida e da psicagogia como tradições esquecidas que poderiam servir de alternativas à filosofia acadêmica e a pedagogização de seu ensino em instituições escolares e universitárias. Algumas estratégias sejam assumidas no que se refere tanto a um trabalho de si do professor quanto ao recurso a uma dramática na pragmática do ensino, que poderiam instigar em seus destinatários as disposições e as atitudes necessárias a uma transformação do ser exigidas por outra prática filosofia vinculada à vida.

Uma história não das doutrinas dos filósofos, mas das vidas filosóficas, uma história na qual a própria vida filosofante possa sentir-se à vontade. É por isso que, nessa história, Sócrates e os cínicos desempenham um papel principal, porque se o primeiro é aquele que prefere perder a vida antes que renunciar dizer a verdade, esses são os que a própria vida testemunha a verdade de forma escandalosa.

Na exposição de Foucault (2006), Sócrates instaura uma nova forma de parresia (a ética filosófica), perante os modos tradicionais de dizer a verdade, a parresia política. A parresia socrática faz da vida “objeto de elaboração e de “percepção estética”: há que viver a vida como uma obra bela, há que trabalhar sobre ela para dar-lhe uma forma.

UM EXERCÍCIO PSICAGÓGICO PARA UMA VIDA SOBERANAMENTE CÍNICA EM TEMPOS SOMBRIOS

Vivemos assaltados pelas nossas necessidades e agora pelo medo. Não temos tempo para desejos, aspirações, não temos tempo para o ócio criativo, para as artes, para a criação.

- 1) Temos uma república com ares de monarquia (governos dos homens e não governo das leis).
- 2) Vivemos num país que a morte espreita na esquina. A vida não vale nada. O grau de civilização se mede pelo valor que se dá a vida. Vivemos um surto coletivo de ódio, violência e de desespero.
- 3) Vivemos em estado de euforia, delírio e hipergozo alucinatório. Não temos utopias.
- 4) Temos um problema de educação. Não sabemos usar a lixeira, mas queremos usar armas. Lemos 1,3 livro/ano.

Precisamos reelaborar nossos afetos. Reconstruirmo-nos como humanos a partir do outro, se não chegamos à loucura, ao abandono, à falta de reconhecimento. Temos o desafio de assumirmos a escolha de sermos quem somos para não morremos como mendigos de afeto e de reconhecimento. Assumir parresisticamente nossa verdade sem morrermos na solidão.

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

Foucault (2006) aponta para os cínicos como aqueles cujas vidas eram a verdade vivida escandalosamente. A vida como escândalo da verdade: os cínicos. Diógenes é o profeta da parresía. A escola cínica é uma escola de vida, caracterizada muito mais pela prática de um estilo de vida do que por ter desenvolvido um marco teórico sofisticado. Foucault encontra num texto de Epíteto (*Conversações*), uma autorreflexão sobre a natureza e o sentido do modo de vida cínico. O cínico é comparado ali a um espião do exército, aquele que vai até as fileiras do exército inimigo para localizar o que pode ser favorável ou hostil ao próprio exército, para antecipar por onde ele pode ser atacado e de que forma pensa atacar. É um mensageiro que precisa não estar atado a nada nem a ninguém e, portanto, é sem pátria, um errante, para poder assim se adiantar aos outros, e lançar alguma luz sobre o futuro. O cínico é também o homem do cajado, dos pés descalço, da mendicidade, da sujeira, ele se desprende de tudo o que pode gerar condicionamentos, sua vida o faz abrir mão daquilo que é inútil, que não é essencial, tudo o que é convencional e não natural, tudo o que é perturbador da nudez essencial que atinge o humano. Também por isso vive à margem da sociedade. Eis a radicalização do socratismo: o cínico vive a própria vida como uma manifestação da verdade. Em suma, a vida cínica: 1) Uma vida não dissimulada, absolutamente visível e pública em todas as suas formas, sem nada ocultar; ao contrário, tudo nessa vida se pode mostrar inteiramente; 2) uma vida sem mistura nem dependência, dramaticamente vivida sob a forma da mais absoluta pobreza e mendicidade. Reduzir tudo ao mínimo para não gerar dependência; 3) Uma vida reta segundo os preceitos da natureza e a recusa de toda e qualquer convenção social; 4) uma vida soberana, dona de si, uma vida de ajuda aos outros, uma vida que procura fazer da própria soberania uma lição universal a ser aprendida por todos os seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tão soberana a vida cínica que Diógenes é mais rei do que Alexandre. O cínico não é um educador, um formador de pessoas, ele as sacode, as comove através de gestos mímicos, mais profundos e radicais. É um franco-atirador de uma vida filosófica. Eis as características da prática cínica de ensino de filosofia: 1) a filosofia é uma preparação para a vida; 2) esta preparação consiste em se ocupar de si mesmo, cuidar de si mesmo; 3) os únicos estudos necessários nessa preparação são os úteis para a existência; 4) a vida deve ser coerente com os preceitos que se formulam para ela; 5) essa vida deve alterar o valor da moeda, o que pode ser entendido superficial e pejorativamente, como uma tarefa falsificadora, e mais profundamente como a tarefa de romper e quebrar todos os hábitos e normas vigentes para derrubá-los e transformá-los, no sentido de naturalizar, de um ponto de vista da filosofia cínica, a vida humana. No entanto, seria pensar o professor como um cínico, não é voto de pobreza, mas uma “autoestima”, uma autoimagem, uma coragem de saber, de valorizar-se num contexto de desvalorização.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6790](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6790)

**O ensino de filosofia como exercício psicagógico
para uma vida soberanamente cínica em tempos difíceis**
GÓIS FILHO, Benjamim Julião

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VI: Repensar a política**. Organizador: Manoel Barros da Motta. Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.